



PAIS DO CARNAVAL:

**Um olhar através da indissociabilidade entre o festejo
e os moradores do Sítio Histórico de Olinda**

JÚLIA CAMAROTTI BARRETO VILARINHO

Orientadora: Natália Miranda Vieira-de-Araújo





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

JÚLIA CAMAROTTI BARRETO VILARINHO

PAIS DO CARNAVAL:
UM OLHAR ATRAVÉS DA INDISSOCIABILIDADE ENTRE O FESTEJO E OS
MORADORES DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA

RECIFE

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

ARQUITETURA E URBANISMO

JÚLIA CAMAROTTI BARRETO VILARINHO

PAIS DO CARNAVAL:

**UM OLHAR ATRAVÉS DA INDISSOCIABILIDADE ENTRE O FESTEJO E OS
MORADORES DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE) como requisito à
obtenção do título de bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora Prof^a Dr^a: Natália Miranda
Vieira-de-Araújo

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Vilarinho, Júlia Camarotti Barreto.

Pais do carnaval: Um olhar através da indissociabilidade entre o festejo e os moradores do Sítio Histórico de Olinda / Júlia Camarotti Barreto Vilarinho. - Recife, 2023.

184 : il.

Orientador(a): Natália Miranda Vieira-de-Araújo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Conservação Integrada. 2. Carnaval. 3. Sítio Histórico de Olinda. 4. Planejamento Urbano. 5. Patrimônio Cultural. I. Vieira-de-Araújo, Natália Miranda. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

JÚLIA CAMAROTTI BARRETO VILARINHO

PAIS DO CARNAVAL: Um olhar através da indissociabilidade entre o festejo e os moradores do Sítio Histórico de Olinda

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 06/10/2023.

BANCA EXAMINADORA

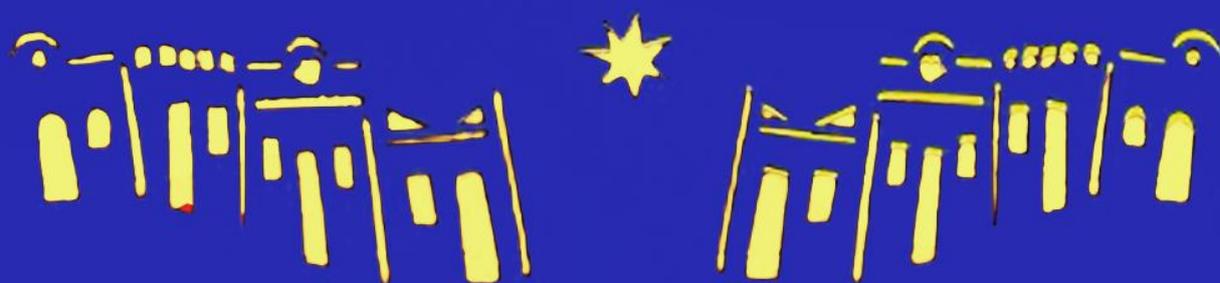
Profa. Dra. Natália Miranda Vieira-de-Araújo (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Renata Campello Cabral (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Juliana de Cunha Barreto (Examinador Externo)
Universidade de Lisboa

para todos os moradores de Olinda.

NESTA CASA
MORA
UMA FAMÍLIA
QUE AMA
E CUIDA
DESTA CIDADE
O ANO INTEIRO



Catarina
Lins

autoria: Catarina Lins, 2023.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, em especial aos meus pais, Fernanda e João, por terem me mostrado a felicidade, o cuidado e o carnaval. Agradeço também ao meu irmão, Joaquim, pela cumplicidade e pelo alimento.

Agradeço ao meu companheiro, Matheus, pelo carinho e por me incentivar a percorrer qualquer ladeira. Agradeço ao meu amor que, com sua companhia, faz de qualquer lugar uma alegria de carnaval.

Aos meus amigos que não estão presentes integralmente, agradeço pelo carinho existente na possibilidade de se encontrar e pelo entendimento que os desencontros fazem parte do bloco.

Agradeço aos meus amigos que dividem o carnaval e a vida comigo. Ao grupo devassas (Bia, Marília, Raiana, Patrícia, Gigi, Gabi, Amaral, Lais, Carol e Galvão), ao grupo Maquiavélicos e agregados, em especial à Marina, Laisa, Carol, Ray, Nanda, Rafael A, Rafael Z, Pablo, Bahia, Romildo, Guilherme, Pipo e Vitinho, por fazerem do encontro uma festa. Agradeço, ainda, às minhas amigas Tainá e Bruna, por dividirem memórias, alegrias e aflições comigo. Agradeço também à Joyce pelo cuidado com os cânticos e palavras.

Agradeço aos meus amigos do curso, em especial a Antonio, Phill, Dominique e André, por criar novos percursos comigo. Agradeço à Icaro pela companhia em tantos carnavais. Agradeço também a todos os GEs por me ensinarem a dividir a mesma ladeira com o outro.

Agradeço à Natália, minha orientadora, por me acompanhar como aluna, monitora, pesquisadora bolsista e, agora, concluinte. Agradeço pela confiança e pela compreensão, por abrir tantos portais.

Agradeço a todos que dividem o trabalho no ICPS pela oportunidade e pela alegria na dura rotina do dia-a-dia. Agradeço à equipe da DPPC, em especial à Larissa e Lindoelly, pela confiança, pelos ensinamentos passados e pela compreensão de todos os dias. À Lili, Antonio, Laryssa, Isabela e Duda, por acompanhar a cantoria e dividir o mesmo bloco, digo, baia. Essa equipe inteira faz parecer que, apesar dos deveres, todo momento é tempo de cair no passo e se alegrar.

Agradeço a todos os moradores de Olinda, pela sua particularidade em abrir a casa e convidar uma estranha foliã para tomar um café. Agradeço em especial a Juci Bezerra, Lula Marcondes, Hilton, Filipe Nires, Natan Nigro, Tereza, Silvana Gurgel, Jorge Tinoco, Marcia Lima, Gabriel Gurgel, Ivana Karina, João Andrade, Vera Millet, Pedro Laporte, Joana Chaves, Susana Nascimento, Valéria, Ana edite Ramos, Jéssica, Dayse nini, Roberta peregrino, Leo (o anfitrião de Olinda), Silvio Botelho, Victor Castelo Branco, Luiz Adolpho Botelho, Catarina Lins, Cláudia Vieira, Flávio, Ró, Manoel Duarte, Manuella Duarte, João Nires, Rosemary, Dona Dá, Desiree Machado, Edmilson Cordeiro, Altair, Carlos, Emerson, Ismael, Nildo e José Ataíde.

Agradeço e felicito todas as pessoas que estão envolvidas com a organização de agremiações de Olinda e de orquestras, mantendo viva nossa tradição, em especial a Hilton Santana, André Canuto, João Nires, Luiz Adolpho, Dona Dá, Ró, Maestro Oseas, Nildo, Marília, Célio Gouveia, Juliana Serreti, Herminho e Thiago Santos.

Agradeço a todos que colaboraram com essa pesquisa, em especial a Thales Galhardo, pela disponibilidade em ajudar e pela disponibilização de seu riquíssimo acervo. Agradeço aos trabalhadores do Arquivo Público Municipal, em especial a Alexandre e Aneide, pelo cuidado inspirador com a história da cidade.

Por fim, agradeço a todos os professores de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, pela caminhada para chegar até aqui. Além disso, agradeço à UFPE pela possibilidade de ter um ensino de qualidade em uma universidade pública. Vida longa à UFPE!

Uma vez li o livro de Valter Hugo Mãe, que rebate a frase popular de Sartre: “o inferno são os outros”. Concordo com V.H.M. Felizmente, sou rodeada de tanta gente e, com vocês, eu me encontro em eterna folia. Certamente, “O paraíso são os outros”.

A memória de um povo é o seu mais lúcido bem cultural. Se é concreta, de cal e pedras, ou abstrata, de sons e cor, apenas quando podemos preservá-la ela se torna cada vez mais lúcida, cada dia mais nossa.

Preservar faz-se preciso, faz-se urgência, faz-se ousadia, e os profissionais que atuam na preservação cultural lançam-se pelos apertados, sombrios e áridos caminhos que lhes possam levar ao encontro deste sonho. (1982, OLINDA, FCPSHO, Hélio Polito Lopes Filho)

RESUMO

A presente pesquisa parte do pressuposto de que o patrimônio cultural deve ser abordado a partir de uma perspectiva de indissociabilidade entre materialidade e imaterialidade. Para iluminar essa questão, debruça-se sobre o caso do sítio histórico de Olinda, patrimônio da humanidade, observando as relações entre a manifestação do Carnaval, patrimônio construído deste sítio e seus residentes, sendo hoje um dos últimos sítios históricos predominantemente residenciais. Através de um olhar atento aos moradores de Olinda, pretende-se analisar de que forma se estabelecem as relações entre os moradores do Sítio Histórico de Olinda e o carnaval, em especial no que diz respeito à permanência da transmissão dos valores tradicionais do carnaval de Olinda e do valor identitário dos residentes pelo festejo. Para isso, como objetivos específicos, têm-se o de elaborar um referencial teórico para nortear a análise; refletir sobre os conceitos de patrimônio material e imaterial e como estes se relacionam; analisar a formação do carnaval de Olinda, suas permanências e mudanças ao longo até a contemporaneidade; investigar qual o papel dos moradores do Sítio Histórico de Olinda na manutenção dos atributos tradicionais do carnaval; Investigar se as mudanças ocorridas com o festejo, foram suficientes para comprometer o valor identitário atribuído pelos moradores ao carnaval de Olinda. Para isso ser possível, aplica-se um questionário direcionado aos moradores de Olinda. Por fim, analisa-se, a partir dos dados obtidos com a coleta de dados e a pesquisa bibliográfica. Os resultados aqui encontrados poderão dar luz à discussão contemporânea de patrimônio cultural em respeito à inserção, com maior expressividade, dos moradores na política de salvaguarda do patrimônio cultural. Como também, este estudo é relevante como contribuição para uma atualização no Sistema de Preservação de Olinda, no que diz respeito à manutenção do fazer carnavalesco local, antes que não seja possível mais enxergar nenhum atributo do tradicional carnaval de Olinda e ele vire apenas cenário turístico.

Palavras-chave: Carnaval de Olinda. Patrimônio Cultural. Conservação Integrada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de núcleos de Influência para a amostra, 2023. Fonte: Própria	20
Figura 2: Esquema investigatório sobre ações preservacionistas em cada esfera de influência. Fonte: BARRETO, 2008.	37
Figura 3: Esquema cronológico com registro de patrimônios vivos (Lei nº 12.196, de 2 de maio de 2002, alterada pela Lei nº 15.944, de 14 de dezembro de 2016) que localizam-se no Sítio Histórico de Olinda, Fundarpe. Fonte: Própria.	39
Figura 4: Encontro de estandartes, Trote do Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda reverenciando casa de Dona Arailde, moradora e matriarca da Troça Carnavalesca Mista Trinca de Ás, Ladeira da Misericórdia, 2017. Fonte: Mariana Medeiros Souza.	40
Figura 5: Pintura que retrata o entrudo brasileiro, século XIX. Fonte: Jean Baptiste Debret.	46
Figura 6: Pintura que retrata a brincadeira do entrudo para a classe mais nobre, 1822. Fonte: Augustus Earl.	46
Figuras 7: Linha do tempo com tipologias carnavalescas de apropriação de espaço, 2023. Fonte: Própria.	49
Figura 8: Diagrama com relações cronológicas e tipológicas do carnaval. Fonte: Própria	50
Figuras 9: Linha do tempo com tipologias carnavalescas de apropriação de espaço, 2023. Fonte: Figuras do Acervo Thales Galhardo/ Eu Acho É Pouco/ Elefante de Olinda/ José Ataíde/ Produção própria.	50
Figura 10: Desfile do “Bloco da Sujeira” no bairro do Carmo nas imediações do Cine Olinda e Clube Atlântico de Olinda, 1940. Fonte: Olinda de Antigamente.	51
Figura 11: Desfile do “Bloco da Sujeira” no bairro do Carmo nas imediações do Cine Olinda e Clube Atlântico de Olinda, 1940. Fonte: Olinda de Antigamente.	51
Figura 12: Sede/casa da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, Largo do Guadalupe, 1969. Fonte: Acervo TCM Cariri Olindense.	54
Figura 13: “Bila”, neta de um dos fundadores do Cariri, em sua casa, antiga sede da TCM Cariri Olindense, Largo do Guadalupe, 2022. Fonte: Própria.	54
Figura 14: Autêntica figura do “Cariri” vendedor ambulante pelas ruas de Santo Antônio, próximo ao Mercado São José, década de 1940. Fonte: Acervo Thales Galhardo.	54
Figura 15: Calunga e Benedito Bernardino da Silva, Cosmo José dos Santos, Sebastião Bernardino da Silva, Luciano Anacleto de Queiroz, Eliodora Pereira de Lira, Manoel dos Santos e Benedito Barbaça, sem data. Fonte: Acervo Homem da Meia Noite.	54

Figura 16: Calunga em sua sede, Estrada do Bonsucesso, década de 1990. Fonte: (OLIVEIRA, 2015).	55
Figura 17: Elcio Siqueira, um dos fundadores da Troça Carnavalesca Mista Elefante de Olinda, como porta-estandarte, Rua do Bonfim, 1955. Fonte: Acervo Elefante de Olinda.	55
Figura 18: Diretoria da Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos, entre eles Jubas Caldas, Rua Bernardo Vieira de Melo, década de 1960. Fonte: Acervo Thales Galhardo.	56
Figura 19: Desfile da Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos, tema os palhaços, primeiro desfile à fantasia da pitombeira, década de 1950, Fonte: Acervo Thales Galhardo.	56
Figura 20: Troça Carnavalesca Mista Elefante de Olinda em seus primeiros anos, 1953. Fonte: Acervo Bruno Nigro.	56
Figura 21: Mulheres do elefante, Lindalva Marcondes (Balba), Fátima, Nina e Luca Marcondes, moradoras do sítio histórico de Olinda, década de 1960. Fonte: Acervo Elefante.	56
Figura 22: Saída de carnaval na Rua de São Bento, casa dos fundadores do Eu Acho É Pouco, 1976. Fonte: Acervo Eu Acho É pouco.	59
Figura 23: Jovens moradores de Olinda confeccionando “a cobra” do Eu Acho É Pouco, 1976. Fonte: Acervo Eu Acho É Pouco.	59
Figura 24: Trecho retirado do Jornal, 1973. Fonte: Diário da Manhã/PE, edição 307.	60
Figura 25: Madalena Ramos (mãe de Ana Edite, núcleo Bonfim), Eraldo, Zé Carlos e Leni no Clube Atlântico de Olinda, sem data. Fonte: Acervo Ana Edite Ramos.	62
Figura 26: Noites Olindenses no Clube Atlântico de Olinda, década de 1980. Fonte: Olinda de Antigamente.	62
Figura 27: Olinda Praia Clube, sem data. Fonte: MELO, 1982.	63
Figura 28: Trecho retirado do Jornal, 1981. Fonte: Diário de Pernambuco/PE, edição 51.	63
Figura 29: Palanque montado na Praça do Jacaré, desfile da Troça Hipoporca no carnaval, 1974. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal	66
Figura 30: Palanque montado na Praça do Jacaré, desfile de grupo carnavalesco no carnaval, 1974. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal	66
Figura 31: Vista da Troça Hipoporca e foliões no “palanque oficial” na Praça do Jacaré, 1974. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.	66
Figura 32: Troça Carnavalesca Pavão misterioso no palanque da Praça do Jacaré, 1976. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.	66
Figura 33: Vista para palanque no canto esquerdo, barracas e foliões, década de 1970. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.	68

Figura 34: Vista para palanque com Homem da Meia Noite, Mulher do Dia e Cariri, Praça do Jacaré, 1976. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal. _____	68
Figura 35: Desfile da Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos, Avenida Sigismundo Gonçalves, 1979. Fonte: Acervo Thales Galhardo _____	69
Figura 36: Vista para desfile de agremiação na Avenida Sigismundo Gonçalves, década de 1980. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal. _____	69
Figura 37: Vista para barracas no Varadouro, 1982. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal. _____	70
Figura 38: Vista para barracas no Carmo, 1982. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal. _____	70
Figura 39: Vista a escadaria da Igreja de São Pedro, ao lado da Praça São Pedro, com foliões, 1986. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal de Olinda. _____	72
Figuras 40: Linha do tempo com tipologias carnavalescas de apropriação de espaço, 2023. Fonte: Própria. _____	72
Figura 41: Trecho retirado do Jornal, 1981. Fonte: Diário de Pernambuco/PE, edição 57. _____	73
Figura 42: Prefeito de Olinda, Germano Coelho, durante o carnaval de Olinda, 1981. Fonte: Diário de Pernambuco, edição 60. _____	75
Figura 43: Vista da Imprensa no carnaval de Olinda, 1985. Fonte: Arquivo Municipal de Olinda. _____	75
Figura 44: Vista para a Ladeira da Misericórdia, 1981. Fonte: Olinda de Antigamente. _____	76
Figura 45: Vista do desfile da Pitombeira dos Quatro Cantos na Praça Monsenhor Fabrício em frente à prefeitura, 1985. Fonte: Arquivo Municipal de Olinda. _____	76
Figuras 46: Linha do tempo com tipologias carnavalescas de apropriação de espaço, 2023. Fonte: Própria. _____	76
Figura 47: Vista aérea da Prefeitura de Olinda, 2020. Fonte: Divulgação/Prefeitura de Olinda. _____	79
Figura 48: Vista da Prefeitura de Olinda com Bateria de Samba com carro desfilando na Rua de São Bento, 2020. Fonte: Divulgação/ Prefeitura de Olinda. _____	79
Figura 49: Registro de entrevista com moradora em sua casa, 2023. Fonte: Própria _____	86
Figura 50: Registro de entrevista com Dona Dá em sua casa, moradora da Rua da Boa Hora, 2023. Fonte: Própria. _____	86
Figura 51: Mapa com recorte da pesquisa, 2023. Fonte: Própria _____	87
Figura 52: Mapa de núcleos de Influência para a amostra, 2023. Fonte: Própria _____	88
Figura 53: Vista da Avenida do farol para a Praça do Carmo, 2023. Fonte: Própria _____	89
Figura 54: Vista para Igreja do Carmo, 2022. Fonte: Própria. _____	89

Figura 55: Vista para Avenida do Farol, 2023. Fonte: Própria	89
Figura 56: Vista para Rua do Sol, 2023. Fonte: Própria.	89
Figura 57: Vista para a Sede do Maracatu Leão Coroado, Avenida Liberdade, 2022. Fonte: Própria	90
Figura 58: Vista para o Clube Atlântico de Olinda, Avenida Sigismundo Gonçalves, 2018. Fonte: Diário de Pernambuco.	90
Figura 59: Vista para a Praça do Carmo durante o carnaval de 2020. Foto: Alice Mafra. Fonte: Prefeitura Municipal de Olinda.	90
Figura 60: Vista para comércio de rua se instalando para o carnaval, Avenida Liberdade, 2023. Foto: Arthur Mota. Fonte: Folha de Pernambuco.	90
Figura 61: Vista para a Rua Prudente de Moraes, 2023. Fonte: Própria	91
Figura 62: Vista para a Rua Prudente de Moraes, 2023. Fonte: Diário de Pernambuco.	91
Figura 63: Vista para a Rua de São Bento, sede do Grêmio Recreativo Cultural Misto Carnavalesco, 2023. Fonte: Própria	92
Figura 64: Vista para a Rua de São Bento, 2022. Fonte: Própria.	92
Figura 65: Vista para Prefeitura de Olinda durante o carnaval, 2020. Fonte: Prefeitura de Olinda.	93
Figura 66: Vista para a Rua 27 de Janeiro em desfile da Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos, 2019. Fonte: Hugo Muniz.	93
Figura 67: Sede do Grêmio Recreativo da Escola de Samba Preto Velho, Rua Bispo Coutinho de baixo, 2023. Fonte: Própria.	93
Figura 68: Rua Bispo Coutinho de baixo, 2023. Fonte: Própria.	93
Figura 69: Vista para a Rua do Bonfim, 2023. Fonte: Própria.	94
Figura 70: Vista panorâmica do Alto da Sé para o Sítio Histórico de Olinda, 2023. Fonte: Própria.	94
Figura 71: Vista para o Largo do Amparo, 2023. Fonte: Própria.	95
Figura 72: Vista para o Largo do Amparo, ao fundo, Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, 2023.	95
Figura 73: Vista para a Travessa do Rosário, 2023. Fonte: Própria.	96
Figura 74: Vista para o Largo do Guadalupe durante bingo, 2022. Fonte: Própria.	96
Figura 75: Saída do Homem da Meia Noite, Estrada do Bonsucesso, 2020. Fonte: Katherine Coutinho.	97
Figura 76: Vista para o Quatro Cantos de Olinda, 2023. Fonte: Própria.	97
Figura 77: Vista da Praça Dantas Barreto para o Farol de Olinda, 2022. Fonte: Própria.	97

Figura 78: Vista do bairro de Amaro Branco, 2023. Fonte: Própria.	97
Figura 79: Vista para casario da Rua São Miguel, 2023. Fonte: Própria.	98
Figura 80: Vista Clube Carnavalesco Misto Lenhadores Olindense, 2023. Fonte: Própria.	98
Figura 81: Vista para Rua da Boa Hora durante São João organizado pela Venda de Zé Bento, 2023. Fonte: Própria.	99
Figura 82: Júlia, Dona Dá e sua família, Rua da Boa Hora, 2023. Fonte: Própria.	99
Figura 83: Detalhe de troféu dado por Dona Dá para a Venda de Zé Bento, Venda de Zé Bento vista ao fundo, 2023. Fonte: Própria.	100
Figura 84: Vista interna da Venda de Zé Bento, ao fundo é visto o troféu presenteado por Dona Dá (em vermelho). Fonte: Própria.	100
Figura 85: Rua da Boa Hora durante o São João da Boa Hora, 2023. Fonte: Própria.	100
Figura 86: Detalhe de fachada da casa N° 177 da Rua da Boa Hora onde é possível observar placa de carnaval, 2021. Fonte: Própria.	100
Figura 87: Vista para a Rua Candida Luisa, 2023. Fonte: Própria.	101
Figura 88: Vista para a Rua Nossa Senhora do Guadalupe, 2023. Fonte: Própria.	101
Figura 89: Vista o Largo do Guadalupe e Igreja de Nossa Senhora do Guadalupe, 2023. Fonte: Própria.	101
Figura 90: Vista para a Rua Nossa Senhora do Guadalupe durante do primeiro desfile do Cariri Olindense após período de pandemia, 2022. Fonte: Própria.	101
Figura 91: Vista para a Rua Candida Luisa, 2023. Fonte: Própria.	102
Figura 92: Vista para a Rua Nossa Senhora do Guadalupe, 2021. Fonte: Própria.	102
Figura 93: Diagrama sobre metodologia utilizada para definir a amostra a ser consultada, 2023. Fonte: Própria.	102
Figura 94: Mapa de núcleos de Influência com localização de moradia dos entrevistados, 2023. Fonte: Própria	106
Figura 95: Silvana Gurgel com filha, Rua 27 de Janeiro, 1997. Fonte: Acervo pessoal Silvana Gurgel.	110
Figura 96: Catarina Lins e sua filha na Rua do Amparo, imóvel à esquerda antiga sede do Clube Carnavalesco Misto Elefante e imóvel à direita antiga sede-casa da Mulher do Dia, 1997. Fonte: Acervo Catarina Lins.	111
Figura 97: Vista para Ladeira da Misericórdia, 2022. Fonte: Própria.	111
Figura 98: Silvana, sua mãe segurando sua filha e sua avó ao lado em sua casa, Rua 27 de janeiro, rua que Silvana nasceu e mora até hoje, 1997. Fonte: Acervo pessoal Silvana Gurgel.	113

Figura 99: José Ataíde, mãe e irmã no Sítio histórico de Olinda, 1948. Foto: Antonio Balbino. Fonte: Acervo Pessoal José Ataíde. _____	113
Figura 100: Luiz Adolpho Botelho, atual presidente do Homem da Meia Noite, com seu pai Tércio Botelho, presidente anterior, Rua do Amparo, década de 1970. Fonte: Acervo pessoal Luiz Adolpho Botelho. _____	113
Figura 101: Tércio Botelho e seus filhos e sobrinhos, Rua Farmacêutico Gonçalo de Freitas (Rua do Gelo), Fonte: Luiz Adolpho Botelho. _____	113
Figura 102: Joana Chaves com vizinhos e familiares confraternizando na calçada, Rua do Bonfim, 2020. Fonte: Acervo pessoal Joana Chaves. _____	115
Figura 103: Roberta Peregrino e seu filho na calçada, Rua do Bonfim, 2017. Fonte: Acervo pessoal Roberta Peregrino. _____	115
Figura 104: Marido de Silvana em frente à Igreja do Carmo, década de 1980. Fonte: Acervo pessoal Silvana Gurgel. _____	117
Figura 105: Família Freitas Cavalcanti, Praça do Jacaré. Fonte: Acervo pessoal Márcia Marcondes. _____	117
Figura 106: Silvana Gurgel e amigos no bar Cantinho da Sé, década de 1980. Fonte: Acervo pessoal de Silvana Gurgel. _____	118
Figura 107: João Nires com amigos no Bar do Ró (antiga localização), Rua Orlando da Silva, Guadalupe, 2021. Fonte: Acervo pessoal João Nires. _____	118
Figura 108: Mestre Wilson Aguiar durante oficina de frevo do Brincantes das Ladeiras, Praça Laura Nigro, 2022. Fonte: Acervo pessoal Wilson Aguiar. _____	119
Figura 109: Vista para o Quatro Cantos de Olinda, 2023. Fonte: Própria. _____	120
Figura 110: Quatro Cantos de Olinda, encontro da Rua 13 de Maio com a Rua do Amparo, 1982. Fonte: Acervo pessoal de Catarina Lins. _____	120
Figura 111: Vista para Quatro de Olinda, ao fundo Grêmio Henrique Dias, 2023. Fonte: Própria. _____	120
Figura 112: Maria Tereza da Silva e sua filha enquanto uma agremiação passava na rua, 2023. Fonte: Própria. _____	124
Figura 113: Filhos e sobrinhos de Desiree Machado no carnaval de 2023. Fonte: Acervo pessoal Desiree Machado. _____	124
Figura 114: Márcia Lima, marido, irmã e cunhado na Rua 15 de Novembro durante o carnaval, 1989. Fonte: Acervo pessoal Márcia Lima. _____	125
Figura 115: Pedro Laporte vendo o carnaval, Ladeira da Sé, 1999. Fonte: Acervo pessoal Pedro Laporte. _____	125

Figura 116: Márcia Lima, Clezed Santos e filhos na Rua 15 de Novembro durante o carnaval, 2017. Fonte: Acervo pessoal Márcia Lima. _____	126
Figura 117: Filha de Joana Chaves durante o Eu Acho É Pouquinho, 2020. Fonte: Acervo pessoal Joana Chaves. _____	126
Figura 118: Iza do Amparo, mãe de Catarina Lins, com boneca da Mulher do Dia, década de 1970. Fonte: Acervo pessoal Catarina Lins. _____	128
Figura 119: Catarina Lins com boneca da Mulher do Dia, 2017. Fonte: Acervo pessoal Catarina Lins. _____	128
Figura 120: Antonio Flávio e família no Urso Cascudo do Amparo, Rua Prudente de Moraes, década de 1990. Fonte: Acervo pessoal Antonio Flávio. _____	129
Figura 121: Ivana Karina e sua prima, Rua Prudente de Moraes, 1986. Fonte: Acervo pessoal Ivana Karina. _____	129
Figura 122: Vista para o Largo do Guadalupe durante desfile da Mulher do Dia, 1971. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda. _____	132
Figura 123: Primeiro cortejo do Cariri Após pandemia, Largo do Amparo, ao fundo Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, 2022. Fonte: Hugo Muniz. _____	132
Figura 124: Boneco O Virgem do Guadalupe com seu carregador, André, 2023. Fonte: Pablo Vinicius. _____	133
Figura 125: Registro do recolhimento após o desfile de abertura das Troças Carnavalescas Mistas O Garoto do Amparo e O Conquistador, Rua Nossa Senhora do Guadalupe, 2023. Fonte: Própria. _____	133
Figura 126: Desfile do Cariri Olindense no bairro do Guadalupe, 1978. Foto: Ubiratan Rodrigues. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal de Olinda. _____	134
Figura 127: Desfile da troça A Porca no Guadalupe, João Nires e mãe à direita, 1999. Fonte: Acervo pessoal João Nires. _____	134
Figura 128: Ensaio de crianças da turma de instrumentos na sede do Cariri Olindense, Guadalupe, professor Nildo, 2023. Fonte: Própria. _____	134
Figura 129: João Nires com sua avó na rua da casa dela, Rua Vital Henrique, Guadalupe, ao fundo Igreja do Guadalupe, 1999. Fonte: Acervo pessoal João Nires. _____	135
Figura 130: Confraternização de João Nires, amigos e família na Rua Vital Henrique, 2023. Fonte: Acervo pessoal João Nires. _____	135
Figura 131: Encontro na calçada da Rua Henrique Dias, família e amigos de Carlos e Cintia Alves, 2017. Fonte: Acervo pessoal Carlos Alves. _____	135

Figura 132: Encontro na calçada da Rua Henrique Dias, família e amigos de Carlos e Cintia Alves, 2018. Fonte: Acervo pessoal Carlos Alves. _____	135
Figura 133: Dona Dá segurando troféu para entregar a Troça Carnavalesca Mista do Cariri, café da manhã exposto na mesa, 2019. Fonte: Acervo pessoal Dona Dá. _____	138
Figura 134: Mesa de café da manhã preparada por Dona Dá e família para receber a Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense e foliões na manhã do domingo de carnaval, 2019. Fonte: Acervo pessoal Dona Dá. _____	138
Figura 135: Saída da Troça Carnavalesca Mista Mulher na Vara no carnaval com Dona Dá, fundadora e presidenta da troça, em cima da vara, 2018 na Rua da Boa Hora. Foto: Pollyana Ventura. Fonte: Acervo pessoal Dona Dá. _____	139
Figura 136: Desiree na janela de casa durante o carnaval, 2023. Fonte: Acervo pessoal Desiree Machado. _____	139
Figura 137: Filipe Nires durante concentração da Troça Carnavalesca Mista A Ema Gemeu no carnaval, 2023. Fonte: Acervo pessoal Filipe Nires. _____	143
Figura 138: Carlos Alves e família durante saída do Ceroula de Olinda. Fonte: Acervo pessoal Carlos Alves. _____	144
Figura 139: Pais de Pedro Laporte durante gestação de Pedro no Eu Acho É Pouco, carnaval de 1997. Fonte: Acervo pessoal Pedro Laporte. _____	145
Figura 140: Pedro Laporte segurando o estandarte do Eu Acho É Pouco, Praça da Sé, 2020. Fonte: Acervo pessoal Pedro Laporte. _____	145
Figura 141: Luiz Adolpho Botelho e seu pai, Tércio Botelho, antigo presidente do Homem da Meia Noite, 2001. Fonte: Acervo pessoal Luiz Adolpho. _____	145
Figura 142: Joana Chaves segurando sua filha durante o Eu Acho É Pouco, começo da década de 2000. Fonte: Acervo pessoal Joana Chaves. _____	146
Figura 143: Joana Chaves, marido e filha durante o Eu Acho É Pouco, 2020. Fonte: Acervo pessoal Joana Chaves. _____	146
Figura 144: Diretoria da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, dentre eles Augusto Canuto, avô de João, 1997. Fonte: Acervo Cariri Olindense. _____	146
Figura 145: Diretoria da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, dentre eles Hilton, pai de João, 2020. Fonte: Acervo Cariri Olindense. _____	146
Figura 146: Valéria Campova segurando estandarte da Troça Carnavalesca Na Casa de Vovó Tudo Pode. Fonte: Acervo pessoal Valéria Campova. _____	147
Figura 147: Casa de Dona Dá com estandarte da Mulher na Vara pendurado no corredor, Dona Dá ao fundo, 2023. Fonte: Própria. _____	147

Figura 148: Silvana Gurgel levando sua filha, Ana Rita, para brincar carnaval, 1998. Fonte: Acervo pessoal Silvana Gurgel. _____	148
Figura 149: Festa tradicional de aniversário de Victor com os pais na segunda-feira de carnaval, 1997. Fonte: Acervo pessoal Victor Castelo Branco. _____	148
Figura 150: Antonio Flávio, esposa e filhos no desfile do Urso Cascudo do Amparo, década de 1980. Fonte: Acervo pessoal Antonio Flávio. _____	149
Figura 151: Antonio Flávio, família e amigos em frente à sua casa à espera da saída do Homem da Meia Noite, 2020. Fonte: Acervo pessoal Antonio Flávio. _____	149
Figura 152: Dayse Nini recebendo Bloco da Alegria em sua Janela, 2023. Fonte: Acervo pessoal Dayse Nini. _____	150
Figura 153: Grupo Batadoni fazendo concentração antes de saída durante o carnaval na Casa de Hilton, 2000. Fonte: Acervo pessoal Hilton Santana. _____	150
Figura 154: Laura Nigro esbanjando elegância com sua fantasia durante o carnaval, sem data. Fonte: Acervo Thales Antônio Galhardo. _____	152
Figura 155: Desfile da agremiação “Olinda quero Cantar” com Dona Laura em plano central, década de 1980. Fonte: Acervo Thales Antônio Galhardo. _____	152
Figura 156: Marcia Lima com amigos durante o carnaval, década de 1990. Fonte: Acervo pessoal Márcia Lima. _____	160
Figura 157: Márcia Lima com seu marido durante o carnaval, 2015. Fonte: Acervo pessoal Márcia Lima. _____	160
Figura 158: Trecho do mapa com lugares importantes para os moradores de Olinda, sendo (1) conjunto do Largo do Amparo, (3) conjunto do Largo de Guadalupe e (4) Estrada do Bonsucesso e Sede do Homem da Meia Noite. Produção Própria. _____	164
Figura 159: Trecho do mapa com lugares importantes para os moradores de Olinda, sendo (2) Quatro Cantos, Rua da Boa Hora (5), Praça da Sé (6), Conjunto da Praça Laura Nigro (7) e Sede da Pitombeira (8). Produção Própria. _____	165

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição de entrevistados por tempo de moradia no SHO. Fonte: Própria. _	104
Gráfico 2: Distribuição de entrevistados por faixa etária. Fonte: Própria. _____	104
Gráfico 3: Distribuição de entrevistados por núcleo. Fonte: Própria. _____	105
Gráfico 4: Distribuição de entrevistados por categoria de morador. Fonte: Própria. _____	105
Gráfico 5: Gráfico pizza com respostas para a pergunta ‘O carnaval já foi motivo para você querer morar em Olinda, 2023. Fonte: Própria. _____	107
Gráfico 6: Gráfico pizza com respostas para a pergunta ‘O carnaval já foi motivo para você querer morar em Olinda, 2023. Fonte: Própria. _____	107
Gráfico 7: Respostas para a pergunta ‘O carnaval já foi motivo para você não querer mais morar em Olinda?’. Fonte: Própria. _____	107
Gráfico 8: Respostas para a pergunta ‘Quais motivos fizeram você se mudar para Olinda ou que garantiram sua permanência?’. Fonte: Própria. _____	108
Gráfico 9: Respostas para a pergunta ‘Existe algo que você considera imprescindível para você permanecer morando no SHO?’. Fonte: Própria. _____	114
Gráfico 10: Respostas para a pergunta ‘Quais tipos de usos você mais frequenta no SHO?’ Usos x Moradores. Fonte: Própria. _____	117
Gráfico 11: Barra agrupadas com os espaços públicos mais citados pelos moradores. Fonte: Própria. _____	119
Gráfico 12: Barra agrupadas com os valores associados à Olinda a partir das falas dos moradores. Fonte: Própria. _____	121
Gráfico 13: Barra agrupadas com os valores associados ao carnaval a partir das falas dos moradores. Fonte: Própria. _____	122
Gráfico 14: Gráfico pizza com a quantidade de moradores que brincava carnaval quando crianças/jovens. Fonte: Própria. _____	124
Gráfico 15: Gráfico pizza com a quantidade de moradores que brincam carnaval. Fonte: Própria. _____	125
Gráfico 16: Barra agrupadas com a distribuição dos moradores que brincam carnaval por núcleo. Fonte: Própria. _____	126
Gráfico 17: Gráfico pizza com respostas para a pergunta ‘Existe algum lugar no SHO que era importante para o carnaval e continua sendo durante o festejo para você?’. Fonte: Própria.	130
Gráfico 18: Gráfico de barras agrupadas com lugares que eram importantes para o carnaval e continuam sendo atualmente segundo os entrevistados. Fonte: Própria. _____	130

Gráfico 19: Gráfico pizza com respostas para a pergunta ‘Existe algum lugar no SHO que não era importante para o carnaval e passou a ser para você?’.	Fonte: Própria. _____	136
Gráfico 20: Gráfico de barras agrupadas com lugares que não eram importantes para o carnaval e passaram a ser atualmente segundo os entrevistados.	Fonte: Própria. _____	137
Gráfico 21: Gráfico pizza com respostas para a pergunta ‘Existe algum lugar no SHO que era importante para o carnaval e deixou de ser para você?’.	Fonte: Própria. _____	140
Gráfico 22: Gráfico de barras agrupadas com lugares que eram importantes para o carnaval e deixaram de ser atualmente segundo os entrevistados.	Fonte: Própria. _____	141
Gráfico 23: Gráfico pizza da pergunta “Você já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?”.	Fonte: Própria. _____	142
Gráfico 24: Gráfico pizza da pergunta “Sua família já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação? Fonte: Própria. _____	_____	142
Gráfico 25: Gráfico pizza da pergunta “Você faz parte da organização de alguma agremiação HOJE?”.	Fonte: Própria. _____	142
Gráfico 26: Gráfico pizza da pergunta “Sua família faz parte HOJE da organização/fundação de alguma agremiação? Fonte: Própria. _____	_____	142
Gráfico 27: Gráfico pizza da pergunta “Você costuma acompanhar o desfile de alguma agremiação todos os anos?”.	Fonte: Própria. Fonte: Própria. _____	148
Gráfico 28: Gráfico pizza da pergunta “Quantas agremiações você costuma acompanhar antes e/ou durante o carnaval?”.	Fonte: Própria. Fonte: Própria. _____	148
Gráfico 29: Gráfico em barras sobre a pergunta “quantas agremiações você costuma acompanhar” distribuídas no eixo de faixa etária e quantidade de morador.	Fonte: Própria.	150
Gráfico 30: Gráfico em barras com as agremiações mais mencionadas pela quantidade de morador. Ver Apêndice 03 para lista completa.	Fonte: Própria. _____	151
Gráfico 31: Gráfico pizza da pergunta “Em relação às mudanças do carnaval antigo para o atual, você considera que:”.	Fonte: Própria. _____	152
Gráfico 32: Gráfico de barras com respostas da pergunta em relação às mudanças do carnaval em quantidade de moradores por divisão de tempo de moradia, 2023.	Fonte: Própria. _____	153
Gráfico 33: Gráfico de barras com relação das respostas de aspectos negativos mais mencionados para a questão “em relação às mudanças do carnaval antigo para o atual, você considera que:”, 2023.	Fonte: Própria. _____	156
Gráfico 34: Gráfico de barras com relação das respostas de aspectos positivos mais mencionados para a questão “em relação às mudanças do carnaval antigo para o atual, você considera que:”, 2023.	Fonte: Própria. _____	157

Gráfico 35: Gráfico pizza com as respostas para a pergunta “Em relação às mudanças que atingiram o carnaval, você considera que”, 2023. Fonte: Própria. _____	158
Gráfico 36: Gráfico de barras com respostas da pergunta em relação às mudanças do carnaval em quantidade de moradores por divisão de núcleo de moradia, 2023. Fonte: Própria. ____	160
Gráfico 37: Gráfico de barras com respostas da pergunta em relação às mudanças do carnaval em quantidade de moradores por tempo de moradia, 2023. Fonte: Própria. _____	161
Gráfico 38: Gráfico pizza da pergunta “Você já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?”. Fonte: Própria. _____	162
Gráfico 39: Gráfico pizza da pergunta “Sua família já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação? Fonte: Própria. _____	162
Gráfico 40: Gráfico pizza da pergunta “Há quanto tempo você costuma alugar sua casa no carnaval?” Fonte: Própria. _____	162
Gráfico 41: Gráfico pizza da pergunta “Em todos os carnavais, você costuma botar sua casa para alugar?” Fonte: Própria. _____	162

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1: QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS MORADORES DO SHO ____	174
APÊNDICE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) __	179
APÊNDICE 3: PLANILHA DE AGREMIÇÕES CITADAS AO LONGO DAS ENTREVISTAS _____	181
APÊNDICE 4: MAPA COM LUGARES QUE SÃO IMPORTANTES PARA O CARNAVAL SEGUNDO OS MORADOR _____	185

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. PATRIMÔNIO CULTURAL E OLINDA	21
1.1 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO AO PATRIMÔNIO CULTURAL	21
1.2 O RECONHECIMENTO DO VALOR PATRIMONIAL DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA	33
1.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	42
2. SURGIMENTO DO FESTEJO: DO MELA-MELA AO CARNAVAL DE MASSA	44
2.1 HERANÇA	45
2.2 AS RELAÇÕES CRONOLÓGICAS E SUAS TIPOLOGIAS CARNAVALESCAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO	47
2.2.1 CARNAVAL DE RUA FAMILIAR: OS MORADORES (1940 – 1970)	50
2.2.2 CARNAVAL DE CLUBE: A INICIATIVA PRIVADA	59
2.2.3 CARNAVAL DE POLO: A GESTÃO	63
2.2.4 CARNAVAL DE RUA PARTICIPATIVO: A GESTÃO E OS MORADORES	72
2.2.5 CARNAVAL DE MASSA: A GESTÃO E A INICIATIVA PRIVADA	76
2.2.6 MEGA-CARNAVAL: A GESTÃO E A INICIATIVA PRIVADA	79
2.2.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	81
3. INVESTIGAÇÃO DA RELAÇÃO DOS MORADORES COM O FESTEJO ATUAL	83
3.1 METODOLOGIA	83
3.2 OS NÚCLEOS	87
3.3 PERFIS DA AMOSTRA	102
3.4 QUEM BRINCA CARNAVAL NO PATRIMÔNIO? RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	106
3.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	162
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	169
APÊNDICES	174

INTRODUÇÃO

O Sítio Histórico de Olinda tem uma particularidade que consiste em conter um festejo cultural, internacionalmente conhecido, criado pelos residentes desse sítio. Foram os moradores que se agruparam em entidades carnavalescas para brincar, cantar e dançar nas ladeiras de Olinda entre o século XIX e XX. Assim, essa pesquisa faz um trocadilho entre o caráter mundial da festa que, ao mesmo tempo que é conhecida como país do carnaval, tem sua origem nos habitantes do sítio. Em cenário oposto de sua popularidade, pontual e Harchambois (2007) apontam que o carnaval atual vem sendo gerido de forma que os aspectos econômicos do festejo são privilegiados em detrimento dos aspectos identitários relacionados aos residentes da cidade. Afinal, o tal país do carnaval, Olinda, tem sua paternidade reconhecida e sendo exercida?

Na Pesquisa de Iniciação Científica (Pibic) pela UFPE¹, busca-se verificar se os costumes tradicionais de Olinda continuavam a acontecer, do ponto de vista da manutenção das agremiações de Olinda. Chegou-se em resultados consistentes de que havia a manutenção de um importante atributo ligado à sua própria origem: ser organizado pelos moradores. A pesquisa evidenciou que a maioria das pessoas que estão à frente das agremiações (organização, diretoria, etc) são moradores de Olinda. Diante de tal resultado, sentiu-se a necessidade de, em um outro momento, ampliar a investigação e fazer uma consulta focada em uma amostra de residentes para investigar o vínculo da população com o carnaval. Tanto a pesquisa, como as apresentações², investigaram de que forma se estabelecem as relações entre as agremiações de Olinda e o conjunto edificado. Foi investigado o percurso de nove agremiações como exemplificação das especificidades do carnaval de Olinda no que diz respeito às relações entre os grupos carnavalescos e o conjunto edificado do sítio histórico. Fica claro a indissociabilidade entre o carnaval e o território na qual ele está associado, o sítio histórico de Olinda.

Diante do exposto anteriormente, pergunta-se o carnaval, diante de seu protagonismo excessivo, perdeu um de seus atributos originários: ser vivenciado e protagonizado pelos próprios moradores. Não nega-se a importância da festa popular para os foliões, mas a

¹ Pesquisa pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/UFPE/CNPq) desenvolvida no ano de 2020-2021, com o título de “A preservação do sítio histórico de Olinda: materialidade e imaterialidade nas relações entre o carnaval e o patrimônio edificado”. Como parte da pesquisa mais ampla intitulada “Preservação do Patrimônio Cultural: entre a materialidade e a imaterialidade”, Orientadora: Natália Miranda Vieira-de-Araújo.

² Para além do relatório final do Pibic, os resultados encontrados foram apresentados em alguns eventos: 1º Encontro Internacional Pensar Paisagem: Olinda-Postal, 40 anos de Patrimônio Mundial promovido pelo Laboratório de Paisagem (UFPE) com a palestra intitulada como “Carnaval e patrimônio edificado: por onde andam as agremiações de Olinda?” em 2022; Evento de extensão “Gestão, pesquisa e ações de valorização em sítio históricos: um diálogo entre experiências no Brasil e em Portugal” promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com a palestra intitulada como “Materialidade e imaterialidade no carnaval de Olinda”. Tanto a pesquisa, como as apresentações, investigaram de que forma se estabelecem as relações entre as agremiações de Olinda e o conjunto edificado, principalmente, no que diz respeito aos seus percursos.

relevância do carnaval se dá, nas palavras de Harchambois e Pontual (2007) pela “contribuição para o fortalecimento do sentimento de identificação da população local com os festejos e com o sítio histórico”. (HARCHAMBOIS; PONTUAL, 2007, p. 3)

Tal situação se torna preocupante quando comparada com outros sítios históricos que tiveram seu uso habitacional majoritariamente substituído. Vale ressaltar Ludermir (2023) quando alerta que foram catalogadas 88 agremiações que possuíam sede no bairro de São José e estão localizadas em outras partes da Região Metropolitana do Recife hoje. Tal fato é facilmente associado à consolidação do polo comercial nesse bairro que até a década de 1970 era predominantemente residencial. Pois, quando há uma evasão habitacional, as pessoas vão embora e também levam consigo suas manifestações sociais, seus ofícios e seus fazeres, e, assim, suas próprias agremiações.³ Para um bairro que possuía uma vida carnavalesca expressiva com cerca de 90 sedes localizadas em torno de seu território, hoje possui poucas agremiações circulando na área. Quando comparada a situação de Olinda com o sítio histórico do bairro de São José, nota-se a semelhança no que se refere à substituição do uso residencial, tendo sido tal evasão apontada inclusive por Araújo (2017). Assim, a manutenção do uso habitacional torna-se imprescindível não só para vivência do sítio histórico como uma comunidade, como também para a permanência do próprio festejo carnavalesco em Olinda.

Em relação à trajetória do Sistema de Preservação de Olinda, evidencia-se a contínua participação dos moradores olindenses na proteção dos valores patrimoniais do sítio. A luta pela preservação de Olinda foi protagonizada, desde a constituição espontânea dos moradores (Associação de Moradores e Amigos de Olinda Antiga – AMOA) em meados de 1970, até a criação formal da Sociedade Olindense em Defesa da Cidade Alta (SODECA) em 1984 e atuante até hoje, pelos próprios moradores do Sítio.

É válido ressaltar que este estudo é relevante como contribuição para uma atualização no Sistema de Preservação de Olinda, no que diz respeito à manutenção do fazer carnavalesco local, antes que não seja possível mais enxergar nenhum atributo do tradicional carnaval de Olinda e ele vire apenas cenário turístico. Assim como, essa pesquisa servirá para investigar se os moradores, apesar da municipalidade incentivar o “carnaval de massa”, ainda identifiquem valor identitário com o festejo. Os resultados aqui encontrados poderão dar luz à discussão contemporânea de patrimônio cultural em respeito à inserção, com maior expressividade, dos moradores na política de salvaguarda do patrimônio cultural que poderão servir de base para

³ Fala de Iana Ludermir no III Seminário Mercado Imobiliário nos Centros Históricos das Cidades Brasileiras - Áreas Centrais Tradicionais: Territórios em Disputa organizado pelo Grupo de Estudos sobre Mercado Fundiário e Imobiliário (GEMFI)/UFPE, dias 16 a 18 de novembro de 2023. Recife.

possíveis estudos territoriais acerca de medidas que poderão ser adotadas para mitigar as consequências do carnaval de massa.

O objeto de estudo localiza-se na cidade de Olinda no estado de Pernambuco, Brasil. Mais especificamente, pela Lei N° 5631/2008 (Lei de Uso e Ocupação do Solo do Município de Olinda, a Zona Especial de Patrimônio Cultural (ZEPC 03) que é definido como Polígono de Preservação Municipal de Olinda pela Lei municipal n°4848/1999 (Legislação urbanística dos Sítios Históricos de Olinda). Esta pesquisa se debruçará pelos dois setores do polígono, tanto o conjunto monumental, como na área de proteção ao conjunto.

Como **objetivo geral**, têm-se de analisar de que forma se estabelecem as relações entre os moradores do Sítio Histórico de Olinda e o carnaval, em especial no que diz respeito à permanência da transmissão dos valores tradicionais do carnaval de Olinda e do valor identitário dos residentes pelo festejo. Os objetivos específicos consistem em:

- Elaborar um referencial teórico sobre patrimônio imaterial e material a partir do caso de análise da relação do Sítio Histórico com o carnaval;
- Analisar a formação do carnaval de Olinda, suas permanências e mudanças ao longo do tempo até a contemporaneidade;
- Investigar qual o papel dos moradores do Sítio Histórico de Olinda na manutenção dos atributos tradicionais do carnaval;
- Investigar se as mudanças ocorridas com o festejo, foram suficientes para comprometer o valor identitário atribuído pelos moradores ao carnaval de Olinda;
- Verificar se a hipótese de que a localização da residência possa vir a interferir no grau de identidade do residente.

Para alcançar os objetivos descritos, divide-se os procedimentos em duas etapas: a primeira uma consiste em uma leitura investigativa sobre a ampliação do conceito de patrimônio cultural na dimensão tangível e intangível, levantar referências bibliográficas acerca do sistema de preservação do Sítio Histórico de Olinda, investigar a formação do carnaval até os dias atuais, identificar os “tipos de carnaval” e elaborar uma linha do tempo, com base em livros, artigos, veículos digitais e jornais antigos através do *site* Hemeroteca Digital.

A segunda etapa debruça-se no desenvolvimento do questionário, submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética, visitas a campo para apreender melhor o recorte e captar possíveis participantes, aplicação do questionário, busca de iconografia entre as famílias dos entrevistados, análise dos resultados obtidos. Após aplicação do questionário, faz-se a sistematização dos dados com o auxílio de planilhas e gráficos ilustrativos para, assim, elaborar

as considerações finais da pesquisa. Para captação dos moradores, opta-se pela adoção do método bola de neve que define-se indicação direta de cada participante. Antes de realizar a aplicação do questionário, elabora-se uma planilha contendo todos os residentes coletados, com informações básicas de faixa etária, tempo de moradia e localização geográfica dentro do sítio (dividido em sete núcleos) para, então, marcar as entrevistas. Durante as entrevistas, perguntou-se aos entrevistado para mais de indicações até alcançar o objetivo de 41 pessoas.

Em relação ao instrumento da declaração de significância, verificou-se que o conceito central é captar uma avaliação feita pela população a respeito de tal bem. Diante do papel fundamental dos moradores como responsáveis pelo surgimento e fruição do carnaval de Olinda, opta-se pelo foco nas entrevistas direcionadas aos residentes do sítio a fim de investigar a respeito das mudanças que atingiram o festejo, além de verificar em que medida a autenticidade está preservada para os moradores. Outro aspecto identificado no método de elaboração das declarações é a utilização das falas dos entrevistados para qualificar os valores do bem. Neste caso, diante da natureza do trabalho, opta-se pela identificação dos valores associados às falas dos entrevistados de forma direta ou indireta.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram imprescindíveis o contato com os trabalhos desenvolvidos por Riegl (2006) ao ampliar e conceitualizar pela primeira vez os valores mais comumente atrelados ao bem para além do valor histórico, artístico e arquitetônico, como também à pesquisa desenvolvida por Lacerda (2012) por situar os valores na contemporaneidade. Além de Pontual e Piccolo (2012) que identifica a fonte oral como um instrumento para determinar noções de mudança, além de identificar valores atribuídos ao bem cultural que marcaram a memória das pessoas.

Ressalta-se à contribuição de Vieira-de-Araújo (2008, 2019, 2021, 2022), orientadora desta pesquisa, principalmente em seu último trabalho intitulado como “Materialidade e imaterialidade no patrimônio construído: Brasil e Itália em Diálogo (2022) ao tratar conceitualmente e operacionalmente simbioticamente às questões tangíveis e intangíveis do patrimônio.

É imprescindível ressaltar à investigação presente nos trabalhos de Lira (2012, 2016, 2018, 2020) ao refletir e ampliar as noções de autenticidade, integridade e patrimônio cultural para o desenvolvimento desta pesquisa. Além de operacionalizar a ferramenta da declaração de significância.

Destaca-se o trabalho conjunto de Vieira-de Araújo, Barreto e Pinheiro (2019) como motivador principal do desenvolvimento desta pesquisa, ao situar cronologicamente e instigar o leitor a refletir sobre a origem e mudanças do festejo tradicional de Olinda.

A divisão desta pesquisa consiste-se em 3 capítulos: o primeiro debruça-se na reflexão de ampliação da noção de patrimônio cultural, trazendo uma breve do patrimônio histórico e artístico ao patrimônio cultural. No subtópico, inicia a investigação em torno do objeto de estudo: Olinda com a contextualização de seu cenário legislativo e suas possíveis implicações.

No segundo capítulo, realiza-se um levantamento historiográfico do carnaval de Olinda em suas dimensões tangíveis e intangíveis. Utilizou-se como base as produções de Pontual e Hachambois (2007), Barreto (2008), Vieira-de-Araújo, Pinheiro & Barreto (2019) que identificaram o “carnaval tradicional de Olinda” até a década de 1970, a “consolidação de um carnaval de rua” da década de 1970 a 1990 e o “carnaval de massa” a partir da década de 1990 com instalação de megaestruturas na década de 2000. A partir da identificação cronológica pontuada pelas autoras, aliada à pesquisa iconográfica em acervos, leitura de livros/artigos, consulta à jornais disponíveis na Hemeroteca Digital e o relato oral dos entrevistados para esta pesquisa, foram definidas categorizações articulando tipologia ao suporte material. Tal associação se faz presente ao entender que toda manifestação vai necessitar de um suporte físico para se expressar. Opta-se pelo recorte temporal de 1940 a 2020, sendo identificada seis tipologias: Carnaval de Rua Familiar, Carnaval de Clube, Carnaval de Polo, Carnaval de Rua Participativo, Carnaval de Massa e Mega-carnaval. Além do mencionado, foram usadas outras fontes para a construção do segundo capítulo: Melo (1982), Pontual e Harchambois (2007), Galhardo (2008), Barreto (2008), Franco (2017), Vieira-de-Araújo; Barreto e Pinheiro (2019). Além disso, utilizou-se os relatos dos moradores como registro oral das vivências nesses espaços.

No terceiro e último capítulo, foca-se na descrição do questionário e metodologia adotada para consulta. Como também, expõe-se os dados coletados ao longo das entrevistas e suas implicações. É importante destacar que para maior equilíbrio da amostra coletada foram pensadas quatro variáveis: o tempo de moradia, a faixa etária, localização e categoria de morador. A variável de localização de moradia resultou na divisão do recorte de estudo em sete núcleos a fim de verificar se o lugar no qual a pessoa mora influencia no grau de identidade do residente. A hipótese aqui seria de que as pessoas que moram em lugares onde possuem um alto fluxo de pessoas, de pontos de permanência poderiam vir a ter seu sentimento identitário enfraquecido. Enquanto, moradores que residem em lugares mais tranquilos no carnaval no que diz respeito à fruição plena de pessoas e maior passagem de agremiações, possam manter seu valor identitário mais facilmente.

Para alcançar os objetivos pretendidos, dividiu-se o recorte em sete núcleos de acordo com dinâmicas semelhantes de carnaval. Esses agrupamentos se deram a partir da percepção da

autora pela vivência no sítio histórico de Olinda. Foram agrupadas ruas mais movimentadas e com pouca circulação de agremiações entre elas, como as ruas Prudente de Moraes e Treze de maio, enquanto ruas com menos lotação, mas com grande circulação de agremiações foram reunidas, como a Rua Henrique Dias, Coronel Joaquim Cavalcante e Rua da Boa Hora. Desse modo, chegou-se em sete núcleos: Carmo, Prudente, Bonfim, Amparro, Amaro Branco, Boa Hora e Guadalupe.

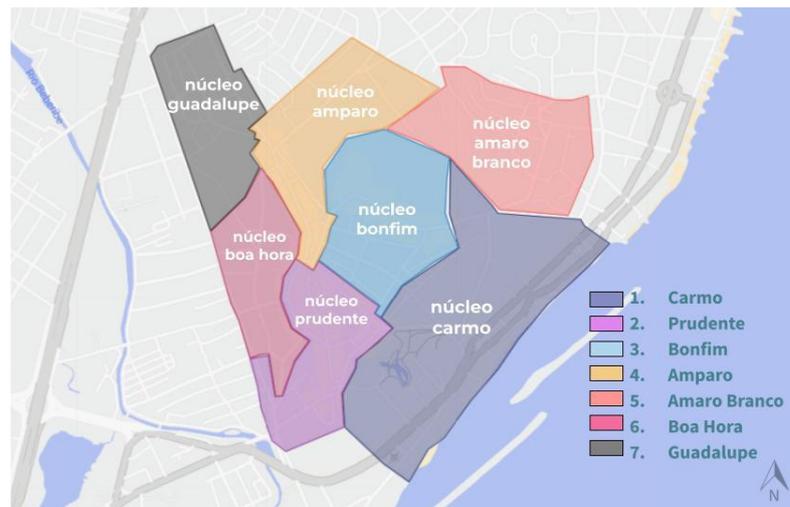


Figura 1: Mapa de núcleos de influência para a amostra, 2023. Fonte: Própria

1. PATRIMÔNIO CULTURAL E OLINDA

1.1 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO AO PATRIMÔNIO CULTURAL

A complexidade da contemporaneidade ao se falar do patrimônio cultural baseia-se na contínua ampliação da teoria e da operacionalização dos conceitos apreendidos. Porém, antes mesmo de introduzir de que forma o tema se insere em Olinda, é necessário trazer para a discussão algumas imprescindíveis e pertinentes contribuições, para o objeto empírico deste trabalho, do campo da conservação integrada.

A partir do século XX, houve um grande marco na discussão acerca do patrimônio com a teoria desenvolvida pelo historiador de arte austríaco Alois Riegl (1858-1905), o qual defendia a existência do objeto enquanto um elemento a ser preservado somente quando lhe é atribuído valores, como o histórico, artístico e cultural. Em síntese, como bem apontado por, Granato e Campos (2013) a análise de Riegl se estrutura:

Através de categorias de valores, os que chama de rememorativos, ligados passado, que necessariamente fazem parte da memória (valor de antiguidade, valor histórico e valor rememorativo intencionado). Junto a eles os chamados “de contemporaneidade”, que pertencem ao presente (valor instrumental e valor artístico: a) de novidade, b) artístico relativo (JUSTICIA 2008, p.14 apud GRANATO, 2013, p. 3).

Então, a discussão do patrimônio, além de ganhar uma sistematização de visões já divulgadas por pensadores como John Ruskin (1819-1900), Viollet Le Duc (1814-1879) e Camillo Boito (1836-1914), amplia-se para além de um conhecimento empírico. Assim, a definição das intervenções de restauro não viria apenas pelo seu estado físico atual para definir a linha de restauro utilizada (seja como proposto por Viollet Le Duc de dar à superfície física da obra seu aspecto original, ou como John Ruskin que, mesmo com uma motivação moderna de lugar de memória, preocupava-se na não-intervenção da materialidade da obra), mas, de acordo Riegl, por meio da orientação a partir da identificação de todos os valores prevalentes na edificação. Sendo, portanto, a atribuição de valor algo de caráter subjetivo, é a partir desse momento que se insere o papel das pessoas no campo do patrimônio

No interim desta discussão, Alois Riegl (2006) traz inúmeras contribuições, entre elas a noção de monumentos intencionados e não-intencionados, que consistem em obras já pensados como monumentos e construídos para rememorar algo, mas também admite a existência do processo de valoração ao longo do tempo por diferentes sujeitos, à exemplo de bens que não

foram construídos com a função de remeter a algo, mas que, com o tempo, passaram a ter um valor simbólico para diferentes atores sociais e, assim, tornou-se um bem de culto à memória. Ademais, outra importante contribuição foi a concepção do valor artístico, relacionado à apreciação estética, não ser mais absoluto, mas relativo. Portanto, Riegl trata das diferentes formas de valoração do mesmo bem a partir da perspectivação de diferentes sujeitos. Tal pensamento pode ser observado no trecho a seguir presente em seu livro *O culto aos Monumentos* (1984):

Segundo as concepções modernas, não existe um valor de arte absoluto, mas unicamente um valor de arte relativo, atual. Por consequência, a definição de ‘valor de arte’ deve variar segundo o ponto de vista de quem o adota. De acordo com a aceção antiga, uma obra de arte possui valor artístico à medida que responde às exigências de uma estética supostamente objetiva, não tendo, no entanto, dado lugar a nenhuma formulação incontestável. De acordo com a concepção moderna, o valor de arte de um monumento se mede por meio da forma como em ele satisfaz as exigências do querer artístico moderno. Evidentemente essas não são formuladas claramente e jamais o serão, estritamente falando, pois elas variam de um indivíduo a outro e de um momento a outro. (RIEGL, 1984 Apud LACERDA, 2012, p. 46)

Outro pressuposto basilar que surgiu a partir da trajetória do tema do patrimônio, segundo Lira (2020) veio com o teórico e prático Cesare Brandi (1906-1988) a respeito da impermanência dos valores atribuídos à obra, uma vez que o bem só é entendido como obra de arte a partir do reconhecimento das pessoas. Isso implica dizer, portanto, que a cada vez que a obra é vista e apreendida pela a mente humana, cria-se um novo ciclo de reconhecimento da obra enquanto objeto artístico. Assim, os valores atribuídos a obra e às intervenções que delas vão partir nunca serão fixos, já que

A restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade, estética e histórica, com vistas a sua transmissão para o futuro (BRANDI, 2004, p. 30).

Sobre o assunto, cabe evidenciar outros valores comumente atribuídos aos bens culturais, tais como: o valor de antiguidade que está relacionado à valorização do ciclo de criação e destruição sendo “clara a percepção do passar do tempo”. Como exemplo, pode-se citar o destaque de monumentos “antigos” que se distinguem do novo da contemporaneidade, como monumentos dos séculos do passado distante, ruínas, sistemas construtivos tradicionais aparentes, etc (LACERDA, 2012, p. 45); Já o valor histórico é relacionado aos elementos culturais que guardam em si o testemunho do passado, ou seja, é a “[...] revelação de uma época, de seus modos de vida, do tempo decorrido desde a sua edificação, já que representa etapas particularmente marcantes da evolução das atividades humanas, mas cuja atribuição de valor, segundo Riegl, é determinada por nossas preferências atuais”. Uma associação comum diz

respeito à associação do valor histórico ao cultural, uma vez que o passado é construído em comunidade. Assim, o valor cultural consiste no “modo de vida de uma determinada comunidade, que pode ser reconhecido pelas suas artes, seu sistema social, seus hábitos e costumes e sua religião” (LACERDA, 2012, p. 47); o valor econômico é definido por Lacerda quando é atribuído benefícios financeiros gerados diretamente da utilização do bem com potencial de gerar renda, emprego e aumentar valor de mercado.

Um outro aspecto válido de ressaltar é de que forma pode ser feita a inserção dos valores na prática das decisões de intervenções e gestão de áreas com valores. Por muito tempo, as teorias de preservação eram guiadas pela materialidade do bem, sem levar em consideração sua dinâmica no meio urbano e com a comunidade. Entretanto, Mason (2004) aponta para a relevância de adotar uma teoria centrada nos valores na prática da preservação, pois coloca as memórias, ideais e dinâmicas sociais como impulsionantes nas decisões de preservar que serão baseadas nas avaliações que pessoas, instituições e grupos fazem dos valores do ambiente construído. Uma das grandes preocupações do campo do patrimônio é a escolha em priorizar certos valores em detrimento de outros e, por isso, a pluralidade de pessoas consultadas pode dar um maior equilíbrio ao processo. Portanto, entende-se que o conjunto de todos esses valores integram a significância do bem em determinado momento. Trazendo essa ideia, Mason aponta que:

Conhecer a gama de diferentes valores, e quem fala por eles, torna-se fundamental para a compreensão do processo de preservação. Através das lentes de uma teoria centrada em valores, o papel da memória - bem como outros valores e usos do patrimônio, como os valores econômicos e políticos - assume o papel central na explicação das motivações e resultados da preservação. (...) Voltando à significância, o que é útil sobre as teorias de preservação centradas em valores é que elas podem produzir avaliações de significado muito mais detalhadas e sensíveis (MASON, 2004, p. 68)

O primeiro documento fruto das discussões internacionais acerca das políticas de preservação do patrimônio foi a Carta de Atenas⁴ em 1931. Apesar de sua grande importância em abrir o campo das ações direcionadas à conservação, pode-se perceber algumas limitações a partir das palavras usadas no documento. Sabendo que a evolução da noção de patrimônio vai refletir como as sociedades reagiram à temporalidade, nota-se já no título que abre a seção “**Valorização dos Monumentos**”, com o uso da palavra “valorizar”, que significa “Aumentar o valor ou preço” (AURÉLIO, 2010) objetivando valorar apenas o próprio monumento,

⁴ A carta de Atenas faz parte de uma série de documentos conhecidos como “Cartas Patrimoniais” nas quais são resultantes de discussões realizadas em encontros internacionais cujo debate gira em torno de recomendações, normativas e diretrizes para a preservação do patrimônio cultural.

deixando de fora toda a complexidade dos conjuntos urbanos como sua própria dinâmica, significados e relação do monumento com a cidade e com as pessoas. A carta sugere respeitar o entorno imediato do monumento sem inclui-lo na dinâmica da cidade, ou seja, sem integrar, pois, ao sugerir que “certos conjuntos, algumas perspectivas particularmente pitorescas devem ser preservadas.” (CARTA DE ATENAS, 1931), a conservação do conjunto histórico que o monumento está incluído é tratada como exceção, além de atribuir um valor artístico ao que é considerado pitoresco de fato. Este seria um segundo momento, como aponta Lira (2016), da relação das sociedades com o patrimônio cuja conservação consistia na busca de fortalecimento das identidades nacionais a partir de qual imagem de si - os países – gostariam de passar.

III - A valorização dos Monumentos

A conferência recomenda respeitar, na construção dos edifícios, o caráter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança dos monumentos antigos, cuja proximidade deve ser objeto de cuidados especiais. Em certos conjuntos, algumas perspectivas particularmente pitorescas devem ser preservadas.(CARTA DE ATENAS, 1931) (Grifo nosso)

Em 1964, com a Carta de Veneza, nota-se que há a retirada do termo “artísticos” acompanhado ao monumento anteriormente escrito na Carta de Atenas e difundido no século XIX. Pode-se afirmar que essa retirada pretende anular a forma de olhar o patrimônio como obras de grande interesse artístico que possuam valor excepcional do ponto de vista estético e formal. Essa retirada, juntamente com a inserção dos termos sítio e significação cultural, implica em uma grande mudança e ampliação da noção do patrimônio. Assim, a partir desse documento, há um alargamento entre a conservação única e isolada da obra para a importância do conjunto urbano a ser conservado como testemunho, sendo a primeira vez que o termo “significação cultural” foi utilizado em um documento internacional, ampliando ainda mais a ideia do que deve ser conservado para agora uma complexidade intersubjetiva. Ou seja: os bens podem ter adquirido, com o tempo, valores memoriais e simbólicos para diferentes sociedades.

Em contrapartida, não pode-se afirmar que foi abordado tudo na Carta de Veneza já que ela aborda conjuntos urbanos, mas não trata do desenvolvimento urbano aliado à conservação desses sítios históricos para evitar as chamadas “fraturas urbanas com perdas de significados”. (LORETTO, 2016, p. 171) Essa questão é abordada anos depois na Declaração de Amsterdã em 1975 e na Carta de Machu Pichu em 1977 a respeito da Conservação Integrada. Outra evidente insuficiência da Carta de Veneza é o fato dela não abranger os bens imateriais e não reconhecer seus valores representativos simbólicos e memoriais.

A partir de 1999, com o encontro *Icomos*, da Austrália, conceitualiza-se na Carta de Burra a significância cultural. Assim, refere-se à conservação como todos os processos de prestação de cuidados a um sítio por forma que ele retenha o seu significado cultural. Nela, a significância é definida como:

Valor estético, histórico, científico, social ou espiritual para as gerações passadas, presentes e futuras [...] está **incorporada ao próprio sítio**, sua estrutura, ambiente, usos, associações, significados, registros e diz respeito a lugares e objetos. Os sítios podem ter uma variação de valores para diferentes indivíduos ou grupos (INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES AUSTRALIA, 2013, art. 1, tradução Flaviana Lira)

A significância passa a ganhar destaque quando a UNESCO começa a determinar que deverá ser anexado o documento da Declaração de Significância para a inscrição de bens culturais que poderão vir a ser classificados como Patrimônio Mundial, avaliada pelo World Heritage Center (WHC/UNESCO). Desse modo, o instrumento é uma avaliação cultural dos bens que a comunidade, juntamente com os técnicos, definiu do tempo presente, sendo um importante instrumento consultivo para futuras ações e planos de conservação. Pois, será explicitado de que forma o bem cultural se expressa e que aspectos devem ser preservados de acordo com sua relevância histórico-cultural e sua relação com a comunidade hoje. (ZANCHETTI & HIDAHA, 2014)

Desde então, o tema da significância cultural associado aos conceitos de integridade e autenticidade começam a ser discutidos, estudados e aplicados para a conservação do patrimônio cultural de forma mais expressiva. Ao longo dessas últimas três décadas, os conceitos foram mudando e incorporando novas perspectivas a depender do especialista. Inclusive, Lira (2020) sinaliza que com a introdução de novas práticas sociais, pode-se gerar novos significados ao longo do tempo e expressividades ao local. Desse modo, entende-se que o estudo e construção da significância cultural devem ser revisados esporadicamente. Sobre isso, a autora afirma:

A construção da significância cultural precisa ser pautada em valores e significados múltiplos, atribuídos pelos diversos atores, com diferentes níveis de relação com o bem. Além disso, é uma construção que pressupõe revisão constante, de modo a adequá-la às transformações inerentes ao processo de atribuição de valores e significados, possibilitando sempre acréscimos ou mudanças (LIRA, 2020, p. 6).

Além da significância, os conceitos de autenticidade e integridade desempenham função primordial no planejamento urbano de áreas de interesse patrimonial, uma vez que o patrimônio cultural inevitavelmente será atingido por mudanças de adaptação à dinâmica contemporânea e tais conceitos são primordiais para definir a gestão dessas mudanças. Pois, a partir da investigação desses conceitos, será possível verificar em que medida o bem cultural está modificado e quais mudanças são aceitáveis para que haja a manutenção da transmissão dos valores associados àquele elemento cultural.

Diferentemente da significância, o conceito de autenticidade começa a ser discutido ainda no século XIX em virtude dos ideais defendidos por John Ruskin. Desse modo, a autenticidade surge ligada ao entendimento de originalidade da obra, ou seja, da valorização da matéria original. Entretanto, Vieira-de-Araújo (2008) alerta que sua motivação é “eminente moderna” uma vez que surge da preocupação em garantir o direito das gerações futuras de terem acesso ao patrimônio original. (VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2008, p. 3)

Entretanto, a partir da nova exigência de um “teste de autenticidade” para inscrição na lista de Patrimônio Mundial no fim da década de 1970, é estabelecido um campo mais expressivo de debates acerca da adaptação do conceito à realidade contemporânea. Vale mencionar a discussão realizada na “Conferência de Nara sobre autenticidade”, fórum internacional ocorrida no Japão em 1994, que destacou a importância de se avaliar a autenticidade a partir do contexto cultural individual no qual o bem está inserido. (JOKILEHTO, 2006 apud VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2008)

Devido à larga discussão, tal teste passou de quatro parâmetros avaliativos focados na natureza material dos bens (a forma ou desenho, o material, a habilidade do artífice e as características de implantação do sítio) para oito que contemplam tanto a materialidade como a imaterialidade, a partir da inclusão dos seguintes aspectos: tradições, técnicas e língua e outras forma, abrangendo também os bens intangíveis. (VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2008)

Uma vez que a autenticidade tem a ver com o entendimento de que os bens estão suscetíveis às mudanças ao longo do tempo, contribuições mais recentes adicionam que o conceito de autenticidade está ligado à capacidade do bem de transmitir sua significância de forma verdadeira, ou seja, seria um qualificador aplicado ao patrimônio cultural. (LIRA, 2020) Desse modo, entende-se que:

A autenticidade refere-se à capacidade de ser verdadeiro. A autenticidade depende da capacidade que se tem de julgar o quanto os atributos físico-materiais (genuidade do material) e não materiais (genuidade da organização do espaço e da forma; genuidade da função) expressam os valores do patrimônio de forma verdadeira ou falsa. (SILVA, 2012, p. 65 apud LIRA, 2020, p. 8)

Como mencionado anteriormente, além da autenticidade, é imprescindível citar a noção de integridade na discussão da conservação. A compreensão da integridade está ligada inicialmente ao tratamento do patrimônio natural e, posteriormente, vai vir a incorporar os bens culturais. Desse modo, tal conceito está associado às qualidades qualificadoras do ambiente, assim como sobre o estado de conservação do bem. A partir disso, o Guia Operacional do Patrimônio Mundial (2005) define a integridade como a inteireza do bem que poderá ser avaliado por três condições, descritas a seguir: (LIRA & RIBEIRO, 2012)

Integridade é uma medida da inteireza e de estar intacto do patrimônio natural e/ou cultural e seus atributos. Examinar as condições de integridade requer que se acesse a extensão na qual o bem: a) inclui todos os elementos necessários para expressar o seu valor universal excepcional; b) seja de dimensão adequada para assegurar a completa representação das características e processos que atribuíram a esse bem significado; c) tenha sofrido efeitos adversos do desenvolvimento e/ou por negligência. (UNESCO, 2005, p. 22, apud LIRA & RIBEIRO, 2012)

Segundo Jokilehto (2006), a integridade é uma avaliação condicional dos aspectos funcionais e históricos de um sítio cultural ou natural, levando-se em consideração três dimensões: I) “sociofuncional” que diz respeito às funções e interações que a área se relacionou ao longo do tempo; II) “estrutural” associada a permanência física que remeta aos sistemas construtivos e, portanto, testemunho de uma época; III) “visual” ligado ao aspecto estético do bem. (LIRA & RIBEIRO, 2012; VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2008)

A discussão de integridade, tanto na postura adotada pela UNESCO, como a de Jokilehto, é mais comumente discutida em seu aspecto visual ligado ao conceito de estado de conservação. Entretanto, Lira (2020) chama atenção para o entendimento da integridade como “em que medida o bem cultural, em matéria e dinâmica, detém de seus atributos característicos e processos responsáveis por lhe atribuir valor?”. Assim, entende-se como a capacidade do bem (através de seus atributos) de transmitir sua significância.

Vale ressaltar que o tema da significância cultural estará relacionada ao longo do trabalho inteiro, uma vez que consultar as pessoas é imprescindível para conseguir investigar os valores que estão associados ao bem no tempo presente. Entretanto, o foco deste trabalho é a relação dos moradores com o festejo, sendo a reflexão sobre o conceito de autenticidade aplicado ao carnaval de Olinda, em seu aspecto material e imaterial, apenas uma etapa.

Para além das contribuições conceituais, destaca-se Salvador Muñoz Viñas, professor do Departamento de Conservação da *Universidad Politécnica de Valencia*, que publica em 2005 a “*Teoría Contemporánea de la Restauración*” (VIÑAS, 2005), que chama atenção para a necessidade de “reconhecer continuamente que os objetos e os lugares não são, por si só, o que há de importante no patrimônio cultural: são importantes pelos significados e usos que as

pessoas atribuem a esses bens materiais e pelos valores que representam.” (MUÑOZ VIÑAS, 2005, p. 48 *apud* LIRA, 2018). Nesse sentido, o patrimônio surge quando confere-se valores aos bens produzidos pelo homem no tempo espaço, ou seja, é uma construção que vai variar a partir do sujeito que se relaciona com aquele bem. Então, percebe-se a importância do olhar para o patrimônio imaterial e material de forma indissociável e com métodos de escuta aos diversos atores, uma vez que: “Os bens culturais são matéria e significado”. (LIRA, Autêntico para quem? A noção de autenticidade do patrimônio cultural na contemporaneidade, 2018, p. 20) Muitos desafios estão presentes na operacionalização do conceito de Significância Cultural e suas implicações contemporâneas. Assim, o juízo intersubjetivo é um grande desafio na prática patrimonial, mas de extrema importância, já que ele consiste em juntar o maior número de valores apreendidos por diferentes grupos sociais para poder contemplar o maior número de subjetividades na prática patrimonial, para além do conhecimento do corpo técnico.

Fazendo um paralelo com Meneses (2006), o qual também destaca a necessidade de inserção das pessoas, sobretudo dos moradores, no reconhecimento e preservação do patrimônio, evidenciando o entendimento da cidade no primeiro plano em detrimento dos monumentos isolados, é válido afirmar que não é o puro monumento que deve ser valorado, contemplado, protagonizado e protegido, mas toda a cidade, pois ela é carregada por redes de ligação, matrizes de sentimento, memória e significado que a fazem ter sentido no espaço. Para entender a dinâmica da cidade como um bem cultural, Meneses (2006) aponta três dimensões imbricadas na noção da cidade: a dimensão do artefato, a do campo de forças e das significações/representações. Sobre a primeira dimensão ele afirma:

A cidade é coisa feita, fabricada. Artefato, no sentido mais genérico, é um segmento da natureza física socialmente apropriado, isto é, ao qual se impôs, segundo padrões sociais, uma forma ou uma função ou um sentido (seja conjuntamente, seja isoladamente ou em diversas combinações) (MENESES, 2006, p. 36).

Desse modo, como qualquer artefato, a cidade precisa das pessoas para ser produzida e/ou da consciência humana para reconhecer o espaço físico como cidade. Assim, se esse artefato foi/é produzido através das relações que as pessoas desenvolvem umas com as outras a cidade vai ser influenciada por esse conjunto de relações que reproduzem, sobrepõem, adicionam e eliminam-se entre si. Além do artefato, cita-se o campo de forças “para ilustrar um espaço definível de tensões, conflitos, de interesses e energias em confronto constante, de natureza territorial econômica, política, social, cultural” (MENESES, 2006, p. 36). A relação do artefato e do campo de forças é bilateral à medida que o artefato é produzido por esse campo

de forças, mas também é por ele que acontece a contínua transmissão e reprodução em cadeia dessas relações. Ademais, defende-se que a cidade não é só um artefato produzido no campo de forças, mas também é representação/imagem. A imagem que os habitantes apreendem de sua cidade vai definir a relação, postura e pertencimento com sua cidade. Sob essa ótica, pode-se fazer um diálogo com o pensamento de Italo Calvino (2003), que compreende a cidade através dos valores rememorativos da imagem. Como pode-se ver no trecho abaixo:

A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente [...] A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir (CALVINO, 2003, p. 23).

As representações tornam-se imprescindíveis para o entendimento da cidade como um bem cultural, já que elas deixam de ser apenas um fato mental, pois integram-se, através da experiência vivida, ao ambiente urbano. Essas significações não estão inerentes ao espaço e sim relativos, dependendo da relação dos diferentes atores sociais com o ambiente. Nesse sentido, a Teoria de Restauro de Muñoz Viñas (2005) permeia essa questão ao concentrar o eixo das argumentações no que ele chama de “intersubjetividade”: a negociação/relação entre diferentes subjetividades de diferentes atores envolvidos no processo de conservação. Assim, entende-se a relevância de inserção dos atores sociais nas decisões acerca do patrimônio construído, pois o que caracteriza esses objetos são questões (inter)subjetivas estabelecidas pelas pessoas e não inerentes ao próprio objeto. Logo, em consonância com Viñas (2005, p. 40):

O patrimônio ambiental urbano tem matrizes na dimensão física da cidade, **pois é por meio de elementos empíricos do ambiente urbano que os significados são instituídos**, criados, circulam, produzem efeitos, reciclam-se e se descartam. Afinal, **a corporalidade é base de nossa condição humana** (MENESES, 2006, pp. 36-37) (grifos nosso).

Desse modo, para conseguir vivenciar e intervir na cidade como um bem cultural, deve-se entender a cidade como um produto de uma relação mútua entre sujeito/ambiente e ambiente/sujeito, sendo a materialidade do bem cultural indissociável da imaterial. Assim, Meneses (2006) afirma que “sem as práticas sociais, não há significados sociais. Mas também não há significados sociais sem vetores materiais” (MENESES, 2006, p. 37).

Dessa maneira, ao falar em área de interesse patrimonial, é imprescindível que as ações sejam voltadas também à quem usufrui desses bens, pois intervenções arbitrárias podem vir a trazer gentrificação, esvaziamento de moradores e monofuncionalidade com usos culturais. Inclusive, muitas vezes o uso residencial é um dos aspectos valorados a se preservar, como é o caso do Sítio Histórico de Olinda. Observa-se uma tendência em excluir os usos cotidianos e atribuir aos edifícios históricos usos principalmente atrelados a um caráter contemplativo e,

dentro de um imaginário popular, nobres. Como afirma Meneses (2006), “É como se as qualidades reconhecidas nesses edifícios não pudessem ser contaminadas por usos “menos nobres” atribuídos ao trabalho e ao cotidiano” (MENESES, 2006, p. 38).

A partir dessa linha de raciocínio, se estabelece o “uso cultural” dos bens patrimoniais com a atribuição de usos como museus, ateliês, centros artísticos, espaços de lazer aos edifícios históricos a fim de preservar as qualidades reconhecidas nos imóveis. Segundo o autor, o que se observa é um desprezo pela função de habitar e tudo que faça referência ao cotidiano. A problemática encontrada nesse tipo de abordagem provoca a elitização do acesso e vivência da cultura, além de provocar esvaziamentos de centro históricos, como Meneses afirma ao citar que Alcântara (Maranhão), tombada como cidade de interesse nacional pelo IPHAN, hoje “constitui mera casca cênica de fruição estética” e questiona “Como pode algo que é bom para a “humanidade” não ser bom para aqueles que, como habitantes, teriam as condições ideais para fruí-lo integralmente?” (MENESES, 2006, p. 40), já que:

A palavra “habitante” vem do latim *habeo*, que quer dizer “ter”, manter uma relação constante com algo; o sufixo “it” (*habito*) aprofunda e reitera esta relação. Hábito, habitar, portanto, expressam um grau superior e constante de apropriação. Essa relação contínua, permanente, cotidiana, demorada e que o tempo adensa, é que cria as condições mais favoráveis para a fruição do patrimônio ambiental urbano (MENESES, 2006, p. 39).

Em vista disso, a cultura não pode ser compreendida como dissociada do cotidiano, pois além de basear as dinâmicas urbanas, são, também, o retrato de uma sociedade. Para Michel de Certeau (1994), o cotidiano “é o conjunto de operações singulares que, por vezes, dizem mais de uma sociedade e de um indivíduo do que a sua própria identidade.” (CERTEAU 1994, *apud* FREITAS, 2014, p. 207). Dessa forma, a cidade deve, então, ser aquela que responde às necessidades da sua população, que possui demandas essencialmente cotidianas, como habitar e trabalhar. Sendo assim, a cidade culturalmente qualificada:

É boa para ser conhecida (pelo habitante, pelo turista, pelo que tem aí negócios a tratar, pelo técnico, etc.), boa para ser contemplada, esteticamente fruída, analisada, apropriada pela memória, consumida afetiva e identitariamente, mas também, e acima de tudo, é boa para ser praticada, na plenitude de seu potencial. Em outras palavras, para ser culturalmente qualificada como cidade, ela precisa ser boa como cidade (MENESES, 2006, p. 39).

Diante do exposto, fica evidente que é de extrema importância a inserção da população nas decisões acerca dos bens culturais e sítios históricos, sobretudo seus habitantes, que são responsáveis pela manutenção da fruição do patrimônio. Ademais, em relação à conservação

integrada, defende-se que para além da preservação do conjunto edificado dos sítios, é necessário também a manutenção das redes relacionais estabelecidas entre os habitantes e o espaço construído. Hardoy e Gutman (1992, p.50 apud BARRETO, 2008, p. 10-11) traz essa questão ao elucidar que “A preservação do patrimônio arquitetônico-urbanístico como elemento de uma cultura exige pôr em primeiro plano a criação de condições de vida adequadas para a população residente e a proteção da vitalidade integral do centro histórico”. Tal perspectiva também é mencionada na Carta de Petrópolis, de 1987, na qual se define o “Sítio Histórico urbano (SHR)” como “parte integrante de um contexto amplo que comporta as paisagens natural e construída, assim como a vivência de seus habitantes num espaço de valores produzidos no passado e no presente” (CURY, 2004, p. 285 apud BARRETO, 2008, p. 11)

No contexto brasileiro, observa-se de forma mais tardia a mudança ao longo do tempo da noção de patrimônio cultural. Na constituição de 1934, pode-se perceber uma preocupação emergente em conservar um patrimônio associado aos conceitos ligados à monumentalidade e obra de arte.

- Art. 10 - Compete concorrentemente à União e aos Estados:
- I - velar na guarda da Constituição e das leis;
 - II - cuidar da saúde e assistência públicas;
 - III - **proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico, podendo impedir a evasão de obras de arte;**
 - IV - promover a colonização;
 - V - fiscalizar a aplicação das leis sociais;
 - VI - difundir a instrução pública em todos os seus graus;
- (BRASIL, 1934, Art. 10 grifo nosso).

No Brasil, embora a Constituição de 1934 já conter referências à conservação do patrimônio público, a oficialização das iniciativas de salvaguarda só virão com a criação do SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), hoje o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1936, com o objetivo de criar uma lei federal para regulamentar a preservação do patrimônio no país. Assim, em 1937, baseado nos preceitos contidos na Carta de Atenas, instituiu-se o tombamento através do Decreto-lei nº25. O artigo 1º desse decreto afirma que:

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja preservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu **excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico** (IPHAN, 1937, Art. 1).

Nesta lei, os bens passíveis de preservação são apenas aqueles com “valor excepcional” para a sociedade. Tais bens deviam ser registrados em quatro livros de tomo, assim divididos:

1) Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; 2) Livro de Tombo Histórico; 3) Livro de Tombo das Belas Artes; 4) Livro de Tombo das Artes Aplicadas. Vale ressaltar que Chuva (2015) aponta que nas primeiras iniciativas de tombamento pelo IPHAN, o patrimônio começou a ser comparado à luz do patrimônio mineiro para consolidar uma identidade nacional. Desse modo, nos primeiros anos, conjuntos arquitetônicos das cidades mineiras de Ouro Preto, Mariana e São João Del Rei foram tombadas. As principais ações do órgão até a década de 1980, “eram pautadas pela ideia de valor intrínseco aos bens, ‘como obras de arte’”, e de que tal valor deveria tornar-se visível por especialistas. Ou seja, de acordo com critérios ancorados em saberes legitimados pela história da arte, história, arquitetura, dentre outros, atestava-se à Nação quais bens constituíam sua identidade e memória” (ROCHA & CUNHA, 2019, p. 16).

Em virtude do debate nacional e internacional acerca do patrimônio citado anteriormente, observa-se, por conseguinte, um alargamento do entendimento de bens passíveis de proteção. Esse desdobramento é percebido na Constituição Federal de 1988 e no Decreto nº 3.551/2000. Na constituição de 1988, é trocado o termo patrimônio histórico e artístico para o uso de patrimônio cultural. A partir disso, os bens de natureza material e imaterial são passíveis de proteção. Mais à frente, amplia-se para uma noção de que qualquer expressão humana, imaterial ou material, com valores conferidos por diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, são relevantes para a narrativa de conservação do patrimônio e não apenas àqueles de valor artístico excepcional por uma elite, como pode ser observado a seguir:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (BRASIL, 1988, art.126).

Em 1984, o primeiro terreiro é tombado pelo Iphan, o Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador. Apesar dos avanços de legislação, a partir da década de 1990, o Instituto não conseguiu colocar em prática tais ampliações de abordagens do patrimônio. Porta (2012) aponta que a efetivação desse avanço foi postergada pelo desmonte das instituições federais de gestão da cultura nos anos 1990, seguido por um período em que o enxugamento do Estado não permitiu que essas instituições recebessem o apoio e o investimento necessários para restabelecer sua dinâmica. Assim, se por um lado temos instrumentos de preservação atentos à materialidade dos bens desde o Decreto-lei 25 de 1937 no Brasil, é apenas na década de 2000 que temos um novo instrumento que protege os bens de natureza imaterial ao instituir em 2000, através do Decreto 3551/00, o “Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial”:

Esse instrumento é aplicado àqueles bens que obedecem às categorias estabelecidas pelo Decreto 3551/00: Celebrações, Lugares, Formas de Expressão e Saberes, ou seja, as práticas, representações, expressões, lugares, conhecimentos e técnicas, que os grupos sociais reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural.⁵

Apesar da discussão do patrimônio cultural (imaterial e material) ser latente, no Brasil contamos com poucas décadas de institucionalização dos instrumentos de proteção. Logo, ainda há um descompasso, como bem aponta Vieira-de-Araújo (2021), na tentativa, ou na falta dela, de tratar simbioticamente a imaterialidade para a materialidade e vice-versa. A inserção de novos conceitos acaba negligenciando os conceitos já consolidados. Porém, o entendimento deve ser que uma vez que "ao tratar de preservação patrimonial, estamos lidando com algo que transcende a materialidade do objeto, não devendo significar o apagamento das preocupações com a materialidade" (VIEIRA-DE-ARAÚJO, O bairro de São José e seu mercado: atribuição de valores entre a materialidade e imaterialidade, 2021, p. 209), tendo em vista que:

Fiorani (2014, pg 09) destaca o risco de reflexões que concentram-se na "afirmação do imaterial no restauro" de maneira "predominantemente axiomática e sem aprofundar suficientemente as repercussões desta hibridização sobre o plano conservativo". Em 11 de outubro de 2019, na "Jornada de Estudos" organizada pelo Doutorado em História, Desenho e Restauro da Arquitetura da Universidade de Roma Sapienza, com o tema "Efêmero e Imaterial na Arquitetura" o professor Stefano Francesco Musso da Universidade de Gênova ressaltou, em sua fala intitulada "Conservação e Restauro do Imaterial: um oxímoro?", a indissociabilidade entre material e imaterial e como, ao estarmos atentos a necessidade de preservação dos valores imateriais, precisamos necessariamente lidar com o suporte material desses valores (VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2021, p. 209).

1.2 O RECONHECIMENTO DO VALOR PATRIMONIAL DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA

Durante o período de 1930 a 1960, o antigo núcleo colonial de Olinda manteve-se sem transformações urbanísticas devido à ausência de crescimento econômico, de baixo crescimento demográfico e expansão urbana nos arredores da colina. Assim, houve a permanência do padrão urbanístico, das tipologias arquitetônicas e da ambiência paisagística do centro histórico (ZANCHETI & MILET, Gestão e Conservação do Sítio Histórico de Olinda: 1938-2006, 2006). Ao longo dos primeiros anos da fundação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

⁵ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/folRegistroE.jsf>

Nacional (SPHAN), atual IPHAN, fundado em 1937, foram tombados vários bens na cidade alta como monumentos isolados.

Já durante a década de 1960, com a rápida urbanização em busca do “progresso”, as áreas de interesse patrimonial passam a ficar mais expressivamente ameaçadas devido às mudanças do padrão de ocupação, demolições em larga escala do conjunto edificado e mudança do traçado urbano. Um dos casos emblemáticos próximos à Olinda foram as reformas do Bairro de Santo Antônio e São José durante o fim da década de 1930 até 1950 que, para a criação de avenidas como a Avenida Guararapes e Dantas Barreto, várias ruas, pátios, praças e conjunto edificado foram suprimidos (MOREIRA, 2016). A partir desse momento, houve uma maior movimentação para assegurar meios de salvaguarda oficial para o patrimônio existente. Destaca-se, no âmbito da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a realização de visitas técnicas com destino em Olinda, as quais tinham por objetivo elaborar relatórios e recomendações técnicas visando à proteção do sítio na década de 1970 (BARRETO, 2008). Um dos trechos desses relatórios elaborados por Michel Parent, consultor da UNESCO, destaca a permanência das características arquitetônicas e ambientais de Olinda, além de chamar atenção para a necessidade imediata de proteção legal para preservar o conjunto edificado.

Olinda é uma joia do Brasil (...). Nela se reúnem admiravelmente a paisagem marinha e a cidade de arte (...) O que impressiona em Olinda é que, por um concurso feliz de circunstâncias – coisa provisória, sem dúvida, se não houver uma interdição imediata –, a paisagem continua intacta. (...) Em Olinda, a arquitetura surge dentre os esplendores da natureza tropical. (...) Essa feição esparsa do tecido urbano deve ser absolutamente preservada. Olinda não é uma cidade: é um jardim entremeado de obras-primas de arte (...) Semelhante situação não perdurará por muito tempo sem a classificação de toda a colina da velha Olinda como monumento nacional e sem o estabelecimento de um plano de urbanismo que reserve como zona *non aedificandi* todos os terrenos atualmente disponíveis (DELGADO, 1974 apud BARRETO, 2008, p. 32).

Ao fim do processo, juntamente com os pareceres de outros técnicos do DPHAN-PE, o sítio antigo de Olinda foi indicado ao Livro do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a partir da Notificação N°1004/68 de 21/03/1968. É válido mencionar que, apesar da poligonal delimitada não levar em consideração a topografia das colinas, ampliou-se a aplicação do entendimento de salvaguarda para além dos monumentos, considerando-se o conjunto (BARRETO, 2008).

Em relação à esfera municipal, foi elaborado pioneiramente o Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI) durante a década de 1970, sendo responsável por

inserir Olinda nos panoramas nacionais de preservação patrimonial (BARRETO, 2008). Apesar do pioneirismo do PDLI de Olinda, é imprescindível destacar que a valorização dada ao patrimônio se direcionava para fins turísticos e pelo reforça do ideal de Cidade Monumento Nacional (BACELAR, 2019). Como resultado do plano, surgiu a Legislação Urbanística de Olinda em 1973, Lei N° 3826/73, definindo o sítio histórico como Setor de Preservação Rigorosa. Além disso, em 1982 Olinda recebe o título de Centro Histórico Patrimônio Mundial pela UNESCO. Dentre os critérios que inseriram Olinda como Cidade Patrimônio Mundial, destaca-se seu conjunto arquitetônico e paisagístico, existência de vasta vegetação, um Sistema de Preservação municipal, permanência de moradores atuantes em prol da conservação do lugar e de expressões tradicionais do sítio, como procissões e o carnaval:

Profundamente arraigada, **sua população tradicional** conserva pela cidade, relação de amor e posse. E isto se torna compreensível, **não somente pela atenção para a importância de seus bens patrimoniais, mas também pela manutenção das velhas tradições, tais como as procissões, o carnaval e o artesanato**. Numa terra que se identifica pela grandeza da religiosidade, pela festa e pela arte, Olinda chega a se fazer identificar exatamente graças a estas manifestações. (Fundação Pró-Memória, 1982, p. 8 apud VIEIRA-DE-ARAÚJO; BARRETO & PINHEIRO, 2019, grifos nossos).

Ainda sobre a esfera local, é válido ressaltar a Lei N° 4.119/79 responsável pela implementação do Sistema Municipal de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda. Esse sistema caracteriza-se pela Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda (FCPSHO), órgão administrativo, Conselho de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda (CPSHO), onde seriam discutidos e deliberados os assuntos pertinentes ao patrimônio, o Fundo de Preservação e pelo Tombamento Municipal. O Conselho de Preservação dos Sítios Históricos obteve um papel fundamental na análise técnica compartilhada de projetos e ações em Olinda que preservasse o conjunto monumental e não interferisse na dinâmica residencial da área. Como aponta Barreto (2008), o conselho era formado por sete membros representantes de órgãos envolvidos na preservação patrimonial e uma vaga para uma personalidade olindense que não tinha poder de voto, mas poderiam participar das discussões. Assim, institucionaliza-se a participação de pessoas da sociedade civil nas discussões de planejamento de Olinda.

Nesse contexto de atribuição de valor cultural à cidade alta de Olinda, os moradores valorizavam o reconhecimento de Olinda como área de valor patrimonial. Entretanto, nota-se mudanças de dinâmica urbana em virtude da atuação de gestores municipais com inserção de novos usos de natureza turística em Olinda. Tais usos conflitavam com o uso habitacional e o dia a dia dos moradores. Assim, os moradores começam a ser atuantes nas críticas à gestão municipal de Olinda. Inclusive, desde o começo da CPSHO, os moradores pleiteavam assento

com poder de voto para uma participação mais efetiva nas decisões. Foi apenas que em 2009, por meio da Lei 5679/2009, que foi garantida uma composição dos conselheiros que refletisse na representatividade de todos os atores relacionados ao sítio histórico de Olinda, como os moradores, empreendedores, instituições religiosas, instituições de ensino, instituições pública das três esferas de governo (municipal, estadual e federal), somando dezessete membros (VIEIRA-DE-ARAÚJO, BARRETO, & PINHEIRO, 2019).

A partir da década de 1970, devido aos impactos na dinâmica do sítio frutos da nova postura de gestão municipal, os moradores descontentes começaram a se unir espontaneamente para reivindicar a manutenção do caráter residencial da área. Assim, foi criado um agrupamento social denominado como “Associação de Moradores e Amigos de Olinda Antiga” (AMOA). Dentre as exigências mais expressivas, Vieira, Pontual e Pinheiro (2019, p. 19) apontam “desde o descaso ao patrimônio arquitetônico, falta de segurança, tráfego desordenado, inclusive dos ônibus, e mau disciplinamento dos estacionamentos” Em 1984, devido, principalmente, às grandes proporções que o carnaval vinha tomando, surge uma outra organização dos residentes de Olinda, a “Sociedade Olindense em Defesa da Cidade Alta” (SODECA). Inclusive, a SODECA existe até o presente momento, sendo fortemente ativa nas decisões tomadas dentro do CPSHO (VIEIRA-DE-ARAÚJO, BARRETO, & PINHEIRO, 2019) (BARRETO, 2008). Em 1985, membros do IPHAN e da FCPSHO elaboraram a Rerratificação da Notificação Federal N° 1155/1979, que buscava compatibilizar aspectos da preservação da esfera municipal e federal, inclusive o polígono.

Na esfera municipal, foi criada a Legislação Urbanística do Sítios Históricos de Olinda, Lei Municipal N° 4849/1992, buscando incorporar as diretrizes da Rerratificação Federal de 1985 e inserir os entendimentos de conservação integrada na política municipal do sítio. Foram incorporadas à essa lei medidas de controle para os problemas gerados do atrito entre o uso residencial e comerciais/culturais (bares, festas, shows, etc). Definiu-se como procedimento tanto a análise de viabilidade de usos compatíveis ao residencial, como limitações quanto ao grau de intervenção, localização e escala. O polígono delimitado foi subdividido em setores levando-se em consideração o padrão tipológico, urbanístico, paisagístico e função urbana (PEDROSA, 2011). No fim da década de 1990, houve uma diminuição dos recursos destinados ao Fundo de Preservação, descontinuidade de projetos/planos e sucessivas mudanças de gestão, contribuindo para a extinção da FCPSHO em 1995. Após isso, foi criada a Secretaria do Patrimônio Cultural e Turismo de Olinda (SEPACC), com a função de gestão da preservação do sítio histórico (BARRETO, 2008).

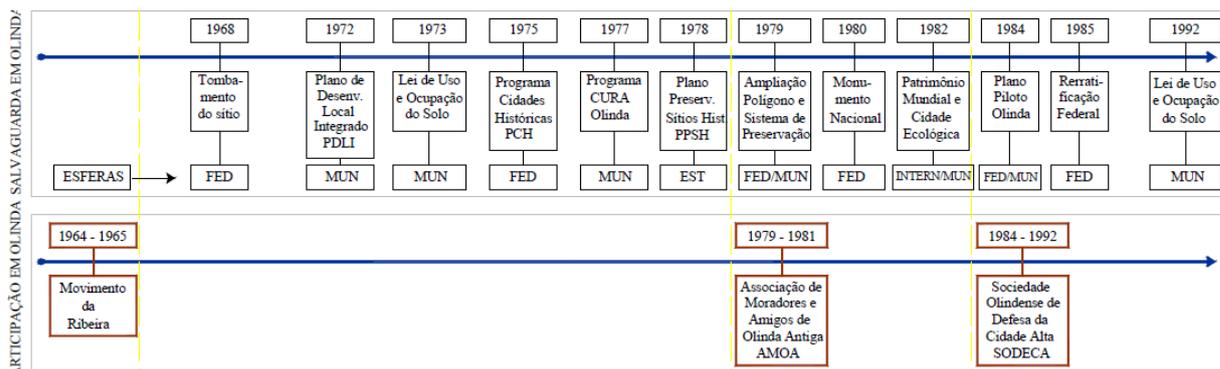


Figura 2: Esquema investigatório sobre ações preservacionistas em cada esfera de influência. Fonte: BARRETO, 2008.

A Lei nº 5631/2008 estabelece a Lei de Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo do Município de Olinda e define que as Zonas Especiais de Proteção ao Patrimônio (ZEPC), definidas pelo Plano Diretor de 2004, sinalizando que elas obedecerão os parâmetros definidos na Lei Municipal nº 4.849/92, Legislação Urbanística para os sítios históricos, que institui o núcleo central do Sítio Histórico de Olinda como Zona Especial de Proteção Cultural e Paisagística 1 (ZEPC 1), visando à preservação e proteção dos bens naturais, arquitetônicos e urbanísticos. Segundo a Lei nº 4849/92, essa Zona divide-se em Conjunto Monumental e Área de Proteção ao Conjunto (o entorno da colina histórica). O conjunto Monumental é definido como “área do sítio antigo formada pelos logradouros e edificações de interesse histórico, urbanístico, arquitetônico e paisagístico, cuja unidade e integração deverão ser preservadas” (OLINDA, 1992, art. 4). Este, é dividido em oito setores: o Setor Residencial Rigoroso (SRR), Setor Residencial Ambiental (SRA), Setor Cultural do Alto da Sé (SCA), o Setor de Interesse Turístico (SIT), o Setor Comercial do Varadouro (SCV) e os Setores Verde 01, 02 e 03 (SV). Vale salientar que dos oito setores do Conjunto Monumental aos dois setores da Zona de Proteção ao Conjunto, nenhuma delas leva em consideração o aspecto imaterial do Sítio Histórico. Suas diretrizes limitam-se puramente ao controle do patrimônio construído.

Com exceção do Dossiê de candidatura de Olinda para cidade patrimônio Mundial (UNESCO), que menciona a importância da manutenção do carnaval como expressão tradicional de Olinda, todas as outras medidas de salvaguarda citadas anteriormente não associam a proteção do sítio histórico à tutela do festejo. É apenas em 2007 que o Frevo, manifestação característica do carnaval de Olinda, foi inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressão como Patrimônio Imaterial Brasileiro sob tutela do IPHAN e, em 2012, foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Além disso, o carnaval de Olinda recebe o título de Patrimônio Imaterial de Pernambuco através da Lei estadual N°13.778/2009. Pode-se perceber que todas as ações são do campo da nomeação,

sendo inexpressivas as ações de salvaguarda contidas nessa titulação, ou seja, os títulos não garantem sua manutenção.

Como aponta Vieira-de-Araújo (2021), o órgão federal de preservação patrimonial (IPHAN) possui instrumentos diversos para a salvaguarda do patrimônio cultural, como o tombamento, instituído pelo Decreto-lei 25 de 1937 e o registro do patrimônio imaterial como celebrações, expressões, saberes e lugares. Em sua estrutura administrativa, há a divisão entre o Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (DEPAM) e o Departamento Patrimônio Imaterial (DPI). Sobre isso, Vieira-de-Araújo (2021) afirma:

Se tal separação é por um lado necessária para dar conta de naturezas específicas do tipo de bem que se deseja salvar, por outro, elas estabelecem uma cisão forte e difícil de ser superada. Temos, por exemplo, entre os bens registrados como patrimônio imaterial brasileiro a manifestação do “frevo” pernambucano, que está intrinsecamente relacionada com o carnaval de Recife e Olinda e os sítios históricos onde estes acontecem, entretanto, não há uma reflexão que relacione este patrimônio imaterial com, por exemplo, o sítio histórico patrimônio da humanidade de Olinda onde a forma como vem sendo gerido o carnaval tem sido responsável por sérios danos materiais e imateriais (VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2021, p. 210).

Por outro lado, é na década de 2000 que há o reconhecimento no diz respeito ao aspecto intangível das expressões ligadas ao sítio. Através da Lei Estadual nº 12.196/02 (alterada pela Lei nº 15.944/16) que registra o Patrimônio Vivo do estado de Pernambuco. Nessa lei, a pessoa ou associações se inscrevem em um concurso que escolhe anualmente 6 patrimônios vivos, ou seja, figuras que transmitem fazeres e/ou tradições do local que vivem para os demais. A partir do resultado, os registrados passam a receber uma bolsa mensal para subsidiar a manutenção da perpetuação daquelas saberes. Além das instituições, Secretaria de Cultura do Estado e Fundarpe, se empenharem na ampliação de divulgação, apoio e inserção dessas figuras no circuito cultural do estado.⁶ Em relação as entidades relacionadas ao território de Olinda e ao carnaval, tem-se o Clube de Alegoria e Critica O Homem da Meia Noite como primeira entidade carnavalesca do Sítio Histórico de Olinda registrada como patrimônio vivo em 2006. Depois disso, foram registrados sete patrimônios vivos: Selma do Coco, Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda, Mestre Ana Lúcia Nunes, Mãe Beth de Oxum, Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos e Associação Recreativa Carnavalesca Afoxé Alafin Oyó. Na figura a seguir, é possível observar os anos de registros dos patrimônios vivos que têm relação com o carnaval de Olinda:

⁶ FUNDARPE. Patrimônios vivos. Governo do Estado de Pernambuco, 06 de novembro de 2023. Acesso em nov. 2023 <https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/patrimonio-cultural/imaterial/patrimonios-vivos/>



Figura 3: Esquema cronológico com registro de patrimônios vivos (Lei nº 12.196, de 2 de maio de 2002, alterada pela Lei nº 15.944, de 14 de dezembro de 2016) que localizam-se no Sítio Histórico de Olinda, Fundarpe. Fonte: Própria.

Em 2009, o carnaval de Olinda, por meio da Lei N° 13.778/09, tornou-se Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado.

Desse modo, o sítio histórico de Olinda, o carnaval e suas associações carnavalescas são protegidos por meio de instâncias, naturezas e níveis diferentes. Sendo que a relação entre esses dois bens não é contemplada nos instrumentos como estão dispostos hoje e nas gestões municipais, estaduais e federais. Assim, a falta dessa integração de diferentes naturezas (material e imaterial) resulta em danos que comprometem a própria continuidade do carnaval. Então, esta pesquisa parte do entendimento simbiótico entre o sítio histórico de Olinda, o carnaval e as relações que se estabelecem entre eles.

Assim, apesar da ampliação do entendimento de patrimônio contemplando aspectos materiais e imateriais de forma dissociada, não há a reflexão disso na institucionalização e gestão do patrimônio. Essa limitação causa danos na conservação do sítio histórico e na ocorrência do próprio carnaval tradicional, uma vez que o carnaval é uma expressão que se manifesta materialmente no Sítio Histórico de Olinda. Sobre essa relação, Vilarinho e Vieira-de-Araújo (2021) evidenciam que:

(...) Seja reverenciando alguma outra agremiação ao passar por sua sede, ou reverenciando alguma casa que foi importante para o bloco, ou não passando por sedes de grupos rivais, cada passo do desfile torna-se, assim, espetáculo inteiramente relacionado ao edificado por onde passa. Se existem todos esses símbolos, como desfilar em outro lugar que não carrega em sua materialidade o mesmo significado? (VILARINHO & VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2021, p. 11).

É possível perceber essa relação no caso do Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda, o qual faz questão de passar na Ladeira da Misericórdia para reverenciar a casa de dona Arailde, moradora do sítio histórico e matriarca da Troça Carnavalesca Mista Trinca de Ás, devido à sua forte relação com o elefante, sendo irmã de um dos fundadores (Auriverton).



Figura 4: Encontro de estandartes, Trote do Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda reverenciando casa de Dona Arailde, moradora e matriarca da Troça Carnavalesca Mista Trinca de Ás, Ladeira da Misericórdia, 2017. Fonte: Mariana Medeiros Souza.

Ao longo das entrevistas desta pesquisa, foi relatado por alguns moradores que a instalação de estabelecimentos *day-use* ou de casas alugadas superlotadas interferem no desfile das agremiações e na experiência do folião, pois há uma concentração de pessoas fixas em frente ao estabelecimento bloqueando as ruas, além de, muitas vezes, possuir sons altos no interior desses estabelecimentos. Assim, devido ao bloqueio da rua, as agremiações são obrigadas ou a não passar por essa rua ou passar com mobilidade muito reduzida, contribuindo para uma experiência negativa do folião que não consegue andar, nem ouvir as orquestras tocando. Isso interfere no percurso tradicional das agremiações que, na maioria das vezes, possuem um valor motivacional (afetivo, memorativo, simbólico, etc) ao passar naquele local específico, uma vez as agremiações possuem relações específicas com logradouros e casas do sítio histórico. Além disso, para o folião, devido à essas novas dinâmicas, não a facilitação do acesso a determinados lugares do sítio histórico, identificados por eles a partir de um apego emocional ou por simplesmente gostarem de passar por lá. Isso mostra como é necessário uma proteção conjunta que leve em consideração o festejo e o patrimônio material.

Configura-se como um cenário delicado visto que Pontual e Harchambois (2007), já indicavam que o turismo massivo e desordenado da festa carnavalesca poderia vir a enfraquecer o sentimento de pertencimento dos moradores em relação ao lugar e a festa. Hoje, identifica-se

não só isso, mas também, que esse cenário pode vir a impedir a realização da própria festa carregada de tradições que conferiram a ela singularidade no cenário nacional.

É válido mencionar que no decorrer das entrevistas aplicadas para esta pesquisa, muitos moradores citaram a Lei Municipal 5306/2001 conhecida como a Lei do Carnaval. Devido à explosão da propaganda do carnaval, houve um crescimento desenfreado do festejo com superlotação de pessoas, instalações desenfreadas de focos de animação particulares e de sons mecânicos no logradouro. Nesse contexto, a prefeita Luciana Santos sancionou a lei supracitada, a fim de reprimir essas condutas indesejáveis para a realização do carnaval. Graças à essa lei, começou-se a controlar a gestão da festa com diminuição expressiva do uso de som mecânico no logradouro, além de impedir a instalação de festas/palcos/eventos/shows privados ao longo do sítio histórico. Nesta lei, as ruas foram definidas como *Passarelas Naturais*:

Compreendidas no Sítio Histórico, e em outros perímetros previstos no projeto do Carnaval, devendo ser assegurado para as agremiações condições para **os desfiles nesses logradouros**, ficando proibida a instalação de qualquer tipo de **sonorização**, comércio ambulante, tabuleiros e barracas (OLINDA, 2001, art. 12).

Sobre os focos de animação, a Lei 5306/2001 passa a proibir qualquer tipo de festa que não seja promovida pela gestão municipal, configurando-se como ilegal qualquer foco de animação privativo.

Durante a primeira década de 2000, começou a ser comum a ocorrência de camarotes e megaestruturas instaladas no casario histórico. Normalmente, o primordial desses camarotes não era ter contato com o logradouro e sim ter a experiência de um show sem nenhuma aproximação com a rua, os foliões, as agremiações, os maracatus ou com as músicas tocadas no carnaval de Olinda. Desse modo, decorriam muitos problemas desse tipo de evento, como por exemplo: sonorização alta e concentração de pessoa à frente do imóvel prejudicando o desfile das agremiações e mobilidade de foliões, alta carga nos imóveis do sítio histórico na instalação de mega palcos e estruturas de apoio e aumento de trânsito nas proximidades imediatas do sítio. Devido a esses problemas, em 2014, adicionou-se uma emenda à Lei Municipal de 5306/2001 proibindo esse tipo de evento dentro da colina histórica.

Entretanto, devido às pressões de estabelecimentos privados, criou-se o Decreto N°026/2015 para flexibilizar o uso de focos de animação organizados pelos atores privados, desde que possuísse uso contínuo durante o ano, alvará de funcionamento e proposta aprovada pelo CPSHO. (VIEIRA-DE-ARAÚJO, BARRETO, & PINHEIRO, 2019)

Dessa forma, nota-se que à medida que o festejo ia tomando proporções cada vez maiores, foi necessária implementação de formas de controle para reestabelecer a

tradicionalidade da festa. O problema não seria a introdução do novo, mas sim a introdução do novo de modo desordenado ferindo e tirando pedaço do existente. Uma vez que as mudanças ocorridas, além de descaracterizar o tipo do festejo, impedem a ocorrência do carnaval de forma plena, como pode ser observado na fala de Juliana Serreti, durante a Semana de Patrimônio realizada pela Fundarpe em 2021, que alerta: “as agremiações naturais de Olinda estão sendo expulsas do Sítio Histórico de Olinda”. Assim, o capítulo seguinte tratará com maior atenção para essas mudanças que atingiram o carnaval ao longo do tempo.

1.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Os conceitos de significância cultural, autenticidade e integridade são imprescindíveis para se pensar em uma gestão do patrimônio cultural. Para além disso, é necessário tratar não só a materialidade como suportes e transmissores da significância, mas também a imaterialidade e como essas dois aspectos estão se relacionando, de que forma a imaterialidade de expressa na materialidade e vice-versa.

No que diz respeito à proteção do carnaval de Olinda, verifica-se que o sítio histórico de Olinda e o carnaval são protegidos por meio de instâncias, naturezas e níveis diferentes. Em nível federal, o conjunto monumental é tombado desde 1968 pelo Iphan e, na esfera municipal, é salvaguardado partir de 1992 com a Legislação urbanística do Sítio Histórico de Olinda, além de existir uma lei do carnaval vigente desde 2001. Já na esfera estadual, através da leis estaduais Nº 12.196/02 tem-se o reconhecimento como Patrimônio Vivo de várias figuras e associações carnavalescas presentes no festejo e do título do carnaval de Olinda como Patrimônio Cultural e Imaterial de Pernambuco por meio da Lei nº 13.778/2009. Sendo que a relação entre esses dois bens não é contemplada nos instrumentos como estão dispostos hoje e nas gestões municipais, estaduais e federais. Assim, a falta dessa integração de diferentes naturezas (material e imaterial) resulta em danos que comprometem a própria continuidade do carnaval.

Ressalta-se que o festejo tradicional de Olinda tem a particularidade de ser originado pelos moradores do sítio. Sendo assim, a inserção dos residentes não se faz somente importante, como imprescindível para pensar solução de melhor gestão dessa expressão. Uma vez que eles não só são responsáveis pela inserção do bem e seus diversos aspectos na dinâmica urbana por habitar no patrimônio, mas também são criadores do carnaval.

Diante da natureza do trabalho, os conceitos de autenticidade, integridade e significância se mostram fundamentais na investigação direcionada aos moradores para o festejo de Olinda

para, assim, verificar se as mudanças que atingiram o festejo foram suficientes para deixá-lo de transmitir seus valores.

2. SURGIMENTO DO FESTEJO: DO MELA-MELA AO CARNAVAL DE MASSA

Um patrimônio desvinculado da vida cotidiana não pode contar com o apoio popular (LOWENTHAL, 2013, p. 22).

Antes de ser exposta a consulta feita aos moradores, é necessário conhecer de que forma se deu a narrativa construída para o carnaval ao longo do tempo. Para realizar o estudo, utilizou-se como base as produções de Pontual e Hachambois (2007), Barreto (2008), Vieira-de-Araújo, Pinheiro & Barreto (2019) que identificaram o “carnaval tradicional de Olinda” até a década de 1970, a “consolidação de um carnaval de rua” da década de 1970 a 1990 e o “carnaval de massa” a partir da década de 1990 com instalação de megaestruturas na década de 2000.

A partir da identificação cronológica pontuada pelas autoras citadas anteriormente, aliada à pesquisa iconográfica em acervos, leitura de livros/artigos, consulta à jornais disponíveis na Hemeroteca Digital e o relato oral dos entrevistados para esta pesquisa, foram definidas categorizações articulando tipologia ao suporte material. É válido ressaltar que entende-se como ‘tipologia’ como a categorização “do estudo dos tipos de construção. (...) Os tipos construtivos que se concretizam nos edifícios são o que constitui fisicamente a cidade” (ROSSI, 1977 apud PEREIRA, 2012, p. 2)⁷. Desse modo, realizou-se uma associação entre o fazer carnavalesco à sua expressão material de acordo com os costumes das pessoas que se apropriam de determinado tipo. Ou seja, o tipo de expressão sempre vai se manifestar com um suporte material, seja as ruas, as casas, as sedes, os clubes, os palcos, entre outros. Assim, serão abordadas as diferentes formas de festejo que Olinda presenciou, procurando categoriza-las como tipos em escala cronológica para um melhor entendimento

Investiga-se tais tipologias e suas relações cronológicas no decorrer do tempo, entendendo qual momento de maior expressividade. Assim, a divisão temporal aqui proposta não indica a extinção de uma tipologia descrita anteriormente. E sim, indica o período na qual esse tipo de apropriação no espaço foi mais significativo de acordo com o estudo.

Por sua vez, essas relações de tipologias aqui descritas demonstram, muitas vezes, a concorrência entre elas no espaço na qual umas se sobressaem mais do que às outras. Essa relação transforma o território em um ambiente de disputa, uma vez que certas tipologias interferem na ocorrência plena de outras.

⁷ PEREIRA, Renata Baesso. Tipologia arquitetônica e morfologia urbana: Uma abordagem histórica de conceitos e métodos. *Arquitextos Online*, Vitruvius. 2012. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4421>. Acesso em: 18/06/2023.

Primeiramente, descreve-se a origem do festejo em escala brasileira. Para depois, evidenciar a investigação entre as tipologias identificadas e as relações cronológicas no espaço. Para este estudo, definiu-se como recorte temporal a década de 1940 até o ano de 2020. Embora, existem registros da presença de carnaval em Olinda anterior à essa época, optou-se pela análise somente a partir da década de 1940 devido à maior facilidade de informação dessa época. Destaca-se as fontes mais utilizadas para a construção deste capítulo: Melo (1982), Pontual e Harchambois (2007), Galhardo (2008), Barreto (2008), Franco (2017), Vieira-de-Araújo; Barreto e Pinheiro (2019).

2.1 HERANÇA

O carnaval pode estar relacionado à tradição pagã portuguesa dos famosos “entrudos” que ganham popularidade no século XVII. No dicionário *Oxford languages*, a palavra entrudo é definida por “3. O carnaval e o divertimento dos dias de carnaval” e 2. “esta popular que se realizava nesses dias, em que os brincantes lançavam uns nos outros farinha, baldes de água, limões de cheiro, luvas cheias de areia etc. [Entrou em declínio no Brasil em 1854, por repressão policial, dando lugar ao moderno carnaval”. Tem sua origem do latim *introitus,us* que significa “entrada/começo”.⁸ Assim, o entrudo simbolizada os dias antes das solenidades da Quaresma. Assim, desde sua origem à festa esteve ligada às instituições religiosas. Lopes Junior (2019) traz uma citação relevante que representa bem o modo que o entrudo se comportava no Brasil:

Era uma brincadeira de rua muitas vezes violenta, onde se cometia todo tipo de abusos e atrocidades. Era comum os escravos molharem-se uns aos outros, usando ovos, farinha de trigo, polvilho, cal, goma, laranja podre, restos de comida, enquanto as famílias brancas divertiam-se em suas casas derramando baldes de água suja em passantes desavisados, num clima de quebra consentida da extrema rigidez da família patriarcal (LAPICCIRELLA, 1996, p.07 apud LOPES JUNIOR, 2019)

É válido ressaltar que, no Brasil, esse costume ganha outras dimensões além da tradição portuguesa. Assim, além dos costumes europeus, a festa recebe influências das manifestações da população negra. Como por exemplo, o maracatu, expressão muito vista no carnaval atual, caracteriza-se por “um cortejo que simboliza a realeza africana, em que desfilam os reis, ricamente trajados, que vêm sob um pálio, acompanhados de seus vassalos e dos músicos”. (NASCIMENTO, 2009, p. 387). Devido ao teor associado à sujeira e violência, frutos da herança portuguesa e por ser realizado, principalmente, por pessoas escravizadas negras, o entrudo era continuamente reprimido pelas classes nobres e pelas autoridades. Assim, sofreu diversas medidas de restrições ao longo do tempo, tendo a primeira sido datada de 1604.

⁸ Ferramenta do *Google* de Dicionário português intitulada como “*Oxford Languages*”. Acesso em 20/07/23.

(PONTUAL & HARCHAMBOIS, As ameaças do carnaval de massa ao patrimônio de Olinda, 2007).



Figura 5: Pintura que retrata o entrudo brasileiro, século XIX. Fonte: Jean Baptiste Debret.



Figura 6: Pintura que retrata a brincadeira do entrudo para a classe mais nobre, 1822. Fonte: Augustus Earl.

Como aponta Pontual e Harchambois (2007), a partir da abolição da escravatura, há uma intensificação da brincadeira na rua e o registro dos primeiros grupos carnavalescos em Recife. Assim, no fim do século XIX, surgem os clubes terrestres que se manifestam no espaço público de forma popular. Araújo (1997) estabelece que a elite inspira-se nos salões europeus carnavalescos, incentivando no ambiente privado, a ocorrência dos bailes carnavalescos e, no espaço público, os desfiles com carros alegóricos onde há uma valorização do glamour que só cabe a elite desfilar, restringindo o povo a um mero espectador.

(...) os clubes terrestres se apresentavam em cortejos processionais, precedidos dos respectivos estandartes. Todo o trajeto era realizado a pé, acompanhado de música e de cantos. O que os distinguiu dos aristocráticos clubes de alegoria e crítica, que se exibiam em cortejos de carros. (PONTUAL & HARCHAMBOIS, As ameaças do carnaval de massa ao patrimônio de Olinda, 2007, p. 4)

Em Olinda, as primeiras brincadeiras no período que antecede a quaresma são oficializadas como organizações carnavalescas apenas no começo do século XX utilizando denominações já existentes em Recife como “Lenhadores” de 1907 e “Vassourinhas” de 1912 (MELO, 1982). Embora a agremiação mais antiga registrada foi fundada em 1907, evidencia-se que os folguedos carnavalescos eram realizados na rua ainda no século XVIII. Como mostra a matéria de jornal datada de 1890 a seguir, nota-se o registro de “folguedos de mouros e cristões” nas ladeiras de Olinda, além de outra matéria na mesma edição que reforça o caráter restritivo às brincadeiras de “mela-mela” com água e pó de farinha herdadas do entrudo português. Os trechos restritivos apontam tais restrições “sendo banido de suas foliadas varias e desleal entretenimento popular esse péssimo costume de água e dos pós”, inclusive indicando

repressões para quem não cumprisse ao afirmar que “a autoridade, no cumprimento do dever que lhe incumbe, não deixará de tornar efetivas as disposições proibitivas”.

Carnaval em Olinda – Segundo nos informam pessoas dessa cidade, está muito animado, pois anuncia-se para hoje ao meio dia que dançará no Largo do Carmo o Club dos Caetés em frente à estátua da Liberdade, e à tarde haverá brinquedo de mouros e cristãos em São José e Amparo saindo a percorrer as ruas entre outras sociedades particulares, o Club da Fragata 15 de Novembro. Na segunda feira, continuarão os folguedos dos mouros e cristãos, bem como na terça-feira. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, edição 39, 1890)

Carnaval – Hoje começa o pleno reinado do carnaval. Deverá ocorrer como festa de um povo civilizado, sendo banido das suas folias variadas e desleal entretenimento popular esse péssimo costume de água e dos pós, que por último lhe tem associado. Que o faça a nossa população não pelo temo, mas pela consciência de que era essa uma pratica brutal, convencendo se no entretanto a parte menos criteriosa de que a autoridade, no cumprimento do dever que lhe incumbe, não deixará de tornar efetivas as disposições proibitivas. Fomos, pois que a capital oferecerá hoje um espetáculo digno de si, não maculando os seus folgares com aquelas nodoas condenadas entre os povos civilizados; e dando assim lugar para que o carnaval se ostente com todo o fulgor das máscaras e caracterização (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, edição 39, 1890)

2.2 AS RELAÇÕES CRONOLÓGICAS E SUAS TIPOLOGIAS CARNAVALESCAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

O carnaval, como afirma o dicionário *Oxford Languages*, remete ao “período anual de festas profanas, originadas na Antiguidade e recuperadas pelo cristianismo”.⁹ Na tentativa de repaginação do passado mal visto pelo entrudo, o cristianismo recupera o festejo com uma nova denominação “o carnaval”, que, assim como o entrudo, “começava no dia de Reis (Epifania) e acabava na Quarta-Feira de Cinzas, às vésperas da Quaresma [Festejos populares provenientes de ritos e costumes pagãos, caracterizavam-se pela liberdade de expressão e movimento”. Assim, em sua origem, possuía a temporalidade de três dias anteriores à Quarta-feira de Cinzas, começando no domingo de carnaval até a terça de carnaval. Por estar ligado à religião, a palavra deriva do latim *carnis levale* que significa “retirar a carne” aludindo ao período de jejum praticado na quaresma.

Em 1901, é criada a primeira entidade carnavalesca de Olinda, o Clube Carnavalesco Misto Pás, por moradores de Olinda. Dentre os participantes, destaca-se Zé das tranças (José Jeronimo do Nascimento alfaiate e ator de Olinda), Agostinho da Rua do Amparo e Djalma Dias do Nascimento. (MELO, 1982) Após o Pás, vieram outros que abrilhantaram as ladeiras de Olinda, como: “As cigareiras” em 1906, “Lenhadores” em 1907, “Papudinhos” em 1910, “Bengalinha” em 1911, “Maracatu Leão Coroado” em 1911, “Vassourinhas” em 1912, entre outros.

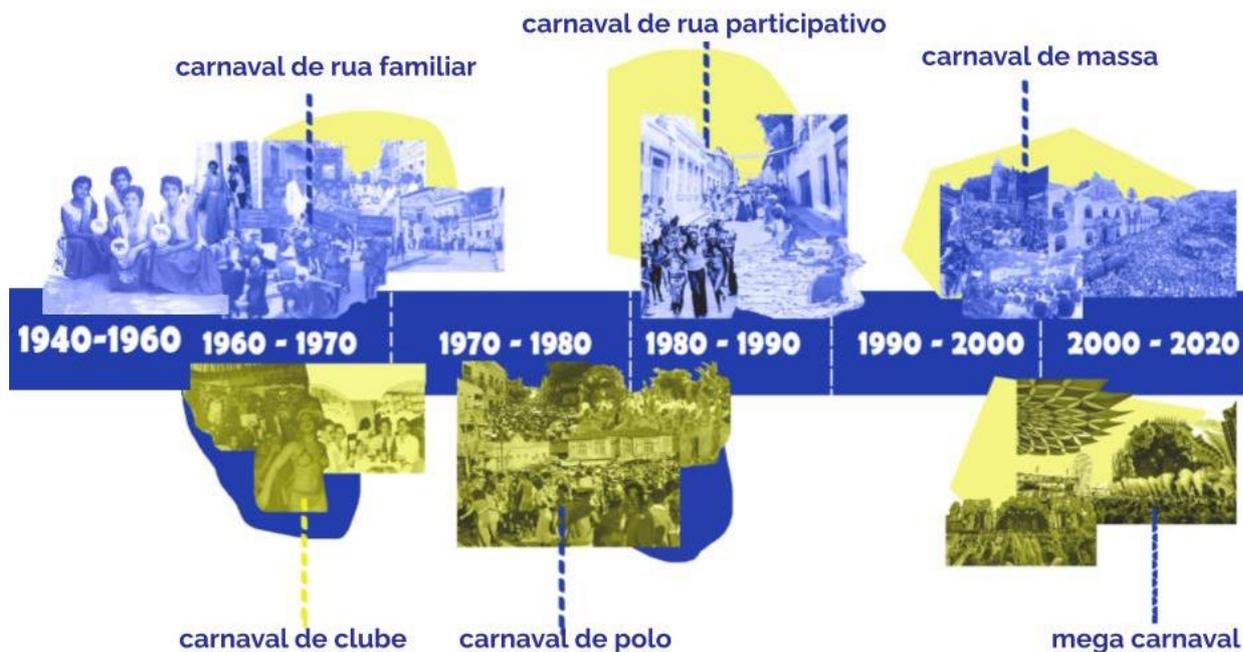
⁹ Ferramenta do *Google* de Dicionário português intitulada como “*Oxford Languages*”. Acesso em 21/07/23.

(GALHARDO, 2008) Assim, começa-se o festejo organizado pelos moradores na cidade alta de Olinda. Dos grupos carnavalescos que surgiram até a terceira década de carnaval oficializado, evidencia-se a permanência até os dias atuais do Lenhadores (fundado por moradores da Rua São Miguel e Rua do Farol), Clube Vassourinhas, Cariri (de 1921) e Homem da Meia Noite (de 1932).

Chegando-se ao período proposto, de 1940 a 2020, nota-se que há uma diversidade de formas carnavalescas de ocupar o espaço, muitas vezes sem início e término definido e com sobreposição de umas às outras. Entretanto, é possível averiguar que as formas encontradas possuem momentos de maior expressividade, sendo possível situar o tipo em sua época mais significativa. Assim, é válido ressaltar que a ausência de um tipo em um período na linha do tempo, não significa sua inexistência nesse momento, apenas que, comparando às outras formas de brincar, ele não é expressivo.

É válido ressaltar que tanto em Olinda, como em outras partes do Brasil, o carnaval das pessoas surge da espontaneidade de associações voluntárias em torno da comunhão e da inversão de papéis sociais. (DAMATTA, 1997) Apesar de sua origem ser marcada pelo protagonismo do povo, essa pesquisa evidencia os efeitos que as instituições podem causar à ocorrência natural do festejo. Assim, objetivos de lucrar ou de controlar a festa, desvinculados da preocupação em manter os atributos tradicionais do festejo, são capazes de criar novas tipologias institucionalizadas pela própria gestão incompatíveis com as tipologias originárias.

No período de 1940 a 2020, identificou-se seis tipologias de carnaval, sendo três tipologias de carnaval de rua (familiar, participativo e de massa) e três divergentes entre si (o carnaval de clube, o carnaval de polos e o mega carnaval. Ressalta-se que, durante a década de 1970, verificou-se a presença do carnaval de rua, entretanto, ele estava sofrendo constantemente mutações devido às várias interferências, não sendo possível identificar um comportamento comum para definir uma tipologia.



Figuras 7: Linha do tempo com tipologias carnavalescas de apropriação de espaço, 2023. Fonte: Própria.

A seguir serão descritas as conformações encontradas a partir de uma lógica cronológica: carnaval de rua familiar, carnaval de clube, carnaval de polos, carnaval de rua participativo, carnaval de massa e o mega carnaval.

Em resumo:

- **Carnaval de rua familiar: Os Moradores** - Carnaval praticado das décadas de **1940 a 1970**, onde os moradores protagonizavam e organizavam o festejo e tinha escala local, ou seja, os foliões eram os moradores, familiares e amigos.
- **Carnaval de Clube: A Iniciativa Privada** - Em Olinda, começa a aparecer na década de 1940, tendo como auge a década de **1960 e 1970**. Assim, a tipologia de clube aqui conceitua-se como bailes carnavalescos organizados por agentes privados que, para entrar, precisava-se obter um ingresso para a festa, na qual o grande atrativo era sua programação.
- **Carnaval de Polo: A Gestão** - Caracteriza-se pela inserção de palanques carnavalescos que se transformam em polos, ou seja, focos de animação realizados pela gestão Municipal. Essa medida vai ser expressiva nas décadas de 1970 e de 1980. No entanto, é possível ver de forma discreta essa adoção nos dias atuais com pequenos focos de animação.
- **Carnaval de rua participativo: A gestão e os Moradores** - Prefeitura entra como incentivos ao carnaval, enquanto destina papéis para os moradores de Olinda que decoram e preparam a cidade para o festejo. Esse tipo vai ocorrer durante o **fim da década de 1970 e toda a década de 1980**.
- **Carnaval de Massa: A Gestão e A Iniciativa Privada** - Caracteriza-se pelo carnaval de rua com a quantidade enorme de pessoas, na qual a escala torna-se mundial, onde se privilegiam-se aspectos econômicos em detrimento de aspectos identitários tanto pela

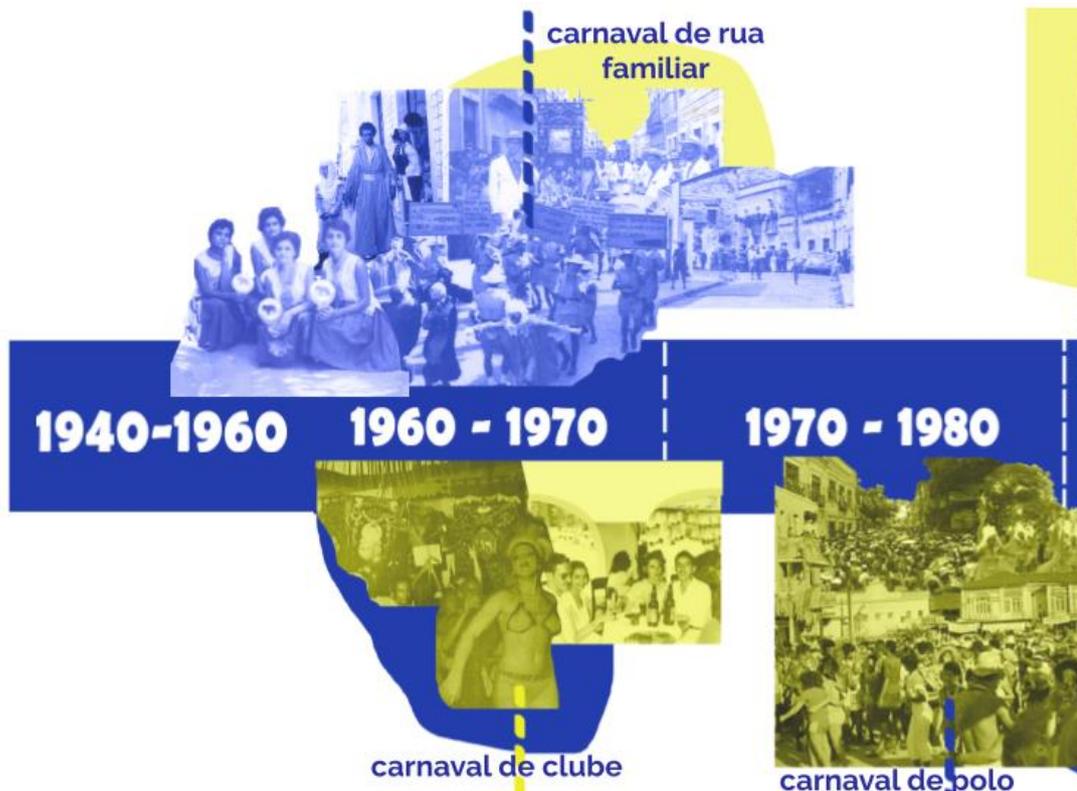
iniciativa privada, como pela gestão municipal. Essa tipologia começa na década de 1990 e, diante da grande massa de pessoas, continua até os dias atuais.

- **Mega-carnaval: A Gestão e a Iniciativa Privada** - Na década de 2000, essa tipologia é marcada pela instalação de mega-estruturas de palco no sítio histórico de Olinda destinadas ao público privado de festas e camarotes. Posteriormente, os camarotes são proibidos nas colinas históricas, transferindo-se para a entrada de Olinda. Além disso, a gestão começa a instalar mega-palco no polo de shows do Carmo. Porém, essa tipologia vai ser mais expressiva pelo agente privado.



Figura 8: Diagrama com relações cronológicas e tipológicas do carnaval. Fonte: Própria

2.2.1 CARNAVAL DE RUA FAMILIAR: OS MORADORES (1940 – 1970)



Figuras 9: Linha do tempo com tipologias carnavalescas de apropriação de espaço, 2023. Fonte: Figuras do Acervo Thales Galhardo/ Eu Acho É Pouco/ Elefante de Olinda/ José Ataíde/ Produção própria.

Durante a década de 1940 a 1960, ainda são vistos sinais do antigo entrudo nas ladeiras de Olinda com a prática do “mela-mela” que se traduzia no carnaval de rua em passeatas em grupos que usavam água, lama ou farinha para se melar e melar os outros foliões. Tal prática afastava os possíveis novos foliões de acompanhar a festa e, por isso, por muito tempo, restringiu-se a festa aos moradores da cidade alta que, aos poucos, iam ressignificando o festejo e cada dia ficando mais atuantes. Assim, era muito comum ver grupos carnavalescos que utilizavam bomba de água ou farinha para se molhar. A seguir, é possível verificar uma agremiação chamada “Bloco da Sujeira” fazendo alusão ao costume tradicional do mela-mela no carnaval.



Figura 10: Desfile do “Bloco da Sujeira” no bairro do Carmo nas imediações do Cine Olinda e Clube Atlântico de Olinda, 1940. Fonte: Olinda de Antigamente.



Figura 11: Desfile do “Bloco da Sujeira” no bairro do Carmo nas imediações do Cine Olinda e Clube Atlântico de Olinda, 1940. Fonte: Olinda de Antigamente.

Nessa época, o carnaval era praticado e protagonizado pelos próprios moradores que criavam e recriavam agremiações, confeccionavam as fantasias e estandartes, aprendiam e criavam orquestras. Ao longo do tempo, a rivalidade entre agremiações aquecia a festa, que segundo Melo (1982), nascia a partir de brincadeiras direcionadas um as às outras e, quase sempre, formada por dissidentes, como é o caso do Cariri e Homem da Meia Noite. Outras rivalidades marcantes foram os “Lenhadores” x “Vassourinhas”, “Prato Misterioso” x “Pão da Tarde”, “Guaiamum na Vara” x “Batutas”. (GALHARDO, 2008)

Desse modo, o período de 1940 até o fim da década de 1960 é marcado pelo festejo de rua acompanhando orquestras pelas ladeiras de Olinda marcado pelo protagonismo dos moradores na organização e vivência, do carnaval inclusive à frente de grupos carnavalescos. À exemplo disso, pode ser observado no trecho do jornal ao descrever que os moradores da Rua

da Boa Hora colocam um incentivo em prêmio para as agremiações passarem lá. Logo, é possível perceber o empenho dos residentes em animar a rua com a seguinte passagem “Continuam os moradores da Boa Hora empenhados em preparativos para que o tríduo de Momo, ali, seja o mais animado possível”. Trecho completo a seguir:

Carnaval na Boa Hora – Continuam os moradores da Boa Hora empenhados em preparativos para que o tríduo de Momo, ali, seja o mais animado possível. Prêmios de 500 e 200 cruzeiros serão oferecidos aos clubes, blocos, troças e escolas de samba que maior número de vezes passarem naquela via pública. Com o programa carnavalesco, os foliões da Boa Hora, ao mesmo tempo que se divertem, prestam uma homenagem ao prefeito Alfredo Lopes. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1955, ed. 38)

Ao longo das entrevistas, essa característica originária do carnaval de Olinda relacionada ao território e as pessoas que moravam nele também foi destacada:

A gente sempre teve relação com o carnaval, porque na verdade o carnaval era uma coisa muito **da cidade, da gente, dos moradores**. Quem participava eram os moradores daqui e as famílias, das famílias que vinham e ficam nas casas de parentes. (...) A gente criança foi criado solto dentro de Olinda. Olinda tinha essa proteção de ser um sítio e todas as famílias se conhecerem. No sábado, era dia de sair de alma, aquela original alma de castanhola, ficava andando e passando nas casas, pedindo comida e lanche, porque alma conhece todo mundo né, aí mamãe costumava um monte de alma, O sábado era um dia que não tinha nada, só o homem da meia noite que era de meia noite né, ele descia a ladeira. A gente acordava escutando os clarins e ia ver ele passar. (LIMA, Márcia, 2023. Moradora do núcleo Prudente)

Ah, o carnaval era muito bom, a gente dançava frevo, via todo mundo que a gente conhecia na rua, todos os amigos e vizinhos estavam lá com você, era especial, não tinha essa quantidade de gente que tem hoje em dia, era um **ambiente familiar**. É como se aqui você tivesse um local de acolhimento. A cidade abraça você. Tudo é mediado pelas relações afetivas. Quando a gente perde esse lugar onde os afetos estão presentes, porque estão presentes, mas não estão na rua mais acolhendo a gente. Acaba que eu perco o interesse. Por isso, não brinco mais. (...) Lembro muito do ano que Germano Coelho foi eleito, foi o carnaval da vitória, estávamos muito animados, preparamos a cidade para receber o carnaval, nós moradores, cortamos as fitinhas tradicionais, penduramos nas casas, lavamos as ladeiras e pintamos. (MILLET, Vera, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Durante a década de 1960, ainda são vistas medidas para eliminar de vez os sinais da festa do entrudo. Durante essa época, a gestão municipal começa a se envolver no festejo popular de forma discreta. No trecho a seguir de duas edições diferentes do Jornal do Diário de Pernambuco, notam-se trechos de repressão como: “acordaram em que seriam adotadas severas punições para os contraventores da ordem pública”, além de fazer referência à brincadeira do “mela-mela” ao afirmar que as ações envolvendo tinta, água e similares no carnaval serão vetados, no trecho “Não será permitido o emprego de tinta, água e outros processos até então utilizados, e que têm, por muitas vezes, provocado atritos e barulho entre os populares”. A seguir, pode-se acessar o parágrafo completo das duas edições:

Acertou com o comissário Amaro Mota as necessárias providências a fim de que os folguedos carnavalescos nesta cidade, durante os três dias consagrados a Momo, possam transcorrer num ambiente de completa normalidade. O tenente Álvaro Costa e o comissário Amaro Mota, acordaram em que seriam adotadas severas punições para os contraventores da ordem pública, de acordo, aliás com as instruções recebidas do Cel. Costa Cavalcanti. Não será permitido, nos clubes, aspirar lança-perfume, assim como a polícia exercerá repressão enérgica aos excessos de bebidas alcoólicas, por parte dos foliões, a fim de evitar desordens. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1961, ed. 22)

Patrulhas, com a colaboração dos investigadores de Menores, auxiliarão o trabalho de policiamento, durante os folguedos carnavalesco nesta cidade. Não será permitido aspirar lança-perfume nos clubes e associações carnavalescas da cidade e subúrbios, assim como o emprego de tinta, água e outros processos até então utilizados, e que têm, por muitas vezes, provocado atritos e barulho entre os populares. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1961, ed. 35)

Um dos exemplos de envolvimento dos moradores e seus familiares com agremiações é a Troça Carnavalesca Mista Cariri Olinda na qual, desde sua origem, foi fundada pelos residentes do bairro do Guadalupe: Augusto Canuto de Santana, Cosmo Botão, Jacinto Martinho, Isnar Colombo e Eugênio Cravina. Hilton Santana, atual diretor de comunicação do Cariri, em conversa com a autora, relata que o início da troça se deu quando, o grupo de amigos estavam nas proximidades do Mercado São José em Recife e avistaram um velho com uma áurea misteriosa. Nessa época, era comum pessoas mais velhas da região do Cariri irem para o centro do Recife vender suas especiarias. Depois de uns dias, ao lembrar dessa figura particular, decidiram fazer brincadeira disso, fantasiaram uma pessoa como o velho do cariri e saíram às ruas fazendo sons com latas durante a madrugada do carnaval. Depois de um tempo, decidiram oficializar como uma entidade carnavalesca e, assim, em 1921, surge a TCM Cariri Olindense. Nessa época, o carnaval oficial começava no domingo e ia até terça-feira. Assim, o Cariri saía às 4h da manhã do domingo, sendo a primeira agremiação a desfilar pelas ruas e abrir o carnaval. Além da figura do velho cariri, a chave em ferro, a original fabricada pelo tio de Hilton no primeiro ano da agremiação, é um elemento imprescindível para o desfile. Hilton afirma não saber ao certo quando o burro foi adicionado ao desfile, mas hoje é uma parte integrante da tradição do Cariri.



Figura 12: Sede/casa da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, Largo do Guadalupe, 1969. Fonte: Acervo TCM Cariri Olindense.

Figura 13: “Bila”, neta de um dos fundadores do Cariri, em sua casa, antiga sede da TCM Cariri Olindense, Largo do Guadalupe, 2022. Fonte: Própria.

Por muito tempo, a sede do cariri funcionou na casa da família Canuto localizada no Largo do Guadalupe. Desse modo, a vida familiar sempre misturou-se com a história do Cariri. Entre louças e estandartes, a relação se tornou tão forte que, até os dias atuais, a família Canuto de Santana continua vinculada à organização do Cariri Olindense. O cariri só vai ter sede própria na década de 1990, quando recebe uma doação de um terreno pela municipalidade, e não poderia ser em outro lugar: Largo do Guadalupe que viu o cariri nascer e continuar saindo de lá durante todos os 70 anos anteriores. Depois da sede pronta, a antiga sede volta a ser apenas casa e continua na posse da família Santana de Canuto, como pode ser observado nas fotos a seguir:



Figura 14: Autêntica figura do “Cariri” vendedor ambulante pelas ruas de Santo Antônio, próximo ao Mercado São José, década de 1940. Fonte: Acervo Thales Galhardo.



Figura 15: Calunga e Benedito Bernardino da Silva, Cosmo José dos Santos, Sebastião Bernardino da Silva, Luciano Anacleto de Queiroz, Eliodora Pereira de Lira, Manoel dos Santos e Benedito Barbaça, sem data. Fonte: Acervo Homem da Meia Noite.

Por uma discordância de votação para a diretoria da TCM Cariri Olindense, alguns membros brigam e deixam o Cariri para, então, formar o Clube de Alegoria Misto Homem da Meia Noite. Assim, Benedito Bernardino da Silva, Cosmo José dos Santos, Sebastião Bernardino da Silva, Luciano Anacleto de Queiroz, Eliodora Pereira de Lira e Manoel dos Santos em 1932 criam a troça que em 1934 vira clube de alegoria. Luciano e Benedito Barbaça, marceneiro, ficam responsáveis para dar vida para o boneco gigante que, todo em madeira, toma as ruas de Olinda. (MELO, 1982; GALHARDO, 2008) Segundo relatos, surgiram atritos entre o Homem e o Cariri nos primeiros anos, mas, hoje, eles vivem harmonia.

Inclusive, com o tradicional desfile do Calunga à meia noite para, depois, encontrar o Cariri em sua sede no Guadalupe e abrir oficialmente o carnaval de Olinda.

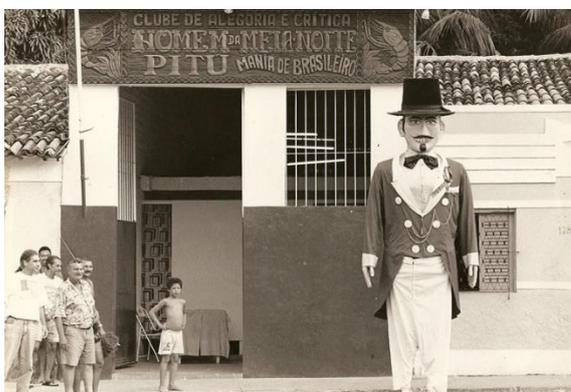


Figura 16: Calunga em sua sede, Estrada do Bonsucesso, década de 1990. Fonte: (OLIVEIRA, 2015).



Figura 17: Elcio Siqueira, um dos fundadores da Troça Carnavalesca Mista Elefante de Olinda, como porta-estandarte, Rua do Bonfim, 1955. Fonte: Acervo Elefante de Olinda.

Segundo Melo (1982), um grupo de rapazes que moravam no Sítio Histórico de Olinda, dentre eles José Juarez Lopes de Barros, Roberto de Albuquerque Moreira, Hamilton Matos de Oliveira, Polynice Xavier e Foneca do Violão, decidem sair pelas ladeiras com galhos de pitomba e cantando em 1947. Essa decisão é tomada no Bar do Oswaldo, localizado no Quatro Cantos de Olinda (atual Grêmio Henrique Dias), que também será local de reunião e encontros da turma. Em 1948, o grupo ganha outros adeptos e a cada ano vai aumentando. A organização da pitombeira, continuamente, foi sendo passada de geração em geração dentro do vínculo familiar.



Figura 18: Diretoria da Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos, entre eles Jubas Caldas, Rua Bernardo Vieira de Melo, década de 1960. Fonte: Acervo Thales Galhardo.

Figura 19: Desfile da Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos, tema os palhaços, primeiro desfile à fantasia da pitombeira, década de 1950, Fonte: Acervo Thales Galhardo.

Nesse período, surge o Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda, a partir de uma brincadeira na Rua do Bonfim entre amigos moradores de Olinda. Devido à um ornato em formato de elefante em um dos casarões do Bonfim, começa a brincadeira trazendo o símbolo do animal com cantorias improvisadas. No carnaval seguinte, o grupo sai vestindo as camisas vermelhas e brancas do Clube de Futebol do Bonfim. Cada ano que passa, o grupo vai aprimorando o desfile com padrão de fantasias, orquestras e mais seguidores. Tanto o Elefante, como as outras agremiações citadas, demonstram a forte relação que os grupos carnavalescos e, conseqüentemente, os residentes têm com o sítio histórico de Olinda em sua completude, seja com uma rua, ou o vínculo de um grupo de amigos, relação entre famílias diferentes, as casas ou até mesmo um ornato de uma casa localizada em uma rua específica, como é o caso do Elefante.

No carnaval de 1950, vínhamos subindo o Bonfim, eu, Expedito (meu irmão), Jojoca, Élcio Siqueira, Chuquinha Nigro, Auriverton, Walter "melô", Lilo "banana", Nino e Junanci tomando "umas e outras" nas casas daquela rua. Paramos lá na casa do seu Alfredo para tomar mais "outra" e provar dos deliciosos filhós de dona Linda, e alguém do grupo teve a brilhante ideia de pegar o biscuit que decorava a geladeira sendo o objeto a figura de um elefante. Então saímos com o elefante de louça brincando atrás das agremiações inclusive encontramos com a Turma da Pitombeira logo depois. Tudo obra do acaso! (FILIZOLA, Carmelo em depoimento para GALHARDO, 2007)



Figura 20: Troça Carnavalesca Mista Elefante de Olinda em seus primeiros anos, 1953. Fonte: Acervo Bruno Nigro.



Figura 21: Mulheres do elefante, Lindalva Marcondes (Balba), Fátima, Nina e Luca Marcondes, moradoras do sítio histórico de Olinda, década de 1960. Fonte: Acervo Elefante.

Existia uma rixa forte entre a Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos e o Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda que movimentava as ladeiras. Não foi possível descobrir qual a origem para tamanha disputa, mas a história das duas foram permeadas pela zombaria de uma com a outra. Na figura acima, percebe-se em um dos cartazes o escrito “A pitombeira não morreu, está doente” como provação para a rival. Nesta figura, ainda é possível observar um outro cartaz escrito “Para sair sujo, é melhor ficar em casa” evidenciando a campanha de eliminar o aspecto do “mela-mela” do carnaval também realizada pelos moradores, além da municipalidade. Sobre a disputa, Cláudia, moradora do núcleo Amparo, afirma:

Era como se fosse um time de futebol, tinha que torcer só para um, conhecidos paravam de se falar quando chegava perto, as famílias responsáveis pela diretoria de cada agremiação não falavam entre si. Era babado. E se elas se encontrassem? Era briga! Parecia briga entre torcidas organizadas. Rolava o tradicional encontro no Quatro Cantos de Olinda às vezes, era uma briga! (VIEIRA, Cláudia, 2023. Moradora do núcleo Amparo)

Entretanto, evidencia-se que a rivalidade entre a Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos e o Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda, foi responsável pelo engrandecer o carnaval de Olinda. Pois, para superar à outra, essas agremiações não mediram esforços para trazer cada vez um desfile mais bonito e exuberante. Inclusive, alguns moradores afirmaram que sentem saudades desse tempo de disputas entre pitombeira e elefante, pois ficavam ansiosos para ver a fantasia, qual ficou mais bonito do que outro, as brincadeiras entre os familiares e amigos sobre isso, à exemplo do relato de Ana Edite que relembra as brincadeiras:

Lembro da briguinha de pitombeira e elefante, eu criancinha com minhas amigas pequena com P na frente, com fantasia toda amarela e preta e as outras pirraia ficava brincando de quem era quem, era muito divertido e bonito. (RAMOS, Ana Edite, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Assim, além de engrandecer o festejo com fantasias e desfiles cada vez mais elaborados, colaborava para a áurea identitária dos moradores e foliões pelo carnaval, trazendo ainda, no imaginário popular, a associação ao valor estético. Esse reconhecimento foi ressaltado nos veículos de imprensa, como “a verdade é que, se não existissem Elefante e Pitombeira, não haveria carnaval” (1966, ed. 37, DIARIO DE PERNAMBUCO) ou “a disputa entre Elefante e Pitombeira tem contribuído para abrilhantar o carnaval de Olinda” (1966, ed. 43, DIARIO DE PERNAMBUCO) que podem ser conferidos a seguir:

Carnaval – Pitombeira dos Quatro Cantos e Elefante acabam de confeccionar suas fantasias para o Carnaval que se avizinha. O tema do Vestuário continua uma espécie de segredo de Estado e somente é revelado a pessoas de estrita confiança dos diretores dos clubes, assim mesmo no sábado gordo. O público, este só vem a

saber quando as agremiações já estão nas ruas da cidade. Elefante, segundo informou o vereador Élcio Siqueira, despendeu cerca de 15 milhões de cruzeiros na confecção das fantasias. Pitombeira Também gastou uma fortuna. O esforço dos dois clubes é qualquer coisa de extraordinário. A presença de ambos, no tríduo momesco, vale pelo sucesso do Carnaval olindense. Diz a marcha da Pitombeira que “Se a turma não saísse, não havia carnaval...” Já o elefante, no seu fabuloso hino de Clídio Nigro, exalta a beleza, a história e o carnaval da antiga capital de Pernambuco. Verdade é que, não fossem Elefante e Pitombeira, não exclusivamente Pitombeira, não haveria Carnaval m Olinda. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1966, ed. 37)

O ponto alto do carnaval de Olinda será apresentado pelas troças Pitombeira dos Quatro Cantos e Elefante, cujas exibições constituem atrações para toda a população da vizinha cidade. A rivalidade existente entre as duas agremiações, cada uma desejando sobrepujar a outra, através de ricas fantasias, orquestras afinadas e bonitas figuras, tornou-se motivo de disputa que somente tem contribuído para abrilhantar o carnaval de Olinda. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1966, ed. 43)

A transição do fim da década de 1940 à década inteira de 1950 foi um momento no qual os primeiros carnavalescos foram falecendo, desaparecendo muitas das agremiações primárias, algumas outras tiveram seus familiares recebendo o bastão para continuar colocando os grupos carnavalescos na rua e o surgimento de outros grupos carnavalescos. Além disso, como aponta Barreto (2008), durante a década de 1960, há um grande número de novos habitantes se instilando no Sítio Histórico de Olinda atraídos pelo valor artístico e cultural das colinas históricas que remetem à um reduto intelectual e artístico. Assim, Galhardo (2008) afirma que nos anos sessenta e setenta, começou uma nova vertente de gerações carnavalescas com muitas delas com teor mais anárquico e político, como os “Os Decentes”, “Grêmio Lítero Cultural Recreativo Misto Carnavalesco Eu Acho É Pouco” e os “Casquinhos do Amparo”. Porém, esses novos grupos não deixaram de se expressar como carnaval de rua entre moradores.

A maior divulgação do carnaval de Olinda, a diminuição do mela-mela e o surgimento de várias agremiações, foram fazendo com que o festejo ganhasse maior gosto popular gradativamente e, aos poucos, juntos das famílias iam se agregando amigos recifenses, olindenses de outros bairros, entre outros. Isso se reflete na pesquisa direcionada ao jornal, optou-se pela procura de frase específica “carnaval de Olinda” na ferramenta disponível para consulta na Hemeroteca Digital. No âmbito de Pernambuco, decidiu-se focar nas publicações do Diário de Pernambuco, por possuir um acervo maior. O resultado apontou que, no intervalo de 1940-49, houve ocorrência de “carnaval de Olinda” apenas três vezes nesse jornal, dando o mesmo resultado que o intervalo de 1950 a 59, apenas três ocorrências. Já no intervalo de 1960-69, encontrou-se 69 ocorrências e para o intervalo de 1970-79 encontrou-se 277 ocorrências evidenciando a maior circulação de matérias em veículos de comunicação sobre o festejo olindense.



Figura 22: Saída de carnaval na Rua de São Bento, casa dos fundadores do Eu Acho É Pouco, 1976. Fonte: Acervo Eu Acho É pouco.



Figura 23: Jovens moradores de Olinda confeccionando “a cobra” do Eu Acho É Pouco, 1976. Fonte: Acervo Eu Acho É Pouco.

2.2.2 CARNAVAL DE CLUBE: A INICIATIVA PRIVADA

A elite sempre procurou se diferenciar pela classe, isso aliado à noção de carnaval relacionado com a rua, a elite recifense e olindense voltava-se aos clubes e bailes carnavalescos para brincar nos 3 dias de carnaval. Sobre isso, Dona Dá, moradora do núcleo Boa Hora desde a década de 1970 e Silvio Botelho, morador e artesão do núcleo Amparo relatam:

O carnaval de época de tempos atrás, eram nos clubes para os ricos. E o pessoal pobre era a rua. brincar nas ruas. O mela-mela. Aí foi se modificando. Hoje, acabou essa burguesia de clube. Todo mundo botou o pé no chão, todo mundo fica junto e misturado na rua. (BOTELHO, Silvio, 2023. Morador do núcleo Amparo)

Antes de me mudar para Olinda, brincava na cidade que antigamente tinha clube, eu nem gostava muito. Mas ia porque as meninas eram mocinhas e, se não brincasse carnaval em clube naquela época, não era chique. Se brincasse na rua era mal vista. Então, minha mãe tinha que me levar para os clubes. (DONA DÁ, 2023. Moradora do núcleo Boa Hora)

Como oposição ao carnaval popular e mela-mela da rua, os bailes carnavalescos foram se popularizando entre a elite recifense, e, mais tarde, a classe média, como a opção elegante e ordenada para o carnaval. Na pesquisa aos jornais, começam a aparecer mais as propagandas dos clubes na década de 1940. Entretanto, a maior quantidade de propagandas e, segundo Teles (TELES, 2008), a tendência vinha se conformando durante a década de 1960 no Recife, mas é na década de 1970, que os clubes se tornaram grande auge dos clubes carnavalescos. Na edição 307 do Diário da Manhã(PE), há uma matéria que aponta: “o carnaval se transferiu completamente para os clubes” que indica o crescimento da preferência das população aos carnavais privados em comparação ao carnaval de rua, inclusive nomeando este como “caso perdido”. (DIÁRIO DA MANHÃ, 1971, ed. 307)

Nos clubes – O carnaval se transferiu completamente para os clubes, onde os foliões se julgam à vontade; Nas Ruas – Este destaque ajuda sua agremiação a salvar o carnaval de rua. Mas é caso perdido. (DIÁRIO DA MANHÃ, 1973, ed. 307)



Figura 24: Trecho retirado do Jornal, 1973. Fonte: Diário da Manhã/PE, edição 307.

Inicialmente, foram vistas poucas propagandas de clubes olindenses, indicando que, possivelmente, os olindenses iam para o Recife em famosos clubes como: Clube Internacional, Clube Português (onde acontecia o famoso *Bal Masqué*). A partir da década de 1940/1950 começam a aparecer mais propagandas dos bailes olindenses.

Em Olinda, achou-se registros dos seguintes clubes: Clube Náutico Olindense (com sede localizada na Praça do Jacaré), Clube Atlântico de Olinda (existente até os dias atuais localizado na Av. Sigismundo Gonçalves, N° 1002, Carmo) e Olinda Praia Clube (Av. José Augusto Moreira, Casa Caiada). Como pode ser observado no trecho a seguir, encontrou-se registro do Clube Vassourinhas, entretanto, ele não entrou nesse tipo de tipologia, pois apesar de ser categorizado agremiação com clube, caracterizava-se, principalmente, por sair às ruas em desfiles e cortejos. Assim, a tipologia de clube aqui conceitua-se como bailes carnavalescos fechados no qual, para entrar, precisava-se obter um ingresso para a festa, na qual o grande atrativo era sua programação. Como na edição 29 de 1940 que se refere ao Clube Vassourinhas por seu desfile na rua ao mencionar a “com orquestra magnífica, o velho e querido clube, arrastou uma multidão que caiu no frevo, com alma e tudo”.

A nota do carnaval de Olinda foi a exibição do Vassourinhas. Com uma orquestra magnífica, o velho e querido clube, arrastou uma multidão que caiu no frevo, com alma e tudo. (JORNAL PEQUENO, 1940, ed. 29)

Segundo as pesquisas em jornais, o clube Atlântico de Olinda, localizado no Carmo, possuía em geral o primeiro baile, chamado “Grito de Carnaval” na qual marcava-se o início das festas. Ocorriam as “Manhãs de Sol” no sábado e na terça a “despedida de momo”. Na segunda, o atlântico promovia bailes voltados ao público infantil, chamando de “matinês infantil”. Melo (1982) afirma que para além dos dias de momo, no período pré-carnavalesco, eram realizadas festas com as agremiações que iriam desfilar no carnaval atraindo bastante público. Nas primeiras matérias de jornais, eram destacados as bandas e cantoras de jazz para agitar o baile, após uns anos, eram evidenciados na programação, além do jazz, as orquestras de frevo. Nos trechos transcritos a seguir, notam-se passagens que evidenciam um maior interesse nas orquestras de jazz, como em “As danças serão abrilhantadas pela Acadêmicos Jazz” (JORNAL PEQUENO, 1943) e “será o acontecimento mais ruidoso do carnaval olindense nos últimos anos. Para as danças, tocará a Jazz Pádua Valfrido, um dos melhores conjuntos do norte da cidade” (JORNAL PEQUENO, 1946). Enquanto, vê-se orquestras de frevo tocando nesses clubes na década de 1960, por exemplo: “Hoje – Manhã de Sol, com uma grande orquestra de frevos”. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1962)

O grito de carnaval em Olinda – Ao Clube Náutico Olindense, agremiação social-desportiva da vizinha cidade, caberá a iniciativa de despertar os foliões olindenses dando o grito do carnaval de 1943, na velha Marim. Assim, amanhã, o Náutico Olindense dará um grande baile, em sua sede social, na Praça do Jacaré, nos Milagres. A decoração do salão de danças representa a sala do trono de Momo I. As danças serão abrilhantadas pela Acadêmicos Jazz. (JORNAL PEQUENO, 1943, ed. 49)

No Clube Atlântico – Dando início, hoje, o carnaval em Olinda, o Atlântico abrirá em sua sede às 10:30, para a realização do seu baile oficial. A julgar pelos preparativos pelo departamento social do clube, a desta do C.A.O. será o acontecimento mais ruidoso do carnaval olindense nos últimos anos. Para as danças, tocará a Jazz Pádua Valfrido, um dos melhores conjuntos do norte da cidade, apresentando as músicas de mais sucesso deste ano. Está sendo exigido Smoking ou fantasia, como traje para essa festa (...) Amanhã às 15 horas, terá início o carnaval da gurizada atlântica. Essa matinê será o maior baile infantil jamais promovido em Olinda. Às 22 horas, começará o segundo baile carnavalesco, devendo as danças decorrerem animadíssimas. (JORNAL PEQUENO, 1946, ed. 52)

Atlântico Olindense – São as seguintes as festas carnavalescas que o Atlântico Olindense vai oferecer aos seus associados e famílias: Hoje – Manhã de Sol, com uma grande orquestra de frevos. As danças começarão às 10 horas; Amanhã – Matinê infantil a partir das 15 horas. Haverá um concurso de fantasias, com prêmios aos vencedores; Terça-feira – Despedida de Momo, a tradicional manhã de sol com que o clube da Praça do Carmo encerra as suas comemorações carnavalescas. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1962, ed. 52)

Ao longo do tempo, devido o avanço do mar, as casas veranistas próximos a beira mar do Carmo e ao clube, tiveram que ser demolidas, diminuindo a quantidade de frequentadores do clube. Além disso, Pedrosa (2011) afirma que, na década de 1960, há uma expansão de moradias para os bairros de Bairro Novo, Casa Caiada e Jardim Atlântico, amplificando o

núcleo habitacional para além do Carmo. Com a maior ocupação de outros bairros de Olinda, surge então, o Olinda Praia Clube, localizado no bairro de Casa Caiada.



Figura 25: Madalena Ramos (mãe de Ana Edite, núcleo Bonfim), Eraldo, Zé Carlos e Leni no Clube Atlântico de Olinda, sem data. Fonte: Acervo Ana Edite Ramos.

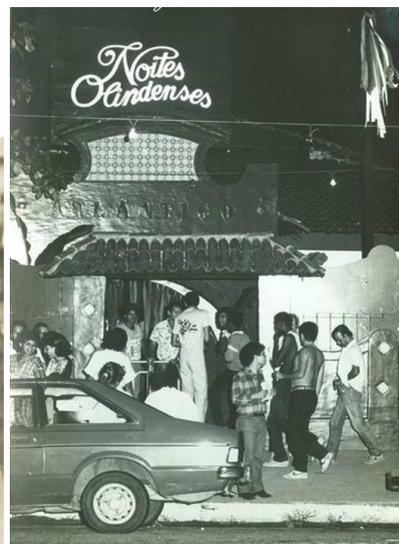


Figura 26: Noites Olindenses no Clube Atlântico de Olinda, década de 1980. Fonte: Olinda de Antigamente.

O Olinda Praia Clube era responsável por realizar “um dos melhores bailes carnavalescos da Região Metropolitana” e “reúne o fino da sociedade olindense, pertencer a essa entidade é uma questão de status”. (MELO, 1982, p. 23) Assim, frequentar o Olinda Praia Clube era sinônimo de prestígio, tendo seus ingressos para bailes carnavalescos rapidamente esgotados. Eram contratadas orquestras de frevo e escolas de samba para agitar os bailes noturnos, por vezes, algumas agremiações iam se apresentar lá. (MELO, 1982)



CARNAVAL 81
5 GRANDES BAILES
COM MORAES E SUA ORQUESTRA
E ESCOLA DE SAMBA

CARNAVAL EM OLINDA COMEÇA NO OLINDA	27/Fev. (Sexta-feira)
CARNAVAL DE TODOS OS TEMPOS	28/Fev. (Sábado)
CARNAVAL DE HOJE	1/Mar. (Domingo)
MATINÉE GIGANTE	2/Mar. (Segunda-feira)
BAILE DA DESPEDIDA	3/Mar. (Terça-feira)

olinda praia clube
 RESERVA DE MESA NA SECRETARIA DO CLUBE
 MAIORES INFORMAÇÕES PELO FONE 431.2112
 AV. BEIRA MAR Nº 2707 - CASA CAIADA - OLINDA -

Figura 27: Olinda Praia Clube, sem data. Fonte: MELO, 1982. Figura 28: Trecho retirado do Jornal, 1981. Fonte: Diário de Pernambuco/PE, edição 51.¹⁰

O sábado de carnaval no Olinda Praia Clube foi animado sob a luz de velas. A energia elétrica se faz ausente logo no início da função, motivo pelo qual todos foram obrigados a frevar, a dançar e a pular sob a luz de velas. (DIÁRIO DA MANHÃ, 1970, ed. 26)

Bailes – O Olinda Praia Clube, com duas orquestras de frevos, sob a regência do maestro Uchôa e uma escola de samba, realizou bailes carnavalescos nos dias 20, 21, 22 e 23 e no último dia, uma matinê infantil (...) o Atlântico Olindense realizou bailes populares nos quatro dias de Carnaval, assim como a Escola de Samba Oriente no Amaro Branco, tendo os salões das duas sociedades se apresentando com bonita ornamentação. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1971, ed. 46)

Com o sucesso dos clubes na década de 1970, as agremiações se viam obrigadas a ceder às investidas das prefeituras para desfilar nas passarelas. No Recife, começava-se a montar as arquibancadas na Avenida Dantas Barreto. (TELES, 2008). Em Olinda, começou-se a instalação de arquibancadas e mobilização de desfiles nas avenidas Sigismundo Gonçalves e Marcos Freire (Beira Mar) feitos pela municipalidade. (GALHARDO, 2008) Teles (2008) observa que há um movimento de competição entre os clubes de atrair mais público, inclusive trazendo atrações que, diga-se de passagem, não são características do período momesco.

(...) A classe média havia trocado o carnaval de rua pelos clubes sociais. As agremiações viam-se obrigadas a desfilar na passarela instituída pela Prefeitura, na recém-inaugurada e polêmica avenida Dantas Barretos (para que fosse aberta, derrubaram-se, no bairro de São José, quarteirões de casas seculares, e a histórica igreja dos Martírios). Os clubes sociais disputavam a maior quantidade de foliões. E para isso valia tudo, sobretudo contratar grandes nomes da MPB, que faziam sucesso nacional, como o do sambista Jair Rodrigues, *Os Originais do Samba* e orquestras badaladas feito a do maestro Erlon Chaves. Para conseguir encher os salões valia até trazer as *chacretes*, as carnudas dançarinas do programa de Chacrinha. (TELES, 2008, p. 72)

2.2.3 CARNAVAL DE POLO: A GESTÃO

Durante a década de 1970, a partir das fontes citadas, dos jornais consultados e dos relatos das entrevistas, entende-se que o carnaval de rua estava se modificando, não sendo possível identificar uma única tipologia predominante para ele. Nesse momento, a municipalidade entra com maior expressividade na organização da festa. Ao mesmo tempo que as agremiações continuam desfilando nas ladeiras, a escala familiar se perde agregando cada vez mais foliões, também são estabelecidos pela prefeitura desfiles em grandes avenidas para

¹⁰ Na figura, é vista propaganda do clube “Olinda Praia Clube” para o carnaval de 1981 que divulga “5 grandes bailes com Moraes e sua Orquestra e Escola de Samba” de sexta-feira à terça-feira de carnaval com os seguintes temas: Carnaval em Olinda começa em Olinda, Carnaval de Todos os Tempos, Carnaval de Hoje, Matiné Gigante e Baile de Despedida. O canto inferior contém a seguinte mensagem: “Reserva de Mesa na Secretaria do Clube.”. Fonte: Diário de Pernambuco, ed. 51, 1981.

desafogar as ladeiras e divulgar os grupos carnavalescos para quem até então não frequentava as ladeiras. Aliado a isso, com o advento oficial das subvenções às agremiações, a municipalidade obrigada as agremiações inserirem no roteiro primeiramente o Palanque oficial e, posteriormente, a Prefeitura de Olinda.

Ainda em 1954, segundo o Jornal Pequeno, a municipalidade demonstra interesse pela organização da festa. Nesse momento, mesmo que de forma discreta, começa-se a cogitar a inserção de palanques armados nos Quatro Cantos e Varadouro. Na matéria de jornal a seguir, é descrito que “Pela primeira vez em Olinda, o governo municipal decidiu prestigiar a festa do povo e essa decisão, altamente simpática, teve a melhor receptividade possível”. (JORNAL PEQUENO, 1954, ed. 34) Não achou-se registros posteriores que mostrem se a medida foi adotada nos lugares mencionados. Entretanto, será abordado outros lugares que foram alvos dessa medida posteriormente.

A prefeitura de Olinda tendo à frente o prefeito Alfredo Lopes, está cogitando proporcionar a população olindense, durante o carnaval, bailes populares em palanques armados no Varadouro e nos Quatro Cantos. Essa providência foi recebida pelos olindenses com entusiasmo uma vez que os festejos da folia, aqui prometeu este ano, superar tudo quanto se tem feito até os dias que correm. Sairão os tradicionais cordões dos “Donzelinhos dos Milagres”, “O Homem da Meia Noite”, “O Cariri” e outras agremiações carnavalescas da cidade. Pela primeira vez em Olinda, o governo municipal decidiu prestigiar a festa do povo e a decisão, altamente simpática, teve a melhor receptividade possível. (JORNAL PEQUENO, 1954, ed. 34)

Vale salientar que os moradores já estavam insatisfeitos com a postura de descaso da gestão perante ao festejo. Os residentes estavam identificando que a municipalidade não estava acompanhando o crescimento e a atenção ao carnaval. No trecho abaixo, ainda em 1966, membros da Pitombeira e Elefante externam o desejo de criar a Comissão Organizadora do Carnaval de Olinda com os próprios moradores e membros das agremiações para “disciplinar os festejos carnavalescos (...) diante do descaso da prefeitura”. Nessa mesma matéria, evidencia-se que o carnaval de clube é mais expressivo em Recife do que em Olinda onde o é na rua que acontece uma expressão social autêntica. Assim, ao mencionar a festa olindense, aponta que “todas as classes, sem exceção, misturam-se nas ruas para fazer o passo oferecendo um espetáculo raro nos dias de hoje, quando o carnaval de rua cede inexoravelmente lugar às festas de clubes”. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1966, ed. 45) A seguir, pode-se acessar as passagens mencionas na integra:

Dirigentes dos clubes Pitombeira dos Quatro Cantos e Elefante estão no firme propósito de criar a Comissão Organizadora do Carnaval de Olinda, com a finalidade de disciplinar e melhor orientar os festejos carnavalescos de 1967. A ideia partiu de um grupo de jornalistas residentes em Olinda, tendo em vista o descaso da Prefeitura. Com respeito à organização do carnaval recém-findo, tudo faltou: a iluminação das ruas foi qualquer coisa de ridículo, ajuda aos clubes pequenos não houve,

ornamentação idem, armação de palanques também. Enfim, reinou completa desordem e desprezo pela maior festa da cidade. O que salvou o carnaval de Olinda foi a apresentação de Pitombeira e Elefante que se exibiram ostentando ricas fantasias conseguindo levar às ruas os foliões (...) A festa de momo, em Olinda, guardando-se as devidas proporções, é mais animada que a da capital. O olindense tem uma tradição carnavalesca que já começa a fenecer, no Recife: Todas as classes, sem exceção, misturam-se nas ruas para fazer o passo, oferecendo um espetáculo raro nos dias de hoje, quando o carnaval de rua cede inexoravelmente lugar às festas de clubes. Em Olinda, ainda é dado ao observador apreciar um carnaval autêntico no qual a explosão popular não fugiu ainda às tradições mais remotas. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1966,ed.45)

Galhardo (2008) aponta que, no começo da década de 1970, as ladeiras já estavam tomadas por foliões. Nesse contexto, a municipalidade começa a pensar em medidas para conter a população, que a própria municipalidade atraiu, no Sítio Histórico de Olinda. Uma vez que em 1968 a Prefeitura de Olinda cria a Assessoria de Imprensa. Em 1970, a gestão cria o Carnaval da Praça do Jacaré com uma passarela de madeira que por muitos anos funcionou como polo oficial. Surge assim uma nova tipologia: o carnaval de polos sustentados pela gestão na tentativa de, inicialmente, descentralizar o carnaval. Assim, a nova medida pode ser observada nos trechos a seguir, retiradas do Diário de Pernambuco, que descrevem a notícia que o prefeito Ubiratan Rodrigues começa a utilizar a Avenida Sigismundo Gonçalves para o desfile das agremiações e da inserção do Palanque Oficial na Praça do Jacaré. Na matéria, nota-se a preocupação em apontar que a nova decisão foi pensada a partir do tamanho do local, uma vez “que oferece largo espaço para os foliões” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1970, ed. 32) e “por ser o ponto mais central, além de oferecer maior espaço para apresentação dos clubes” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1970, ed. 31). Nota-se, ainda, que o Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda e a Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos recebem o maior destaque na notícia em relação às outras agremiações, citando até como o real “motivo de orgulho do carnaval de Olinda”:

Estará concluída amanhã a ornamentação da cidade de Olinda, oferecendo oportunidade aos olindenses para um carnaval com animação e alegria, segundo suas velhas tradições (...) Determinou o interventor Eudes Costas que o palanque oficial ficasse este ano, na Praça do Jacaré, por ser o ponto mais central, além de oferecer maior espaço para apresentação dos clubes. Destacam-se no desfile de agremiações, os aplaudidos clubes Pitombeiras e Elefante, motivo de orgulho do carnaval de Olinda, que ano após ano conquistaram maiores triunfos e aplausos no carnaval de todo o estado, incluindo suas apresentações na capital. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1970, ed. 31)

Providência importante, foi a de situar o Reinado da Folia no ponto mais central da cidade, utilizando-se a Av. Sigismundo Gonçalves para o desfile das agremiações carnavalescas. Outra medida acertada, foi instalar o Palanque Oficial na Praça do Jacaré, que oferece largo espaço para os foliões (...) Para proporcionar mais espaço e maior tranquilidade aos foliões, a Avenida Sigismundo Gonçalves, Varadouro ao Carmo, estará livre de tráfego de veículos a partir das 14 horas, ficando reservada exclusivamente para o desfile de clubes e demais agremiações. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1970, ed. 32)



Figura 29: Palanque montado na Praça do Jacaré, desfile da Troça Hipoporca no carnaval, 1974. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal



Figura 30: Palanque montado na Praça do Jacaré, desfile de grupo carnavalesco no carnaval, 1974. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal

Diante da iconografia, das matérias de jornais encontradas e dos relatos, nota-se que a inserção de tais palanques em espaços com maior tamanho como a Praça do Jacaré e Avenida Sigismundo Gonçalves trazem maior conforto e tranquilidade para os foliões e cumprem seu papel de descentralizar o carnaval, espalhando os foliões para além das ladeiras e colinas do sítio histórico de Olinda. Assim, as largas avenidas tornam-se passarelas naturais também para o desfile das agremiações, além do Palanque Oficial que funciona também como palco para as diversas agremiações, foram achados registros não só de troças, clubes e blocos, mas também de caboclinhos, maracatus e escolas de samba no tabuado de madeira.

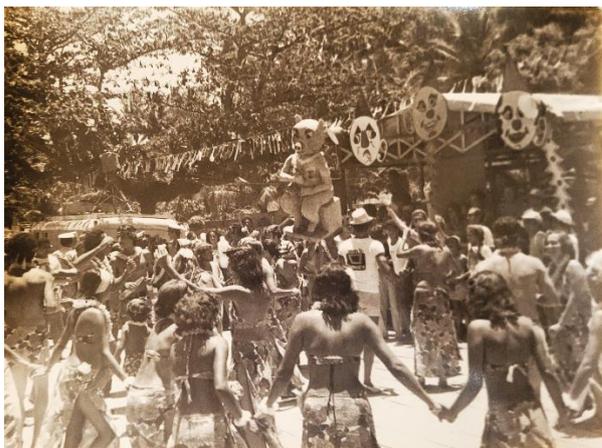


Figura 31: Vista da Troça Hipoporca e foliões no “palanque oficial” na Praça do Jacaré, 1974. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.



Figura 32: Troça Carnavalesca Pavão misterioso no palanque da Praça do Jacaré, 1976. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.

Em entrevista, Antonio Flávio, morador do núcleo Amparo, relata que a Praça do Jacaré acaba se tornando um “ponto de encontro, pois todos iam para lá, era um grande momento do carnaval” (FLAVIO, Antonio, entrevista em 2023). Assim, a medida institucional acaba criando

uma nova importância para o lugar, podendo ser notada sua relevância nas músicas de Alceu Valença ou nos depoimentos saudosistas dos foliões dessa época.

O frevo madrugada
Lá em São José
Depois em Olinda
Na Praça do Jacaré
Bom demais, bom demais (VALENÇA, 1985)¹¹

Em 1971, a gestão de Ubiratan de Castro cria uma Comissão Julgadora para premiar os melhores grupos carnavalescos do ano. Entretanto, para poder concorrer, as agremiações precisam passar na Praça do Jacaré, “palanque armado oficial do carnaval” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1971, ed. 42). Nesse mesmo ano, verifica-se que a prefeitura já estava dando subvenções, ou seja, ajuda financeira para as agremiações desfilarem em Olinda. Na matéria, evidencia-se o aumento dos valores destinados ao Clube Elefante de Olinda e à Troça Pitombeira dos Quatro Cantos. Aliado a isso, nota-se que o novo polo oficial e a ampliação dos desfiles para as avenidas é visto como um grande sucesso pela mídia e pelos foliões de acordo com a indicação que o carnaval de 1971 “promete ser dos mais animados com o desfile das agremiações na Avenida Sigismundo Gonçalves”. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1971, ed. 41)

O carnaval de Olinda promete ser dos mais animados com o desfile das agremiações na Avenida Sigismundo Gonçalves onde também serão instalados palanques. O prefeito Ubiratan de Castro, juntamente com o secretário de Turismo, está empenhado no maior sucesso nas festas carnavalescos do Município. O desfile das agremiações pelo palanque oficial começará no sábado. Dia 20 às 19h Troça Carnavalesca Turma do Ceroula; 10h30 Troça Carnavalesca Goiabeira do Bonfim; 20h Troça Carnavalesca Turma do Pijama. Domingo dia 21 8h Troça Carnavalesca Cariri de Olinda; 10h Escola de Samba Sambistas do Giz; 10h30 Troça Carnavalesca Mista Mulher do Dia; 11h Urso Branco da Barreira do Rosário (...) (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1971, ed. 41)

O prefeito Ubiratan de Castro resolveu aumentar a quota dos clubes Pitombeira dos Quatro Cantos e Elefante, elevando para dois mil cruzeiros a contribuição da Comissão Organizadora do Carnaval, que havia estipulado mil e quinhentos cruzeiros para cada agremiação. Enquanto isso, toda a ornamentação da cidade, acha-se montada, continuando a Prefeitura a estender gambiarras ao longos dos principais pontos, como Varadouro, Avenida Sigismundo Gonçalves, Carmo, Quatro Cantos e Praça do Jacaré, onde serão armados Palanques. (...) Desta feita, a Prefeitura criou uma comissão julgadora para premiar as melhores do Carnaval de 1971. Todos os clubes terão que desfilar perante o palanque oficial armado na Praça do Jacaré. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1971, ed. 42)

Durante as entrevistas, muitos moradores descreveram esses polos como não só eficientes para descentralizar o carnaval das ladeiras, mas também como lugares que faziam

¹¹ Música “Bom Demais” de autoria de Alceu Valença lançada em 1985 do Álbum Estação da Luz.

parte de sua vivência carnavalesca e, conseqüentemente, de memórias afetuosas. Principalmente, os polos da Praça do Jacaré, e Praça Dantas Barreto.

Houve uma época que o carnaval era melhor dividido, era bom demais. Além de passar tudo aqui avenida Sigismundo, era bonito, podia se ver todas as agremiações. Além de que se tinha muitos polos, tinha O Polo na Praça Jacaré, na Praça da Preguiça, na Praça 12 de Março, na Praça Dantas Barreto, no Varadouro, era muito bom, tinham muitas opções. Hoje, só se restringe lá em cima. Hoje, para ver um bloco preciso ir lá em cima, porque nem aqui perto passa mais. Só passa aqueles shows no Carmo. Sendo que minha vida inteira eu vivi aqui em baixo com tudo na minha porta. (BEZERRA, Juci, 2023. Moradora do núcleo Carmo)

Todos os carnavais foram importantes para mim. Mas se fosse pra mencionar algo, seria quando nos preparávamos para assistir ao desfile das agremiações na terça ali na Praça Dantas Barreto. A ansiedade para ver quem era o mais bonito nesse ano, a pitombeira ou elefante, o vassourinhas ou o lenhadores. Era bonito demais, tenho muitas lembranças boas de amigos e família naquele lugar. (DUARTE, Manuel, 2023. Morador do núcleo Amaro Branco)



Figura 33: Vista para palanque no canto esquerdo, barracas e foliões, década de 1970. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.

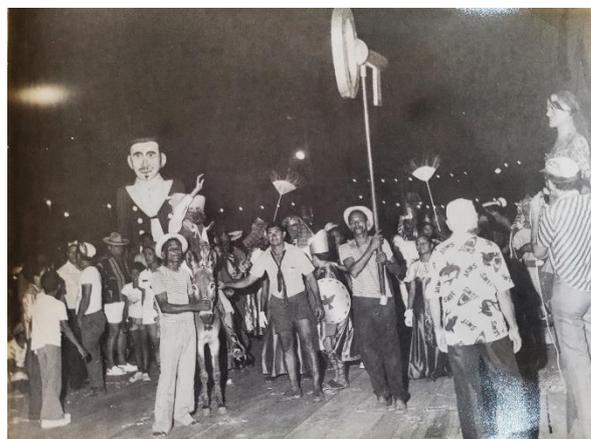


Figura 34: Vista para palanque com Homem da Meia Noite, Mulher do Dia e Cariri, Praça do Jacaré, 1976. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.

Mais tarde, essa medida vai ser tomada para a passagem na Prefeitura de Olinda. É válido observar que essa medida interfere nos percursos tradicionais das agremiações. Antonio Flávio, morador do núcleo Amparo, comenta sobre a mudança dos percursos ao afirmar que “muitas troças não passavam pela prefeitura. A maioria saía ou ia para o Guadalupe e ficava circulando pela cidade alta”. Ressalta-se que essa medida interfere nos percursos tradicionais e na relação com o território de cada agremiação. Entretanto, se for elaborada como uma ponto de parada adicional e não exclusivo, é válida. Pois, assim as associações carnavalescas não precisariam eliminar paradas e lugares importantes para sua história, mas sim adicionar o novo local ao percurso. Inclusive, podendo trazer novos lugares, novas histórias e símbolos atrelados aos espaços “novos” para tal associação carnavalesca, sem que essas novas histórias interfira nos lugares significativos.

Antes, muitas troças não passavam pela Prefeitura. A maioria saía ou ia para o Guadalupe e ficava circulando pela cidade alta. Mas a Prefeitura não era um trajeto comum. Isso mudou depois que a prefeitura começou a participar do carnaval, com a subverção às troças. Só ganhavam o dinheiro àquelas que passassem pela prefeitura, pois era lá onde estava a mídia, os patrocinadores. (FLAVIO, Antonio, 2023. Morador do núcleo Amparo)



Figura 35: Desfile da Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos, Avenida Sigismundo Gonçalves, 1979. Fonte: Acervo Thales Galhardo



Figura 36: Vista para desfile de agremiação na Avenida Sigismundo Gonçalves, década de 1980. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.

Além dos desfiles das agremiações e dos palanques oficiais, uma das medidas da gestão municipal foi concentrar todo o comércio de barracas fixas no entorno das colinas de Olinda, ou seja, no Carmo e no Varadouro. Segundo relatos, tal providência garantia maior espaço nas ladeiras para as agremiações desfilarem e incentivava os foliões a circularem mais ao invés de usar os lugares como ponto de permanência. Nas palavras de Edmilson, morador do núcleo Boa Hora, que defende “é um absurdo deixar tanta barraca lá em cima no lugar onde era para as agremiações passarem, acaba que fica ainda menor o espaço. Antes, todas as barracas ficavam aqui em baixo para deixar lá em cima mais livre, quem quisesse comer ou beber descia, funcionava demais”. Além disso, nas figuras a seguir, é possível observar disposição das barracas em amplo espaços localizados na cidade baixa, como no Largo do Varadouro e na Praça do Carmo.



Figura 37: Vista para barracas no Varadouro, 1982.
Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.



Figura 38: Vista para barracas no Carmo, 1982.
Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal.

Apesar da gestão seguinte declarar que os palanques seriam extintos e ser a favor do carnaval do povo, como será abordado melhor no próximo subcapítulo, foram registradas matérias nas quais dizem que as agremiações passarão nos focos carnavalescos principais. A passagem “adiantou que no encontro os representantes das agremiações que integram o carnaval de Olinda fizeram a leitura de um documento, garantindo participação ativa no foco carnavalesco da cidade – Praça do Carmo, Varadouro, Avenida Sigismundo Gonçalves” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1981, ed. 22) indica tal manutenção da obrigação do comparecimento nos polos para garantirem o apoio financeiro. Então, entende-se que, a partir desse período, os focos de animação continuaram, mas sem o cunho político que a gestão anterior demonstrava e sem protagonismo em relação aos desfiles nas ladeiras. Um trecho da matéria de jornal pode ser conferido a seguir:

As subvenções da Prefeitura de Olinda destinadas às agremiações que participarão do carnaval deste ano serão entregues no próximo dia 29 (...) Segundo o diretor do Departamento de Turismo da PMO, Nilson Dizeu, cerca de 47 agremiações já se inscreveram para participar do tríduo momesco olindense, adiantando que “todas elas apresentaram uma ficha, contendo número de figurantes, roteiro das apresentação e outros dados que serão analisados pelo órgão municipal para escolha daquelas que terão direito à ajuda da prefeitura.” (...) Adiantou que no encontro os representantes das agremiações que integram o carnaval de Olinda fizeram a leitura de um documento, garantindo participação ativa no foco carnavalesco da cidade – Praça do Carmo, Varadouro, Avenida Sigismundo Gonçalves, etc. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1981, ed. 22)

Diferentemente dos outros polos que margeavam as colinas históricas de Olinda, colocase pela primeira vez um polo noturno na Praça de São Pedro com música ao vivo de orquestras e bandas na década de 1980. Tanto nas pesquisas em jornais, quanto nos relatos, nota-se a inserção da Praça de São Pedro como um novo foco, à exemplo dos trechos: “A Praça de São Pedro foi outro foco de frevo, entrando na madrugada adentro até às 5 da manhã de ontem”

(DIARIO DE PERNAMBUCO, 1980, ed. 49) e “a gente costumava brincar durante o dia nas ladeiras e, à noite, ia para Praça de São Pedro ouvir Concerto Viola que tocava lá, era massa” (ACAMPOVA, Valéria, 2023. Moradora do núcleo Bonfim). Nesse momento, chama a atenção à ampliação do horário dos polos carnavalescos para entrar na madrugada, não só do novo polo na Praça de São Pedro, mas também em polos já consolidados, como: “a Praça do Jacaré, em Olinda, tradicional reduto de foliões, terá música carnavalesca ao vivo, este ano, de hoje até Quarta-feira de Cinzas, das 23 às 3 horas da madrugada” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1981, ed. 57) Desse modo, Diante das matérias, como a edição 49 que virá a seguir e das falas dos moradores, como a de Valéria, entende-se que o carnaval de polos estendeu-se para a década de 1980 ultrapassando gestões específicas:

Na década de 70/80, existia a passarela de desfile na Rua do Sol, passavam todas as agremiações. A gente costumava brincar durante o dia nas ladeiras e, à noite, ia para Praça de São Pedro ouvir Concerto Viola que tocava lá, era massa. (ACAMPOVA, Valéria, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Música ao vivo na Praça do Jacaré – A Praça do Jacaré, em Olinda, tradicional reduto de foliões, terá música carnavalesca ao vivo, este ano, de hoje até Quarta-feira de Cinzas, das 23 às 3 horas da madrugada: o conjunto “Olinda Pegando Fogo” foi contratado pela Prefeitura Municipal para animar o carnaval daquele logradouro. “Olinda Pegando Fogo” é um conjunto de frevo integrado por conhecidos instrumentistas pernambucanos, todos residentes na vizinha cidade (...) Os ensaios do conjunto foram bem animadores, participando de várias prévias, entre as quais a de Vassourinhas no Largo do Amparo, onde foi grande o sucesso alcançado. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1981, ed. 57)

O prefeito Germano Coelho disse que, “o carnaval de Olinda esteve à altura do V Centenário de Duarte Coelho. Foi o maior carnaval que Olinda já realizou em toda a sua história. O povo brincou num clima de tranquilidade, e fazendo o passo ao som do frevo pernambucano”. O Largo do Amparo, de onde saíram tantas agremiações, como Vassourinhas, Pitombeira e Elefante, apresentou um animação sem precedentes. A Praça de São Pedro foi outro foco de frevo, entrando na madrugada adentro até às 5 da manhã de ontem. A Praça da Abolição, com orquestra de frevo permanente, manteve o povo no passo dia e noite. A Praça do Jacaré, com escolas de samba e orquestras de frevo, funcionou como porta de entrada do Carnaval de Olinda. Segundo Germano, “o desfile de todas as agremiações pela Avenida Getúlio Vargas e Rua do Sol, no terceiro dia de carnaval, reuniu cerca de 100 mil foliões numa festa de fantasias, cores, beleza, alegorias e danças, que realmente incendiou Olinda de alegria e vibração. O carnaval de 80, em Olinda, não coube na cidade antiga, nem no Varadouro, nem nos focos maiores do frevo, espalhou-se por todo o município, em Sítio Novo (...). (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1980, ed. 49)



Figura 39: Vista a escadaria da Igreja de São Pedro, ao lado da Praça São Pedro, com foliões, 1986. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal de Olinda.

2.2.4 CARNAVAL DE RUA PARTICIPATIVO: A GESTÃO E OS MORADORES



Figuras 40: Linha do tempo com tipologias carnavalescas de apropriação de espaço, 2023. Fonte: Própria.

Devido às mudanças ocorridas durante a década de 1970, o então prefeito Germano Coelho, quando assume opta por um resgate do protagonismo dos moradores no festejo. Assim, nos fins da década de 1970 e durante a década de 1980, há a predominância do carnaval de rua participativo, onde os moradores participam e fazem a decoração de Olinda. Nessa gestão, os concursos e comissões julgaras são eliminadas e, assim, tem-se a consolidação do carnaval da rua, a brincadeira pela brincadeira. (BARRETO, 2008) (VIEIRA-DE-ARAÚJO, BARRETO,

& PINHEIRO, 2019) Assim, os residentes, reais criadores do festejo, voltam a ter papel fundamental na continuidade da festa “de repente, as ruas da cidade alta aparecem decoradas, como por encanto. O casario colonial, as varandas e mesmo os postes e as calçadas ganham cores. Mutirão imenso de artistas e moradores enfeita Olinda para a festa de todos” (1981, DIARIO DE PERNAMBUCO, ed. 57). Ao longo das entrevistas muitos moradores relatam com saudosismo essa época em que se sentiam peça chave do festejo, nas palavras de Vera Millet ao lembrar dessa época: “lembro com afeto desse momento, como quando Germano ganhou a eleição, o carnaval foi a festa da vitória, e não só esse como os seguintes, era lindo, a gente lavando a rua, nos encontrávamos para pintar a rua e preparar a cidade para o carnaval, quando começava, eu ficava em pura euforia”. (MILLET, Vera, 2023, moradora do núcleo Bonfim)

No trecho da matéria retirada do Diário de Pernambuco de 1981, Germano Coelho, prefeito, destaca que “Assim é o carnaval de Olinda. Sem comissões organizadoras, sem palanques, sem arquibancadas e passarelas. Sem roteiros e itinerários obrigatórios. Sem prêmios e classificações. É a festa de confraternização de todas as classes e todas as idades. Livre e espontâneo, porque carnaval é do povo”. (1981, DIARIO DE PERNAMBUCO, ed. 57) Tal fala evidencia a priorização do carnaval de rua e da participação dos moradores no festejo.

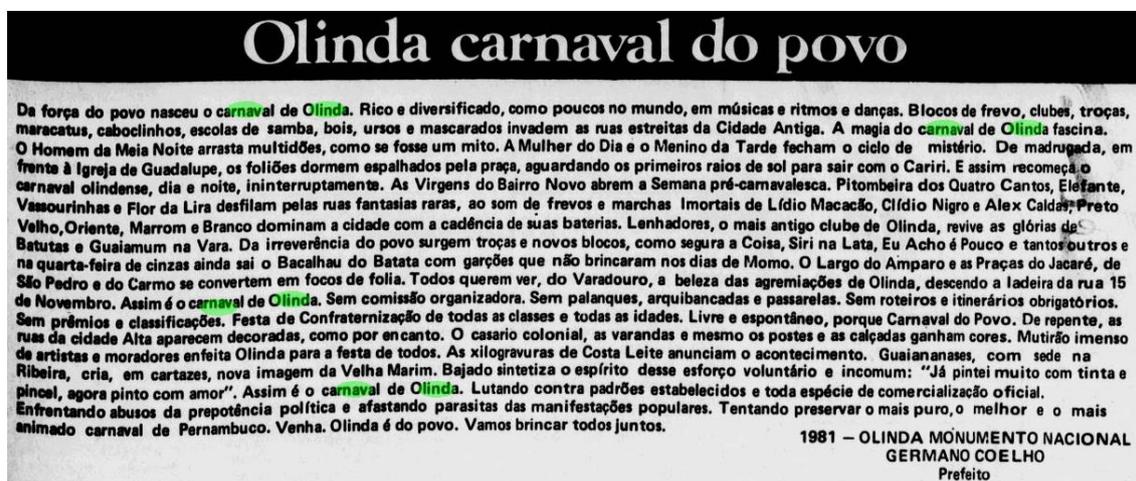


Figura 41: Trecho retirado do Jornal, 1981. Fonte: Diário de Pernambuco/PE, edição 57.

Nesse momento, distribuí-se materiais pela prefeitura para os moradores enfeitarem as ruas. Começou-se a premiação das ruas mais bonitas enfeitadas pelos moradores, que receberia um prêmio. Além disso, os artistas da cidade alta, ficavam responsáveis de elaborar a decoração oficial do carnaval. Segundo Pontual e Harchambois (2007), essa tipologia de carnaval “contribuía para o fortalecimento do sentimento de identificação da população local com os festejos e com o sítio histórico”. (PONTUAL & HARCHAMBOIS, As ameaças do carnaval de massa ao patrimônio de Olinda, 2007, p. 13) Durante as entrevistas, relatou-se, por muitos

moradores, que os moradores eram que faziam a festa nessa época. Essa questão pode ser observada pela fala de Márcia Lima, moradora do núcleo Prudente, em entrevista:

Os moradores tinham o costume de enfeitar a rua e as casas, botávamos bandeirinha nas casas. Me lembro quando apareceu a marca "VitaMilho" Meu pai era muito influente na época, aí conseguiu umas bandeirinhas da Vitamilho, ficamos 1 semana colando essas bandeiras no cordão, amarrou a rua inteira com isso, ficou feito um forro na rua, um negócio que o pessoal faz hoje, isso foi na sexta ou sábado de carnaval. Quando foi na segunda-feira disseram que o elefante não ia descer a nossa ladeira, porque o carro alegórico não ia conseguir passar por causa da bandeiras. Painho chegou bicado, pegou um canivete e saiu cortando tudinho. Mas era uma coisa incrível, porque todas as crianças da rua participaram e colaram as bandeiras umas nas outras. E tinha essa coisa de enfeitar a própria casa, de receber várias pessoas, fazer comida. Minha avó fazia filhoses que era uma comida de carnaval. Até hoje eu tenho uma tia que todo ano faz, todo ano passa na casa dela para comer esse doce. É um bolinho feito de trigo frito, depois que ele é feito é jogado dentro de um mel feito de açúcar e cravo da Índia, é um bolinho meio neutro, aí você come o bolinho melado no mel. (LIMA, Márcia, 2023. Moradora do núcleo Prudente)

Sobre esse momento José Ataíde afirma:

A primeira justifica que faz o carnaval de Olinda crescer é porque é feito pelo autêntico carnavalesco. Segundo é que a concentração de famílias tradicionais no Sítio Histórico vem mantendo as características naturais de como fazer o folguedo sem descaracteriza-lo, o que não acontece em outras localidades onde essa festa é promovida por pessoas alheias ao entrudo. Outro fator importante é o carnaval desinstitucionalizado, sem comissão julgadora, sem palanque oficial, sem passarela, etc. (MELO, 1982, p. 36)

Para comemorar o título de Monumento Nacional de 1981, Germano Coelho cria o Decreto 002/81 que institui oficialmente o carnaval de 11 dias. Segundo Melo (1982), já fazia alguns anos que o carnaval de Olinda deixou de ser 3 dias, entretanto, foi essa medida que oficializou sua longa duração. O carnaval já vinha crescendo a cada ano e depois do título de Monumento Nacional seguido de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1982 e da ampliação de dias do carnaval, Olinda entra oficialmente no destino do turismo cultural. Começa-se a busca por patrocinadores e, conseqüentemente, uma campanha de divulgação intensa. Sendo assim, na consulta realizada no Diário de Pernambuco pela frase “carnaval de Olinda” através da Hemeroteca Digital, registrou-se 1089 ocorrências no intervalo dos anos de 1980-89. Enquanto, encontrou-se 277 ocorrências entre os anos de 1970-79. Tal pesquisa demonstra que independente do teor das matérias veiculadas no jornal com aspectos positivos ou negativos, o carnaval estava chamado atenção tanto de Olinda, como de Recife.



Figura 42: Prefeito de Olinda, Germano Coelho, durante o carnaval de Olinda, 1981. Fonte: Diário de Pernambuco, edição 60.



Figura 43: Vista da Imprensa no carnaval de Olinda, 1985. Fonte: Arquivo Municipal de Olinda.

Em virtude do aumento desenfreado do carnaval, os moradores de Olinda se juntam e, em 1984, criam a SODECA (Sodeca Sociedade Olindense de Defesa da Cidade Alta) motivados pela preocupação em garantir a permanência dos atributos tradicionais da festa. Dentre as preocupações, destacava-se o grande volume de automóveis circulando no sítio histórico, o grande número de pessoas e barracas e a intensa divulgação publicitária no conjunto edificado. Ainda em 1984, começa-se, por iniciativa da Secretaria de Turismo de Olinda, o cadastramento de imóveis e quartos para a temporada de carnaval. Assim, começa-se um movimento de aluguel de casas no sítio histórico de Olinda e, aos poucos, o movimento de muitos moradores alugarem suas casas durante o festejo. (BARRETO, 2008)

Desse modo, Barreto (2008) aponta que essas mudanças interferem na experiência dos moradores perante a festa, que antes participam ativamente e, agora, saem de suas casas para retorno financeira. Assim, há um aumento de pessoas que não têm vínculo com a festa. Araújo (2017) faz a conexão entre o começo do mercado de aluguel durante o carnaval e a titulação de Olinda como Patrimônio Mundial da Humanidade em 1982, assinalando que após o título, há um “aumento do público consumidor da festa e, conseqüentemente, das mercadorias temporárias”. (ARAÚJO G. A., 2017, p. 120)

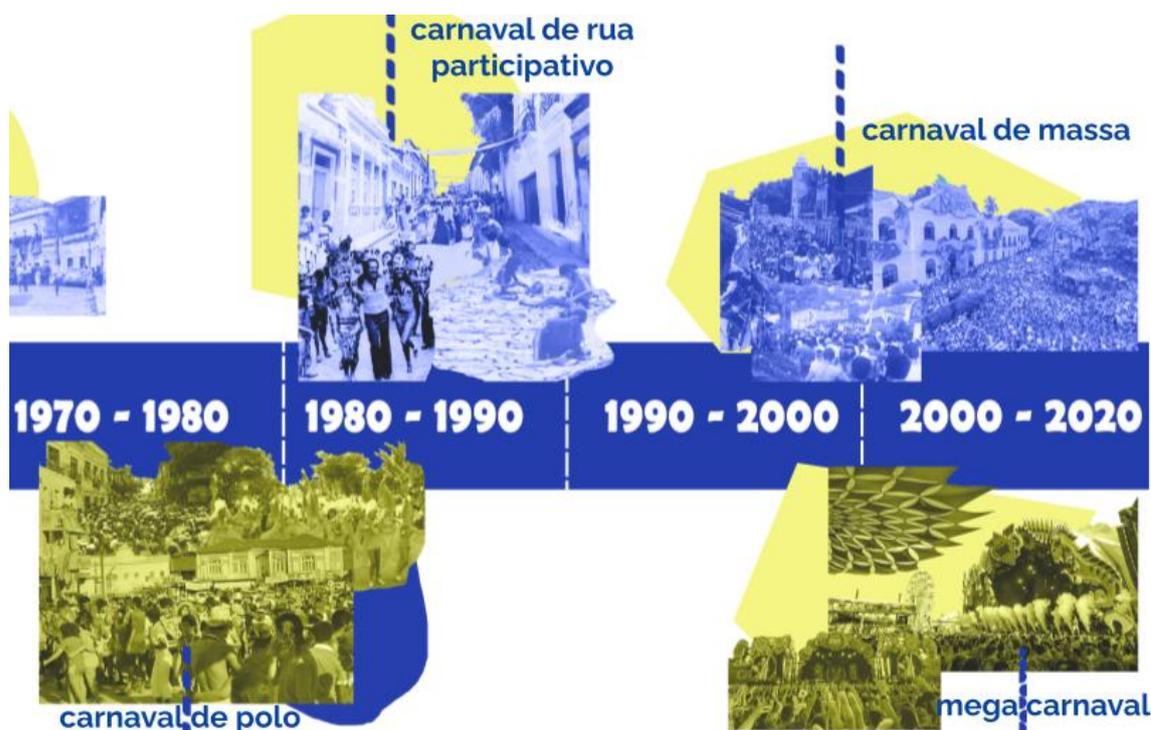


Figura 44: Vista para a Ladeira da Misericórdia, 1981. Fonte: Olinda de Antigamente.



Figura 45: Vista do desfile da Pitombeira dos Quatro Cantos na Praça Monsenhor Fabrício em frente à prefeitura, 1985. Fonte: Arquivo Municipal de Olinda.

2.2.5 CARNAVAL DE MASSA: A GESTÃO E A INICIATIVA PRIVADA



Figuras 46: Linha do tempo com tipologias carnavalescas de apropriação de espaço, 2023. Fonte: Própria.

Durante a década de 1990, notou-se uma diminuição nos polos carnavalescos seguida do aumento de pessoas. Nesse sentido, percebe-se uma mudança de postura na gestão do Sistema de Preservação do Sítio Histórico de Olinda. A partir dos anos 90, evidenciou-se uma narrativa da identidade de carnaval a partir de uma visão fortemente ancorada na sua exploração pelo turismo enquanto produto mercadológico. Assim, o carnaval, de festa de família, organizada pelos próprios moradores, tem se transformado em um grande

empreendimento de entretenimento, onde o que parece menos importar é a cultural local - o frevo, suas troças, músicos e orquestras. (VIEIRA-DE-ARAÚJO, BARRETO, & PINHEIRO, 2019)

Mais recentemente, percebe-se a falta de controle de circulação de automóveis no sítio histórico, principalmente, carros com paredões de som ou que auxiliam agremiações. Tais ações são proibidas no carnaval de Olinda, segundo a Lei Municipal 5306/2001, uma vez que as ruas são “Passarelas Naturais” e “devendo ser assegurado para as agremiações condições para os desfiles”. (OLINDA, 2001, art. 12) Durante o desfile de 2020, a Troça Carnavalesca Pitombeira dos Quatro Cantos não conseguiu fazer seu desfile tradicional devido à um carro de som das agremiações de baterias de samba quebrados no meio da rua. Segundo relatos, a Pitombeira ficou parada por mais de 1h na Rua Prudente de Moraes, sendo obrigada a mudar seu percurso, que devido ao carro quebrado e à multidão parada, não conseguia se mover. Outro detalhe é que, nesse meio tempo, a Pitombeira não conseguiu tocar, uma vez que a potência do sol da bateria era tão alta que era impossível de ouvir o som da orquestra. Esse foi só um exemplo do cenário preocupante atual. Como aponta, Juliana Serrati: “As agremiações tradicionais de Olinda estão sendo expulsas do Sítio Histórico de Olinda”.¹²

Além do mencionado anteriormente, na última década, há um aumento considerável de Polos de Animação não oficiais durante o carnaval de 2020, como por exemplo: Sítio Seu Reis, República dos Gigantes, Casa Fique Suave, Vulcan House, Olinda Estação da Luz, entre outros. Sobre isso, é válido ressaltar que a legislação incidente no SHO durante o carnaval proíbe eventos de natureza privada com shows no polígono de SHO. Somente libera eventos em estabelecimentos hoteleiros (como pousadas e restaurante) ou bares que funcionem permanentemente durante todo o ano restringindo à apresentações típicas do Carnaval de Olinda. Segue abaixo o Decreto 26/2015 que define:

Art. 1º - O presente Decreto disciplina o procedimento para autorização de localização e funcionamento por tempo determinado de eventos temporários, com shows ou espetáculos musicais, em imóveis particulares situados no território do Município de Olinda, durante o período carnavalesco.

Parágrafo único. É **proibida a instalação e o funcionamento** dos eventos a que se refere o caput no perímetro do Sítio Histórico de Olinda, correspondente à área definida pela Lei Municipal nº 4.849/92 (Legislação Urbanística para os Sítios Históricos de Olinda) como **Zona Especial de Proteção Cultural 1 – ZEPC 1**.

¹² Evento virtual em comemoração à semana de patrimônio pelo Canal do Iab PE Youtube no dia 28 de agosto de 2020 com o tema “Por onde anda o carnaval de Olinda? Discussões sobre a folia momesca e seu diálogo com o patrimônio da cidade”. O evento virtual foi ministrado por Natália Vieira e teve como convidados: Natan Nigro, membro do Conselho de Preservação do Sítio Histórico de Olinda e Juliana Serretti, representante do Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda.

Art. 12 - Não são considerados focos de animação não oficiais:

I – a disponibilização aos respectivos clientes de apresentações de orquestras de frevo ou outras **apresentações típicas do carnaval de Olinda**, pelos estabelecimentos tipo **hotéis, pousadas, bares e restaurantes que funcionem regularmente, em caráter permanente**, no Sítio Histórico de Olinda;

II – as **apresentações de orquestras de frevo** ou **outras apresentações típicas do carnaval de Olinda** nas concentrações das saídas dos blocos, troças e agremiações que desfilem na **passarela natural, desde que não superiores a 2 (dois) horas**. (OLINDA, 2015)

Sobre a realização de eventos de iniciativa privada, a Portaria Conjunta **SEPAC/SEPLAC 001/2014**, regulamenta a ocorrência, respeitando os critérios acima, somente com a solicitação prévia ao CPSHO (Conselho de Preservação do Sítio Histórico de Olinda) e sua posterior autorização.

Art. 2º/Parag. 1º - O pedido deverá ser previamente submetido à apreciação do CPSHO, para emissão de parecer nos termos do art.122, III da lei municipal nº4.849/1992.

Art. 2º/Parag. 2º - O pedido será negado caso o CPSHO se pronuncie desfavorável.

Art. 10: Em caso do descumprimento do disposto nesta Portaria, o evento será considerado foco de animação não-oficial, sujeitando os respectivos responsáveis às penalidades previstas na Lei Municipal nº5306/2001, sem prejuízo das seguintes medidas administrativas:

I - Suspensão do evento

II - Interdição do local do evento (OLINDA, 2014) (GRIFO NOSSO)

Em Relatório de Carnaval, produzido pelo CSPHO e apresentado durante o seminário promovido pelo IAB¹³, sobre a avaliação preliminar sobre os impactos ao patrimônio histórico e cultural, constata-se a ocorrência de eventos de caráter privado mesmo sem autorização do conselho que foi continuamente ignorado. Tais eventos apresentavam características que iam em desacordo a Lei do carnaval. Desse modo, percebe-se que há uma tentativa de sabotar o Sistema de Preservação regularizado por lei através de atitudes incoerentes da gestão municipal. Conseqüentemente, há o comprometimento do carnaval em sua completude. Assim, acompanha-se gestão pós gestão priorizando o carnaval como um produto e não como um bem cultural que, aos poucos, vai tomando forma de algo que nunca foi em sua origem: um cenário espetacularizado.

Durante o carnaval de 2019, 2020 e 2023, notou-se um aumento de uso de aparelhos sonoros pelas barracas fixas de comércios e casas alugadas no sítio histórico. Vale ressaltar que,

¹³ Evento virtual em comemoração à semana de patrimônio pelo Canal do Iab PE Youtube no dia 28 de agosto de 2020 com o tema “Por onde anda o carnaval de Olinda? Discussões sobre a folia momesca e seu diálogo com o patrimônio da cidade”. O evento virtual foi ministrado por Natália Vieira e teve como convidados: Natan Nigro, membro do Conselho de Preservação do Sítio Histórico de Olinda e Juliana Serretti, representante do Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda.

pela referida Lei do Carnaval, também são proibidos sonorização fixa, notando-se que o problema não é a legislação e, sim sua efetiva execução a partir de uma fiscalização satisfatória.



Figura 47: Vista aérea da Prefeitura de Olinda, 2020. Fonte: Divulgação/Prefeitura de Olinda.



Figura 48: Vista da Prefeitura de Olinda com Bateria de Samba com carro desfilando na Rua de São Bento, 2020. Fonte: Divulgação/ Prefeitura de Olinda.

Apesar desses problemas citados, nota-se que há a manutenção das agremiações tradicionais que continuam indo às ruas de Olinda, além do surgimento de novas agremiações. São necessárias que medidas de contenção sejam pensadas, planejadas e aplicadas para proteger os atributos tradicionais da festa que é, essencialmente, de rua.

Alguns traços dessa tradição, embora mal percebidos pelo “cogues”, ainda são mantidos vivos até nossos dias passando de geração em geração. Criar e recriar trocar, blocos e clubes, temas ou marchinhas, ou ainda optar por dissidências já foi uma herança cultural da elite olindense, de pai para filho, com o envolvimento de outros familiares, ou de amigos para amigos. Fragmentos do brilho dos antigos carnavais ainda permanecem, mesmo que acanhado, misturado ao bizarro e libertino estilo contemporâneo. (GALHARDO, 2008, p. 17)

2.2.6 MEGA-CARNAVAL: A GESTÃO E A INICIATIVA PRIVADA

Com o sucesso do carnaval atraindo cada vez mais público, surge uma nova tipologia na década de 2000: as empresas privadas começam a usar disso como um produto mercadológico na venda de superfestas com superestruturas localizadas no sítio histórico de Olinda. Essas festas se intitulavam como “camarotes de Olinda”, mas não ofereciam vista para a rua. O produto vendido não era a apreciação do carnaval de rua, e sim, uma festa com uma programação atrativa que em nada tinha a ver com a música típica de carnaval. (VIEIRA-DE-ARAÚJO, BARRETO, & PINHEIRO, 2019)

Segundo os relatórios produzidos pela SODECA no âmbito do CSPHO, relata-se muitas consequências nos casarões alvos desses camarotes. Além disso, destaca-se que essas festas interferiam na ocorrência do festejo típico. Pois, as pessoas se concentravam em frente aos “camarotes” para entrar, sair, comprar coisas fora, encontrar com alguém etc, juntava-se outras pessoas à frente para ouvir a música que estava acontecendo nos quintais. Tudo isso causava uma grande aglomeração nesse trecho da rua que interferia na mobilidade natural do logradouro

e no desfile das agremiações, além do som mecânico em potências altas atrapalharem nas orquestras dos blocos carnavalescos.

No ano de 2014, realiza-se uma intervenção positiva e, a partir de um decreto municipal, proíbe-se a modalidade de “casas-camarote” dentro do perímetro do sítio histórico de Olinda. Para não perder a propaganda, são mantidas em Olinda, mas fora do perímetro do sítio histórico de Olinda. Observou-se que desde as primeiras ocorrências, essa tipologia a cada ano investe em estruturas maiores e mais sofisticadas, sendo uma concorrência entre essas tipologias em qual teve a estrutura maior e mais bonita.



Figura: Camarote Carvalheira em Olinda, 2020. Fonte: Jornal do Comércio.

Em resumo, o “o carnaval de rua familiar” passou de um festejo popular de cunho local protagonizado pelos próprios moradores de 1940 a 1970, para o “carnaval de rua participativo” onde o morador tem papel fundamental na ocorrência da festa e uma consolidação do “carnaval de rua” de 1980-1990. A partir da década de 1990 nota-se o “carnaval de rua de massa” caracterizado pelo profissionalização do fazer carnavalesco e por uma divulgação intensa. Chegando na década de 2000 com o “mega-carnaval de rua” como o atrito entre público e privado, com as famosas “casas-camarotes” e mega-instalações. Vale ressaltar a ocorrência do “carnaval de clube” entre as décadas de 1940 e 1970, onde a grande atração é a programação da festa e a exuberância. Pode-se fazer uma relação do mega-carnaval privado da década de 2000 e 2010, com o carnaval de clube de 1940 e 1970, uma vez que as duas tipologias procuravam-se diferenciar do público popular. Apesar dessa similaridade, destaca-se que os clubes carnavalescos ao longo do tempo optaram por atrações que teriam a ver com a música desse ciclo, como frevo, maracatu, samba etc. Enquanto, os eventos promovidos do mega-carnaval da década de 2010 demonstram que o que menos parece importar é a similaridade com o carnaval, com megapalcos, atrações de outros estados e brinquedos no evento.

Apesar dessas mudanças, Vilarinho e Vieira-de-Araújo (2021) apontam para a permanência de um dos atributos ligados à sua própria origem: a participação dos moradores nas agremiações de Olinda. Desse modo, ainda há um carnaval de rua sendo manifestado nas ladeiras de Olinda carregando todas as simbologias e elementos que estão imbricados no território.

2.2.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O reconhecimento do valor patrimonial, divulgação intensiva e postura da gestão foram pontos relevantes para o surgimento da tipologia de carnaval de massa presente nos dias atuais, sendo resultante dessa narrativa construída para o carnaval ao longo do tempo.

As tipologias aqui encontradas refletem a ação de agentes desde a origem do carnaval, com o Carnaval de Familiar feito pelos moradores, até para o Carnaval de Polos ou de Massa feito pela gestão municipal. Nota-se que ações de gestão, como o surgimento da tipologia de Carnaval de Polos, é capaz de criar novas vivências de carnaval para os moradores de modo à relacionar-se com valores afetivos e identitários.

Em relação ao Carnaval de Polo hoje, percebe-se que não é tão expressivo como antes. Entretanto, é possível ver ainda alguns focos de animação também na cidade alta e há a diminuição de polos lindeiros às ladeiras, restando apenas o Polo Carmo e o Polo Varadouro com a exclusão do Polo na Praça do Jacaré/Dantas Barreto/Preguiça. Positivamente, surgiram outros polos como o Polo Guadalupe, Amaro Branco e Rio Doce que também possuem relevância cultural para o carnaval. Entretanto, para quem vai ao sítio histórico esse número é reduzido, deixando as ladeiras como opção quase que, exclusiva para ver o festejo. Até porque, comparando com a tipologia de Carnaval de Polos caracterizada pela descentralização do carnaval de rua trazendo as próprias agremiações e orquestras para as avenidas e palanques, a maioria dos polos atuais privilegiam bandas e cantores que não necessariamente possuem vínculo com o carnaval. Desse modo, ao invés de polos de animação, hoje são mais semelhantes à grandes shows-eventos, principalmente o Polo Carmo.

Dentro da atualidade, a escala do festejo alcança proporções mundiais suprimindo, ou melhor, engolindo o Carnaval Familiar. Assim, a tipologia de rua hoje é o “Carnaval de Massa”, onde dentro do contexto da massificação, pode-se relacionar a tipologia do carnaval de massa com o Mega-Carnaval e o Carnaval de Polos, não só em Olinda, mas em outras partes do Brasil, como uma tendência de transformar a expressão cultural em um Mega Evento com grandes participações que iriam atrair um grande público, inclusive com atrações que não tem a ver com

o território pernambucano no que diz respeito à origem do próprio artista contratado, ao tipo de música, melodia e estilo. Desse modo, a gestão municipal traz o Mega-carnaval originário da iniciativa privada para a organização de grandes palcos e de artistas, o espetáculo encenado.

Pode-se fazer a associação entre o Mega-carnaval atual como um novo tipo derivado do Carnaval de Clube, ambos têm a iniciativa privada como agentes. Entretanto, diferentemente do que foi visto no Carnaval de Clube, o Mega-carnaval procura se diferenciar do carnaval de rua, seja pelo poder aquisitivo, público frequentador, para até mesmo pelos artistas que tocam nos shows que tornam-se mais um festival que poderia acontecer em qualquer época do ano, do que uma festa carnavalesca.

De todo mundo, entende-se a escala atual do Carnaval de Massa sendo impossível voltar à tipologia predominante anteriormente, o Carnaval de Rua Familiar. No entanto, dentro dessas mudanças, é possível perceber a permanência de uma rede de relação entre as agremiações, os moradores, os lugares e o conjunto edificado. Sendo assim, a pesquisa realizada e as referências consultada levam a afirmar que ainda há um carnaval de rua onde essa simbologia é carregada. Logo, é imprescindível investigar se os moradores permanecem se identificando com o carnaval, apesar das modificações que ocorrem desde a década de 1970 até os dias atuais, objetivo do capítulo seguinte.

3. INVESTIGAÇÃO DA RELAÇÃO DOS MORADORES COM O FESTEJO ATUAL

Ouvi dizer que o mundo vai-se acabar
Que o tudo vai para cucuia
O sol não mais brilhará
Mas se deixar
Um bombo e uma mulata
E um trombone de prata
O frevo bom viverá
(Trombone de Prata, 1979, Capiba)

3.1 METODOLOGIA

Esse capítulo debruça-se sobre a aplicação dos conceitos apreendidos ao longo do capítulo 1 ao objeto empírico, Sítio Histórico de Olinda, aprofundado no capítulo 2. A investigação traz a discussão contemporânea de patrimônio cultural, levando em consideração aspectos tangíveis e intangíveis, como a vivência do morador, tendo em vista que há muitos estudos já publicados sobre o movimento sazonal de moradores e ex-moradores para os dias de momo. A respeito desses estudos, eles muitas vezes concentram-se apenas nas pessoas que fogem da cidade durante o carnaval e alugam suas casas ou apenas as deixam fechadas. Mesmo não tendo feito ainda comprovações relevantes consolidadas se esses moradores que saem são a maioria do sítio histórico, e o que ficam? O que eles dizem? Assim, pretende-se dar voz aos moradores que ficam no sítio histórico e fazem questão de vivenciar a festa.

Embora necessário, este trabalho não pretende analisar se a maioria dos moradores ficam ou saem no carnaval. Para este tipo de estudo, seria necessário uma longa pesquisa de campo que não cabe na natureza deste trabalho. Os resultados aqui encontrados não irão refletir a forma que a maioria dos moradores de Olinda se comportam, uma vez que os dados dizem respeito apenas à amostra coletada. Entretanto, a metodologia foi pensada de um modo a abarcar diferentes perfis variando à faixa etária, tempo de moradia na cidade, local de residência e categoria de vivência, que irão ser detalhados mais adiante. Os participantes não foram abordados ao acaso, foram escolhidos de acordo com essas três variáveis para se obter resultados mais equilibrados. Assim, ao fim, pode-se entender que será possível observar inclinações que indicam certos tipos de comportamentos comuns no sítio histórico, mas isso não vai refletir no nível de incidência em número na cidade.

A partir desse contexto, foram definidas estratégias teórico-metodológicas com base em algumas referências. A primeira delas foi o instrumento de Declaração de Significância desenvolvido por Pontual e Lira em 2018, no âmbito da disciplina na Universidade Federal de

Pernambuco, e aplicado em vários outros estudos.¹⁴ Além disso, foi utilizado como referência o roteiro de entrevista a respeito da percepção dos residentes na mudança de paisagem do bairro de Santo Amaro no Recife. (Machado, 2021), como também a experiência de aplicação dessa metodologia para a Zona Especial de Preservação Histórico-Cultural do Bairro do Bairro do Recife (ZEPH-09) a partir da iniciativa pioneira da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC) de adoção desse instrumento em uma escala de sítio histórico como uma ferramenta de planejamento urbano, sendo a DPPC uma gerência do Instituto da Cidade Pelópidas Silveira (ICPS) agregada à Secretaria de Política Urbana e Licenciamento (SEPUL) no âmbito municipal da cidade do Recife.¹⁵

Diferentemente da metodologia utilizada nas declarações de significância, optou-se pela elaboração de um questionário que iria ser manuseado pela própria estudante. Aliado a isso, decidiu-se pela identificação feita pela própria estudante a respeito dos valores atribuídos pelos participantes diante do que falavam, e não ao contrário, quando o participante aponta diretamente os valores que assinala para um determinado bem cultural. Essas decisões foram tomadas levando em consideração a natureza do estudo aqui proposto, direcionado aos variados tipos sociais, com o objetivo de descontração ao longo da entrevista. Acredita-se, também, que dessa forma poderia existir menos interferência na percepção dos moradores a respeito do sítio histórico e do carnaval.

Desse modo, o questionário elaborado aos moradores tem o objetivo de examinar se o carnaval, em virtude do seu protagonismo excessivo, perdeu um de seus principais atributos ligados à sua própria origem: ser protagonizado e organizado pelos próprios moradores. Como também, se isso compromete a identificação dos próprios moradores pela festa e como se dá a relação entre aspectos materiais e imateriais na vivência dos residentes durante o festejo.

Assim, optou-se, durante a entrevista, fazer as perguntas de forma aberta para o entrevistado ter liberdade para responder, com exceção das poucas de múltipla escolha. À medida em que as entrevistas iam avançando, percebeu-se que muitas respostas das questões abertas iam se repetindo. Desse modo, para ter maior facilidade na sistematização e análise dos dados, foram adicionadas caixas de seleção com alternativas em cada questão aberta caso o

¹⁴ Ferramenta de consulta de Declaração de Significância desenvolvida e apresentada por Flaviana Lira e Virgínia Pontual no âmbito da disciplina de Planejamento Urbano Regional-3 no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife. 2018.

¹⁵ A autora deste trabalho participou da aplicação do instrumento das declarações de significância como estagiária da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC). A ferramenta utilizada pela DPPC também baseou-se no instrumento de consulta desenvolvido por Lira e Pontual (2018) e foi adaptada pelo corpo técnico da DPPC durante o ano de 2022. O estudo das declarações de significância por essa diretoria está em andamento até o fim do presente trabalho.

morador mencionasse. As questões 18 e 19 basearam-se diretamente no método da Declaração de Significância em relação aos conceitos de autenticidade e integridade do bem aqui estudado: o carnaval, na visão dos moradores. Como não iria ser utilizado por especialistas, optou-se por não usar o conceito de “integridade”, tampouco o de “autenticidade”. Como o foco da pesquisa é investigar como se dá a relação morador-carnaval, o entendimento de autenticidade e integridade ficou a cargo da autora que a partir de suas referências bibliográficas fez sua análise breve dos relatos dos moradores. O modelo do questionário pode ser observado no Apêndice 01.

O questionário foi elaborado com 4 seções. A primeira delas consta com 13 questões abertas e fechadas focadas em apreender os motivos pelos quais o morador veio morar e permanece no sítio histórico, se o carnaval incentivou sua permanência ou sua saída do sítio, e sua vivência de carnaval como morador (com quais agremiações se relaciona, quais lugares são importantes pro carnaval para ele), como também entender se existem lugares no sítio histórico que continuam especiais para ele no carnaval e se existem lugares que perderam seu significado. Essa parte está relacionada com processo metodológico das declarações de significância e, mais especificamente, segundo Lira (2018), com o entendimento de que os bens, nesse caso o carnaval no sítio histórico de Olinda, estão suscetíveis às mudanças. Dessa maneira, a intenção é elucidar se esses lugares continuam conseguindo transmitir seus valores, ou seja, sua significância cultural através desse processo de escuta aos seus moradores.

A segunda seção contém 4 questões (14 a 17) que tratam da opinião do entrevistado acerca do carnaval. A terceira seção contém 5 questões (18 a 22) que focam, assim como na primeira seção, na verificação das permanências e mudanças do carnaval e de sua significância cultural, integridade e autenticidade para os moradores a partir de questões de múltipla escolha sem conceitos para melhor entendimento do entrevistado. No fim da terceira seção, existem, ainda, questões acerca da vivência cotidiana dos moradores, como quais usos e lugares que mais frequentam no sítio histórico. Por último, a quarta seção objetiva entender os motivos pelos quais os moradores alugam as casas no carnaval. Essa seção só é aplicada para os moradores locatários, não sendo aplicada para as demais categorias que serão explicadas adiante.

Para captação dos participantes, utilizou-se o método bola de neve por indicação, ou seja, a partir de uma pessoa que indica outra, essa outra indica outras e assim sucessivamente. A autora teve uma maior facilidade uma vez que mora em um bairro próximo ao sítio histórico e estudou em um colégio de Olinda. Em um primeiro momento chegou-se a 25 contatos que foram salvos em uma planilha. Depois disso, foram feitas vistorias no local de estudo para captar novos voluntários a partir de abordagem direta aos moradores que se encontravam na

rua. O método bola de neve foi continuamente utilizado com essas novas captações e durante as entrevistas, chegando em 90 contatos na planilha. Ao fim, chegou-se a 41 entrevistas utilizando o questionário que será descrito adiante. As entrevistas duraram de 35 minutos a 120 minutos e, em sua maioria, foram realizadas presencialmente em local de preferência do entrevistado. Foi informado previamente ao futuro entrevistado para, se possível, separar fotografias antigas ou recentes que mostrassem sua vivência no carnaval com o objetivo de, ao fim de pesquisa, armazenar um acervo pessoal dos residentes de Olinda com o carnaval. Ao longo do terceiro capítulo, optou-se por trazer algumas dessas fotografias para complementação das ideias contidas nele e das falas dos participantes com o objetivo de deixar ainda mais claro a relação dos residentes com o conjunto edificado, paisagem de Olinda e a manifestação cultural.

Após finalizada a fase de aplicação do instrumento de consulta aos participantes, opta-se pelo auxílio de ferramentas online como planilha excel e formulário google para sistematizar e processar os dados obtidos na entrevista. Utiliza-se o formulário online do *Google* para gerar automaticamente gráficos com os resultados obtidos, enquanto, a planilha excel serve para armazenar as falas mais importantes de cada participante, identificar os valores contidos em suas falas, identificar as agremiações e estabelecimentos mais mencionados.



Figura 49: Registro de entrevista com moradora em sua casa, 2023. Fonte: Própria



Figura 50: Registro de entrevista com Dona Dá em sua casa, moradora da Rua da Boa Hora, 2023. Fonte: Própria.

O Recorte de estudo escolhido abrange tanto o polígono do conjunto monumental, como o polígono de proteção ao conjunto definido pela Legislação urbanística dos Sítios Históricos de Olinda (Lei municipal nº4848/1992) e faz parte da Zona Especial de Patrimônio Cultural (ZEPC-3) definida pela Lei nº 5631/2008 (Lei de Uso e Ocupação do Solo do Município de Olinda. As análises quantitativas se debruçaram nesse recorte, assim como uma análise mais

atenta à subjetividade dos entrevistados. Sabe-se que diante da natureza desta pesquisa, não será possível analisar todas as ricas informações coletadas, entretanto escolheu-se o mais relevante para temática trabalhada. Os dados coletados que não foram detalhadamente utilizados neste trabalho poderão ser usados em outros trabalhos que poderão vir a surgir.

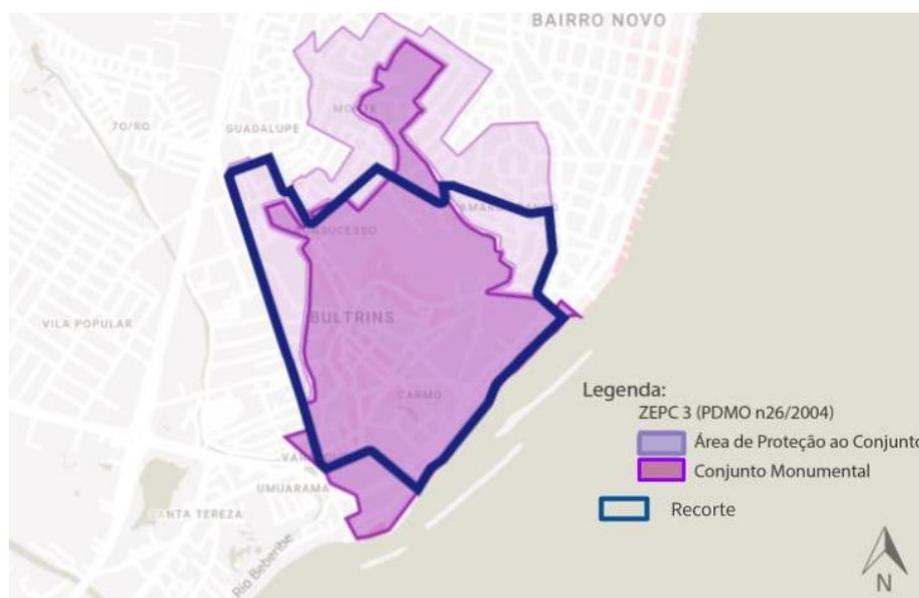


Figura 51: Mapa com recorte da pesquisa, 2023. Fonte: Própria

3.2 OS NÚCLEOS

Para obter um controle a respeito da localização dos residentes selecionados, dividiu-se o recorte de estudo em núcleos de influência com agrupamento de ruas com dinâmicas semelhantes e localização próximas. A pluralidade e equilíbrio na quantidade de participantes por núcleo ao longo de todo o sítio fortalecerá os resultados obtidos com o questionário. Do mesmo modo que essa divisão de núcleos poderá elucidar se tem áreas em que os moradores se relacionam com a cidade no carnaval da mesma forma ou se divergem. Antes da setorização do recorte, foram realizadas seis vistorias dentro do Sítio Histórico de Olinda no intuito de entender a dinâmica cotidiana de cada área, além de ter levado em consideração as visitas *in loco* durante o carnaval de 2023 e o de 2020, para perceber como esses lugares se apresentam nessa época do ano. Após isso, dividiu-se o recorte em núcleos com agrupamento de ruas que, a partir da observação, possuíam características semelhantes em relação aos usos e dinâmica urbana. A divisão do recorte poderá ser compreendida abaixo, a partir de um breve resumo do que foi apreendido de cada lugar neste momento:

1. Núcleo Carmo;
2. Núcleo Prudente;
3. Núcleo Bonfim;
4. Núcleo Amparo;
5. Núcleo Amaro Branco;
6. Núcleo Boa Hora;
7. Núcleo Guadalupe.

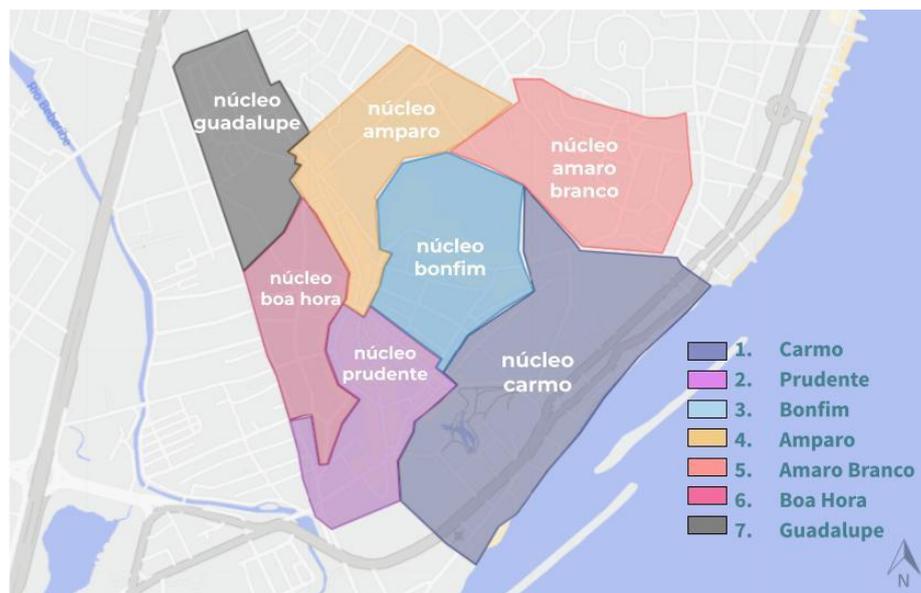


Figura 52: Mapa de núcleos de Influência para a amostra, 2023. Fonte: Própria

NÚCLEO CARMO

Formado pelas ruas da entrada de Olinda, este núcleo está inserido no bairro do Carmo e compreende o polígono delimitado pelas avenidas Sigismundo Gonçalves, do Farol, Luís Gomes, 10 de Novembro, ruas do Sol, Manuel Borba, Bispo Coutinho, travessas de São Francisco e João Alfredo e Praça Dantas Barreto.



Figura 53: Vista da Avenida do farol para a Praça do Carmo, 2023. Fonte: Própria

Figura 54: Vista para Igreja do Carmo, 2022. Fonte: Própria.

Em vistoria, percebeu-se que possui a predominância de usos de comércios e serviços. Destaca-se também por contar com variados espaços públicos, como a Praça do Carmo, Praça da Preguiça, Praça do Jacaré, Praça do Fortim e Pátio de São Francisco. Conta ainda com importantes monumentos, como a Igreja e Convento do Carmo, Igreja de Nossa Senhora da Graça, Igreja de São José dos Pescadores, Convento de São Francisco e seu cruzeiro, Seminário de Olinda e Forte de São Francisco. Ao longo da Rua do Sol, onde tem muitas casas térreas com cumeeira perpendicular à rua, são observados muitos imóveis vazios e com placas de venda ou aluguel. Na Avenida Sigismundo Gonçalves, observam-se muitos usos institucionais e de serviços, em sua maioria localizados em casarões com implantação soltas no lote. A incidência de maior uso residencial é no começo da Avenida do Farol, travessas do Layme e de São Francisco. Devido à menor expressividade de uso residencial neste núcleo em comparação com os outros, o número de entrevistados será menor em relação aos outros núcleos.



Figura 55: Vista para Avenida do Farol, 2023. Fonte: Própria



Figura 56: Vista para Rua do Sol, 2023. Fonte: Própria.

É válido ressaltar alguns equipamentos culturais que se destacam nesse núcleo: a sede do Maracatu Leão Coroado, na Avenida Liberdade, e a Sede do Afoxé Alafin Oyó, localizada na Rua do Sol desde 2019. Ademais, o Clube Atlântico de Olinda, diferente do seu vizinho Cine Olinda, resistiu até os dias atuais e continua trazendo festas dos mais variados estilos, inclusive festas carnavalescas no carnaval.

Durante o carnaval, esse núcleo recebe variados comércio de rua em barracas fixas, principalmente na Praça do Carmo e na Avenida Liberdade com oferta de comidas e bebidas.

Também é nesse núcleo que é instalado a maior quantidade de banheiros químicos e estruturas de apoio (postos policiais e postos médicos de emergência). O palco principal do carnaval de Olinda é instalado na Praça do Carmo/Praça da Preguiça, onde desde a quinta-feira de carnaval até a terça acontecem shows das 16h até as 2h, em geral. Embora sua dinâmica no carnaval seja marcada pela grande quantidade de pessoas circulando e pela aglomeração nos horários de shows, com exceção da Avenida Liberdade, não são vistas tantas agremiações circulando nesse núcleo.



Figura 57: Vista para a Sede do Maracatu Leão Coroado, Avenida Liberdade, 2022. Fonte: Própria



Figura 58: Vista para o Clube Atlântico de Olinda, Avenida Sigismundo Gonçalves, 2018. Fonte: Diário de Pernambuco.



Figura 59: Vista para a Praça do Carmo durante o carnaval de 2020. Foto: Alice Mafra. Fonte: Prefeitura Municipal de Olinda.



Figura 60: Vista para comércio de rua se instalando para o carnaval, Avenida Liberdade, 2023. Foto: Arthur Mota. Fonte: Folha de Pernambuco.

NÚCLEO PRUDENTE

A delimitação do núcleo Prudente é formada pelas avenidas Joaquim Nabuco, 10 de Novembro, ruas Prudente de Moraes, Vinte e Sete de Janeiro, Rua Treze de Maio, Quinze de Novembro, Coronel João Lapa e de São Bento. O polígono abrange os bairros do Carmo e

Varadouro. Possui variados espaços públicos de destaque, como a Praça da Matriz de São Pedro, Praça Laura Nigro, Praça Monsenhor Fabrício, Praça Coronel João Lapa e Largo de São Bento. Estão nesse setor, as ruas com maior pluralidade de usos, contando com usos residenciais, institucionais, hotelaria, comércio, ateliês e museus, como o Arquivo Público Municipal de Olinda, Prefeitura de Olinda, Centro Cultural Mercado Eufrásio Barbosa, Câmara Municipal de Olinda, Museu do Mamulengo, Museu de Arte Contemporânea (fechado há anos), Centro de Cultura Luiz Freire e Casa Estação da Luz. Além disso, importantes elementos religiosos se destacam nessa área, o Mosteiro e Brasília de São Bento, Igreja São Sebastião e Federação Espírita Olindense.

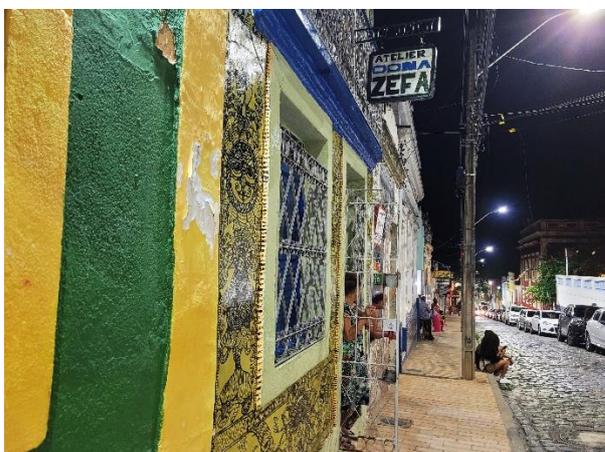


Figura 61: Vista para a Rua Prudente de Morais, 2023. Fonte: Própria



Figura 62: Vista para a Rua Prudente de Morais, 2023. Fonte: Diário de Pernambuco.

Com a fachada pintada de amarelo e preto, a sede da Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos, localizada na Rua 27 de Janeiro, funciona e dinamiza a rua com ensaios de orquestras, oficinas, comemorações e bar durante todo o ano. Vale ressaltar que setembro é um mês diferente para os carnavalescos, pois as ladeiras de Olinda recebem, como “abertura oficial” do período de prévias do carnaval, o desfile da pitombeira dos quatro cantos no dia sete de setembro. A partir desse dia, são comuns os desfiles e cortejos de outras agremiações durante os finais de semana.

Além da sede da Pitombeira, destaca-se a sede do Grêmio Recreativo Cultural Misto Carnavalesco Eu Acho É Pouco, localizada na Rua de São Bento. Diferentemente da Pitombeira, a casa do Eu Acho é Pouco não é aberta ao público, pois é residência de Ivaldevan Calheiros, Sônia Cunha e família, que fazem parte da fundação do bloco. As reuniões entre os organizadores aconteciam na casa N° 358, ou na Rua do Bonfim, na casa de outro integrante

ao grupo, entretanto, a festa sempre foi na rua. Inclusive, é uma característica muito comum das agremiações de Olinda não possuírem sedes abertas ao público em virtude de não desempenhar função de sede oficial e ser residência dos fundadores ou familiares. Além de outras questões, isso evidencia a relação intensa entre os componentes e os grupos carnavalescos (VILARINHO & VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2021). O trecho no qual a sede está inserida costuma ser tranquilo no dia a dia, com fluxo pequeno e médio de transeuntes. Durante o carnaval e celebrações que o Eu Acho É Pouco promove, esse cenário modifica por um grande movimento de pessoas e as ruas são tomadas pelo dragão, pela orquestra e pela multidão vermelha e amarela.



Figura 63: Vista para a Rua de São Bento, sede do Grêmio Recreativo Cultural Misto Carnavalesco, 2023. Fonte: Própria



Figura 64: Vista para a Rua de São Bento, 2022. Fonte: Própria.

Em relação aos dias de festejo, esse setor caracteriza-se como o que maior concentração e fluxo de pessoas, principalmente na Praça Monsenhor Fabrício (Praça da Prefeitura), Rua de São Bento e Rua Prudente de Moraes. Inúmeras agremiações incluem no seu percurso a Rua de São Bento e a Prefeitura, de modo que os foliões, quando não acompanham, esperam nesses lugares a passagem dos grupos carnavalescos. Assim, em frente à edificação da Prefeitura de Olinda, tonou-se o lugar certo onde sempre vai estar passando alguma agremiação, é lá onde está localizado grandes canais de televisão e rádio para noticiar o carnaval. Em relação à instalação de banheiros químicos, é feita de forma excessiva principalmente no Largo de São Bento e nas ruas Porto Seguro e Pedro Monteiro, tornando esses lugares insalubres de passar devido à quantidade de sujeira e de odores fortes.



Figura 65: Vista para Prefeitura de Olinda durante o carnaval, 2020. Fonte: Prefeitura de Olinda.



Figura 66: Vista para a Rua 27 de Janeiro em desfile da Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos, 2019. Fonte: Hugo Muniz.

NÚCLEO BONFIM

Faz parte da delimitação do Núcleo Bonfim a Ladeira da Sé, as ruas José Belarmino da Silva (Rua da Palha), Bispo Coutinho, Bertioga, Antonio Francisco Gomes e Bonfim, no bairro do Carmo. Integra-se ao setor, o Alto da Sé com a Praça da Sé, rodeada de centros culturais, como o Museu de Arte Sacra e a Casa dos Bonecos Gigantes de Olinda, contando ainda com a Igreja de São Salvador do Mundo (Catedral da Sé), a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e seu convento. Bem como, a Praça da Sé surpreende com a vista panorâmica da cidade, além da tradicional oferta de tapiocas na barracas. Ademais, se destacam nesse setor a Igreja do Bonfim e o Terreiro de Pai Edu como importantes articuladores culturais da área.



Figura 67: Sede do Grêmio Recreativo da Escola de Samba Preto Velho, Rua Bispo Coutinho de baixo, 2023. Fonte: Própria.



Figura 68: Rua Bispo Coutinho de baixo, 2023. Fonte: Própria.

No cotidiano, as ruas agrupadas nesse setor demonstram uma ambiência bucólica, uma vez que a maioria das ruas, com exceção da Rua Bispo Coutinho de cima, são predominantemente residenciais. A Rua do Bonfim possui tanto trechos com casas térreas sem afastamento frontal, como sobrados e casarões. Chama atenção que, ao lado da Praça da Sé, há a Rua Bispo Coutinho de baixo, uma rua sossegada e com predominância de habitação que possui tipologia de casas com oitão com cumeeira perpendicular à rua. Possui ainda a sede do Grêmio Recreativo da Escola de Samba Preto Velho, fundada em 1974.



Figura 69: Vista para a Rua do Bonfim, 2023. Fonte: Própria.



Figura 70: Vista panorâmica do Alto da Sé para o Sítio Histórico de Olinda, 2023. Fonte: Própria.

Nos dias de carnaval, apesar de movimentado, o Alto da Sé continua sendo um ambiente sossegado que convida o brincante a descansar e comer. Quando o bloco Enquanto Isso na Sala da Justiça concentra-se para sair da Praça da Sé, o agito e pessoas fantasiadas de heróis tomam conta do lugar, modificando, por ora, a ambiência de tranquilidade que a Sé costuma passar. Porém, essa é uma das exceções que já fazem parte do carnaval de Olinda e todos os anos atraem os foliões para conferir o Homem Aranha subindo o edifício moderno da Caixa d'água de Olinda, de autoria do arquiteto Luiz Nunes.

O cenário observado a respeito do Alto da Sé é diferente da Rua do Bonfim. Pois, nos dias do festejo, há uma grande concentração de pessoas na Rua do Bonfim interferindo na livre circulação de pessoas. Aliado a isso, muitas casas são alugadas para grandes grupos de pessoas que colaboram na maior permanência de brincantes nessa rua. Entretanto, muitas agremiações continuam passando, como as tradicionais Pitombeira dos Quatro Cantos e a Troça Carnavalesca Ceroula de Olinda.

NÚCLEO AMPARO

O núcleo Amparo consiste no polígono formado pelas ruas do Amparo, de São João e Sítio das Quintas, Ladeira da Misericórdia, Estrada do Bonsucesso e Travessa do Rosário, incluindo 3 bairros: Amparo, Bonsucesso e Rosário. Neste setor, os espaços públicos que se destacam são o Quatro Cantos, Largo do Amparo, Praças do Rosário e Alexandre Rodrigues de Sena. Possui bens que desempenham papéis primordiais na vivência do sítio histórico, tais como: A Igreja do Amparo, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, associação de capoeira Angola Mãe, Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas e o Clube Carnavalesco de Alegoria e Crítica O Homem da Meia-Noite. Esse núcleo se destaca por sua diversidade de usos possuindo tanto bares, restaurantes, mercearia, sedes de grupos carnavalescos, como residências e atelier de artes. É comum ver pessoas circulando nessa área, independente do dia da semana, é sempre movimentado. A partir de quinta-feira, os bares costumam atrair mais gente, agregando a vida noturna à dinâmica da área. Em relação ao uso residencial, embora ainda seja muito presente na Rua do Amparo, as ruas que mais se destacam são a Ladeira da Misericórdia e a Estrada do Bonsucesso que possuem predominantemente habitação.



Figura 71: Vista para o Largo do Amparo, 2023.
Fonte: Própria.



Figura 72: Vista para o Largo do Amparo, ao fundo,
Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, 2023.
Fonte: Própria.

Os espaços públicos que mais chamam atenção são o Quatro Cantos e o Largo do Amparo, contando cada um com sua particularidade. No dia-a-dia, o Largo do Amparo é um espaço que oferece usos de apoio ao morador, como: padaria, farmácia, lanchonete e mercearia, e, em lugar privilegiado, um bar na esquina da Rua Nossa Senhora do Guadalupe e a Rua de São João, que te convidam à apreciar a paisagem. É comum observar moradores com cadeira na calçada e pessoas sentadas no chão. Em uma das vistorias, foi visto acontecendo um bingo,

o qual ocupou o largo inteiro com pessoas e cadeiras. Já o Quatro Cantos, chamado assim porque é o encontro de quatro ruas, têm um aspecto mais boêmio, contando com seis bares. Devido ao movimento de pessoas e bares, tem-se a sensação que as calçadas se expandem para a faixa de rolamento, criando uma ambiência única.



Figura 73: Vista para a Travessa do Rosário, 2023.
Fonte: Própria.



Figura 74: Vista para o Largo do Guadalupe durante bingo, 2022. Fonte: Própria.

Durante os dias de folia, a movimentação dessa área é intensificada, principalmente nos Quatro Cantos, Largo e rua do Amparo. São vistas diversas agremiações desfilando, tanto no sentido Guadalupe, como no sentido Prudente de Moraes. Vale ressaltar que a Estrada do Bonsucesso torna-se uma grande concentração de pessoas ansiando e esperando o calunga sair para, enfim, começar o desfile à meia noite do sábado. Em relação à infraestrutura instalada para o carnaval, instala-se algumas tendas de policiamento no Largo do Amparo e Estrada do Bonsucesso, os poucos banheiros são instalados em alguns becos, como o Beco do Bajado (Rua da Bertioga).



Figura 75: Saída do Homem da Meia Noite, Estrada do Bonsucesso, 2020. Fonte: Katherine Coutinho.

Figura 76: Vista para o Quatro Cantos de Olinda, 2023. Fonte: Própria.

NÚCLEO AMARO BRANCO

Delimitado pelas ruas São Miguel, Ver. Oswaldo Xavier, Jataúba, travessa São Miguel, Sarapião e Avenida Luís Gomes, o núcleo Amaro Branco é predominantemente residencial, mas também possui usos educacionais e de pequenos comércios (como mercadinhos, mercearias, depósito de bebidas, entre outros). É neste bairro que está localizado o marcante Farol de Olinda, construído em 1941 no Morro do Serapião no Amaro Branco para substituir o antigo farol que ficava na beira mar construído em 1867 (VAINSENER, 2009). A torre de concreto armado de 42 metros marca a paisagem das colinas de Olinda e tornou-se um elemento identitário da cidade.



Figura 77: Vista da Praça Dantas Barreto para o Farol de Olinda, 2022. Fonte: Própria.



Figura 78: Vista do bairro de Amaro Branco, 2023. Fonte: Própria.

Alguns equipamentos culturais chamam atenção, como a Escola de Samba do Oriente, localizada na Rua Frei Afonso Maria, e o Clube Carnavalesco Misto Lenhadores de São José na Rua São Miguel fundado em 1907. Outra característica do bairro do Amaro Branco a ser destacada é seu envolvimento com o Coco de Roda, possuindo inclusive muitos mestres e mestras residentes atuantes até os dias atuais e empenhados em passar para outras gerações a

tradição dessa manifestação cultural. Essa relação forte da população com essa expressão, pode ser observada no caso do Beco do Pneu que consistem em uma rua estreita com casas mais recentes de tipologia popular. O Beco do Pneu, atual Rua Marcelo Fiuza, acontece há 33 anos quando a travessa se veste de música e dança à noite criando uma ambiência única. A maioria dos frequentadores são residentes do Amaro Branco e de outras bairros próximos, mas também podem ser observados frequentadores de outras partes da cidade e de Recife.



Figura 79: Vista para casario da Rua São Miguel, 2023. Fonte: Própria.



Figura 80: Vista Clube Carnavalesco Misto Lenhadores Olindense, 2023. Fonte: Própria.

NÚCLEO BOA HORA

Delimitado pelas ruas da Boa Hora, Coronel Joaquim Cavalcante, Henrique Dias e Bica dos Quatro Cantos e Avenida Joaquim Nabuco, é um dos núcleos com maior expressividade residencial. Nesse setor, se destacam a Igreja Nossa Senhora da Boa Hora, a Bica dos Quatro Cantos e a Bica de São Pedro.



Figura 81: Vista para Rua da Boa Hora durante São João organizado pela Venda de Zé Bento, 2023. Fonte: Própria.

Figura 82: Júlia, Dona Dá e sua família, Rua da Boa Hora, 2023. Fonte: Própria.

Na rua da Boa Hora, composta predominantemente por residências, é comum observar cadeiras e moradores na calçada. Não é diferente no carnaval. Nessa rua, a maioria dos moradores não saem de suas casas e permanecem para aproveitar os dias de festa. Ainda mais devido à rua ter começado a ter uma prática social marcante: uma moradora antiga, Dona Dá, com a ajuda de seus vizinhos, começou a confeccionar troféus na década de 1980 para entregar às agremiações que passassem por ali durante o carnaval. Além disso, na quarta-feira de cinzas, acontece o “Encontro de Bois”, onde todos os bois vão em direção à Rua da Boa Hora para receber seu troféu. Assim, como afirma Attia (2017) a prática social realizada na Rua da Boa Hora configura-se como um ritual lúdico festivo e “é convertida em espaço da brincadeira marcado por um tipo de relação de sociabilidade que é pautado na realização de um ritual envolvendo a moradora e os bois e blocos participantes” (ATTIA, 2017, p. 98).

Durante entrevista com Dona Dá e de outros participantes, descobriu-se a relevância da Venda de Zé Bento para a rua e o sítio histórico. A Venda de Zé Bento funciona há mais de 30 anos e foi fundada pelo pai de Eriane, Bento, que morava junto à família nessa mesma casa. Após seu falecimento, Eriane cuidou dos negócios do pai até o momento. Hoje, os irmãos de Eriane moram na mesma casa do pai e ajudam a cuidar do negócio. A venda movimentada a rua e têm papel fundamental para a cultura da rua, trazendo vários eventos culturais para a rua, como o São João da Boa Hora. Inclusive, devido à sua importância para a dinâmica do lugar, Dona Dá presenteou a venda com um troféu de homenagem. O mesmo troféu pode ser visto exposto nas prateleiras da venda. Essa rede de relações identificada na Rua da Boa Hora através das casas e de seus moradores, reforça a necessidade de olhar para o sítio histórico de Olinda de forma indissociável entre o aspecto material e o imaterial.



Figura 83: Detalhe de troféu dado por Dona Dá para a Venda de Zé Bento, Venda de Zé Bento vista ao fundo, 2023. Fonte: Própria.

Figura 84: Vista interna da Venda de Zé Bento, ao fundo é visto o troféu presenteado por Dona Dá (em vermelho). Fonte: Própria.

Durante o carnaval, esse núcleo possui uma circulação alta de agremiações, principalmente na Rua da Boa Hora e na Rua Coronel Joaquim Cavalcante. Em relação à concentração de pessoas, o nível é baixo, observado apenas na frente das casas em uma quantidade que não interfere na mobilidade. Por sua vez, as barracas são concentradas na Avenida Joaquim Nabuco, facilitando a fluidez do espaço. Neste setor, não são vistos polos, nem palcos de carnaval.



Figura 85: Rua da Boa Hora durante o São João da Boa Hora, 2023. Fonte: Própria.



Figura 86: Detalhe de fachada da casa N° 177 da Rua da Boa Hora onde é possível observar placa de carnaval, 2021. Fonte: Própria.

NÚCLEO GUADALUPE

O núcleo Guadalupe é delimitado pelas ruas de São João, Nossa Senhora do Guadalupe, João Martiniane da Silva, Travessa Bartolomeu de Medeiros, avenidas Joaquim Nabuco e Saudade e Praça Conselheiro Miguel Canuto. O Bairro do Guadalupe trata-se de uma expansão urbana do núcleo primitivo de Olinda na cidade Alta. Entretanto, é válido mencionar, o Bairro do Guadalupe é um bairro consolidado nos dias atuais e têm um papel fundamental para cultura e para o carnaval da cidade. O Guadalupe é palco de surgimento de variadas agremiações e orquestras, além de contar com a sede do Coco do Guadalupe e do Cariri Olindense, uma das troças mais antigas do sítio histórico de Olinda.



Figura 87: Vista para a Rua Candida Luisa, 2023.
Fonte: Própria.



Figura 88: Vista para a Rua Nossa Senhora do Guadalupe, 2023. Fonte: Própria.



Figura 89: Vista o Largo do Guadalupe e Igreja de Nossa Senhora do Guadalupe, 2023.
Fonte: Própria.



Figura 90: Vista para a Rua Nossa Senhora do Guadalupe durante do primeiro desfile do Cariri Olindense após período de pandemia, 2022. Fonte: Própria.

O espaço público de destaque deste setor é o Largo do Guadalupe, onde acontecem variadas procissões, além de ser o lugar de concentração e chegada de diversas agremiações. Durante o carnaval, todos os anos o Largo do Guadalupe recebe um palco do coco concentrando e atraindo muito público para a área.

Em relação aos dias de folia, é observado uma grande circulação de agremiações nessas ruas. Entretanto, é visto, no geral, uma circulação médias de pessoas, com exceção dos dias de agremiações que atraem maior público, como o Cariri Olindense e Homem da Meia Noite. São vistos poucos pontos de concentração de pessoas ao longo das ruas. Em relação à instalação de infraestrutura, são vistos alguns banheiros químicos na Praça Conselheiro Miguel Canuto.



Figura 91: Vista para a Rua Candida Luisa, 2023. Fonte: Própria.



Figura 92: Vista para a Rua Nossa Senhora do Guadalupe, 2021. Fonte: Própria.

3.3 PERFIS DA AMOSTRA

Como mencionado anteriormente, para definir a amostra final a ser entrevistada, definiu-se quatro variáveis para ter uma quantidade de pessoas com perfis diferentes, o tempo de moradia, a faixa etária, localização e categoria de morador. Uma das variantes escolhidas é o tempo de moradia no sítio histórico, pois sua opinião pode depender do arco temporal que o entrevistado tenha vivenciado, uma vez que moradores mais recentes não viram acontecer determinadas questões que os mais antigos já presenciaram, ou quando os que moram há pouco tempo chegaram já aconteciam determinadas situações que para os mais antigos é novidade. Definiu-se os intervalos de i) até 5 anos; ii) de 5 a 15 anos; iii) de 15 a 25 anos; iv) de 25 a 35 anos; v) de 35 ou mais. O intervalo determinado diz respeito à cronologia definida para o carnaval em Olinda no capítulo 2 deste trabalho, de modo a identificar se essas mudanças do carnaval influenciaram na opinião do residente.



Figura 93: Diagrama sobre metodologia utilizada para definir a amostra a ser consultada, 2023. Fonte: Própria.

Ademais, as amostras deverão contemplar equilibradamente as categorias de morador classificadas pela pesquisadora da seguinte forma:

- **Morador-folião:** Aquele que permanece no sítio e curte o carnaval normalmente);
- **Morador-locatário:** Aquele que aluga sua casa para o carnaval - alguns podem alugar sempre para sair do sítio ou só às vezes talvez);
- **Morador-empresendedor:** Aquele que não vive exclusivamente de atividades ligadas ao carnaval, mas que “lucra” com o carnaval, como donos de pousadas, hotel/hostel, restaurantes, bares, etc);
- **Morador trabalhador do carnaval:** Aquele que vive exclusivamente de atividades ligadas ao carnaval, passistas, percussionistas, músicos, porta-estandartes, artistas de bonecos gigantes/estandartes/fantásias, etc);
- **Morador representante de agremiações:** Aquele que faz parte da diretoria de alguma agremiação atuante.

Diante do exposto, chegou-se a quatro variáveis: a localização (os núcleos citados anteriormente), o tempo de moradia, a faixa etária e a categoria de morador. A seguir, elaborou-se uma tabela resumo:

NÚCLEOS	TEMPO DE MORADIA	FAIXA ETÁRIA	CATEGORIA
Carmo	Até 5 anos	20 a 30 anos	Empresendedor
Prudente	De 5 a 15 anos	30 a 40 anos	Representante de agremiações
Bonfim	De 15 a 25 anos	40 a 55 anos	Locatário
Amparo	De 25 a 35 anos	55 a 65 anos	Trabalhador do carnaval
Amaro Branco	De 35 ou mais	65 ou mais	Folião
Boa Hora			Outro
Guadalupe			

Tabela 1: Variáveis da amostra a ser consultada, 2023. Fonte: Própria.

Foram definidos alguns critérios de inclusão: i) morar no conjunto monumental ou no polígono de proteção do conjunto; ii) morar há pelo menos 4 anos no Sítio Histórico de Olinda; iii) ter idade superior a 20 anos; iv) ter tido o costume de brincar carnaval em algum momento. Esse último critério diz respeito ao morador ter tido alguma experiência com carnaval por

alguns anos, assim, como critério de exclusão, define-se àqueles que nunca gostaram de carnaval. Essa escolha foi baseada no entendimento de os moradores que nunca tiveram alguma relação forte com o carnaval, independente de gostar ou não atualmente, não poderiam ser capazes de opinar sobre as mudanças e permanências do carnaval de acordo com suas experiências, pois nunca teriam vivenciado de corpo e alma.

Em relação ao tempo de moradia, priorizou-se moradores que residiam há mais anos no SHO, pois teriam conhecido mais cenários cronológicos do carnaval. Desse modo, chegou-se em quase da metade do total de entrevistados, chegando em um percentual de 48,8% de residentes que vivem há mais de 35 anos. Em sequência do maior pro menor, tem-se 19,5% de moradores que estão no sítio de 15 a 25 anos, 17,1% que vivem de 25 a 35 anos, 9,8% que vivem de 5 a 15 anos, e 4,9% que vivem até 5 anos.

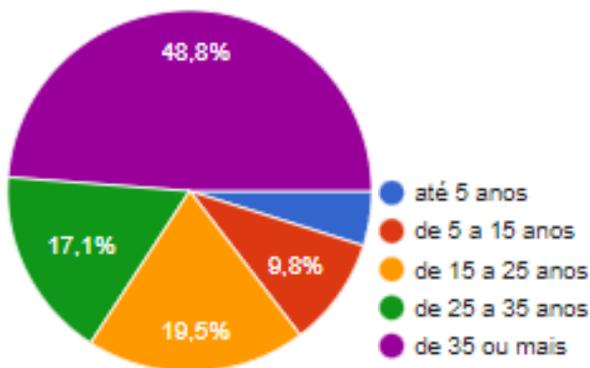


Gráfico 1: Distribuição de entrevistados por tempo de moradia no SHO. Fonte: Própria.

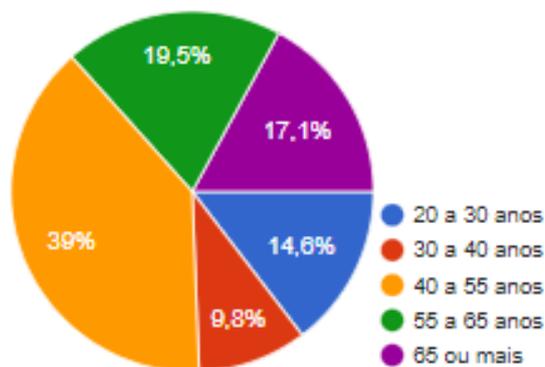


Gráfico 2: Distribuição de entrevistados por faixa etária. Fonte: Própria.

A partir das vistorias feitas no Sítio Histórico de Olinda, observou-se a predominância dos usos nas ruas. Desse modo, com exceção dos núcleos do Guadalupe e Amaro Branco, a quantidade de moradores foi pensada para ser aproximadamente proporcional à quantidade de moradores observada em cada núcleo. Assim, os núcleos com maior quantidade de entrevistados foram: Bonfim, Amparo e Prudente na mesma quantidade, e Boa Hora em seguida. A menor quantidade foi no núcleo Carmo, pois nota-se que é o núcleo com menos expressividade de moradia, inclusive com vários imóveis de comércio, institucionais e ociosos.

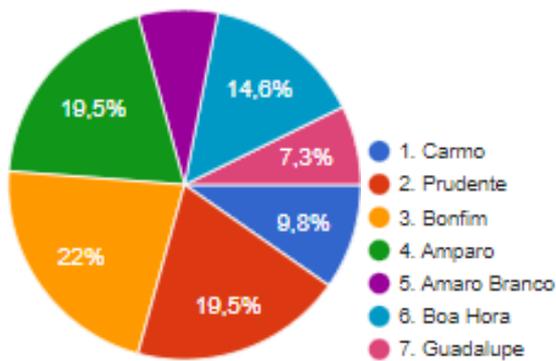


Gráfico 3: Distribuição de entrevistados por núcleo.

Fonte: Própria.

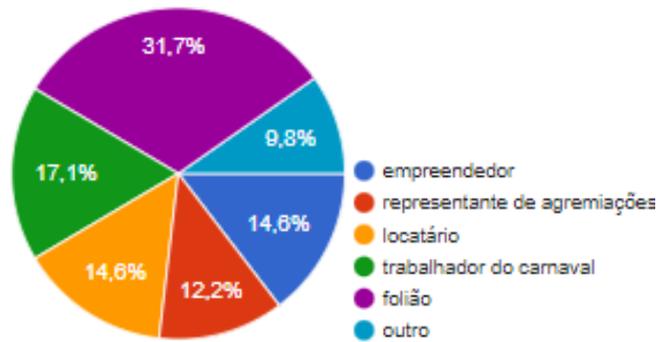


Gráfico 4: Distribuição de entrevistados por categoria de morador. Fonte: Própria.

Fonte: Própria.

Foram entrevistados 41 moradores no total, sendo eles: 4 moradores do Núcleo Carmo (2 empreendedores e 1 representante de agremiação); 8 moradores do Núcleo Prudente (1 empreendedor, 1 folião, 2 locatários, 2 outros, 1 representante de agremiação e 1 trabalhador do carnaval); 9 moradores do Núcleo Bonfim (2 locatários, 5 foliões, 1 representante de agremiações, 1 trabalhador do carnaval); 8 do Núcleo Amparo (3 empreendedores, 2 foliões, 1 representante de agremiação, 2 trabalhadores do carnaval); 3 moradores do Núcleo Amaro Branco (1 folião, 1 trabalhador do carnaval e 1 outro); 6 do Núcleo Boa Hora (2 foliões, 3 locatários e 1 representante de agremiação); 3 do Núcleo Guadalupe (3 trabalhadores do carnaval). A distribuição de categorias de morador pode ser observada na tabela a seguir:

NÚCLEO	CATEGORIAS DE MORADOR					
	Empreend.	Representante de agrem.	Locatário	Trabalhador do carnaval	Folião	Outro
Carmo	2	1				
Prudente	1	1	2	1	1	2
Bonfim		1	2	1	5	
Amparo	3	1		2	2	
Amaro Branco				1	1	1
Boa Hora		1	3		2	
Guadalupe				3		

Tabela 2: Distribuição dos entrevistados por núcleo e categorias de morador, 2023. Fonte: Própria.

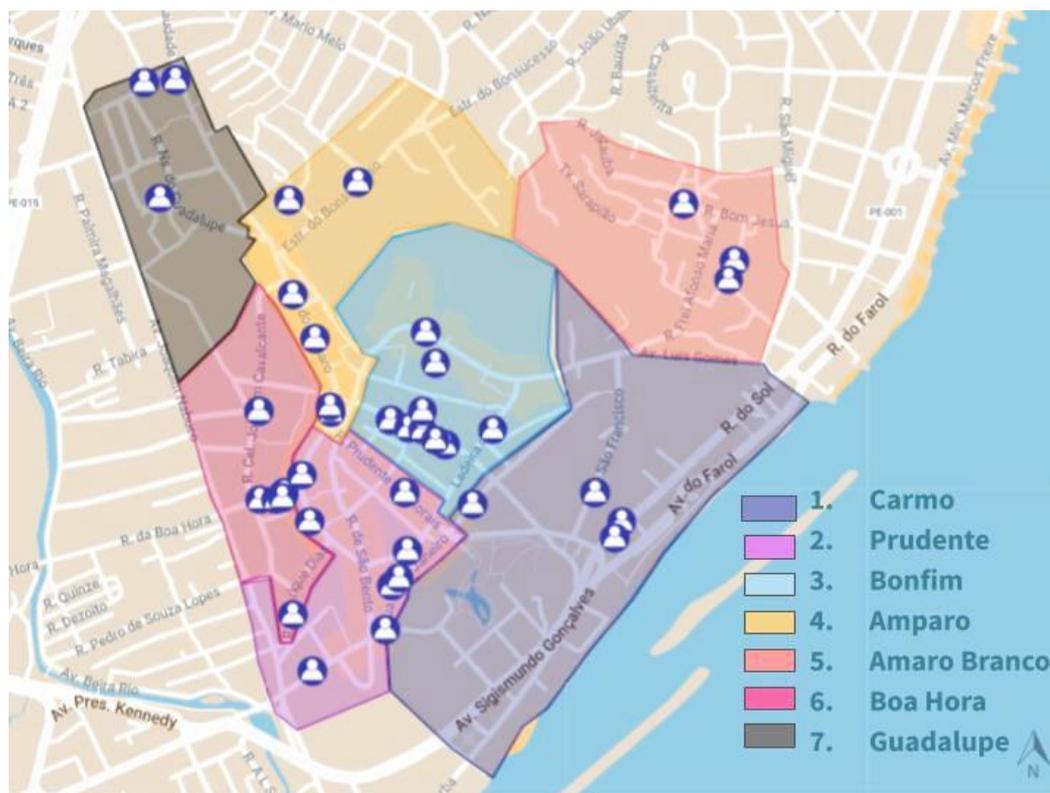


Figura 94: Mapa de núcleos de Influência com localização de moradia dos entrevistados, 2023. Fonte: Própria

3.4 QUEM BRINCA CARNAVAL NO PATRIMÔNIO? RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Começa-se com as reflexões acerca do questionamento se o festejo que acontece anualmente em Olinda influenciou os entrevistados a irem morar em Olinda ou saírem. Em seguida, analisa-se a respeito das motivações mencionadas de morar no sítio histórico e permanecer nele. Após isso, é exposto a identificação dos valores a partir das falas dos moradores a respeito de Olinda e do carnaval. Em seguida, entrará no assunto do carnaval especificamente, com exposição do início da experiência de carnaval dos moradores e do atual, sua opinião sobre o carnaval de agora com alguns exemplos a partir de lugares do sítio histórico mencionados. Por fim, as mudanças identificadas pelos residentes e seu gosto sobre o carnaval.

Ao elaborar a pesquisa, pensou-se que a maioria dos moradores teriam ido para Olinda por causa do carnaval. Entretanto, a maioria deles não considerou o carnaval um dos motivadores de sua mudança. Assim, 25 moradores responderam que não consideraram, 3 responderam que em parte foi considerado e 13 que consideraram buscaram Olinda pelo carnaval. Outro ponto importante de mencionar é quando foi perguntado se o carnaval já foi motivo para sair de Olinda, apenas 4,5% do total de entrevistados falaram que sim ou em parte.

Ademais, relacionando ao núcleo, percebe-se que os entrevistados que afirmaram isso residem metade no núcleo amparo e metade no núcleo prudente. Ambos os núcleos extremamente movimentados durante os dias de festejo. Os gráficos podem ser observados a seguir:

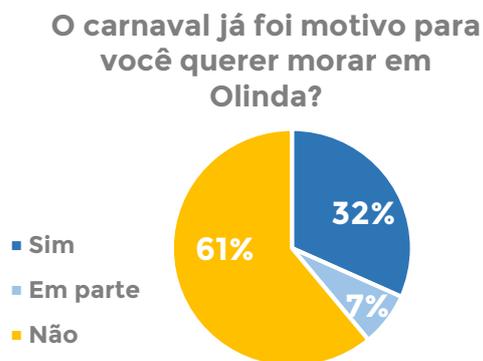


Gráfico 5: Gráfico pizza com respostas para a pergunta 'O carnaval já foi motivo para você querer morar em Olinda, 2023. Fonte: Própria.

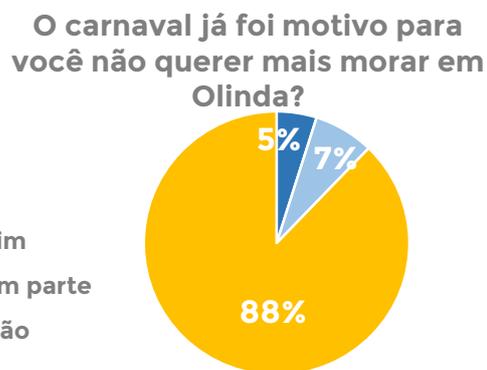


Gráfico 6: Gráfico pizza com respostas para a pergunta 'O carnaval já foi motivo para você não querer mais morar em Olinda, 2023. Fonte: Própria.

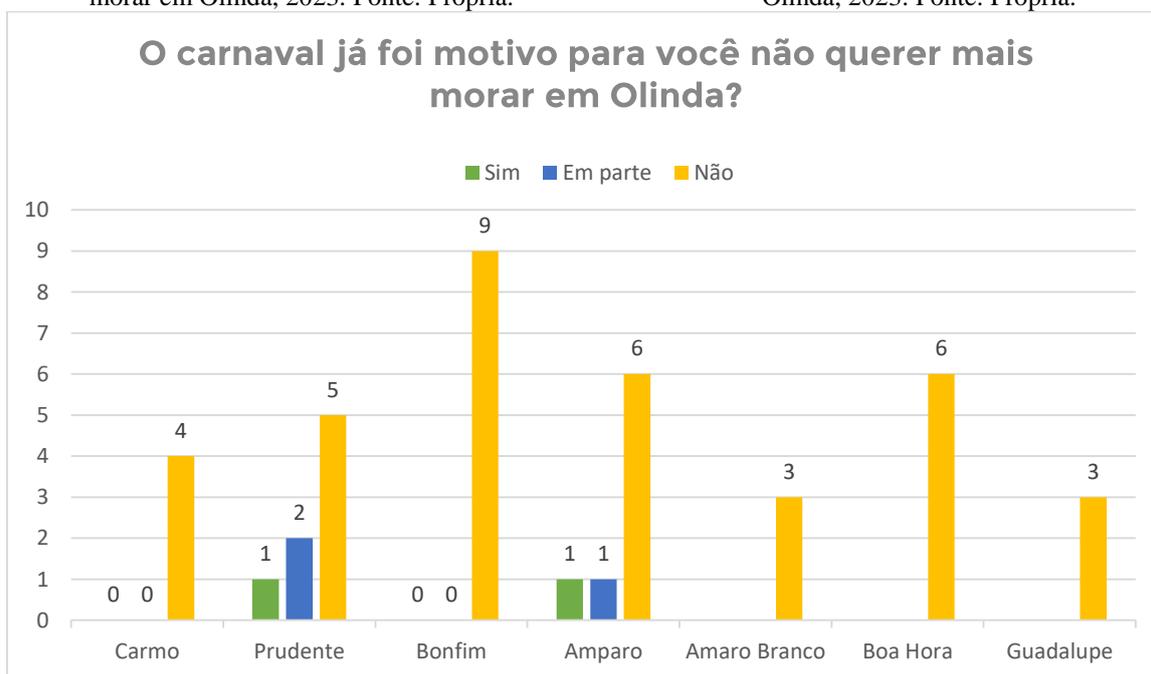


Gráfico 7: Respostas para a pergunta 'O carnaval já foi motivo para você não querer mais morar em Olinda?'. Fonte: Própria.

Outra questão que foi uma surpresa debruça-se sobre o questionamento se os entrevistados já quiseram mudar de rua por causa das dinâmicas estabelecidas no carnaval e 95,1% deles afirmaram que isso nunca foi uma motivação para sair, mesmo para aqueles que se incomodam com certas situações que a festa provoca na vida dos moradores. Em

contrapartida, as duas únicas pessoas que disseram que pensam em sair por causa disso são do Núcleo Prudente e Bonfim.

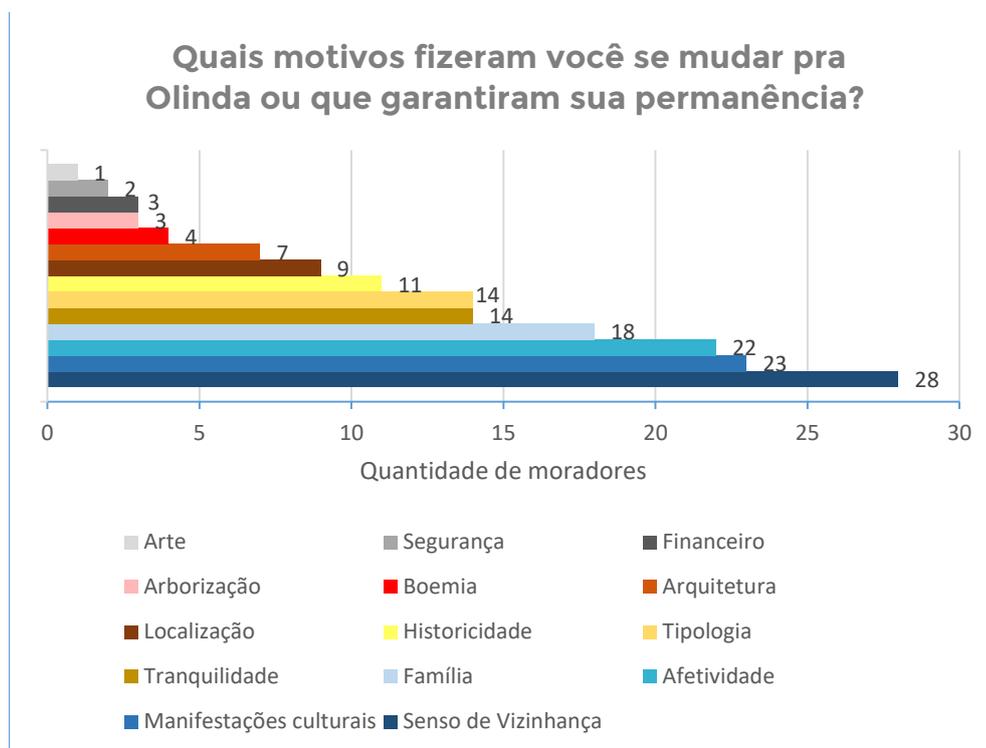


Gráfico 8: Respostas para a pergunta ‘Quais motivos fizeram você se mudar para Olinda ou que garantiram sua permanência?’. Fonte: Própria.

Em relação aos reais motivadores para morar no Sítio Histórico de Olinda ou para permanecer nele, foi encontrado o senso de vizinhança como motivador predominante nas entrevistas, chegando a 68,3% do total de respostas (23 menções). As palavras e frases usadas associadas a esse entendimento foram, em sua maioria: comunidade, vizinhança, vivência de rua, vivência de comunidade, interior, vida de interior, entre outras. Inclusive, com menção à manutenção das mesmas famílias no lugar, favorecendo a sensação de conhecer todos os moradores, pois se não conhecer a pessoa, conhece a família dela, criando uma relação de confiança:

Às vezes as pessoas me cumprimentam na rua, puxam papo e eu ficava sem saber, até que perguntavam dos meus pais, ou seja, conheciam minha família inteira. Como eu cresci aqui, muita gente me conhece pelos meus pais que eu nem lembro, mas eles sabem que eu sou. Fora que aqui tem um negócio particular de que se, por exemplo eu for em um são João ali no amparo, volto andando tranquilamente de madrugada para casa. Eu não me sentiria confortável de fazer isso em Casa Forte. Me sinto seguro porque **todo mundo me conhece aqui**. Esse **senso se vizinhança** me traz uma relativa sensação de segurança, sabe? (GURGEL, Gabriel, 2023. Morador do Núcleo Prudente)

Aqui todo mundo se conhece, e nós mães aqui da cidade alta nos ajudamos, ficamos de olhos nos filhos uns dos outros, fulano mesmo já tá com 15 anos e vive saindo de

noite e madrugada, quando vejo na rua sempre cumprimento pergunto se tá bem e vou sondar a mãe dele, fazem isso com minha filha também, isso é uma comunidade. (SILVA, Maria Tereza da, 2023. Moradora do núcleo Prudente)

Nesse caso, não percebeu-se diferença entre os núcleos e nem no tempo de moradia, pois o senso de vizinhança foi motivador na maioria das respostas, tanto para as pessoas que moram há mais tempo (de 15 a 25 anos, ou de 25 anos a 35 anos, ou de 35 a mais) como para as que moram há menos tempo (até 5 anos, de 5 a 15 anos). Por exemplo, Jéssica Sena, moradora do núcleo Bonfim há 4 anos afirma que “ir para rua e ver cadeira na calçada, ir para rua e ver cultura, música e festa na própria rua” fazem ela continuar aqui. Outro exemplo foi a fala de Dayse Nini, nascida em Curitiba, que veio para Olinda a pedido do filho por uma proposta de trabalho. Ele foi embora e ela nunca mais deixou a cidade: “Gosto muito daqui, por causa desse aspecto de interior, todo mundo se cumprimenta na rua, dá bom dia, boa tarde. Eu não sei o nome de quase ninguém, mas converso com todo mundo na rua. Me apaixonei pelo povo, as pessoas aqui são muito maravilhosas, as pessoas aqui são muito legais, receptivas, têm muito amor à cidade, isso é bonito de ver”. Outras falas podem ser observadas a seguir:

O que sempre me atraiu no sítio histórico foi **o dia a dia** mesmo da cidade, **estar na rua e sempre falar com pessoas** me faz querer continuar aqui, ir para rua e ver **cadeira na calçada**, ir para rua e ver **cultura, música e festa** na própria rua, não há como não querer vivenciar isso sempre. (SENA, Jéssica, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

(...) No sítio histórico, todo mundo se conhece, você tem muito proximidade das coisas em geral, aqui você tem uma **vivência de cidade** muito forte. As pessoas que moram em outros bairros ou que moram em prédio não têm esse tipo de vivência de cidade que a gente consegue ter aqui. Existe uma **vivência de comunidade**, as pessoas se conhecem, as pessoas se propõem a ajudar umas às outras, existe uma relação de famílias antigas aqui também. Hoje, os amigos do meu neto que mora comigo, são todos netos das minhas amigas de infância. As pessoas se encontram na rua, nos bares, na feirinha, conversam sobre tudo, sobre cidade, sobre política, as pessoas vêm e entram na sua casa, você faz uma visita sem marcar. **Adoro morar no sítio histórico porque ando sozinha**, saio sozinha e volto sozinha. Na padaria globo conheço todas as pessoas que trabalham lá, os trabalhadores de lá me viram crescer e ainda trabalham lá, me conhecem pelo nome, sabe o que eu gosto. Aqui, tem essa coisa de você ser reconhecido como uma pessoa que é uma coisa de comunidade e isso me faz muito bem em ser lida como uma pessoa. (LIMA, Márcia. 2023, moradora do núcleo Prudente).

Eu amo o sítio histórico, porque aqui **todo mundo se conhece, todo mundo se ajuda, aqui um vizinho é solidário** ao outro. Aqui você senta na **calçada**, mesmo com esse aumento de índice de assalto e furto, a gente enfeita a casa, a gente faz **festa**. E acho que aqui na Bonfim, temos uma família. (ACAMPOVA, Valéria. 2023, moradora do núcleo Bonfim)

O que mais eu gosto daqui é o senso de proteção de comunidade, de todo mundo se conhecer. **A rua é extensão da sala**. (MARCONDES, Lula. 2023, morador do núcleo Carmo)

(...) Acho engraçado que, ultimamente, tem dois tipos de moradores aqui, os que nasceram aqui e os que vieram depois. Venho percebendo isso porque nós que nascemos aqui temos memória bem antigas, né? Quando a gente encontra alguém

diferente aqui já pergunta "tu é filho de quem?" pra entender de onde a pessoa vem, quem são os pais, de que rua é. Aqui tem muito isso a rua dos Barros, a rua dos Cavalcanti. (ALVES, Carlos, 2023, morador do núcleo Boa Hora)



Figura 95: Silvana Gurgel com filha, Rua 27 de Janeiro, 1997. Fonte: Acervo pessoal Silvana Gurgel.

Ainda sobre essa questão, as pessoas usaram, muitas vezes, a referência do sítio histórico de Olinda como uma cidade de interior, tanto pela forte relação com seus vizinhos, como pela própria tipologia de casa de porta e janela com proximidade da rua. Alguns trechos de falas que tratam sobre isso, podem ser observadas a baixo:

A cidade alta é um **pequeno interior**. Conheço todo mundo e todo mundo me conhece. Não tenho vontade de sair daqui, **me sinto segura porque todo mundo se conhece**. (Moradora do núcleo Boa Hora)

Olinda tem uma **magia**. Você entra naquela rua do amparo e vê um **casario tão lindo**, você sente uma **energia** tão legal, é um negócio diferente, não sei explicar. Eu gosto muito de morar aqui, é feito uma **cidadezinha de interior, calmo, todo mundo se conhece**. (VIEIRA, Cláudia, 2023. Moradora do núcleo Amparo)

Moro aqui **desde que nasci**, O que eu gosto daqui é a **semelhança com o interior** de colocar cadeira na calçada e conversar com o vizinho. (KARINA, Ivana. 2023. Moradora do núcleo Prudente)

Como morei a minha vida toda aqui tenho uma identidade espacial muito forte por Olinda. O legal daqui de Olinda é que cada bairro tem uma personalidade diferente, tipo uma cidade de interior mesmo. Todo mundo se conhece e é super calmo, silencioso, gosto disso. Replica certas dinâmicas de cidade de interior. Principalmente, esse espírito comunitário entre as ruas e becos. Isso faz eu permanecer aqui. (NIREs, Filipe, 2023. Morador do núcleo Carmo)

É muito interessante morar aqui, porque minha janela é para rua e minha cama é na janela. Ou seja, eu acabo tendo essa **conexão com a rua**. De 5h da manhã já tem um pessoal que sobe a ladeirinha ali, aí senta na calçada para descansar e eu fico ouvindo a conversa. Acho isso muito interessante, é como se as ruas falassem. Nunca tinha morado antes tão próximo à rua. Hoje, não troco por nada isso. (NINI, Dayse, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

(...) Nós queríamos morar em uma casa, que a gente conseguisse ainda manter uma certa qualidade de vida, uma concepção de interior de porta e janela, de ficar na janela

que é perto da rua, de ficar na calçada e sentar na calçada, de morador conhecer e falar com outros moradores. Então, o sítio histórico acabava sendo um espaço que tínhamos essa facilidade. Tudo isso tem uma relação social no qual queríamos manter. Vivência social de morar em casa. (CAVALCANTI, Leokarcio, 2023. Morador do núcleo Amparo)



Figura 96: Catarina Lins e sua filha na Rua do Amparo, imóvel à esquerda antiga sede do Clube Carnavalesco Misto Elefante e imóvel à direita antiga sede-casa da Mulher do Dia, 1997. Fonte: Acervo Catarina Lins.



Figura 97: Vista para Ladeira da Misericórdia, 2022. Fonte: Própria.

Depois do senso de vizinhança, a predominância dos motivos pelos quais os entrevistados mantiveram moradia no sítio consistiram em, respectivamente: manifestações culturais com 23 menções (56,1%), afetividade/Pertencimento com 22 menções (53,7%), família com 18 menções (43,9%), tranquilidade com 14 menções (34,1%), tipologia das casas com 14 menções (34,1%), historicidade com 11 menções (26,8%), localização com 9 menções (22%), arquitetura com 7 menções (17,1%), boemia com 4 menções (9,8%), arborização com 3 menções (7,3%), financeiro com 3 menções (7,3%), segurança com 2 menções (4,9%) e arte com 1 menção (2,4%).¹⁶ Cabe mencionar que, apesar das manifestações culturais obterem 2º lugar com 23 menções (56,1%), a quietude contou com 14 menções (34,1%) demonstrando a dualidade da cidade de Olinda entre ter essa ambiência mais tranquila e, ao mesmo tempo, agitada e com riquíssimas manifestações culturais, como o próprio carnaval, são joão, maracatus, grupos de samba, orquestras, coco de roda, entre outras menções. Chama a atenção e expressividade do aspecto identitário nas falas dos residentes, tanto para os moradores antigos, como para os mais recentes de uma forma que ultrapassa palavras para explicar o real motivo de tamanho sentimento, só sendo um aspecto simbólico que perpassa a explicação. Tentando se aproximar de possíveis elucidações, o aspecto identitário veio, tanto pelo crescimento no

¹⁶ É válido lembrar que essa pergunta no questionário não foi de múltipla escolha, ou seja, não teve interferência da entrevistadora. A partir das falas dos entrevistados que se expressaram de maneira livre, procurou-se pontos em comuns entre os diversos relatos para quantificar as entrevistas e, assim, analisar os dados criticamente.

mesmo lugar de uma forma que o crescimento veio atrelado à cidade e, hoje, se entendem como um só. Como também, para os moradores que residem de 4 a 20 anos, pelo modo de viver da cidade, como as pessoas tratam umas às outras, dos laços afetivos criados com facilidade e das manifestações culturais. Como se, mesmo chegando depois, se sentisse em casa por causa da forma que as pessoas da cidade tratam quem é novo

Chegando-se mais além, pode-se fazer a ligação entre o observado na maioria das falas, como uma “consciência identitária”, assim conceituado por Candau (2021) como a crença de um corpo social de raízes comuns e um destino compartilhado. Assim, criando-se um laço forte entre a própria cidade e os laços afetivos que nela estão contidos, como vizinhos, amigos e família.

Acho que são as pessoas que fazem eu gostar tanto daqui, **sem elas seria outro lugar** e talvez eu não quisesse continuar aqui. Não há nada melhor do que chegar e conhecer bem o local e todo mundo. Nasci aqui do lado no Tricentenário e nunca mais sai daqui, **moro na mesma rua desde que nasci**. Não há nada como viver no lugar onde nasceu e onde conhece todos os lugares. (DUARTE, Manoel, 2023. Morador do Núcleo Amaro Branco)

Acho que Olinda **está no sangue da gente**. Não sei nem explicar direito. **Isso aqui tem toda uma áurea que me envolve**. Me toca demais. **Foi onde eu nasci e cresci, cresci no meio da ceroula. (...) Eu tenho um apego sentimental muito grande à minha casa**. Mesmo sendo da família da mulher, eu não crescendo aqui, já teve muita história aqui, já foram 25 anos de casado. E isso faz parte de mim. (ALVES, Carlos, 2023, morador do núcleo Boa Hora)

A cidade alta foi a cidade da minha infância e, coincidentemente, ainda hoje moro na rua que eu nasci. Eu cresci andando nessas ruas. Fazem parte de mim. (GURGEL, Silvana, 2023. Moradora do núcleo Carmo.)

Gosto de morar no SHO porque é uma **forma coletiva de morar**, há uma **convivência entre os moradores**. (Edmilson, 2023. Morador do núcleo Boa Hora)

Olinda é a história da minha vida. Se eu sair daqui, perco minha história e minha memória. Seria como deixar um grande amor. Olinda foi fundamental para eu ser quem eu sou hoje. (BOTELHO, Luiz Adolpho. 2023. Morador do Núcleo Amparo)



Figura 98: Silvana, sua mãe segurando sua filha e sua avó ao lado em sua casa, Rua 27 de janeiro, rua que Silvana nasceu e mora até hoje, 1997. Fonte: Acervo pessoal Silvana Gurgel.



Figura 99: José Ataíde, mãe e irmã no Sítio histórico de Olinda, 1948. Foto: Antonio Balbino. Fonte: Acervo Pessoal José Ataíde.



Figura 100: Luiz Adolpho Botelho, atual presidente do Homem da Meia Noite, com seu pai Tércio Botelho, presidente anterior, Rua do Amparo, década de 1970. Fonte: Acervo pessoal Luiz Adolpho Botelho.



Figura 101: Tércio Botelho e seus filhos e sobrinhos, Rua Farmacêutico Gonçalves de Freitas (Rua do Gelo), Fonte: Luiz Adolpho Botelho.

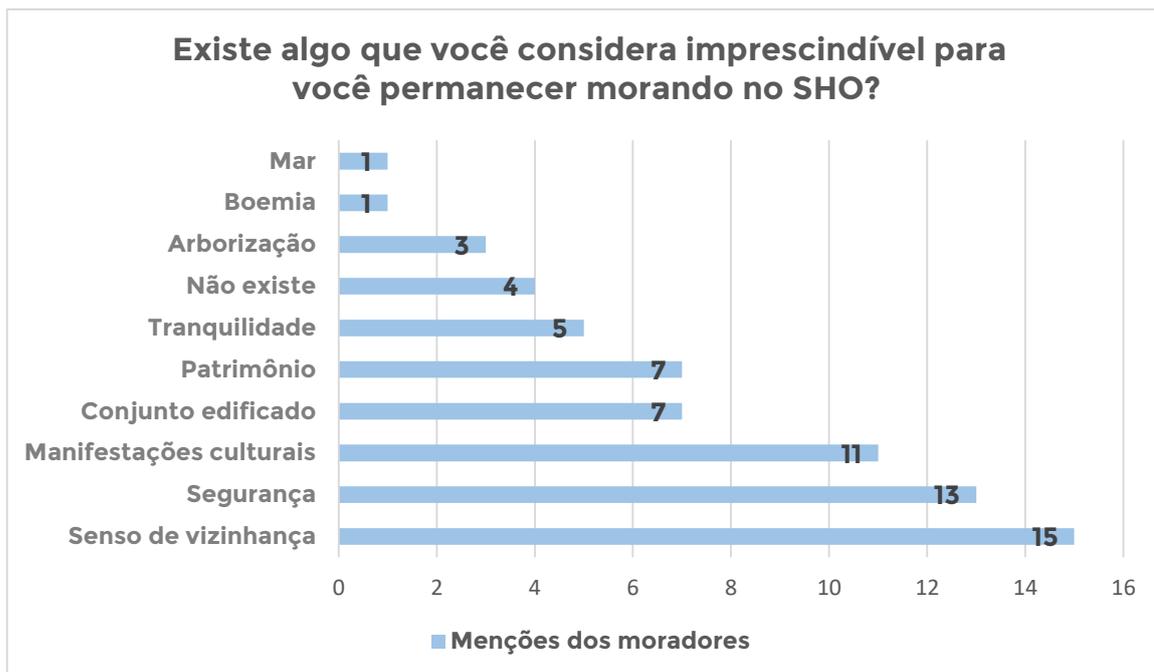


Gráfico 9: Respostas para a pergunta ‘Existe algo que você considera imprescindível para você permanecer morando no SHO?’. Fonte: Própria.

Ao fim da entrevista, fez-se uma pergunta se existiria algo imprescindível para manter residência no Sítio Histórico de Olinda¹⁷ e apenas 4 pessoas responderam que não (6% do total de menções). O destaque novamente foi do senso de vizinhança, obtendo 15 menções, seguido de segurança com 13 menções, manifestações culturais com 11 menções, conjunto edificado com 7 menções, patrimônio com 7 menções, tranquilidade 5 menções, arborização com 3 menções e 1 menção para boemia e proximidade com mar, respectivamente. Assim, percebe-se como o valor de comunidade¹⁸ é especial dentre os residentes, sendo os laços afetivos desenvolvidos no sítio histórico de Olinda importantes para eles, deixando uma casa, uma rua ou uma praça fatores relevantes não só como aspecto material, mas também como meio físico capaz de rememorar e de manter os laços ali firmados. Algumas falas que destacam isso podem ser observadas abaixo:

Nasci e me criei em Olinda, estudei aqui. Tenho uma relação com a cidade de um **pertencimento** muito grande de modo que **sinto a cidade toda**. Tipo quando

¹⁷ Essa pergunta, também foi feita de maneira aberta de modo aos entrevistados responderem de forma livre. Sendo possível mencionar mais de uma questão.

¹⁸ Valor de comunidade definido como: “Aquele que agrega um grupo diverso, relacionando-o a um local específico a partir das relações ali existentes”, Como síntese aquele que transmite um sentido de grupo, de união ou comunhão. DPPC. Declarações de Significância para a ZEPH 09 – Glossário utilizado. 2023. Diretoria de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural – Instituto da Cidade Pelópidas da Silveira – Prefeitura da Cidade do Recife. Recife, 2023.

aparecem por aqui em Olinda e eu falo logo "Está fazendo o que na minha rua?". Então, qualquer rua que eu passo, sempre vai ter alguma coisa porque eu já passei muito durante uma época, ou fiz alguma coisa que sempre estava por ali, fiquei muito ali, ou já fiz alguma coisa ali, então vai ser especial para mim. (LIMA, Márcia. 2023, moradora do núcleo Prudente).

Acho que a única coisa que me faria sair daqui era **se Olinda perdesse as pessoas daqui**, deixasse de ter a **cultura de vizinhança**, o **estilo de vida** das pessoas, não faria mais sentido para mim. (FLÁVIO, Antonio, 2023. Morador do Núcleo Amparo.)

Gosto de Olinda por causa de sua **calmaria**, ao mesmo tempo, do **agito** de segunda a segunda ter **gente na rua**, você encontrar com alguém, ter **ensaio de orquestra**. Acho que são mais **as pessoas** que vivem nesse patrimônio físico, do que o próprio patrimônio, que importam para eu continuar querendo morar aqui. (NIRES, João, 2023. Morador do núcleo Amaro Branco)

Acho que eu sairia daqui só se todo mundo transformasse casa em airbnb, ou virasse ponto de comércio, não faria sentido para mim. Viraria uma cidade comercial, ia perder essa ideia de vizinhança que eu tanto prezo, não ia **existir uma vida cotidiana** de manhã cedo, não ia ter uma moradora na frente passando vassoura na calçada, ou aquele vizinho que coloca água em suas plantas de manhã cedo, perder isso seria um peso muito grande. Tenho medo que deixe de ser moradia residencial na minha vizinhança. (CAVALCANTI, Leokarcio, 2023. Morador do núcleo Amparo)



Figura 102: Joana Chaves com vizinhos e familiares confraternizando na calçada, Rua do Bonfim, 2020. Fonte: Acervo pessoal Joana Chaves.



Figura 103: Roberta Peregrino e seu filho na calçada, Rua do Bonfim, 2017. Fonte: Acervo pessoal Roberta Peregrino.

Chama a atenção o tema da segurança nos resultados, uma vez que não teria aparecido antes com tanta expressividade. Durante as entrevistas que aconteceram no mês de julho e agosto de 2023, houve um maior número de furtos em casas de moradores. Então, esse assunto estava em alta na época, podendo explicar o número alto de menções. Mesmo assim, esse resultado pode ser lido como um perigo real para manutenção dos moradores no sítio histórico. Alguns deles, como Gabriel, morador do núcleo prudente, fala com mais serenidade dessas invasões para roubo como um momento cíclico que deve diminuir em breve. Entretanto, não só

Gabriel, como outros moradores alertam para necessidade de tratar do problema dando maior tranquilidade para os residentes.

Continuo com a sensação de relativa segurança mesmo com essa alta de furtos esse ano. Na verdade, acho que há ondas de violências cíclicas em todo o Brasil, elas surgem por determinados fatores e depois somem, não é uma coisa exclusiva de Olinda. Lembro até que em 2005-2007 aconteceu uma onda parecida aqui em Olinda e depois de um tempo se acalmou. Claro que medidas precisam ser tomadas para amenizar isso, mas acredito que esses furtos recentes sejam uma dessas ondas. (GURGEL, Gabriel, 2023. Morador do núcleo Prudente)

Mesmo que em menor expressividade do que os motivadores citados anteriormente, o conjunto edificado e o patrimônio também apareceram durante o questionamento do que seria imprescindível em Olinda para continuar morando no sítio histórico. Isso mostra que mesmo que em menor grau, os residentes valorizam o conjunto edificado do Sítio Histórico de Olinda, podendo relacionar essas falas como atribuição de valor arquitetônico e urbanístico. Alguns trechos que evidenciam isso podem ser verificado a seguir:

Acho que se tirassem as construções, as casas ou a descaracterização dessas casas, ia mudar o astral da cidade. (PEREGRINO, Roberta. 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Se ela perdesse o **título**, eu ia ter medo de morar aqui, talvez saísse. Eles iam poder fazer prédios aqui, seila. Porque aqui é um verdadeiro paraíso, você morar em um lugar que sabe que não vai mudar, não vão botar nada na frente da sua casa, **saber que ela vai ficar assim sempre**, é bom demais. Aqui, ninguém vai tirar nossa vista, ninguém vai poder mexer nessas árvores, isso é muito importante para mim. (...) Quando vi essa casa, **fiquei louca por esse chão** (ladrilho hidráulico), acho lindo, amo chão com mosaicos assim. Gosto muito de morar aqui, **gosto de preservar**. (VIEIRA, Cláudia. 2023. Moradora do núcleo Amparo)

Eu moro aqui porque é sítio histórico, porque eu me identifico em morar em um lugar que mantém a história, que conta a história dos nossos antepassados. (CHAVES, Joana. 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

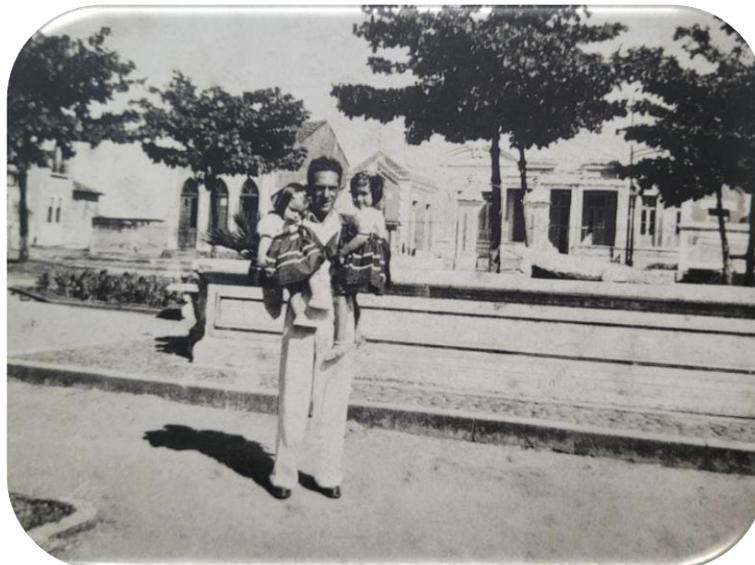
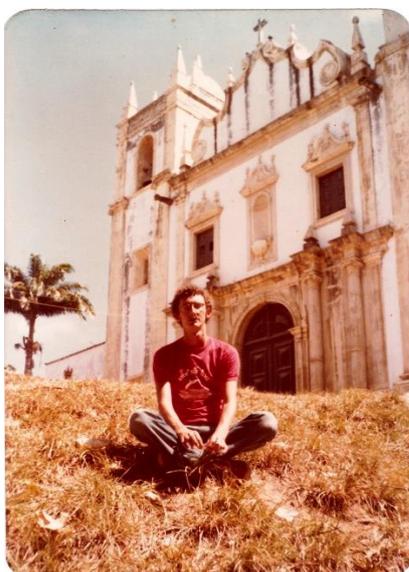


Figura 104: Marido de Silvana em frente à Igreja do Carmo, década de 1980. Fonte: Acervo pessoal Silvana Gurgel.

Figura 105: Família Freitas Cavalcanti, Praça do Jacaré. Fonte: Acervo pessoal Márcia Marcondes.

Em relação ao cotidiano, foi perguntado quais usos são mais usufruídos pelos residentes dentro do sítio histórico. Constatou-se que os bares são os mais procurados pelos habitantes, contando com 34 menções. Dentro das falas dessas pessoas, os bares mais mencionados foram: Bar do Peneira (18 menções), Bar do Ró (13 menções), Barrio (12 menções), Casbah (10 menções), Bodega do veio (9 menções) e Venda de Zé Bento (4 menções). É válido ressaltar que, apesar da boemia não ter sido algo imprescindível para manutenção dos moradores no local, essa questão evidenciou que os bares são fundamentais para vivência cotidiana dos moradores. Além disso, percebeu-se que esse cotidiano é mediado pela relação entre os moradores não só com bares, mas com os estabelecimentos comerciais em geral, uma vez que muitos desses frequentadores se tornam amigos dos proprietários/trabalhadores e vice-versa. Lula Marcondes, morador do núcleo Carmo, aponta que “tem uma coisa interessante de frequentar certos lugares em Olinda, porque é muito mais pela economia dos afetos, do que pelo comércio em si. Assim, o vínculo entre moradores criam dinâmicas específicas no dia a dia do sítio.

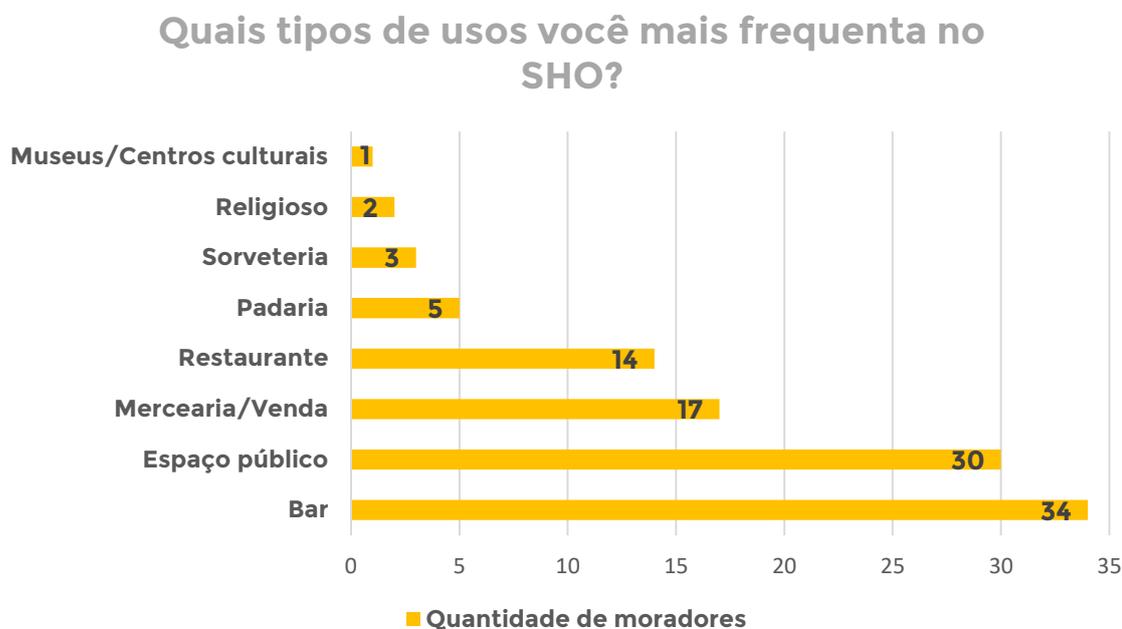


Gráfico 10: Respostas para a pergunta ‘Quais tipos de usos você mais frequenta no SHO?’ Usos x Moradores. Fonte: Própria.



Figura 106: Silvana Gurgel e amigos no bar Cantinho da Sé, década de 1980. Fonte: Acervo pessoal de Silvana Gurgel.



Figura 107: João Nires com amigos no Bar do Ró (antiga localização), Rua Orlando da Silva, Guadalupe, 2021. Fonte: Acervo pessoal João Nires.

Além dos bares, ganhou destaque o espaço público com 30 menções. O lugar mais citado, juntamente com a Praça do Carmo, foi o Alto da Sé com 15 menções, associado a uma ambiência agradável, ventilado, uma vista panorâmica da cidade e às tapioqueiras. Já a Praça do Carmo foi caracterizada por ser um espaço arborizado e com brinquedos para crianças. As atividades desenvolvidas nela consistiu em caminhadas, levar crianças para brincar e frequentar a feira orgânica que acontece todo sábado. Entretanto, muitos moradores reclamaram da falta de limpeza, manutenção e segurança na Praça do Carmo. Outra questão importante de mencionar foram as calçadas das casas que apareceram com 6 menções como lugar de confraternização e de sociabilidade. A Praça Laura Nigro aparece ligada à atividades como aulas de frevo e de yoga.



Figura 108: Mestre Wilson Aguiar durante oficina de frevo do Brincantes das Ladeiras, Praça Laura Nigro, 2022. Fonte: Acervo pessoal Wilson Aguiar.

Percebe-se também o destaque dos Quatro Cantos com 6 menções. Um grande exemplo de relação da imaterialidade com a materialidade é o Quatro Cantos, pois ele não é associado apenas ao casario preservado. Ainda mais porque esse espaço público não possui largo, não possui uma praça, nem arborização. Ele possui o traçado urbano de encontro entre quatro ruas e mais à frente encontro de mais duas, assim, ele funciona como um grande agregador no qual os usos de seu entorno criam uma dinâmica particular. Muitos bares são encontrados nos quatro cantos, além do Grêmio Henrique Dias, um lugar de fomentação cultural do frevo, é lá onde continuam formando vários jovens e tocando em várias agremiações e todas as sextas-feiras ocorrem os ensaios da orquestra Henrique Dias e do Maestro Oseas.

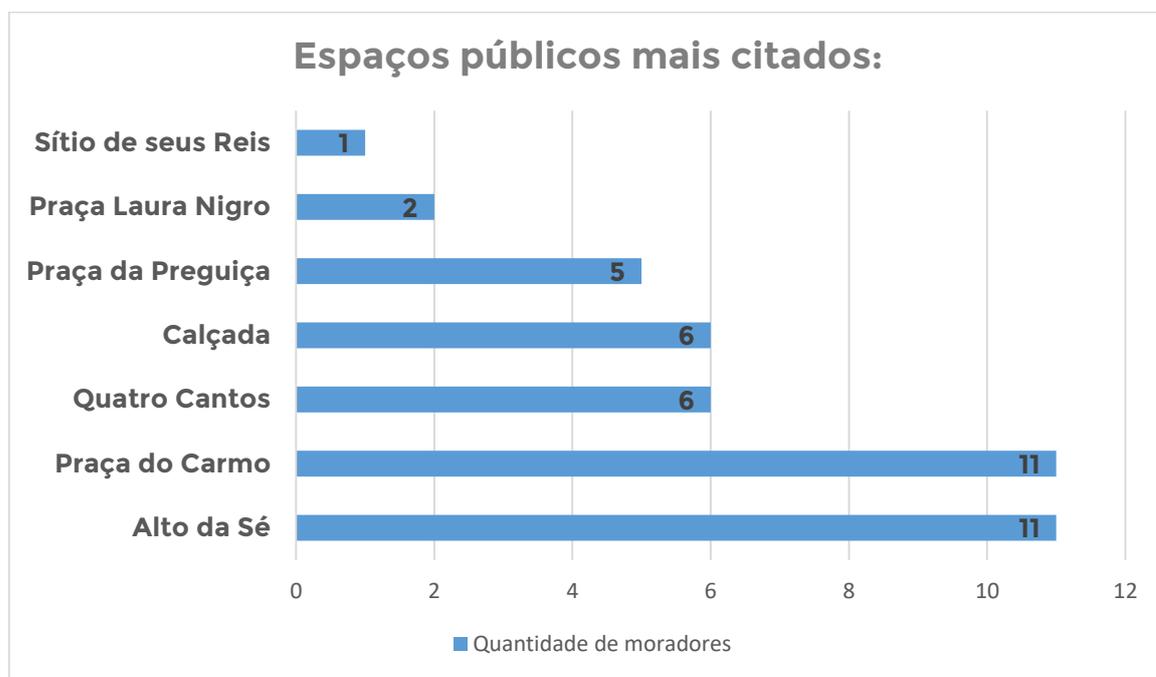


Gráfico 11: Barra agrupadas com os espaços públicos mais citados pelos moradores. Fonte: Própria.

Adoro morar no sitio histórico porque ando sozinha, saio sozinha e volto sozinha. Se eu tiver afim de tomar uma cervejinha, vou sozinha mesmo e vou até os quatro cantos, porque sei que vou encontrar alguém que eu conheço para conversar. (LIMA, Márcia, 2023. Moradora do núcleo Prudente)

O quatro cantos me emociona, o grêmio Henrique dias lá, tudo é fantástico. Quando eu quero ver o mundo, quero ver Olinda, quero ver pessoas, vou no quatro cantos e sento no peneira. (ACAMPOVA, Valéria. 2023, moradora do núcleo Bonfim)



Figura 109: Vista para o Quatro Cantos de Olinda, 2023. Fonte: Própria.

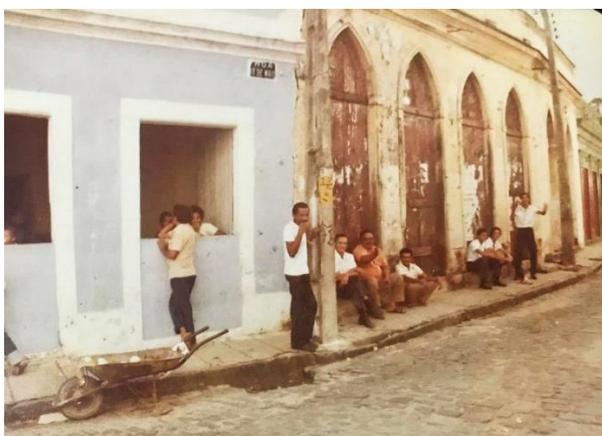


Figura 110: Quatro Cantos de Olinda, encontro da Rua 13 de Maio com a Rua do Amparo, 1982. Fonte: Acervo pessoal de Catarina Lins.



Figura 111: Vista para Quatro de Olinda, ao fundo Grêmio Henrique Dias, 2023. Fonte: Própria.

A partir da primeira e segunda pergunta da primeira seção do questionário e da vigésima primeira questão (Ver Anexo 01), foram identificados os valores atribuídos pelos residentes ao Sítio Histórico de Olinda a partir de suas falas, podendo ser atribuído mais de valor. Algumas vezes foram mencionados diretamente seus valores, porém, em sua maioria, foi feita a associação da fala com o conceito. O valor que mais pôde ser associado ao discurso dos moradores foi o cultural, aqui utilizado com a conceitualização de Lacerda (2012): “O importante é reter o seu significado antropológico: o modo de vida de uma determinada comunidade, que pode ser reconhecido pelas suas artes, seu sistema social, seus hábitos e costumes e sua religião” (LACERDA, 2021, p.47). Assim, foi valorizado em suas falas o estilo de vida da cidade alta, ou seja, seu modo de viver, seus costumes, o fato de todo mundo se conhecer já mencionado anteriormente, a empatia em falar com o vizinhos, colocar cadeira na calçada e as manifestações culturais:

Olinda é diferenciada da cidade. Até o **jeito das pessoas é diferente**, a maneira de se vestir e ser é **despojada**, as pessoas **falam com todos os vizinhos**, colocam a cadeira na calçada. **Coisa de interior**. Gosto do estilo de vida da cidade alta (FLÁVIO, Antonio. 2023. Morador do núcleo Amparo)

Eu curto muito caminhar por aqui e olhar as casas, a estrutura, é muito massa, de manhã ouço os sinos tocando, é muito astral morar aqui, parece que você está em uma outra cidade, sabe? aqui é calmo e não é caótico feito a cidade. Eu ainda consigo caminhar e falar com os vizinhos, adoro andar de chinelo por aí sabendo que ninguém vai ligar. (PEREGRINO, Roberta, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

O que eu gosto de Olinda é essa coisa de você sair como você quer. E as pessoas não percebem, é como se aquilo fosse natural. (ACAMPOVA, Valéria. 2023, moradora do núcleo Bonfim)

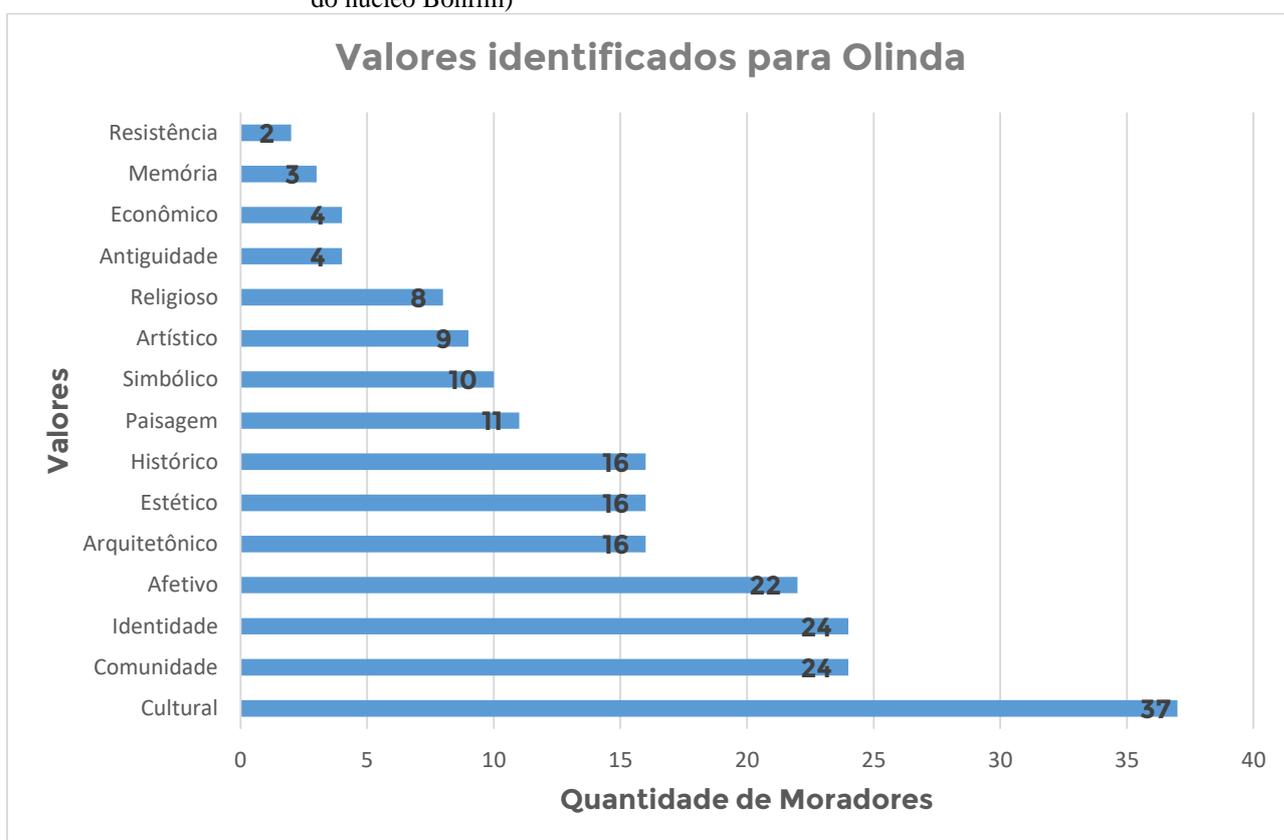


Gráfico 12: Barra agrupadas com os valores associados à Olinda a partir das falas dos moradores. Fonte: Própria.

Depois do valor Cultural, foram identificados em ordem do maior para o menor: valor de comunidade (associado a 24 moradores), valor de identidade (associado a 24 moradores), valor afetivo (associado a 22 moradores), valor arquitetônico (associado a 16 moradores), valor estético (associado a 16 moradores), valor histórico (associado a 16 moradores), valor de paisagem (associado a 11 moradores), valor simbólico (associado a 10 moradores), valor artístico (associado a 9 moradores), valor religioso (associado a 8 moradores), valor de

antiguidade (associado a 4 moradores), valor econômico (associado a 4 moradores), valor de memória (associado a 3 moradores) e valor de resistência (associado a 2 moradores).

Viver aqui é muito peculiar, porque é uma cidade **antiga, bonita.** (LINS, Catarina).

Quando eu estava morando fora do sítio histórico, eu sempre pedia para voltar. Eu sempre me identifiquei e acho que casa é muito de **identidade, onde você se sente bem e em paz.** Até tem uma filmagem que sou eu bebezinho recém-nascido saindo do carro pela ladeira da sé, entro nessa mesma casa, ao fundo, um barulho muito forte de bateria do meu tio tocando e eu, dormindo tranquilamente. Assim, a minha infância foi ouvindo meu tio tocar bateria, foi ouvindo o **frevo** que passava na frente da casa. Então, **é impossível não ter esse apego de identidade e não chamar isso de casa.** (...) Acho que para você morar, a cidade tem que te abraçar. E uma cidade que guarda sua **história**, isso acontece naturalmente. (LAPORTE, Pedro, 2023. Morador do núcleo Bonfim)

Acho que a manutenção da beleza da Olinda de hoje, com suas ruas, suas casas e sua história, são imprescindíveis para eu querer ficar aqui. Sou o típico bairrista, eu gosto muito de Olinda e de como ela é. (ISMAEL, 2023. Morador do núcleo Guadalupe)

CARNAVAL

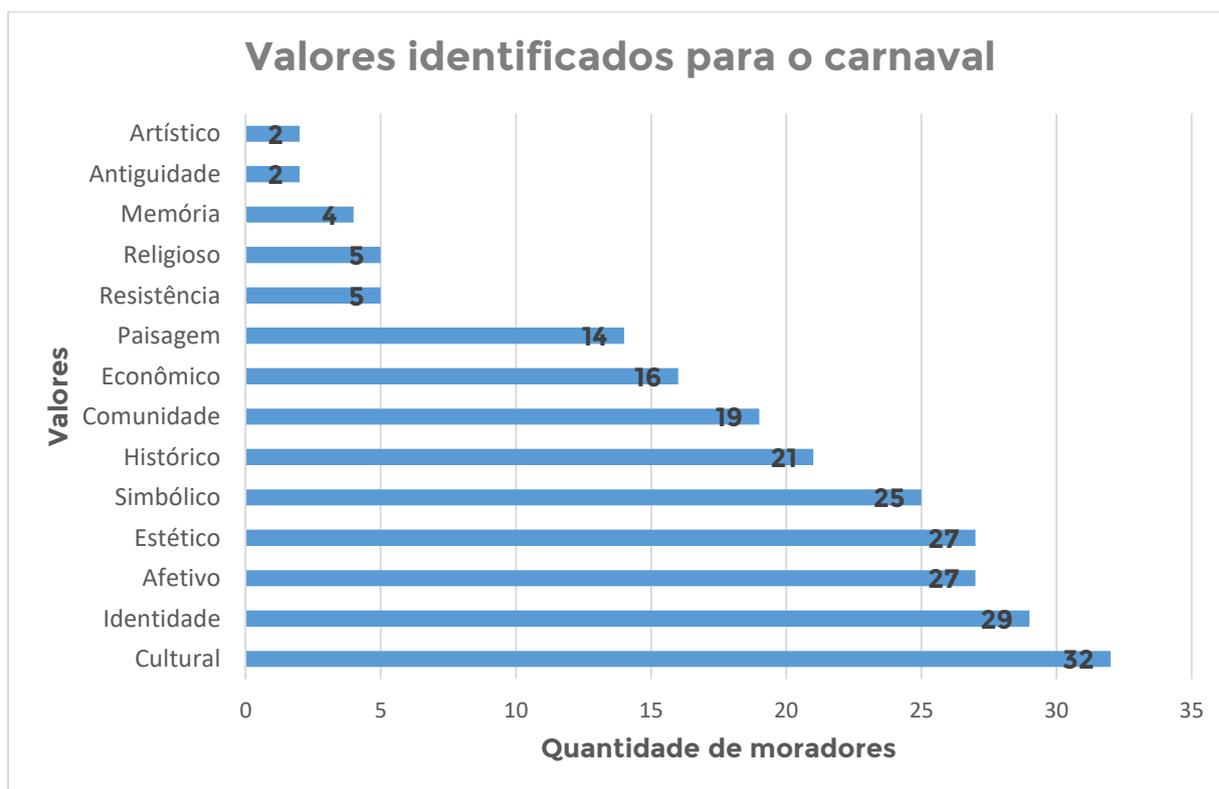


Gráfico 13: Barra agrupadas com os valores associados ao carnaval a partir das falas dos moradores. Fonte: Própria.

Para identificar os valores associados ao carnaval, foi analisada a entrevista como um todo quando o assunto era o festejo e, principalmente, a décima sexta questão (“Para você, quais palavras ou elementos definem o carnaval?”). Assim como Olinda, o valor que se destacou foi o cultural associado ao modo de viver olindense que já está impregnado de carnaval, virou um

costume consolidado da cidade, onde as pessoas param sua vida para brincar nas ruas. Aliado a isso, foram usadas palavras e frases como “brincadeira coletiva”, “democrática”, “viver coletivo”, “feito pelo povo e para o povo”, “arte coletiva” e “manifestação coletiva”. Além disso, os valores de identidade e afetivo apareceram com maior expressividade para o carnaval do que para a o sítio histórico associados a 29 moradores e 27 moradores respectivamente.

O carnaval é meu quintal de casa né. Para mim, carnaval é um negócio mágico e histórico. Por um momento, parece que a gente viaja no tempo. Quando a cultura era passada de forma oral, na rua, corpo a corpo. Carnaval é essa troca (SENA, Jéssica, 2023. Moradora do núcleo Bonfim).

Momento cultural em que a brincadeira, que funciona como uma tecnologia social, suplanta outras formas de permissões. Quebra a lógica da sociedade. Com essa **"obrigatoriedade" de parar para brincar**, a gente se permite mais, é tudo mais bonito e feliz (NIRES, Filipe, 2023. Morador do núcleo Carmo).

Verificou-se que o carnaval está ligado à vida dos moradores desde muito tempo, muitas vezes associada à tradição dos pais levarem seus filhos para vivenciar o carnaval, como afirmou um dos entrevistados, Pedro Laporte: “o carnaval é hereditário”. Percebe-se que todos os entrevistados vivenciavam o carnaval quando criança/jovem, com 37 respostas “sim” e apenas 4 respostas “em parte”. Das 4 respostas, 2 delas dizem respeito à moradores que tiveram experiências de carnaval diferentes da de agora, um deles, Filipe Nires, é filho de tapioqueira, então ele sempre ficava acompanhando a mãe no Alto da Sé para o trabalho, e Gabriel Gurgel, que tinha uma família que sempre alugava a casa do carnaval, então ele sempre associava a uma coisa negativa de ter que fazer quase uma mudança. Um deles morava em outro estado que não tinha a cultura de carnaval de rua e não gostava do carnaval de clube.

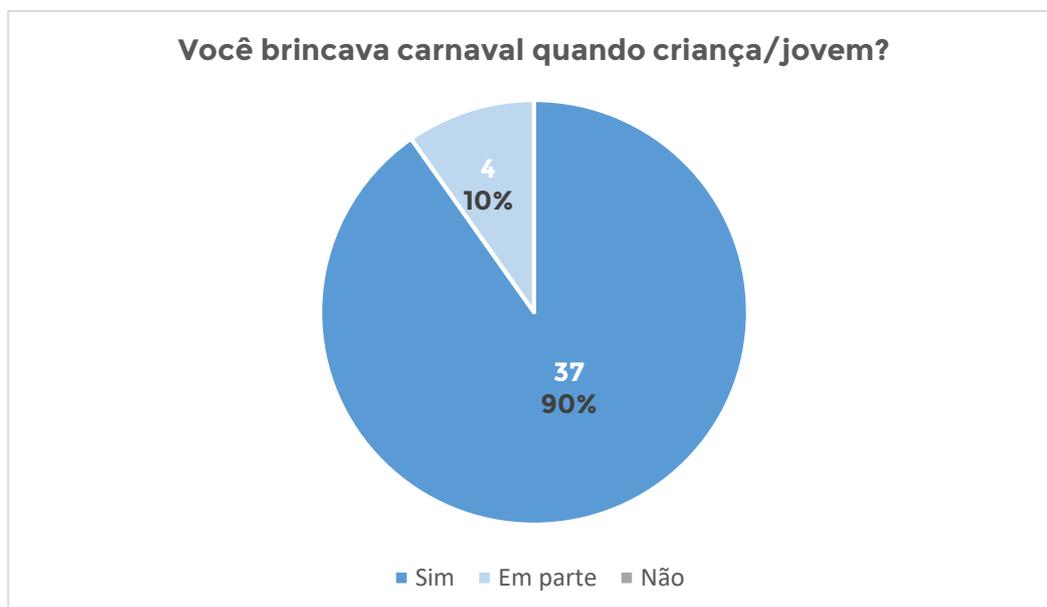


Gráfico 14: Gráfico pizza com a quantidade de moradores que brincava carnaval quando crianças/jovens. Fonte: Própria.



Figura 112: Maria Tereza da Silva e sua filha enquanto uma agremiação passava na rua, 2023. Fonte: Própria.



Figura 113: Filhos e sobrinhos de Desiree Machado no carnaval de 2023. Fonte: Acervo pessoal Desiree Machado.

A gente sempre teve relação com o carnaval, porque na verdade o carnaval era uma coisa muito da **cidade, dos moradores**. Quem participava eram os **moradores** daqui e as **famílias**, das famílias que vinham e ficam nas casas de parentes. (...) **A gente acordava escutando os clarins e ia ver ele passar na ladeira da minha casa.** (...) As minhas filhas gostam muito de carnaval. Dia de carnaval é oito horas da manhã elas saindo de casa toda fantasiada com a bunda cheia de glitter. Elas foram criadas brincando carnaval né. Tivemos o cuidado de levar elas pro carnaval sempre quando era pequena. (LIMA, Márcia. 2023. Moradora do núcleo Prudente)

Me marca muito a primeira vez que mostrei o carnaval ao meu filho. Ele ficou doidinho ao ver os bonecos gigantes, foi lindo ver os olhinhos brilhando. Ele veio falar comigo todo animado "mãe, o boneco falou comigo!". Pensar em meus pais apresentando o carnaval pra mim e eu apresentando pros meus filhos agora é muito especial. (MACHADO, Desiree. 2023. Moradora do núcleo Boa Hora)

Quando eu penso em carnaval, eu vejo a imagem de eu em cima da Ladeira da Sé olhando a vista da ladeira cheia de gente, vendo o Pátio de São Pedro, a esquina do bonfim e eu me imagino descendo essa ladeira e indo para a casa do meu pai no Bonfim. O carnaval para mim é essa visão e esse trajeto. (LAPORTE, Pedro, 2023. Morador do núcleo Bonfim)

MANUEL



Figura 114: Márcia Lima, marido, irmã e cunhado na Rua 15 de Novembro durante o carnaval, 1989. Fonte: Acervo pessoal Márcia Lima.



Figura 115: Pedro Laporte vendo o carnaval, Ladeira da Sé, 1999. Fonte: Acervo pessoal Pedro Laporte.

Em relação aos dias atuais, a maioria dos moradores continuam brincando carnaval (com 66% do total), enquanto 11 moradores (27% do total) brincam “em parte”, o que consiste, principalmente, em curtir mais o período de pré-carnaval. Se aplicar o filtro de faixa etária para os moradores que brincam em parte e não brincam mais, dos 14 moradores, 10 estão na faixa etária de 55 anos a 65 anos e de 65 anos ou mais. Inclusive, muitos deles afirmam que não brincam como antes porque a disposição não é mais a mesma e a idade atrapalha. No entanto, apenas 3 desses moradores afirmaram que não se identificam mais com o carnaval. Então, dos 14 que não brincam mais, 11 moradores continuam se identificando e pararam de brincar ou por causa da idade ou estão brincando apenas nas prévias.

Você ainda brinca carnaval hoje em dia?

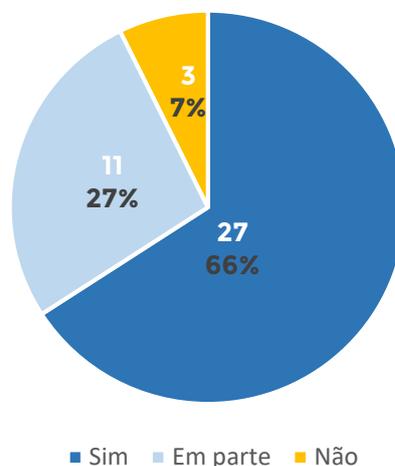


Gráfico 15: Gráfico pizza com a quantidade de moradores que brincam carnaval. Fonte: Própria.



Figura 116: Márcia Lima, Clezed Santos e filhos na Rua 15 de Novembro durante o carnaval, 2017. Fonte: Acervo pessoal Márcia Lima.



Figura 117: Filha de Joana Chaves durante o Eu Acho É Pouquinho, 2020. Fonte: Acervo pessoal Joana Chaves.

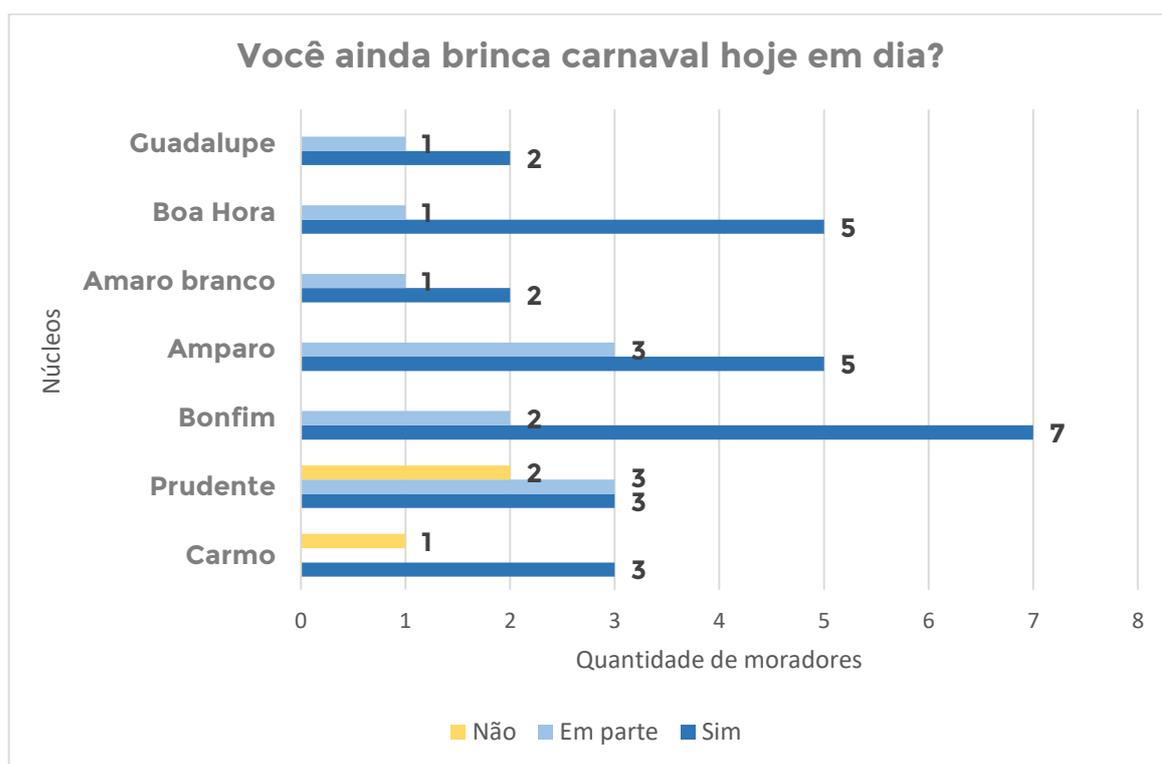


Gráfico 16: Barra agrupadas com a distribuição dos moradores que brincam carnaval por núcleo. Fonte: Própria.

Ao fazer a distribuição das respostas por núcleos, percebe-se que os moradores que responderam não brincar mais estão no núcleo Prudente e núcleo Carmo, enquanto os núcleos que mais tiveram moradores brincantes, em proporção ao número de entrevistados por núcleo, foram os núcleos Bonfim e Boa Hora.

É válido ressaltar o salto que o valor simbólico deu em relação ao carnaval se comparado ao Sítio Histórico de Olinda mencionado por 10 moradores, enquanto esse valor foi associado ao festejo por 25 moradores, uma diferença de 15 moradores. Lacerda (2012) estabelece que pode ser associado quando um bem é identificado por elementos intangíveis, ou seja, que são além de sua forma física. Assim, define símbolo como: “alguma coisa de indefinível, mas de profundamente sentido como a presença de uma energia física que fecunda, cria e alimenta. Resistir ao símbolo é como amputar uma parte de si mesmo, empobrecer a natureza inteira e fugir, sob pretexto de realismo, de uma vida mais completa.” (CHEVALIER. 1991 apud LACERDA, 2012, p. 49). Desse modo, esse valor é percebido quando a pessoa enxerga além de pessoas tocando frevo e outras dançando, ou além de um simples caminhar pelas ruas com paralelo cercadas por seu casario. Catarina Lins, moradora do núcleo Amparo, é uma multiartista que mora há mais de 35 anos na Rua do Amparo e já foi vizinha do Clube Misto Carnavalesco Elefante do Dia e da Mulher do Dia. Catarina traz nos seus trabalhos uma simbiose de sua vida com Olinda, um deles consiste em cortar papéis o ano inteiro para, quando chegar o carnaval, transformar em confetes para vender e brincar no carnaval. Assim, ela vai deixando seu rastro pelas ladeiras para “se ver espalhada em toda a cidade” (LINS, Catarina). Um trecho de sua fala representa bem quando o valor vai além do que se vê:

Lembro que minha filha nasceu em uma sexta-feira de carnaval. Quando eu recebi alta, fui para a casa do meu pai que mora em um andar super alto ali na Rua da aurora. Eu lembro que eu olhava para olinda em pleno carnaval e a cidade parecia que oscilava, ela pulsava. É um campo de força de uma energia gerada aqui, que é uma coisa meio metafísica, é mágico (LINS, Catarina, 2023. Moradora do núcleo Amparo).



Figura 118: Iza do Amparo, mãe de Catarina Lins, com boneca da Mulher do Dia, década de 1970. Fonte: Acervo pessoal Catarina Lins.

Figura 119: Catarina Lins com boneca da Mulher do Dia, 2017. Fonte: Acervo pessoal Catarina Lins.

Em relação ao valor de identidade, nota-se que houve pouca variação quando analisados o carnaval e o sítio histórico de Olinda separadamente, obtendo 29 e 24 respectivamente, ou seja, uma variação de apenas de 5 moradores. Essa pequena variação evidencia o teor relacional entre o carnaval e Olinda no qual um se mistura ao outro. Pedro Laporte, morador do núcleo Bonfim, comenta isso quando diz que “É difícil dizer que gosta de morar em Olinda sem mencionar que gosta do carnaval também. É difícil não relacionar as duas coisas. (LAPORTE, 2023).

O valor de identidade aqui exposto se relaciona à Candau (2021), quando ele cita a identidade como algo que o ser humano acredita o definir enquanto passado, presente e futuro, aquilo que representa o que você foi e o que você é hoje, muito ligado às suas lembranças. Trazendo para o caso de estudo, percebe-se que o sentimento com o festejo vem atrelado, em sua maioria, à boas lembranças vividas na época de criança e adolescência durante boa parte da vida. Assim, foram usadas muitas palavras/frase como: “me sinto viva” “pertencente” “faz parte de mim” para definir o carnaval ou o sentimento que ele causa.

Por toda minha vida, **fui foliã**. Desde criança eu brinco. Mesmo quando morei em Recife, vinha brincar aqui. Eu só lembro de não ter brincado o carnaval, uma vez. Na época que eu estudava, se fazia exame de admissão que hoje não tem mais. Nessa época, eu estudava na Escola Pinto Júnior e tinha sido reprovada. Aí me botaram de castigo e meu castigo foi não brincar o carnaval. **Me privaram de brincar o carnaval... eu morri! Me mataram**. Foi muito cruel. Aqui em casa dizem que **eu sou e eu vivo o carnaval**. Realmente, eu adoro o carnaval. Carnaval é **vida!** (DÁ, dona, 2023. Moradora do núcleo Boa Hora).

Houve um tempo que eu morei fora daqui de Pernambuco. Nossa, **eu via o carnaval pela televisão e me acabava de chorar**. Me vinha um sentimento de insatisfação, nossa como eu queria estar lá. (PAIXÃO, Altamir, 2023. Morador do núcleo Boa Hora).

Olinda é minha identidade, minha vida, minha escola, meu pão de cada dia, eu sou Olinda, me sinto Olinda. O que eu puder fazer para viver essa cidade e viver dela, e respeita-la e cuida-la, eu irei fazer. (LINS, Catarina, 2023. Moradora do núcleo Amparo).

Desde que me entendo como gente brinco carnaval. Brinco desde sempre. Teve uma vez, no ano que meu filho tinha 1 ano, decidi viajar para maria farinha. Sinceramente, me arrependi profundamente. Fiquei agoniada o feriado inteiro querendo voltar. Depois desse dia, nunca mais perdi um carnaval. Não esqueço nunca da sensação horrível desse dia. (KARINA, Ivana, 2023. Moradora do núcleo Prudente).



Figura 120: Antonio Flávio e família no Urso Cascudo do Amparo, Rua Prudente de Moraes, década de 1990. Fonte: Acervo pessoal Antonio Flávio.



Figura 121: Ivana Karina e sua prima, Rua Prudente de Moraes, 1986. Fonte: Acervo pessoal Ivana Karina.

Durante a aplicação do questionário, antes mesmo de chegar ao questionamento específico sobre espaços importantes, a maioria dos entrevistados trouxe memórias que tinha como palco lugares específicos do sítio histórico. Assim, como afirma Marcondes (2023) na entrevista: “a partir da memória, tenho meus **lugares de afeto**, onde essa memória ressurgue” (MARCONDES, Lula, 2023. Morador do núcleo Carmo. Grifo nosso).

Em relação ao questionamento se existem lugares importantes para o carnaval e que continuam sendo hoje em dia, 93% (38 pessoas) dos entrevistados afirmaram que sim, enquanto apenas 7% (3) pessoas afirmaram que não. Durante a entrevista, teve-se o cuidado de não sugerir nenhum lugar, assim as respostas foram genuínas e, para sistematização, foi elaborado um gráfico de barras agrupadas com os lugares mais citados dentre os residentes (ver Gráfico 18). Cabe salientar que muitos moradores, 16 menções, (cerca de 40% dos entrevistados) citaram ruas que fizeram parte de sua vivência particular como habitante de Olinda, como ruas que chegaram a morar, ou que familiares e/ou amigos próximos residiram, como a Ladeira da Misericórdia, Estrada do Bonsucesso e Rua do Bonfim.

Existe algum lugar no SHO que era importante para o carnaval e continua sendo importante durante o festejo para você?

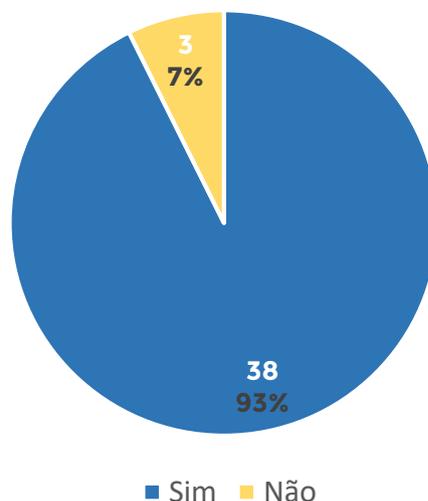


Gráfico 17: Gráfico pizza com respostas para a pergunta ‘Existe algum lugar no SHO que era importante para o carnaval e continua sendo durante o festejo para você?’. Fonte: Própria.

Quais lugares eram importantes para você no carnaval e continuam sendo?

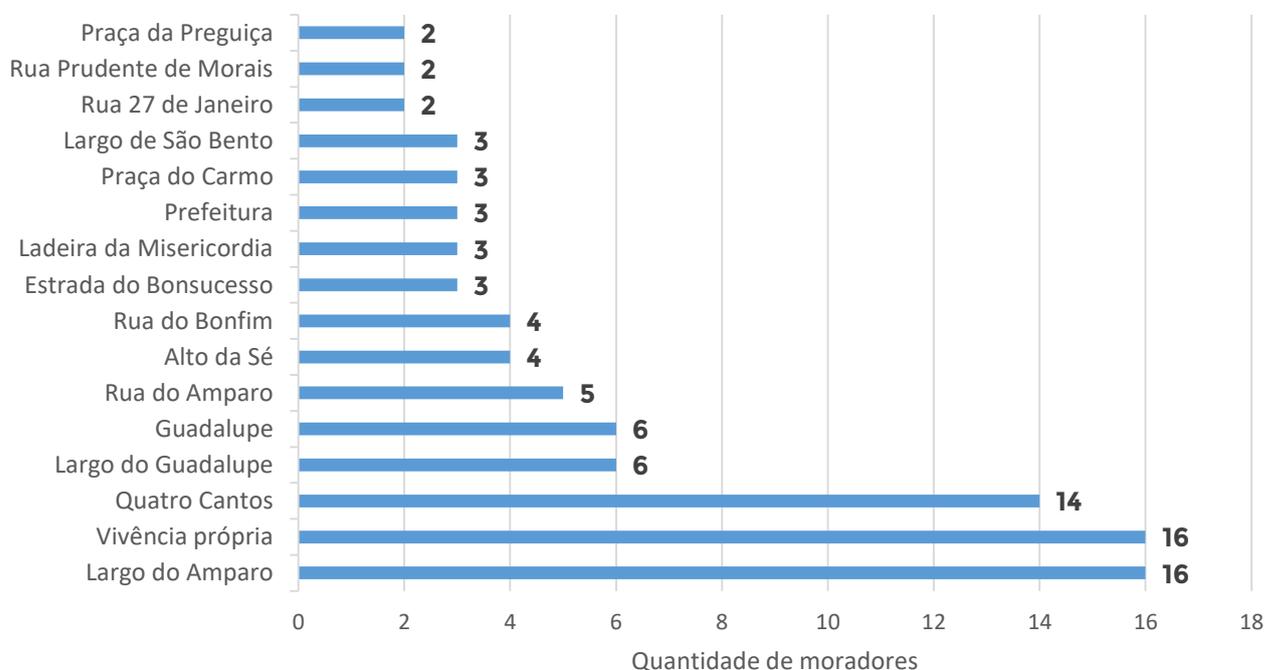


Gráfico 18: Gráfico de barras agrupadas com lugares que eram importantes para o carnaval e continuam sendo atualmente segundo os entrevistados. Fonte: Própria.

Independente do núcleo de moradia, o lugar que mais ganhou destaque pelos residentes foi o Largo do Amparo com 16 menções representando 42% das pessoas que responderam sim para

essa questão. Desse modo, o Largo do Amparo foi descrito como local de efervescência cultural constante no carnaval, onde o conjunto edificado, a igreja, a ladeira e a multidão se tornam um só marcando a paisagem do carnaval que emociona os moradores. Segundo relatos, o largo sempre foi um espaço de encontro das agremiações e dos foliões entre si, antes mesmo das agremiações receberem subsídios da prefeitura e serem indicadas a desfilar na prefeitura, o largo que era o local onde sempre tinha agremiações passando. Hoje, os moradores enxergam que esse espaço continua enérgico durante o festejo com muitas agremiações e desfiles bonitos passando.

Acho que o Largo do Amparo e o do Guadalupe são os lugares onde pulsam o carnaval, tudo acontece nesses lugares. Lembro que nos anos 90-2000 era o grande ponto de encontro, onde todo mundo se encontrava para ver as agremiações passarem. Vi muitas agremiações pela primeira vez no Largo do Amparo e isso me toca. Hoje em dia, continua assim. (MACHADO, Desiree, 2023. Moradora do núcleo Boa Hora)

Cada lugar tem sua experiência e eu gosto de experimentar o carnaval como espaço. Sou fixado em ficar no largo do amparo, ali em cima da Igreja do amparo, o espaço acaba funcionando como uma **arquibancada** para o carnaval, **ver o homem chegar daquele ponto de vista, é mágico**, acho que aquela é perspectiva incrível de vivenciar (NIRES. Filipe, 2023. Morador do núcleo Carmo)

O Largo do Amparo é uma grande **explosão** de carnaval, é lindo de vivenciar. (ISMAEL, 2023. Morador do núcleo Guadalupe)

O largo do amparo sempre foi muito especial pro carnaval, você vem de uma rua estreita e depois chega num grande largo, é bonito demais. É um local de ponto de encontro (FLAVIO, Antonio. 2023. Morador do núcleo Amparo)

O Amparo é uma parte do coração de Olinda. São os dois lugares que são o centro do carnaval, o amparo e os quatro cantos. (JUCI, 2023. Moradora do Núcleo Carmo)

Minha vida inteira eu vivi no largo do amparo, principalmente no carnaval. Então, fico sempre emocionado quando passo por lá. É um lugar que continua especial para mim até hoje. (BOTELHO, Luiz Adolpho, 2023. Morador do núcleo Amparo)

Antigamente, o Quatro Cantos não era “o lugar” para ir no carnaval, apenas o lugar que se via agremiações porque era a passagem das agremiações para chegar no Largo do Amparo que era a verdadeira explosão e beleza. Então, o largo do amparo sempre foi e continua essa explosão, continua sendo o ponto de encontro das troças. (EDMILSON, 2023. Morador do núcleo Boa Hora)



Figura 122: Vista para o Largo do Guadalupe durante desfile da Mulher do Dia, 1971. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

Figura 123: Primeiro cortejo do Cariri Após pandemia, Largo do Amparo, ao fundo Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, 2022. Fonte: Hugo Muniz.

Além do Largo do Amparo, foi destacado o Quatro Cantos com 14 menções. Diante dos relatos acerca dos Quatro Cantos e da sua expressividade nessa pergunta, chama a atenção como ele mudou e ganhou significado ao longo do tempo, deixando de ser um local de passagem para, assim como o Largo do Amparo, ser um lugar de encontro para brincar, vivenciar e ver o carnaval.

O quatro cantos é o lugar que sempre foi importante pra mim e continua sendo, é um **lugar de afeto**, me emociono sempre quando vou lá no carnaval. (NIGRO, Natan, 2023. Morador do núcleo Carmo)

O Largo do Guadalupe e o bairro do Guadalupe aparecem em seguida, mencionados por 6 moradores cada devido à sua forte presença carnavalesca, uma vez que “é de lá de onde estão os músicos e os carregadores que vão tocar e desfilar nas agremiações na parte histórica de Olinda” (NILDO, 2023). Como também, no bairro do Guadalupe, surgiram diversas agremiações consolidadas hoje em dia, como o Cariri, John Travolta e Menino da tarde, e continuam surgindo outras no bairro, como o Garoto do Amparo nasceu em 2023. Tendo em vista que apenas na rua de Nildo, morador do núcleo Guadalupe, músico e professor, saem cinco agremiações no carnaval. Inclusive, muitas agremiações do Guadalupe circulam apenas no Guadalupe, outras saem de outras áreas no sítio e recolhem no bairro e, ainda, fazem percursos com voltas no bairro antes de ir em direção à outros focos, como é o caso do Cariri, para homenagear os moradores que historicamente vivenciam o carnaval de perto.

Nildo (2023), fundador da Orquestra Armação Musical em 1989 que hoje é a orquestra oficial do Homem da Meia Noite, participa de mais de 20 desfiles de agremiações durante o festejo, enxerga o bairro do Guadalupe extremamente cultural, um verdadeiro “celeiro de músico”.



Figura 124: Boneco O Virgem do Guadalupe com seu carregador, André, 2023. Fonte: Pablo Vinicius.



Figura 125: Registro do recolhimento após o desfile de abertura das Troças Carnavalescas Mistas O Garoto do Amparo e O Conquistador, Rua Nossa Senhora do Guadalupe, 2023. Fonte: Própria.

Como o resultado da questão aponta, não somente Nildo percebe a importância do bairro do Guadalupe para o carnaval, como os moradores de outros núcleos. Tal questão pode ser observada a seguir:

Quando cheguei aqui, fui morar no Guadalupe, perto do largo do amparo e percebi que a raiz do carnaval era lá no Guadalupe (...) Quando não tenho nenhum bloco para acompanhar em mente, vou no Guadalupe porque sei que é o lugar que sempre vai ter algum bloco legal pra ver passando (...) No Guadalupe, eu não vejo a arquitetura de Olinda, vejo a periferia. E os blocos se voltam para lá, ou seja, partem de lá ou vão para lá, eles saem para a comunidade, vão se mostrar na rua para a comunidade, passam nas ruas das casas dos moradores e todo mundo fica esperando na rua. Isso me toca extremamente, fico muito emocionado. (PAIXAO, Altair, 2023. Morador do núcleo Boa Hora)

Gosto muito de ir ao Guadalupe, é muito especial para mim, considero como o nascedouro do carnaval. Porque se não tiver nenhum bloco saindo por aqui ou não tiver me programado, eu vou no Guadalupe porque sei que vai ter alguma coisa saindo. (LIMA, Márcia, 2023. Moradora do núcleo Prudente)

Era um bairro que eu não frequentava antes. Não valoriza antes. Com as frequentes idas ao Cariri e às festas por lá no Largo do Guadalupe, comecei a descobrir que ali também é sítio histórico, que também tem seu valor, que ali também moram pessoas, e que ali tem sua beleza. Para mim, foi uma ótima surpresa. (CHAVES, Joana, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)



Figura 126: Desfile do Cariri Olindense no bairro do Guadalupe, 1978. Foto: Ubiratan Rodrigues. Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal de Olinda.



Figura 127: Desfile da troça A Porca no Guadalupe, João Nires e mãe à direita, 1999. Fonte: Acervo pessoal João Nires.



Figura 128: Ensaio de crianças da turma de instrumentos na sede do Cariri Olindense, Guadalupe, professor Nildo, 2023. Fonte: Própria.

Quando perguntados se têm lugares que não eram significativos no carnaval e agora são, apenas 44%, 18 pessoas, afirmaram que teria, enquanto a maioria, 57%, negou essa possibilidade. Nessa pergunta, apareceram muitas ruas com apenas 1 menção, isso se explica devido à expressividade de falas apontando ruas específicas de acordo com a vivência particular de cada morador. Tal como a fala de Carlos, morador do núcleo Boa Hora, quando afirma que, ao se mudar para a Rua Henrique Dias, passou a criar novas memórias neste local durante o carnaval, porque a rua acabou se tornando ponto de encontro e reencontro de amigos e família, tornando-a especial para ele durante a festa. Pode-se relacionar à entrevista de João Nires, morador do núcleo Amaro Branco, porém vive entre o bairro do Amaro Branco e o do Guadalupe, pois sua infância foi marcada pela vivência no bairro do Guadalupe e, mais especificamente, na Rua Vital Henrique, onde viu muitas agremiações pela primeira vez e onde sua avó mora até hoje. Então, essa rua têm um aspecto simbólico afetivo para João, como ele

afirma ser “um lugar super especial e marcante” para ele, pois o carnaval de sua infância é o carnaval na casa de sua avó.



Figura 129: João Nires com sua avó na rua da casa dela, Rua Vital Henrique, Guadalupe, ao fundo Igreja do Guadalupe, 1999. Fonte: Acervo pessoal João Nires.



Figura 130: Confraternização de João Nires, amigos e família na Rua Vital Henrique, 2023. Fonte: Acervo pessoal João Nires.



Figura 131: Encontro na calçada da Rua Henrique Dias, família e amigos de Carlos e Cintia Alves, 2017. Fonte: Acervo pessoal Carlos Alves.



Figura 132: Encontro na calçada da Rua Henrique Dias, família e amigos de Carlos e Cintia Alves, 2018. Fonte: Acervo pessoal Carlos Alves.

Alguns residentes associaram os espaços à determinadas agremiações que marcaram seu carnaval, como Natan Nigro que entendeu O Largo de São Bento como um local que não tinha muita importância durante o carnaval para ele e, depois do Bloco do Mangue fazer sua concentração e lamaço no largo, virou um lugar marcante para Natan. Outro exemplo é a experiência de Luiz Adolpho, atual presidente do Homem da Meia Noite, nos espaços, pois depois de ficar na organização do homem da meia noite, o Largo do Bonsucesso tomou uma

dimensão identitária para ele. Desse modo, as agremiações também criaram e continuam criando lugares de afeto para os moradores.

A Estrada do Bonsucesso sempre foi marcada pela casa do homem da meia noite e é sempre especial sentir a presença dele lá. Gosto muito. Mas, depois que comecei a fazer parte do homem e ser presidente, o Largo do Bonsucesso tornou-se parte da minha história. Um lugar que faz parte da minha vida, tenho muito zelo por ele. (BOTELHO, Luiz Adolpho, 2023. Morador do núcleo Amparo)

Da mesma maneira, Joana Chaves, moradora do núcleo Bonfim, relata o Largo de São Bento como um lugar especial em virtude dos momentos que o Eu Acho É Pouco se concentrava lá destacando a morfologia, traçado urbano, conjunto edificado, as pessoas e a agremiação como paisagem marcante do seu carnaval.

Um lugar super especial que o Eu Acho é Pouco passava e não passa mais é o Largo de São Bento. Teve uma época que o EAP saía de lá. (...) Então, como é um reduto, recuado, tem aquele lugar meio escondido, quando a gente saía de lá era **emocionante ver** aquele **mundareu de gente**, era um mar vermelho e amarelo junto com as casas e a igreja, muito **lindo** de ver. (CHAVES, Joana, moradora do núcleo Bonfim)

Existe algum lugar no SHO que não era importante para o carnaval e passou a ser para você?

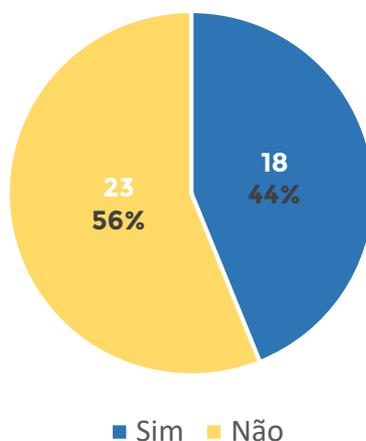


Gráfico 19: Gráfico pizza com respostas para a pergunta 'Existe algum lugar no SHO que não era importante para o carnaval e passou a ser para você?'. Fonte: Própria.

Quais lugares não eram importantes para você no carnaval e passaram a ser?

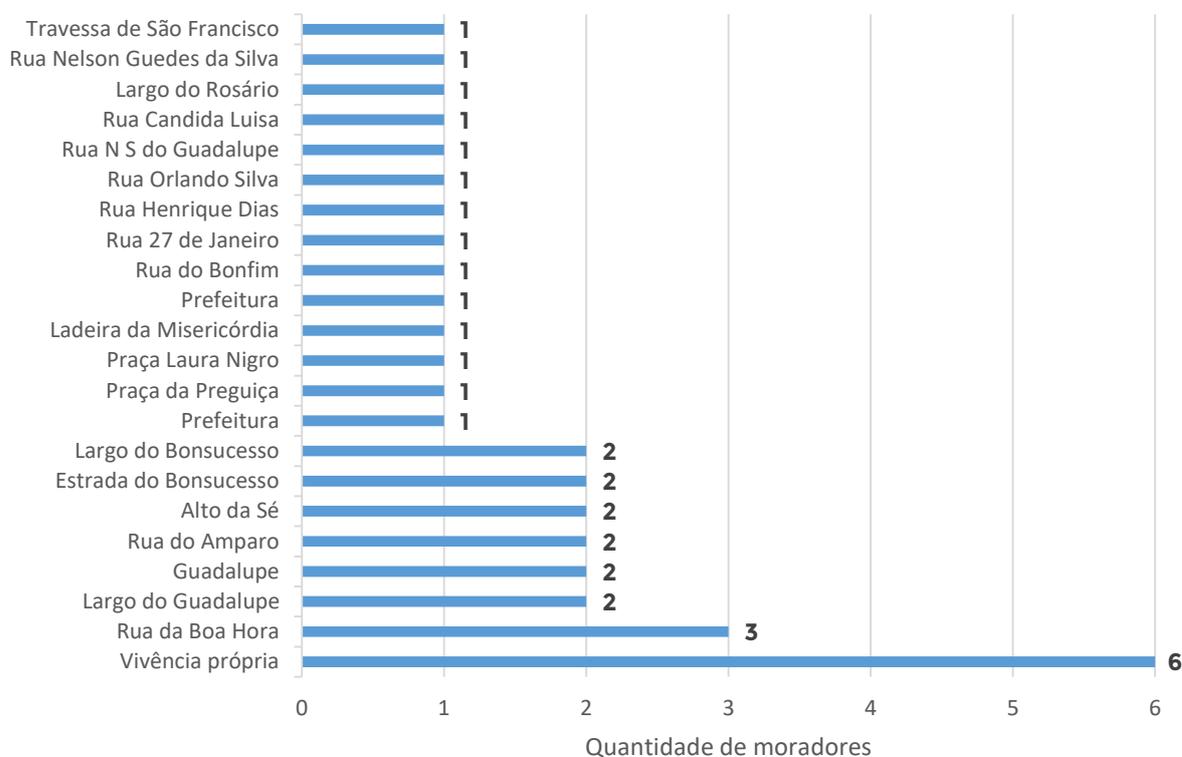


Gráfico 20: Gráfico de barras agrupadas com lugares que não eram importantes para o carnaval e passaram a ser atualmente segundo os entrevistados. Fonte: Própria.

É válido mencionar que a Rua da Boa Hora se destacou dentre às outras, principalmente devido à presença de Dona Dá nela, por muitos moradores começarem a frequentar depois. Dona Dá, Jodesilva Airola, é uma carnavalesca que foi morar na Rua da Boa Hora na década de 1970. Na década de 1980, Dona Dá junto à um outro morador da rua, Antonio Carlos Nóbrega, conhecido como Zé Popo, decidiram confeccionar troféus que iriam homenagear àquelas agremiações que passassem na rua com a intenção de inserir a Rua da Boa Hora no circuito carnavalesco. Dona Dá arrecadava doações de outros moradores ao longo do ano para algum artista produzir o troféu, que todo carnaval é feito por um artesão diferente. Hoje, o dinheiro continua sendo arrecadado pelos moradores e por agremiações parceiras a partir da venda de camisetas e produção de festas. Desde a década de 1980, Dona Dá recebe as agremiações na porta de casa com o troféu todos os anos, inclusive criando outras tradições como: o café da manhã do domingo para quem aguentar ficar até de manhã no cortejo da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense e o encontro de Boizinhos na quarta-feira de cinzas. Assim, a Rua da Boa Hora ganhou um outro significado depois de Dona Dá ir morar nela e movimentar a cultura da rua tornando-se uma parte importante do carnaval. Isso mostra como

um logradouro pode ter ambiências diversas a partir das relações entre moradores ganhar outros aspectos intangíveis imprescindíveis para manutenção da festa. Exemplifica-se algumas falas a respeito desse assunto a seguir:

É onde o carnaval acontece. A Rua da Boa Hora é muito importante para mim, onde eu vim morar e, depois de mim, nunca mais foi a mesma. Amo essa rua, não sairia daqui por nada. Aqui é muito animado no carnaval. Desde que eu me mudei para aqui que Zé popó inventou que devíamos movimentar a rua, aí inventou esse negócio dos troféus para as agremiações passarem por aqui e receber a **lembrancinha do carnaval de Rua da Boa Hora. Aguardo todos passarem aqui ansiosamente**, não tem nenhum melhor ou pior, todos os blocos são importantes para mim. Sempre faço questão de ter o troféu para quando eles passarem por aqui, a gente poder homenagear. (DONA DÁ, 2023. Moradora do núcleo Boa Hora)

A Rua da boa hora foi uma rua normal no carnaval por muito tempo. Até que com a **presença de Dona Dá** lá isso mudou e hoje é uma **rua super especial**. (ANTONIO, Flávio, 2023. Morador do núcleo Amparo)

A Rua da Boa Hora é uma rua muito rica culturalmente falando. Antonio Carlos Nobrega que morava aqui na Boa Hora que montou os boisinhos e começou a tradição da quarta-feira de cinzas dos encontros dos boisinhos na frente da casa de dona dá. Toda essa galera morava aqui. Hoje, considero a melhor rua do carnaval. Os blocos chegam aqui, eles vêm receber o troféu de dona dá e é um grande movimento de carnaval na rua. Dá para ver tudo. (PAIXAO, ALTAMIR, 2023. Morador do núcleo Boa Hora)

Nunca quis especificamente morar na Rua da Boa Hora, na verdade foi um achado. Uma grande surpresa. Não fazia ideia de como aqui era bom. No carnaval, é bem bonito. Muitas agremiações passam aqui, sabe? Para receber o troféu de Dona Dá. Então, vi muitas agremiações no carnaval sem sair da calçada. E isso é mágico. E a Rua da Boa Hora começou a ser importante para mim por causa da minha casa. Muitas pessoas têm experiência de carnaval indo e voltando de Recife, vindo de outros lugares. Mas a experiência de viver o carnaval morando aqui é diferente, é especial, sabe? E a gente costuma ver pessoas com costume de **vivência de rua**, o boca boca dos vizinhos, a cadeira do lado de fora da casa para ver as agremiações passarem. Sempre está movimentado. (MACHADO, Desiree, 2023. Moradora do núcleo Boa Hora)



Figura 133: Dona Dá segurando troféu para entregar a Troça Carnavalesca Mista do Cariri, café da manhã exposto na mesa, 2019. Fonte: Acervo pessoal Dona Dá.



Figura 134: Mesa de café da manhã preparada por Dona Dá e família para receber a Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense e foliões na manhã do domingo de carnaval, 2019. Fonte: Acervo pessoal Dona Dá.



Figura 135: Saída da Troça Carnavalesca Mista Mulher na Vara no carnaval com Dona Dá, fundadora e presidenta da troça, em cima da vara, 2018 na Rua da Boa Hora. Foto: Pollyana Ventura. Fonte: Acervo pessoal Dona Dá.



Figura 136: Desiree na janela de casa durante o carnaval, 2023. Fonte: Acervo pessoal Desiree Machado.

No que diz respeito aos locais que eram relevantes para o carnaval e deixaram de ser atualmente, 26 residentes (63% do total) consideram que existem lugares que deixaram de ser significativos para o festejo, enquanto 15 moradores (37% do total) acreditam que não têm. O espaço que mais ganhou destaque dentre os residentes foi a Rua do Bonfim, devido à grande quantidade de pessoas, foliões usando a rua como espaço de permanência, som mecânico utilizado pelos foliões, barracas e casas alugadas e o excessivo número de barracas fixas nas calçadas e na faixa de rolamento. Tudo isso interfere na própria mobilidade do morador durante o carnaval e no desfile das agremiações, pois elas evitam passar por essa rua e, comparando com décadas atrás, a quantidade diminuiu consideravelmente. Tais intercorrências interferem nos percursos tradicionais dos grupos carnavalescos e em sua “retórica de caminhada”, conceituado por Certeau (1994), uma vez que cada agremiação confere um significado específico ao se deslocar no espaço a partir de tradições, símbolos e memórias. Sobre isso, como afirma Vilarinho e Vieira-de-Araújo (2021) têm grupos em Olinda que possuem simbologias que precisam ser homenageadas ao longo de seus percursos, como a Pitombeira dos Quatros na qual seu percurso possuía ruas específicas para passar e que hoje não conseguem, por exemplo ir à Rua do Bonfim durante o carnaval reverenciar duas famílias importantes para a história da agremiação que residem em duas casas nesse logradouro. Durante as entrevistas, descobriu-se situações semelhantes como o do Eu Acho É Pouco e, até mesmo, dos moradores que tradicionalmente esperam as agremiações passarem em sua rua e acabam não passando mais.

(...) Um bloco só passa aqui se for na tora, um elefante ou um ceroula passa, uma pitombeira passa para família da rua ver, o Rebileras passa porque eles são dali do

final da Bonfim para misericórdia, mas é difícil da gente ver blocos passando aqui agora. O Eu Acho É pouco têm anos que passa e têm anos que não consegue, é um sofrimento, porque tem a casa de “Guila” aqui na rua e ele não pode passar em frente. (...) Em 2020, não teve um bloco que passou aqui. Nada. Todos desviaram daqui. Quando eu **vi na terça-feira do carnaval que o eu acho é pouco não ia conseguir passar aqui, pensei: não tem mais graça**. Fiquei bem triste. Porque você se prepara toda, você gasta muito, enfeita a casa inteira, gasta dinheiro com fantasia, cria expectativa. (CAMPOVA, Valéria, 2023. Moradora do Núcleo Bonfim).

Aqui em casa sempre passava blocos tradicionais, pitombeira, elefante, vassourinhas, cariri, homem da meia noite, marim dos caetes, mulher do dia, menino da tarde, tudo passava aqui. Agora, não passam quase nenhum. Mas gosto muito de ver quando o ceroula e trinca de ás passa aqui acho lindo, orquestra maravilhosa. O ceroula ainda passa aqui, ele tem que passar, no carnaval, na semana pré, tudo que ele faz, passa aqui, porque o fundador era daqui, elisio paes bento e cabelas moravam por lá, era um dos fundadores, o filho de cabelas ainda está no ceroula, ai tem que passar aqui para homenagear. (Edite, Ana, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

O bloco flor da lira saía nessa Rua do Bonfim, era muito bonito. Me emocionava. Hoje não sai mais de lá. Hoje, é um horror. Virou um local agressivo, virou um mictório, extremamente suja, barulho infernal. (MILLET, Vera, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Existe algum lugar no SHO que era importante para o carnaval e deixou de ser para você?

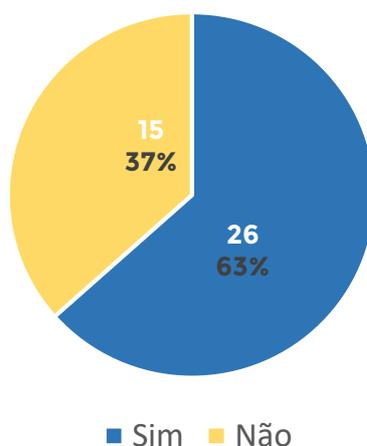


Gráfico 21: Gráfico pizza com respostas para a pergunta ‘Existe algum lugar no SHO que era importante para o carnaval e deixou de ser para você?’. Fonte: Própria.

Quais lugares eram importantes para você no carnaval e deixaram de ser?

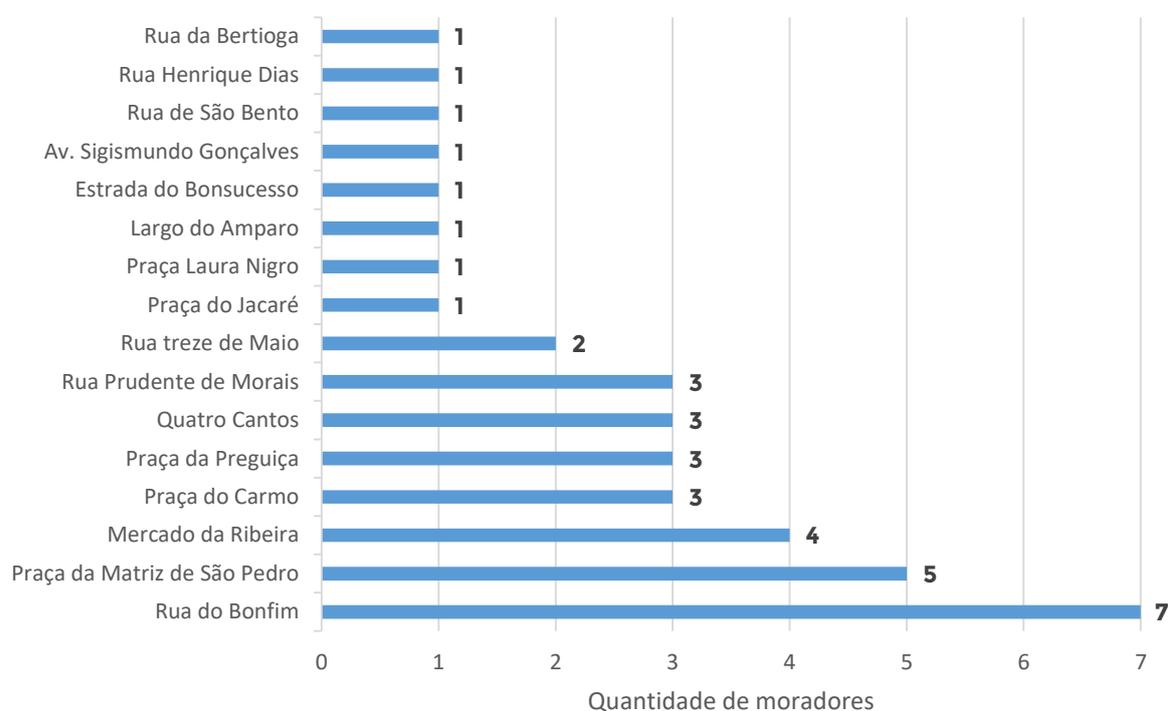


Gráfico 22: Gráfico de barras agrupadas com lugares que eram importantes para o carnaval e deixaram de ser atualmente segundo os entrevistados. Fonte: Própria.

Além da Rua do Bonfim, ficaram em evidência a Praça da Matriz de São Pedro com 5 menções e Mercado da Ribeira com 4 menções. Em menor expressividade, foram citadas a Praça do Carmo com 3 menções, Praça da Preguiça com 3 menções, Quatro Cantos com 3 menções, ruas Prudente de Moraes com 3 menções e Treze de Maio com 2 menções. Segundo relatos, Na Praça da Matriz de São Pedro, era instalado um pequeno palanque de carnaval onde tinham apresentações de orquestras e bandas locais, era um ponto de encontro animado. Hoje, os residentes afirmam que não tem nada para ver ou ouvir, pouquíssimas agremiações passam por lá, muitas pessoas usam como ponto de permanência e os foliões e barracas colocam sons mecânicos com músicas que não tem a ver com o carnaval, e, ainda, atrapalham as orquestras dos grupos carnavalescos, pois não se dá para ouvir bem devido ao volume muito alto das caixas de som. No Mercado da Ribeira, foi mencionado o mesmo problema, muita concentração de pessoas fixas no mesmo local e volumes alto de som mecânico e, conseqüentemente, só escolas de samba conseguem passar ali por causa de seu som potente que consegue competir com o som mecânico da rua.

Nos anos 80, a Praça de São Pedro era muito boa para ir, todos os blocos passavam por lá, tinha orquestra sempre. Hoje, é bem caótico, você não consegue andar e só fica

ouvindo sons altos, uma poluição, e só músicas que não tem a ver como o carnaval, tipo rap, trap e funk. (EDITE, Ana, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Lembro muito nos anos 80, havia um palanque na Praça de São Pedro, era muito bom, desfilavam muitos blocos ali. Hoje, é só um aglomerado de gente e muito som, mal dá para ouvir as poucas orquestras que passam. (DUARTE, Manoel, 2023. Morador do núcleo Amaro Branco)

Você já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?

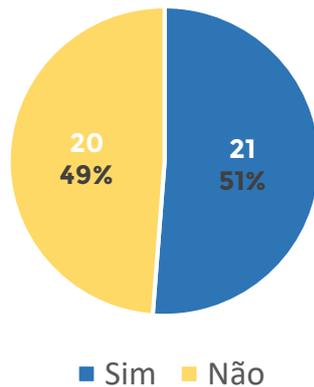


Gráfico 23: Gráfico pizza da pergunta "Você já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?". Fonte: Própria.

Sua família já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?

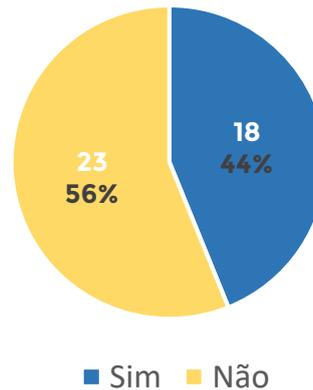


Gráfico 24: Gráfico pizza da pergunta "Sua família já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?". Fonte: Própria.

Você faz parte da organização/fundação de alguma agremiação hoje?

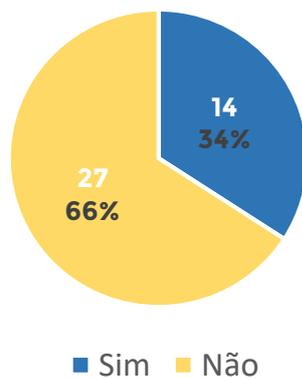


Gráfico 25: Gráfico pizza da pergunta "Você faz parte da organização de alguma agremiação HOJE?". Fonte: Própria.

Sua família faz parte da organização/fundação de alguma agremiação hoje?

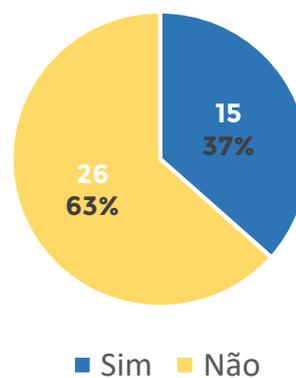


Gráfico 26: Gráfico pizza da pergunta "Sua família faz parte HOJE da organização/fundação de alguma agremiação?". Fonte: Própria.

No que se refere ao envolvimento dos habitantes com agremiações, nota-se que houve uma diminuição. Enquanto 51% já fizeram parte da organização de alguma agremiação, apenas 34% continuam se envolvendo com algum grupo carnavalesco. A mesma situação foi verificada para a participação de familiares, tendo o percentual de 56% dos entrevistados que possuem

parentes que já fizeram parte desses grupos, e apenas 37% continuam com o vínculo à frente de agremiações.

Vale ressaltar que mesmo com o cenário preocupante dessa queda de participação, o vínculo atuante dos residentes com as agremiações ainda é presente, podendo ainda relacionar o carnaval à um “carnaval hereditário” como afirmou Pedro Laporte, morador do núcleo Bonfim.

Muitos dos relatos evidenciaram a relação hereditária entre os moradores e agremiações, mas também mostrou casos de residentes que não tinham relação familiar com o grupo carnavalesco, mas sim uma relação de amigos com pessoas envolvidas. Um desses casos é o de Filipe Nires, morou sua vida inteira no sítio histórico transitando entre Amaro Branco, e Guadalupe, hoje, mora no bairro do Carmo, foi convidado a fazer parte da organização da Troça Carnavalesca Mista A Ema Gemeu na qual a diretoria era de um grande amigo, pois sempre participava dos desfiles. A Ema Gemeu é uma troça na qual o único compromisso é com a brincadeira, faz parte do ritual da agremiação se pintar, pintar junto com pessoas, pintar o outro remetendo às pinturas rupestres as quais foram a primeira forma de expressão do ser humano no mundo. Não à toa, Filipe considera o carnaval um momento de uma grande “catarse coletiva”, relatando o quão é emocionante fazer parte de uma agremiação como um misto entre tensão e adrenalina, paixão e nervosismo e, quando finalmente chega o carnaval da ema, se sentir “muito expressivo quando me pinto, sendo muito marcante para mim”.



Figura 137: Filipe Nires durante concentração da Troça Carnavalesca Mista A Ema Gemeu no carnaval, 2023.

Fonte: Acervo pessoal Filipe Nires.

Tendo como um caso parecido, cita-se o relato de Carlos Alves, morador do núcleo Boa Hora. Na família de Carlos, havia muitas pessoas envolvidas com carnaval, tanto como compositor, como desfilante ou organizador de agremiações. No núcleo fundador do Ceroula não ter constituinte da família dele, a mãe de Calor, Dona Edna, era muito amiga de Cabela e família, assim frequentava e ajudava sempre o Ceroula de Olinda. Então, apesar de Carlos não ter vínculo familiar com quem fundou o Ceroula, ele cresceu nesse meio de cooperação entre

Cabela e seus amigos moradores de Olinda, criando um vínculo afetivo entre esses organizadores e a própria agremiação. Desse modo, pode-se dizer que para além do laço de sangue, as agremiações atuam criando vínculos afetivos entre os residentes, ou ainda, os vínculos afetivos entre os moradores permitem a criação de agremiações como uma expressão coletiva.

Então, meu avô, Fernando Neto, era uma pessoa muito envolvida com cultura, era compositor, e foi um dos fundadores da Marim dos Caetés. O fundador do Ceroula, Cabela, era casado com Mabel e juntamente com outras pessoas, inclusive minha mãe (Edna) que era muito amiga deles. Tenho alguns primos lá no amparo que fundaram o Tá aqui pra Ocês. Fora isso, o antigo presidente do homem da meia noite, Tássio, era sogro do meu tio. Hoje, meu primo é diretor do homem. (...) Muita gente da minha família é envolvida com os blocos e há muito tempo, até hoje. A história dos blocos fazem parte da minha vida, da minha história. Foi onde eu nasci e cresci, eu cresci no meio do ceroula. (ALVES, Carlos, 2023. Morador do núcleo Boa Hora)



Figura 138: Carlos Alves e família durante saída do Ceroula de Olinda. Fonte: Acervo pessoal Carlos Alves.

Foram trazidos alguns relatos de moradores que são envolvidos com agremiações, como o Eu Acho É Pouco e Cariri Olindense a seguir:

Desde meus 13 anos, eu participo do Eu Acho é Pouco. Arrastei minha namorada para ajudar também. Estou junto com ela desde os 15 anos. Então, desde os 15 anos ela participa comigo do Eu Acho É Pouco desde o primeiro baile. **É o bloco da minha família.** Os blocos tradicionais de Olinda tem muito isso de passar de uma pessoa para outra da família. **O carnaval de Olinda é hereditário.** Tem uma grande coincidência, porque é o bloco da minha família **tanto por parte de pai, como parte de mãe,** porque o pai da minha mãe foi um dos fundadores, Roberto Sá Leitão (LAPORTE, Pedro, 2023. Morador do núcleo Bonfim)



Figura 139: Pais de Pedro Laporte durante gestação de Pedro no Eu Acho É Pouco, carnaval de 1997. Fonte: Acervo pessoal Pedro Laporte.



Figura 140: Pedro Laporte segurando o estandarte do Eu Acho É Pouco, Praça da Sé, 2020. Fonte: Acervo pessoal Pedro Laporte.

Meu pai fez parte da fundação da pitombeira, ja foi diretor do ceroula e ja foi presidente do homem da meia noite. Minha família inteira é carnavalesca, tenho família no Tá aqui para vocês, Trinca de Ás, macuca; Silvio botelho, o pai dos bonecos gigantes, é meu primo distante, quem faz parte da diretoria do elefante é Anax, meu primo e no ceroula tem Marquinho, meu primo também. (BOTELHO, Luiz Adolpho, 2023. Morador do núcleo Amparo)



Figura 141: Luiz Adolpho Botelho e seu pai, Tárccio Botelho, antigo presidente do Homem da Meia Noite, 2001. Fonte: Acervo pessoal Luiz Adolpho.

Meus pais estavam lá atrás entre o pessoal que se juntou e fundou o Eu Acho É Pouco, eles eram participantes desse grupo. Então, **temos essa vivência com o eap desde pequena. Pra mim, o carnaval é o Eu acho É Pouco, acho que é uma coisa que se confunde, ou se complementa.** É engraçado que minha filha mais nova quando era menor, não conseguia distinguir o que era carnaval e o que era o eu acho é pouco. Era

tão bonitinho. Quando pediam pra ela desenhar o que é carnaval e tudo que ela desenhava era vermelho e amarelo, o 'vamo para o carnaval' dela era 'vamo para o eu acho é pouco'. Carnaval era eu acho é pouco e eu acho é pouco era carnaval. Pronto, é mais ou menos assim que eu me sinto. (CHAVES, Joana, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)



Figura 142: Joana Chaves segurando sua filha durante o Eu Acho É Pouco, começo da década de 2000. Fonte: Acervo pessoal Joana Chaves.



Figura 143: Joana Chaves, marido e filha durante o Eu Acho É Pouco, 2020. Fonte: Acervo pessoal Joana Chaves.

Meu pai faz parte do Cariri. Minha família por parte de pai é cariri. Meu pai, meu avô e meu tio. Meu bisavô quem fundou o cariri, a família canuto, Augusto Canuto. Meu tio é o atual presidente do cariri, Ivison, e meu pai, Hilton, é da diretoria de comunicação. (NIRES, João, 2023. Morador do núcleo Amaro Branco)

Onde a gente morava metade era sede, metade era casa, tinha época que era mais sede do que casa. (NIRES, João. 2021 apud VILARINHO & VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2021.



Figura 144: Diretoria da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, dentre eles Augusto Canuto, avô de João, 1997. Fonte: Acervo Cariri Olindense.



Figura 145: Diretoria da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, dentre eles Hilton, pai de João, 2020. Fonte: Acervo Cariri Olindense.



Figura 146: Valéria Campova segurando estandarte da Troça Carnavalesca Na Casa de Vovó Tudo Pode. Fonte: Acervo pessoal Valéria Campova.



Figura 147: Casa de Dona Dá com estandarte da Mulher na Vara pendurado no corredor, Dona Dá ao fundo, 2023. Fonte: Própria.

É possível fazer uma relação com o Gráfico 14 quando aponta que 90% dos entrevistados brincaram carnaval quando criança e com o Gráfico 15 ao constatar que 66% continuam brincando e 27% brincam em parte, totalizando 93% do total. Assim, a família mostra-se com um papel fundamental de iniciação não só da socialização da criança, como também a introdução do costume carnavalesco. Os resultados apontaram que essa inicialização vai influenciar a relação do residente adulto com o carnaval, pois a maioria dos moradores que brincaram quando pequenos, continuam brincando. Identificou-se que até os moradores que não gostam de vivenciar o carnaval atualmente, não deixam de cumprir esse papel de introduzir os filhos na tradição da festa. Desse modo, é válido ressaltar que, apesar dos resultados mostrarem a diminuição do envolvimento na organização de agremiações tanto dos residentes, como de suas famílias, pode-se entender o comportamento dos moradores perante ao festejo como uma herança de carnaval na qual é pautada na transmissão de comportamentos e costumes pelos pais.

A gente criança foi criado solto dentro de Olinda. Olinda tinha essa proteção de ser um sítio e todas as famílias se conhecerem. No sábado, era dia de sair de alma, aquela original alma de castanhola, ficava andando e passando nas casas, pedindo comida e lanche, porque alma conhece todo mundo né, aí mamãe costurava um monte de alma. (...) Minha brincadeira de carnaval é acordar de manhã, botar uma fantasia, ir para um bloco, acompanhar, ficar até recolher e pegar outro bloco, venho em casa, tomo banho e vou para outro bloco. Lá em casa temos esse costume, eu e as meninas, de ir brincar na rua com os blocos. As minhas filhas gostam muito de carnaval. Dia de carnaval é oito horas da manhã elas saindo de casa toda fantasiada com a bunda cheia de glitter. Elas foram criadas brincando carnaval. **Tivemos o cuidado de levar elas pro carnaval sempre quando era pequena** (LIMA, Márcia, moradora do núcleo Prudente.)

Meu esposo amava, mas eu tinha perdido um pouco a paixão por causa que o carnaval mudou muito né. Mas eu não deixava de levar minha filha para conhecer o carnaval, fazia questão de sempre levar pros blocos mais tranquilos, era minha função mostrar a ela. (GURGEL, Silvana, moradora do núcleo Prudente)



Figura 148: Silvana Gurgel levando sua filha, Ana Rita, para brincar carnaval, 1998. Fonte: Acervo pessoal Silvana Gurgel.



Figura 149: Festa tradicional de aniversário de Victor com os pais na segunda-feira de carnaval, 1997. Fonte: Acervo pessoal Victor Castelo Branco.

Você costuma acompanhar o desfile de alguma agremiação todos os anos?

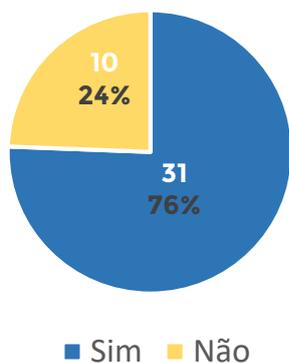


Gráfico 27: Gráfico pizza da pergunta “Você costuma acompanhar o desfile de alguma agremiação todos os anos?”. Fonte: Própria. Fonte: Própria.

Quantas agremiações você costuma acompanhar antes e/ou durante o carnaval?

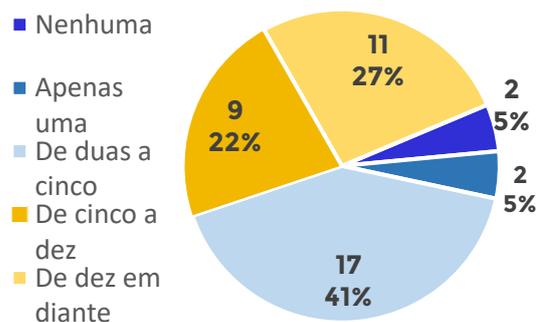


Gráfico 28: Gráfico pizza da pergunta “Quantas agremiações você costuma acompanhar antes e/ou durante o carnaval?”. Fonte: Própria. Fonte: Própria.

A proximidade dos entrevistados com as agremiações fica evidente quando são perguntados se costumam acompanhar obrigatoriamente o desfile de algum grupo todos os anos com 76% residentes do total que fazem questão de participar do desfile de alguma agremiação especificamente. Isso evidencia a relação particular de cada morador com os grupos carnavalescos mostrando o vínculo de emoção e afetividade vinculada àquele grupo, uma vez

que não é só a festa em si que é relevante para aquele residente. Não é qualquer orquestra ou estandarte que vai passar ou qualquer música que vão tocar que vai despertar a satisfação pessoal de cada pessoa e sim, a especificidade daquela agremiação passando naquele lugar e tocando aquela música.

Aqui em casa, o homem da meia noite é tipo uma adoração. Tenho obrigação total em ver o homem da meia noite todos os anos. E já virou tradição aqui em casa, ninguém perde a saída, o resto da família e amigos vêm para ver, colocamos a cadeira na calçada. (FLÁVIO, Antonio, 2023. Morador do núcleo Amparo)

É sempre muito lindo e emocionante ver o elefante. Sempre me fascinou desde pequena. Eu fico doidinha de emoção vendo ele na rua. (Moradora do núcleo Boa Hora, 2023)

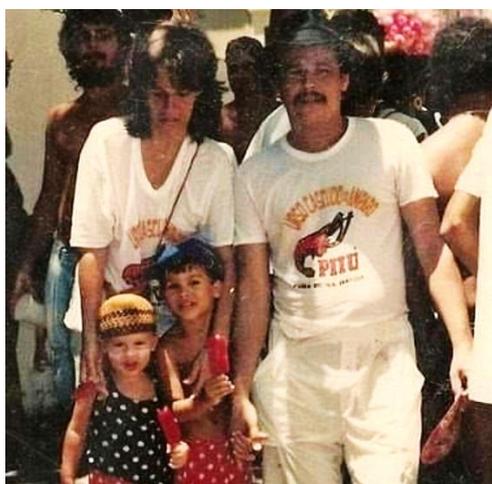


Figura 150: Antonio Flávio, esposa e filhos no desfile do Urso Cascudo do Amparo, década de 1980. Fonte: Acervo pessoal Antonio Flávio.



Figura 151: Antonio Flávio, família e amigos em frente à sua casa à espera da saída do Homem da Meia Noite, 2020. Fonte: Acervo pessoal Antonio Flávio.

Quando perguntou-se quantos desfiles costumam ser vistos durante o carnaval, a maioria dos entrevistados, 41%, afirmou acompanhar de 2 a 5 agremiações durante o festejo, seguido de 27% dos entrevistados acompanharem acima de 10 agremiações e 22% dos entrevistados acompanhando de 5 a 10 agremiações. Apenas 5% dos entrevistados afirmam não acompanhar nenhuma agremiação e outros 5% acompanham apenas uma. Ao fim da entrevista, foram mencionadas 97 agremiações, sendo 72 agremiações em atividade e 25 agremiações extintas (ver Apêndice 03). As agremiações mais citadas foram, respectivamente: Elefante mencionado por 32 moradores, Homem da Meia Noite por 29, Pitombeira por 23 moradores, Cariri por 21, Eu Acho É Pouco por 17, Ceroula por 15, Vassourinhas por 13, Trinca de Ás, por 13, John Travolta por 12, Boi da Macuca por 10, Enquanto Isso na Sala da Justiça por 9, Sambadeiras por 7, Mulher do dia, Tá Maluco e Menino da Tarde por 6.

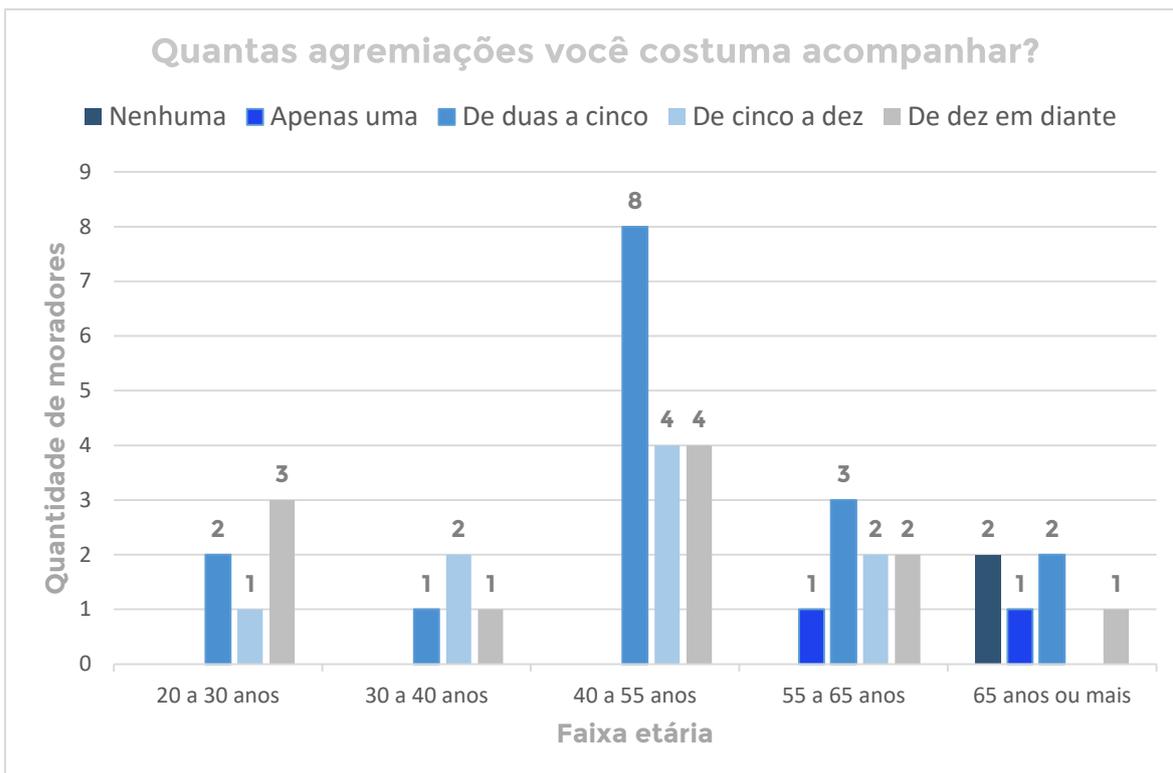


Gráfico 29: Gráfico em barras sobre a pergunta “quantas agremiações você costuma acompanhar” distribuídas no eixo de faixa etária e quantidade de morador. Fonte: Própria.

Essa casa é meu palco. Não quero sair daqui nunca. Eu tenho um camarote da minha janela. O carnaval é aqui na minha porta. Tem um bloco específico que vêm me buscar na porta, o Bloco da Alegria. As pessoas que passam aqui, em sua maioria, já cumprimenta, já dá tchau. É um movimento muito gostoso (NINI, Dayse, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Primeira vez que vi a saída do homem da meia noite foi mágico e marcante para mim, ver toda a comoção do bairro pelo calunga, muitas pessoas em frente a sua sede, enfeitada casa, ficam na ansiedade para ver a roupa dele desse ano. A gente ali no meio sente o ambiente. (MACHADO, Desiree, 2023. Moradora do núcleo Boa Hora)



Figura 152: Dayse Nini recebendo Bloco da Alegria em sua Janela, 2023. Fonte: Acervo pessoal Dayse Nini.



Figura 153: Grupo Batadoni fazendo concentração antes de saída durante o carnaval na Casa de Hilton, 2000. Fonte: Acervo pessoal Hilton Santana.

Agremiações mais mencionadas

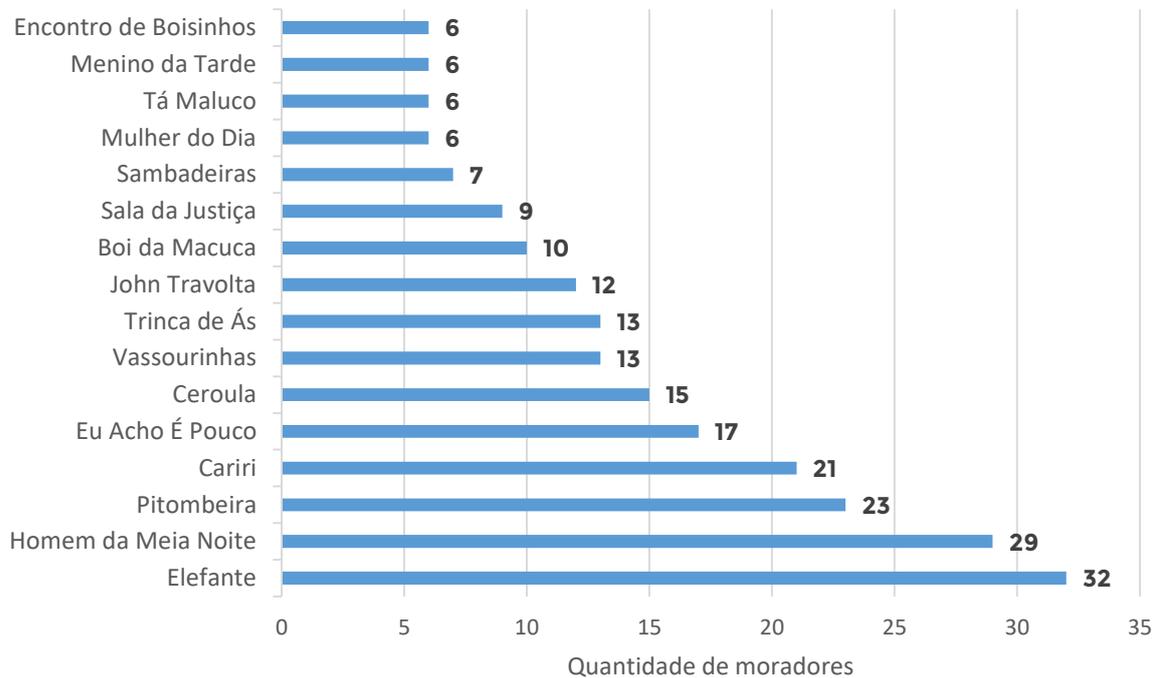


Gráfico 30: Gráfico em barras com as agremiações mais mencionadas pela quantidade de morador. Ver Apêndice 03 para lista completa. Fonte: Própria.

Dentre as 25 agremiações citadas que não existem mais, destaca-se Olinda Quero Cantar, Barba Papa, A Porta, Urso Cascudo do Amparo e Galinha da Madrugada. A Galinha da madrugada foi fundada pela tia de Juci Bezerra na década de 1980, dona do Aritana. A tia de Juci, Maria, era dona do Bar da Maria que era localizado ao lado do Aritana e era famoso pela galinha guizada que Maria cozinhava. Decidiu-se criar a troça em sua homenagem e saia na sexta-feira à noite. O Olinda Quero Cantar foi fundado pela avó do entrevistado Natan Nigro, chamada Laura Nigro. Não tem como pensar no carnaval de Olinda, sem pensar em Laura que esbanjava beleza e irreverência em suas fantasias no carnaval. Hoje, Laura está materializada nas ladeiras de Olinda, inclusive como nome da Praça Laura Nigro, chamada assim em sua homenagem. Isso mostra como essa aproximação dos moradores com o território é tão expressiva que alguns espaços passam a receber o nome dessas figuras, como é o caso da Praça Laura Nigro e de outras, como a Rua Esdras Farias Sobrinho localizada em Amaro Branco que segundo Manuel Duarte, morador do núcleo Amaro Branco, é uma homenagem a um morador que viveu sua vida inteira nessa rua. Outro exemplo é a colina onde está localizada o Farol de Olinda, chamada por Morro do Serapião, tal nome refere-se a um morador antigo conhecido por Serapião. (MORAES, 1962)



Figura 154: Laura Nigro esbanjando elegância com sua fantasia durante o carnaval, sem data. Fonte: Acervo Thales Antônio Galhardo.



Figura 155: Desfile da agremiação “Olinda quero Cantar” com Dona Laura em plano central, década de 1980. Fonte: Acervo Thales Antônio Galhardo.

No que se refere à comparação do carnaval antigo ao atual, a maioria dos residentes, 22 (54% do total) assinalou haver mudanças com aspectos positivos e negativos. Enquanto 12 entrevistados (29%) afirmaram enxergar apenas mudanças negativas e 7 residentes (17% do total) entendem que as mudanças que vieram a surgir foram necessárias para manter o carnaval na contemporaneidade, ou seja, são as adaptações à um outro tempo.

Em relação às mudanças do carnaval antigo para o atual, você considera que:

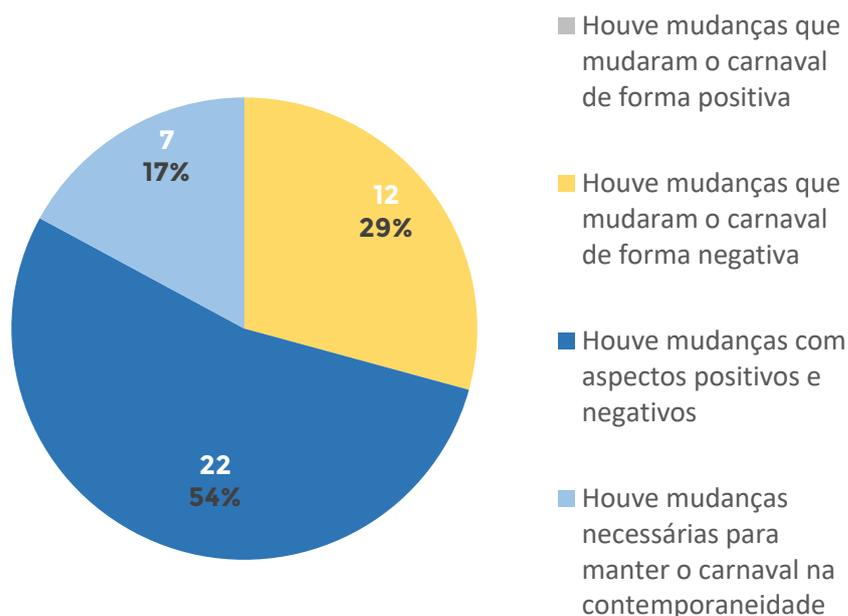


Gráfico 31: Gráfico pizza da pergunta “Em relação às mudanças do carnaval antigo para o atual, você considera que?”. Fonte: Própria.

Ao cruzar as respostas para a pergunta anterior com a distribuição por núcleo de moradia, percebe-se que não foram vistos muitas nuances, apenas se destaca que os entrevistados que enxergam as mudanças apenas negativas são em sua maioria do núcleo Prudente e Bonfim. Já quando distribuído por tempo de moradia, chama-se atenção para o dado de quem a maioria dos entrevistados que moram há mais de 35 anos no sítio histórico, 9 moradores, enxergam que houve apenas mudanças negativas.

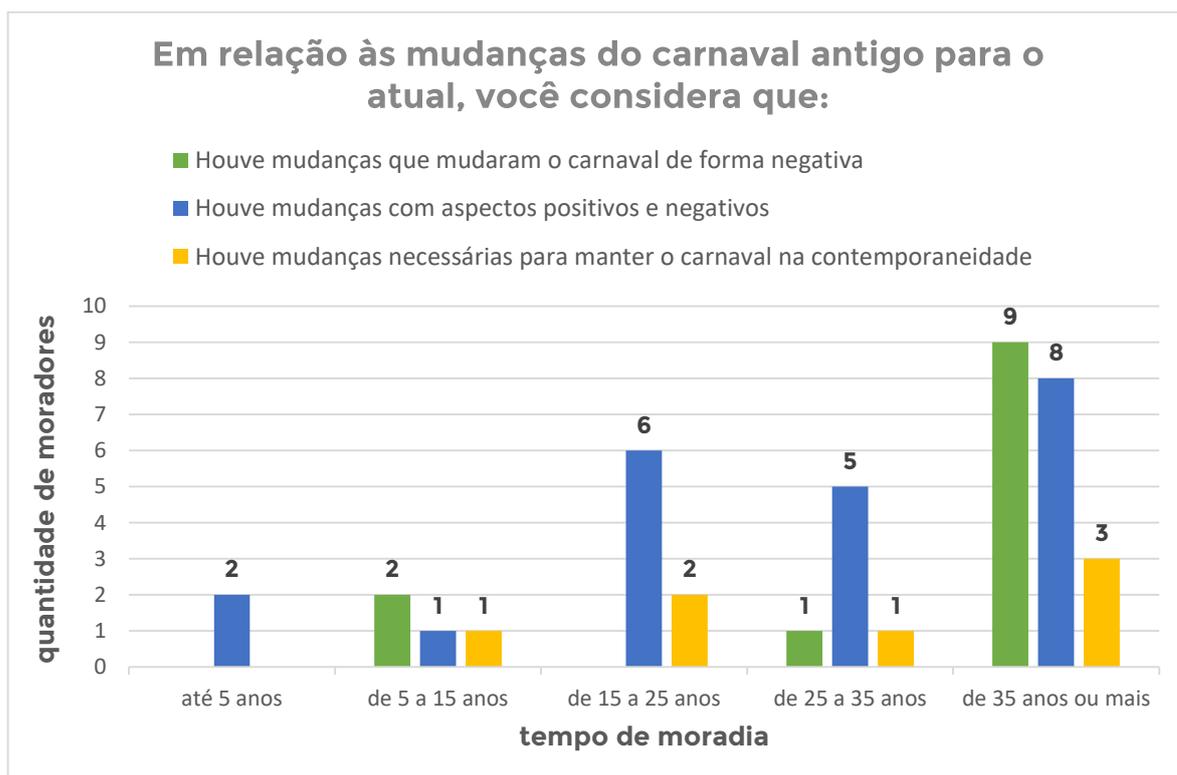


Gráfico 32: Gráfico de barras com respostas da pergunta em relação às mudanças do carnaval em quantidade de moradores por divisão de tempo de moradia, 2023. Fonte: Própria.

Entre os pontos negativos mais citados, destaca-se, mencionado por 23 moradores, o uso desenfreado de som mecânico nas ruas, principalmente pelos vendedores que se estabelecem em barracas fixas na rua e de foliões que alugam grandes casas no sítio. João Andrade, artista morador da Rua Treze de Maio, afirma como é ruim ter barracas fixas em sua calçada, pois os vendedores colocam sons super potentes na janela dele, inclusive com músicas que não tem a ver com o carnaval. Além da perturbação que esses sons causam, foi mencionado a falta de respeito com as agremiações de Olinda, pois não desligam o som ao passar algum grupo carnavalesco.

Evidencia-se também que muitos dos aspectos citados podem se inter-relacionar. Como é o caso dos quatro seguintes aspectos mais mencionados: excessivo número de pessoas (citado por 22 moradores), dificuldade de desfile das agremiações (citado por 19 moradores) pessoas

usando a rua como ponto de permanência (citado por 16 moradores) excessivo número de barracas no logradouro (citado por 16 moradores). Pois, o excessivo número de pessoas por si só poderia não ser um grande problema, se isso não atrapalhasse o desfile das agremiações. Mas vale ressaltar que a fluidez do desfile é prejudicada com os foliões usando a rua como ponto de permanência, muito citado para se referir às ruas do Bonfim e Treze de Maio e Praça da Matriz de São Pedro. Aliado a esse modo fixo de brincar ao excessivo número de barracas fixas no logradouro, prejudica ainda mais a mobilidade entre as ruas. Pois, as ruas estreitas com barracas dos dois lados ficam ainda mais estreitas.

Muita barraca hoje em dia, essa minha calçada é toda ocupada por barraca. A prefeitura vende minha calçada e ela é inteiramente ocupada. E se quebrar, eu quem tenho que consertar. (RAMOS, Ana Edite, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Uma coisa que acho que piorou muito foi em relação à organização de comidas e bebidas, a disposição das barracas fica cada dia pior. A Rua do Bonfim esse ano ficou completamente cheia de barracas e é horrível porque as pessoas não conseguem passar direito, quem dirá os blocos, a passagem que fica para eles desfilarem acaba diminuindo. Fica extremamente pequeno para elas passarem. (SENA, Jéssica, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

Alguns moradores ainda relacionaram esses problemas à retirada dos diversos palanques que existiam ao longo do sítio histórico e a extinção dos desfiles nas avenidas do entorno da cidade alta, como a Avenida Sigismundo Gonçalves e a Beira Mar. Edmilson, morador da Rua da Boa Hora e representante da SODECA, afirma como as avenidas funcionavam muito bem para esse fim de desfile, porque são largas, dava-se para montar arquibancadas e desafogava o público que subia para as ladeiras. Como também, Juci Bezerra, moradora do Carmo e proprietária do bar Aritana, relata sua vivência mais intensa na parte baixa da cidade e, devido a isso, sente falta da movimentação nas avenidas que existia antes e hoje concentrou-se apenas na cidade alta, identificando como um dos motivos de lotação de pessoas nas ladeiras

Nos anos 80, eram montadas arquibancadas e a avenida virava passarela, desfilavam todas as agremiações por lá e íamos ver todas. Normalmente, se brincava de dia nas ladeiras e à noite ia se ver os desfiles na Avenida. Tinham barzinhos na Praça do Jacaré também para dar apoio aos desfiles, era muito bom. (Moradora do núcleo Boa Hora, 2023)

Eu sempre morei aqui, então eu brincava mais aqui em baixo e passava tudo aqui, era lindo e tranquilo, muitos blocos passavam na frente do aritana. Agora não tem mais isso, os clubes que desfilam saem só em cima, então não tem mais espaço. Não vemos mais aquela beleza como a gente via antigamente, tipo uma pitombeira se espalhar como seus assistas, desfilantes, fazendo o trabalho que o ano todinho se prepara para desfilar. Então, as ruas como são estreitas e há muita demanda de gente, o povo não tem mais aquela explosão de você ver aquela troça desfilando, conseguir ver as pessoas fazendo suas evoluções, a passista pegava metade da rua todinha para desfilar, hoje não tem mais. Quando digo que a beleza acabou, é nesse sentido. Porque não tem mais espaço, o povo se imprensou, os músicos mal conseguem tocar por causa do fluxo de gente. Mas continuo me identificando com o carnaval. (BEZERRA, Juci, 2023. Moradora do núcleo Carmo)

Outra queixa pertinente, mencionada por 10 moradores, foi a mudança de postura do período de pré-carnaval. Pois, começou-se com uma comemoração prévia duas semanas antes do que seria os dias de folia. Ao longo das décadas esse intervalo entre carnaval e prévia foi diminuindo até recentemente chegar a abertura das prévias “oficialmente” ser em setembro, mas desde julho já existem saídas, cortejos e ensaios de blocos de percussão na rua. Isso tudo cria um cenário de excessivo carnaval, segundo os moradores, há uma perturbação do silêncio por maior tempo do que antes. Aliado a isso, afirmam que não há estrutura montada para as prévias como as que são montadas para o período carnavalesco, não há policiamento suficiente, nem disposição de banheiros químicos e pronto-socorro. Dessa forma, o período de prévias resulta em vários meses de movimentação na rua, barulho, sujeira nas ruas e nas fachadas das casas e violência.

Acho que hoje em dia as prévias começam tão cedo que acabo saturando também, e sinto que hoje em dia há um excesso de carnaval, tudo é carnaval, tudo é bloco, tudo é frevo. (...) Antigamente, o entendimento era que começou o ano, começou o carnaval. As prévias começaram sendo ali mais ou menos 2 semanas antes do carnaval e, depois, o mês de janeiro mesmo. Agora, há a abertura das prévias em setembro e um pouco antes os ensaios dos blocos de percussão. Então, para quem mora aqui o que antes era 20 dias/2 meses de carnaval, agora são 6/7 meses. Uma super saturação do carnaval que afasta quem mora aqui do carnaval. Tudo isso gera uma dificuldade de dormir, de chegar em casa (GURGEL, Gabriel, 2023. Morador do núcleo Prudente)

Pontos negativos mais citados:

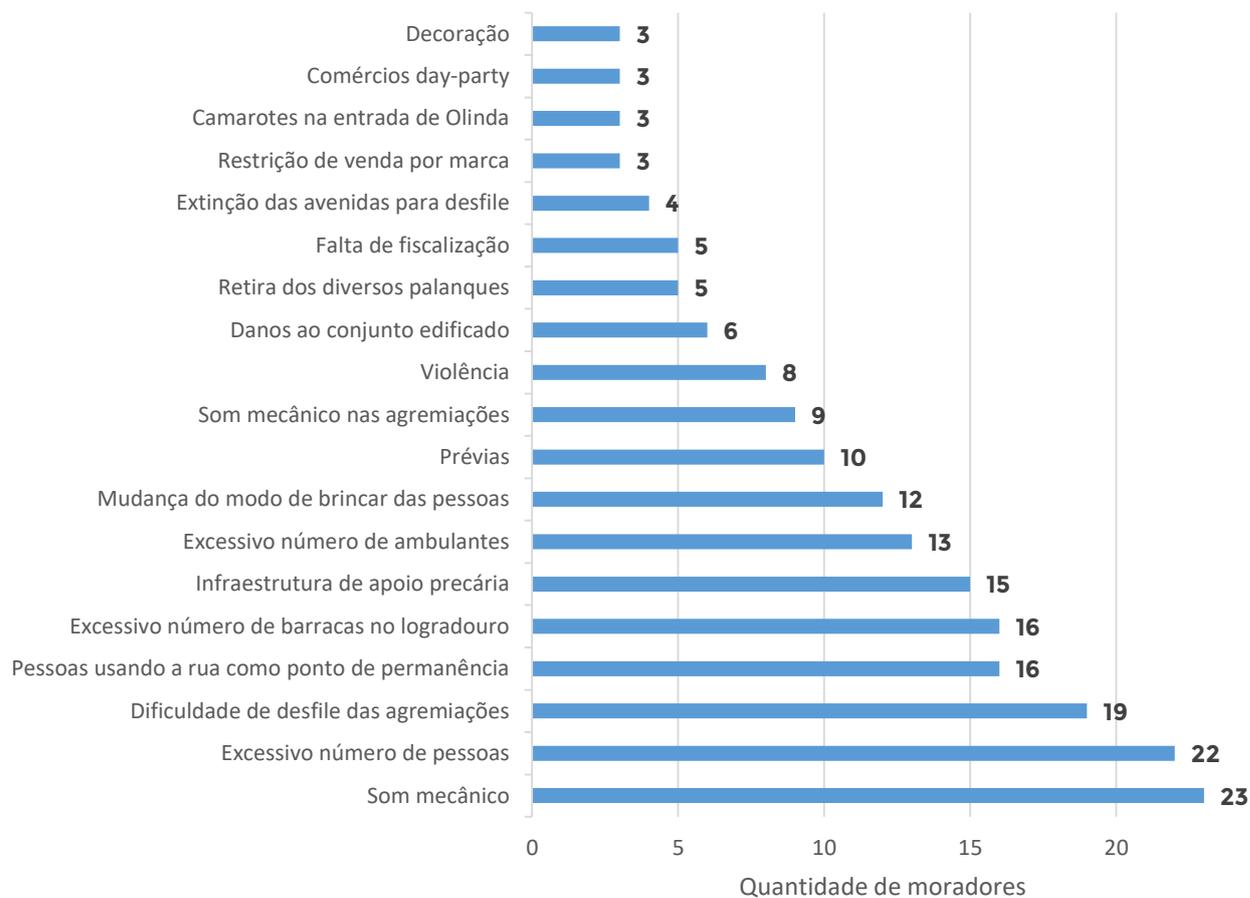


Gráfico 33: Gráfico de barras com relação das respostas de aspectos negativos mais mencionados para a questão “em relação às mudanças do carnaval antigo para o atual, você considera que:”, 2023. Fonte: Própria.

Além do citado anteriormente, é válido destacar que foi mencionado o baixo investimento nas orquestras, músicos e nas agremiações. Como também, os danos ao conjunto edificado foram mencionados por 6 moradores, devido à sobrecarga de som e de peso no sítio histórico. Gabriel, morador da Rua Treze de Maio, relata “lá em casa mesmo aparecem microfissuras nas paredes e essas situações são quase regra serem sempre após o carnaval”.

Pontos positivos mais citados:

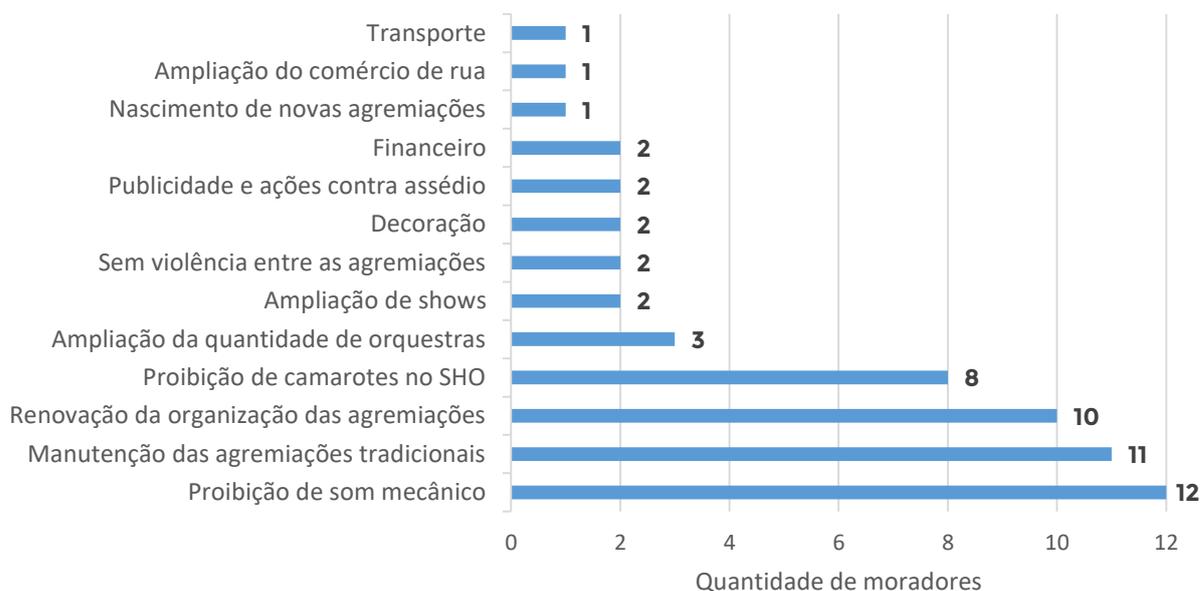


Gráfico 34: Gráfico de barras com relação das respostas de aspectos positivos mais mencionados para a questão “em relação às mudanças do carnaval antigo para o atual, você considera que:”, 2023. Fonte: Própria.

No que concerne aos aspectos positivos mencionados pelos residentes, destacam-se um conjunto de mudanças relativas à Lei municipal 5306/2001 durante o mandato da prefeita Luciana Santos que proíbe sons mecânicos no logradouro público e instalação de camarotes no sítio histórico de Olinda. Além de sua campanha contra assédio antes dos dias de folia e durante o carnaval. Além disso, os residentes reconhecem a renovação das diretorias e organização das agremiações como ponto positivo, assim como, por causa disso, a manutenção desses grupos carnavalescos até os dias atuais.

Estava chegando a uma situação insustentável, cada pessoa fazia seu carnaval com sua caixa de som, a cidade estava tomada por camarotes. Mas quando Luciana foi eleita, em 2000, a gente conseguiu uma interferência que foi importante, acho que hoje a gente ainda colhe esses frutos dentro da história do carnaval de Olinda. (LIMA, Márcia, 2023. Moradora do núcleo Prudente)

Um fato interessante comentado pelos residentes, consiste em maior tranquilidade entre as agremiações. Pois, algumas agremiações nasceram como rivais, como a Pitombeira dos Quatro Cantos e Elefante de Olinda, ou Lenhadores de Olinda e Vassourinhas. Os relatos afirmam que era quase como time de futebol, ou você era um, ou você era outro. O tradicional encontro entre Pitombeira e Elefante nos Quatro Cantos na terça-feira de carnaval caracterizava-se por uma briga violenta com sangue. Hoje, alguns moradores, veem que não há mais essa violência entre elas, elas se respeitam e se ajudam, inclusive, alguns foliões vão para

as duas. Outros moradores relataram com saudade desses tempos para além da violência, porque existia uma disputa de beleza de desfile.

Antigamente, esses clubes feito elefante, Marim dos caetés, pitombeira, eles eram muito grandes, eram tipo time de futebol. Então, quando se encontrava era briga de lascar cabeça, de sair sangue. Era horrível. Minha tia voltava ensanguentada, ela era elefante e dava no povo de pitombeira, e vice e versa. Para mim, isso melhorou. Hoje em dia, não tem mais isso, é mais paz entre os blocos. Por exemplo, se fosse assim hoje em dia, eu e Paulo [marido] nem estaríamos juntos, porque eu sou elefante e ele é pitombeira, ia ser briga. (VIEIRA, Cláudia, 2023. Moradora do núcleo Amparo)

As disputadas de elefante e pitombeira, vassourinhas, de quem botava mais fantasia na rua, quem estava mais bonito, isso era lindo de se ver. A turma fazia questão de ver, quando o bloco chegava abria um corredor para todo mundo ver passando. Lindo demais. (“RÓ”, Ronaldo, 2023. Morador do núcleo Amparo)

Em relação às mudanças que atingiram o carnaval, você considera que:

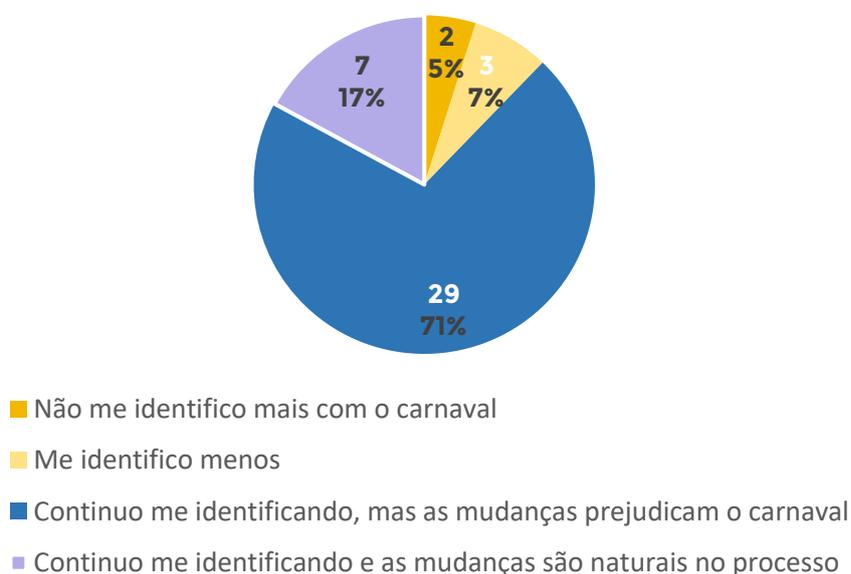


Gráfico 35: Gráfico pizza com as respostas para a pergunta “Em relação às mudanças que atingiram o carnaval, você considera que”, 2023. Fonte: Própria.

No que se refere ao grau de identificação, constatou-se que as mudanças que atingiram o carnaval não foram suficientes para a maioria dos residentes deixarem de se identificar com o festejo. Assim, 71% dos residentes consideram que continuam se identificando, mas as mudanças prejudicam o carnaval. Enquanto apenas 5% não se identificam mais com o carnaval e 7% se identifica menos. Obteve-se ainda, 17% das respostas que indicam que o morador continua se identificando e as mudanças são naturais para acontecer o carnaval no século XXI.

Focando-se nos que continuam se identificando com o carnaval, o relato evidencia a experiência pessoal de cada um, apesar das mudanças negativas ou positivas, as agremiações continuam indo à rua ao lado de sua orquestra e seus passistas e os foliões que gostam disso continuam seguindo. Por exemplo, nas palavras de Dona Dá ao afirmar que “o carnaval mudou

muito, mas o carnaval continua forte, ele não acaba. Porque quem gosta, gosta” ou nas de Filipe Nires quando comenta da espera e expectativa das pessoas em esperar a saída do Homem da Meia Noite e menciona que “mesmo com as mudanças, a intenção está preservada, essa reação da população está preservada”. Tais trechos e de outros moradores que demonstram isso podem ser lidos a seguir:

Acho que o carnaval mudou muito, mas o carnaval continua forte, ele não acaba. Porque quem gosta, gosta. Eu já brinquei muito, não brinco mais por deficiência das minhas pernas. Mas dizer que eu não gosto de carnaval? Nunca! Tinha um amigo meu, Boró, que dizia que minha religião era o carnaval, e é isso mesmo (DONA DÁ, 2023, Moradora do núcleo Boa Hora).

O carnaval é **historicamente espontâneo**. O ceroula vende seus kits do carnaval em uma casa de ração na Avenida Joaquim Nabuco, não divulga, não posta em nenhum canto e as pessoas vão lá e compram, não deixam de ir nenhum ano, todo ano os kits estão lá e as pessoas vão. Acho incrível, é muita **autenticidade** da agremiação em se sustentar assim, uma **comoção da população** que só sabe ser assim até hoje. (...) Antes, a saída do homem da meia noite era menos formal, menos cheia de enfeite, menos midiática. Mas se você for perceber a **devoção no olhar** das pessoas ao ver o boneco, parece uma performance de uma imagem católica seguida de uma **reação de uma procissão**, é muito bonito. Mesmo com as mudanças, a **intenção está preservada**, essa **reação da população está preservada**. (NIREN, Filipe, 2023. Morador do núcleo Carmo)

É uma festa **feita pelo povo e para o povo**. Não existe nenhuma questão financeira ou do poder público que faça com que isso não aconteça. **O carnaval independe de qualquer coisa**. Ele existe e vai continuar existindo. (LIMA, Márcia, 2023. Moradora do núcleo Prudente)

Ultimamente, eu ando estando menos disponível para o carnaval. Porque eu não aguento mais. Acho que a idade chegou. Mas eu sinto igual. Eu sempre me **emociono** quando estou no Eu Acho É Pouco, quando toca um frevo eu me **arrepio** toda, isso é **conexão**, não tem como não se identificar. (CHAVES, Joana, 2023. Moradora do núcleo Bonfim)

A parte que eu me identifico do carnaval vem do carnaval tradicional, de reunir os amigos, de ouvir aquelas mesmas músicas mas que não são as mesmas músicas, porque sempre é **tocada de um jeito diferente e em um lugar diferente, esse carnaval continua ali**. Por exemplo, é muito diferente você ouvir o hino do elefante durante o desfile do elefante e ouvir o mesmo hino em qualquer outro bloco. Eu me apego à essas coisas. Se você souber o que você gosta de fazer no carnaval, a tendência é que você só tenha boas experiências em todos os carnavais. Eu continuo me identificando, porque **sei viver o carnaval que eu gosto**. (LAPORTE, Pedro, 2023. Morador do núcleo Bonfim)

Sempre íamos para casa de um amigo meu (mauro) na prudente de morais para passar o dia no carnaval. Lá tinha a avó de mauro que já era bem idosa, vovó dudu, uma figura. Ela sempre estava reclamando do barulho e da quantidade de gente do carnaval, aí um dia cheguei pra ela e perguntei "ô vovó, por que a senhora não sai de casa no carnaval? vai pra casa de uma amiga, uma viagem seila", pois ela me respondeu "é o que, filho? tá doido? Deus me livre sair daqui de Olinda no Carnaval, adoro isso aqui". (DUARTE, Manoel, 2023. Morador do núcleo Amaro Branco)

Antes era aquele carnaval bom. Hoje muda tudo né, as pessoas têm outro pensamento. Mas é **a mesma alegria, todo mundo atrás dos blocos**, tem muito essa história de fazer fantasia, uma fantasia todo dia. (GURGEL, Silvana, 2023. Moradora do núcleo Prudente)



Figura 156: Marcia Lima com amigos durante o carnaval, década de 1990. Fonte: Acervo pessoal Márcia Lima.



Figura 157: Márcia Lima com seu marido durante o carnaval, 2015. Fonte: Acervo pessoal Márcia Lima.

Relacionando as respostas obtidas nesta última pergunta com o núcleo de moradia, percebeu-se que os únicos moradores que deixaram de se identificar com o festejo são do núcleo Prudente, o núcleo com maior circulação de pessoas.

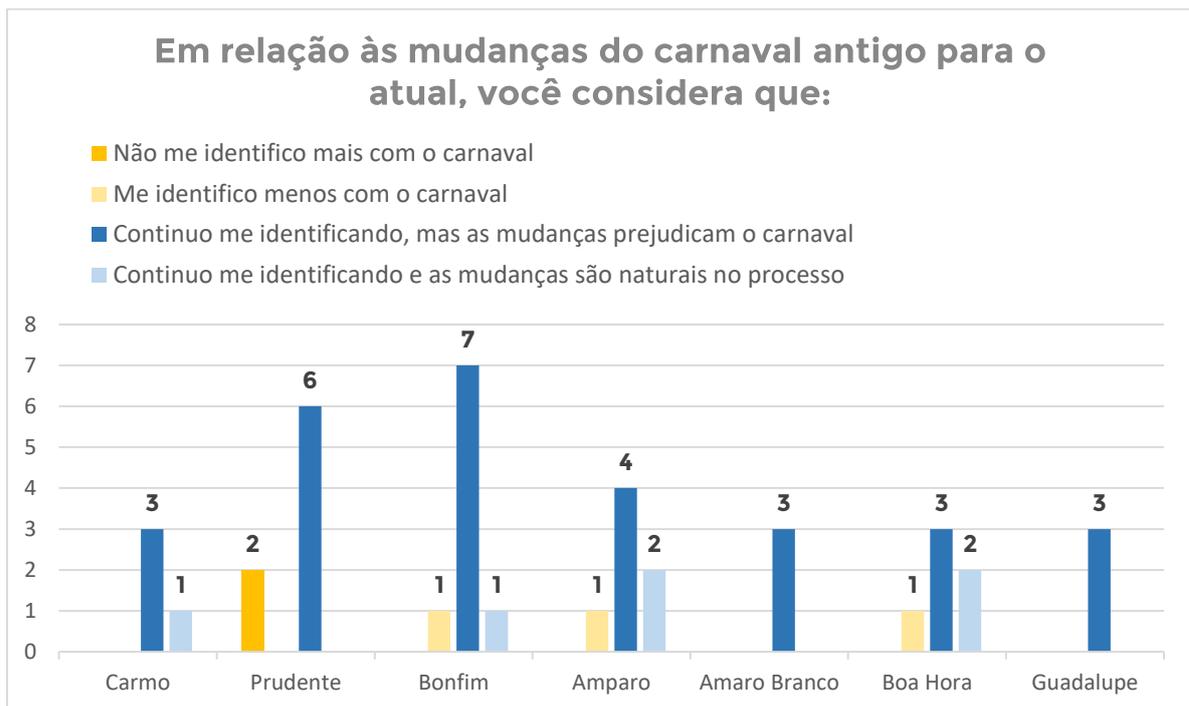


Gráfico 36: Gráfico de barras com respostas da pergunta em relação às mudanças do carnaval em quantidade de moradores por divisão de núcleo de moradia, 2023. Fonte: Própria.

No que se refere ao tempo de moradia, verificou-se que os moradores que não se identificam mais com o carnaval moram há mais tempo no sítio histórico (25 a 35 anos; e de 35 a mais). Essa constatação indica que não são todos os moradores que vivenciaram os tempos onde os residentes protagonizavam o carnaval (até a década de 1970), mencionado no segundo capítulo, mas os poucos que não se identificam mais com o carnaval são mais antigos e

vivenciaram essa época. Ainda é possível afirmar que os que se identificam menos também são antigos na cidade alta, com menção por um residente que morou de 15 a 25 anos, um residente que morou de 25 anos a 35 anos e 1 que morou de 35 anos ou mais. Essa reflexão pode ser observada no gráfico a seguir:

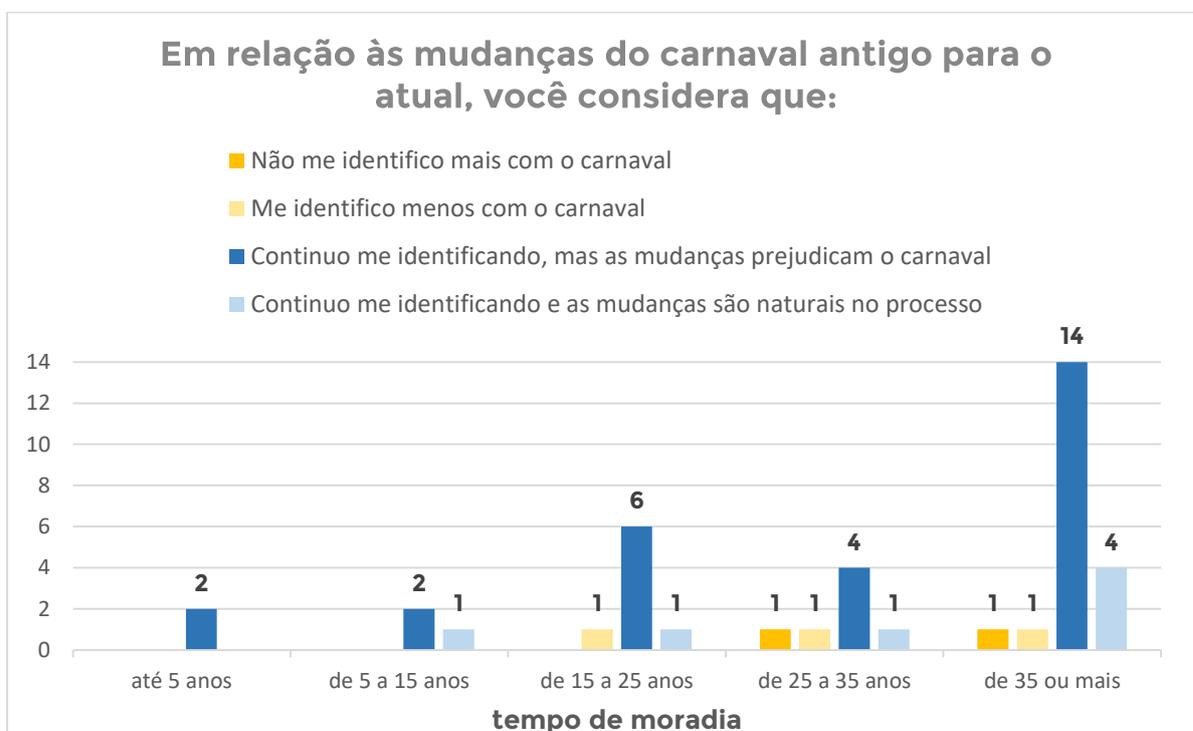


Gráfico 37: Gráfico de barras com respostas da pergunta em relação às mudanças do carnaval em quantidade de moradores por tempo de moradia, 2023. Fonte: Própria.

ALGUEL

Acerca do aluguel das casas no período de folia, verificou-se que apenas 20% dos entrevistados alugam suas residências para o carnaval. Desses residentes que deixam suas casas, 56% saem do sítio histórico para outro bairro ou viajam. Enquanto 44% dos locatários, ficam no Sítio Histórico de Olinda na casa de amigos ou familiares. A respeito dos motivos pelos quais fizeram os residentes tomar essa decisão, destacam-se o valor atraente de aluguel e a intenção de arrecadar o valor para fazer a manutenção da casa que é alta. Além disso, quatro moradores mencionaram a chateação de ter superlotação de visitas durante o carnaval, então, preferem sair para não ter tanto trabalho. Esses resultados demonstram que há um significativo número de residentes que continuam vivenciando o festejo olindense.

Outro motivador de saída do carnaval consiste no contrato de aluguel, quando o proprietário obriga o inquilino a sair da casa ou pagar a diferença do valor.

Você costuma alugar o espaço inteiro de sua casa para a temporada do carnaval?

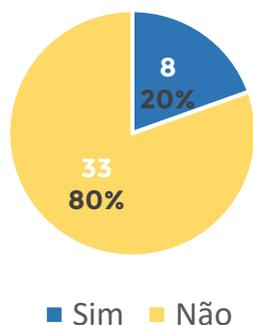


Gráfico 38: Gráfico pizza da pergunta "Você já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?". Fonte: Própria.

Quando você aluga sua casa durante o carnaval, onde você costuma ficar?



Gráfico 39: Gráfico pizza da pergunta "Sua família já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?". Fonte: Própria.

Há quanto tempo você costuma alugar sua casa no carnaval?

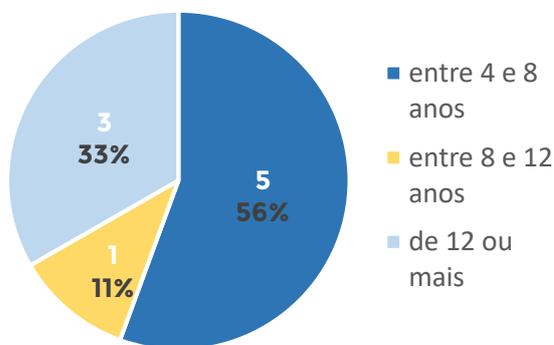


Gráfico 40: Gráfico pizza da pergunta "Há quanto tempo você costuma alugar sua casa no carnaval?". Fonte: Própria.

Em todos os carnavais, você costuma botar sua casa para alugar?

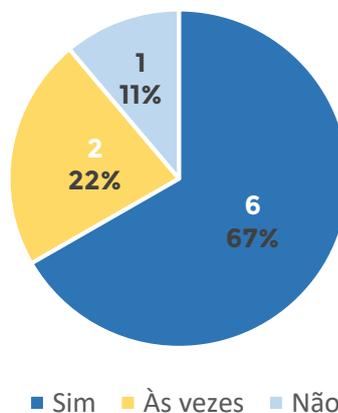


Gráfico 41: Gráfico pizza da pergunta "Em todos os carnavais, você costuma botar sua casa para alugar?". Fonte: Própria.

3.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Verificou-se que o maior atrativo para permanecer em Olinda é o senso de vizinhança e a relação entre os moradores evidenciando, assim, que o sítio ainda é predominantemente residencial e mantém seu aspecto de comunidade. Apesar do que tenha sido evidenciado seja as pessoas, tem que se entender que essas pessoas moram em casas que estão em ruas do sítio

e que habitam esses lugares, e isso a faz serem associadas pelas casas e ruas da cidade também. Essa questão evidencia que quando se fala em patrimônio cultural, deve-se atentar para essas relações entre os moradores e o conjunto físico do sítio. Se começar um intenso esvaziamento de moradores, aqui verificou-se que a tendência é esvaziar ainda mais e não há patrimônio sem gente.

Percebe-se que a preocupação com a historicidade também é citada pelos moradores. Há um entendimento muito maduro de que onde se vive deve ser conservado e cuidado. Há uma valorização de Olinda ser um espaço com conjunto edificado preservado e que permanece ao longo das décadas. Além disso, muitas vezes relacionou-se história com a vivência dos próprios moradores, evidenciando o senso de comunidade existente no sítio. Como aponta Carlos “Fora que aqui tem muita história, né? Aliás, as pessoas que eu conheço e que convivo estão aqui. E as pessoas representam a história de uma cidade também. As pessoas são história.” (ALVES, 2023)

Em relação ao aluguel do carnaval, é necessário uma maior ampliação e aprofundamento sobre a amostra coletada, uma vez que como não foi o foco do trabalho, os resultados dessa questão não atingiu reflexões profundas. Destaca-se apenas que há interferência do contrato de aluguel que obrigam a sublocar o imóvel. Além disso, é evidenciado que muitas das pessoas entrevistadas arrecadam o dinheiro para manutenção da edificação ao longo do ano.

Mais recentemente, nota-se que uma das ferramentas usadas de forma recorrente é a espacialização da significância cultural com a tentativa de maior abrangência de seus aspectos tangíveis e não tangíveis, como realizado em Mishina (2023). Assim, para sistematização de parte do estudo dessa pesquisa, foi elaborado um mapa resumo especializando os lugares mais importantes para os moradores entrevistados. O exercício de desenho de um plano 2d associado às ilustrações que carregam aspectos da materialidade e da imaterialidade do sítio, ou seja, com vários elementos agregados, tais como: sedes de agremiações, casas de algum morador, conjunto edificado de Olinda, estandartes, símbolos de agremiações, bonecos gigantes, foliões, instrumentos de orquestras, entre outros, trazem maior clareza no que se refere à localização da cidade, além de agregar aspectos físicos e não físicos. De modo geral, nota-se que os espaços são lembrados como uma convergência desses diversos elementos identificados e que ao falar de um lugar, todos esses elementos fazem parte dele. Ao longo das considerações parciais, serão trazidos cortes desse mapa. Olhar o Apêndice 04 para visualização do mapa completo.



Figura 158: Trecho do mapa com lugares importantes para os moradores de Olinda, sendo (1) conjunto do Largo do Amparo, (3) conjunto do Largo de Guadalupe e (4) Estrada do Bonsucesso e Sede do Homem da Meia Noite. Produção Própria.

No que tange o carnaval, o Largo do Amparo, Largo do Guadalupe e Quatros foram apontados como lugares que se mantiveram significantes ao longo do tempo, onde o festejo pulsa e continua emocionando os moradores. Chama atenção que ao falar desses lugares, as pessoas citam vários aspectos de tal lugar, como a própria morfologia do largo e sua espacialidade larga que garantem uma certa visibilidade, como também a sede do Cariri Olindense (no caso do Largo do Guadalupe) e a concentração de agremiações que passam nesses lugares. Dentre todos os lugares, o mais citado foi o Largo do Amparo (1).

O bairro do Guadalupe, apesar de estar em parte delimitado como área de proteção ao conjunto, possui uma relação direta com o carnaval e não há como falar da festa sem mencionar o Guadalupe como, nas palavras de Nildo, o grande impulsionador do carnaval.

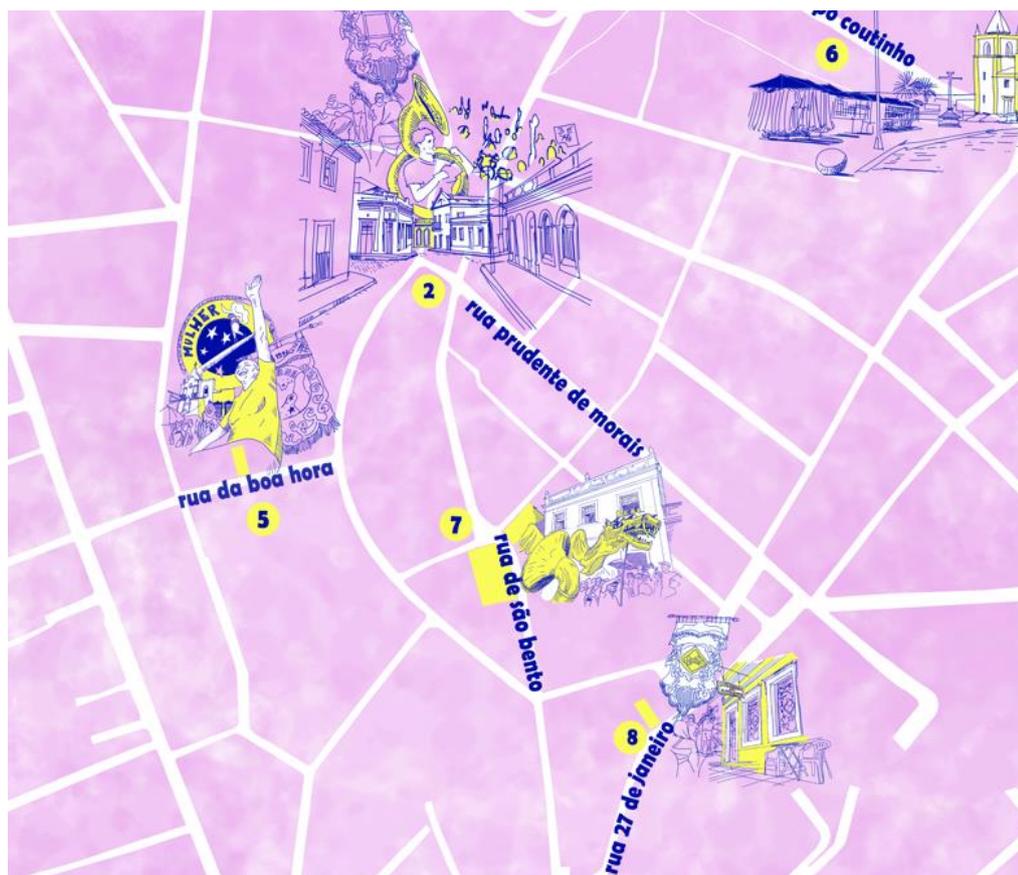


Figura 159: Trecho do mapa com lugares importantes para os moradores de Olinda, sendo (2) Quatro Cantos, Rua da Boa Hora (5), Praça da Sé (6), Conjunto da Praça Laura Nigro (7) e Sede da Pitombeira (8). Produção Própria.

Para além do mencionado, o Quatro Cantos (2) apareceu como um lugar que ganhou significância ao longo do tempo no carnaval. Nele, destaca-se o próprio traçado urbano (encontro de quatro ruas), o conjunto edificado marcante de esquinas, o bar do peneira e peneirão (a agremiação do dono do bar), o grêmio Henrique Dias (atual orquestra Henrique Dias) e variadas agremiações que passam por esse lugar.

A Rua da Boa Hora (5) foi destacada devido ao envolvimento de seus moradores no carnaval. Assim, a partir de um grupo de moradores, principalmente Dona Dá, a rua da Boa Hora passou a fazer parte do percurso das agremiações entrando no circuito de relevância carnavalesca da cidade. Foram relacionados agremiações que se conectam com tais moradores, como a Mulher na Vara que possui Dona Dá como diretora.

Tem lugares que se destacaram a partir da localização da sede de agremiações, como é o caso da Rua de São Bento com a sede do Eu Acho É Pouco (7), casa de seus fundadores, e a da Praça Laura Nigro, localizada defronte à sede, que criam uma ambiência única. Vale citar também a Rua 27 de Janeiro (8) que recebeu não só uma, mas duas sedes da Pitombeira dos Quatro Cantos que permanece até os dias atuais.

Um menor envolvimento na organização das agremiações apontam para uma possível diminuição de identificação com o festejo. Entretanto, foi observado que ainda há um vínculo afetivo entre os residentes e as agremiações. Contatou-se também que os residentes mantêm um ligação afetiva com os grupos carnavalescos que constam na família e para além da família. Desse modo, pode-se dizer que para além do laço de sangue, o carnaval atua criando vínculos afetivos entre as pessoas, os moradores, os lugares, o conjunto edificado, e as agremiações.

Embora muitos moradores tenham identificado mudanças negativas, a maioria deles ainda continua se identificando com o carnaval. Entretanto, durante as falas apontou-se para a necessidade de reajustes dessas mudanças para não diminuir a identificação dos moradores. Para isso, é necessário que haja a priorização para o morador continuar brincando e para as agremiações continuarem saindo no sítio. Tais rearranjos são imprescindíveis para manutenção da festa e para não reduzir a um espetáculo turístico.

Verificou-se que o festejo atual continua transmitindo seus valores aos residentes. Entendendo o carnaval no tempo presente, é verificado que novas coisas surgem e ganham significância ao longo tempo e outras perdem o sentido na atualidade, os costumes tradicionais passam por mudanças para se adaptar ao tempo presente e nem por isso deixam de ser autênticos. Ademais, constata-se expressivo número de moradores que ainda se identificam com a festa, então a preocupação é que essas novas dinâmicas de carnaval não expulsem as antigas surgiram nesse e por causa desse território. Uma vez que os moradores entrevistados que deixaram de gostar do festejo, justificaram como consequência dos problemas do carnaval atual.

Desse modo, verificou-se que os moradores continuam se identificando com a festa, inclusive com alguns participando ativamente de agremiações. Em contrapartida, todos reconheceram que as mudanças que atingiram o carnaval são, em sua maioria, negativas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda a pesquisa e especialmente nas entrevistas, fica evidente a impossibilidade de separação entre o carnaval e o Sítio Histórico de Olinda, eles estão imbricados como um único organismo. Os relatos permeavam o conjunto edificado, a paisagem, as pessoas, as memórias e as expressões culturais entre si. Assim, constatou-se que os lugares não são apenas cal e pedra, são também testemunhas de acontecimentos e memórias. As casas não são, por si só, a razão de ser do patrimônio e sim a relação entre estas e todo o intangível que está impregnado àquela materialidade que fazem dela significativa culturalmente para uma sociedade.

A partir da consulta, verificou-se que o Carnaval de Polos é muito valorizado pelos moradores como uma medida de descentralização do carnaval e de diversão em lugares como: praças do Jacaré, Preguiça e Dantas Barreto. Além da menção positiva aos desfiles na cidade baixa lindeira às colinas, como nas avenidas Sigismundo Gonçalves e Rua do Sol. Como também, a disposição das barracas e comércios influenciam diretamente no acontecimento do festejo ao serem dispostas em logradouros estreitos e praças e largos importantes para a paisagem e agremiações no sítio histórico de Olinda. À exemplo da disposição de barracas na Praça Laura Nigro que não só interferem na experiência do folião de estar em um largo, como na apropriação tradicional de agremiações como o Eu Acho É Pouco que um importante espaço de convergência. Nos últimos anos, a agremiação não conseguiu ocupar esse espaço por estar tomado de barracas e banheiros químicos. Desse modo, torna-se evidente o olhar atento à tais relações ao dispor da infraestrutura diversa que a escala do festejo pede, priorizando os aspectos identitários.

Diante da natureza proposta para as duas últimas perguntas do questionário que resultaram nos últimos gráficos (Gráficos 33 e 34), é possível fazer uma associação com o conceito de autenticidade e integridade trabalhado ainda no capítulo 1. Se a autenticidade é um qualificador que investiga a capacidade do bem de expressar seus valores de forma verdadeira (LIRA, 2020) e as pessoas aqui entrevistadas foram categorizadas como atores sociais que possuem ou possuíram relação com o carnaval, as falas indicam que muitas dinâmicas presentes no carnaval não existem mais, entretanto, as que dão significado ao bem continuam. Então, entende-se que na contemporaneidade são admitidas que mudanças atinjam o patrimônio cultural uma vez que os bens estão situados no tempo e espaço e propensos à acompanhar as mudanças perante à sociedade. Porém, para os moradores entrevistados a genuidade do festejo permanece, isto é,

os moradores continuam se sentindo pertencentes ao tal festejo e entendendo que o festejo expressa seus valores, sobretudo, os seguintes valores: cultural, de identidade, afetivo, estético, simbólico, histórico e de comunidade

No que se refere à integridade e sua relação com a manutenção dos atributos e processos característicos por atribuir valor ao bem (LIRA, 2020), entende-se que os moradores conferem que há a manutenção das características originárias do carnaval, identificadas não só nas entrevistas, mas também nas tipologias carnavalescas. Isto é, as agremiações continuam desfilando e mantendo suas relações com o território (sejam as ruas, casas, praças ou o conjunto edificado) e com os moradores, as orquestras continuam crescendo e se aprimorando tendo principalmente como componentes moradores de Olinda, além de ser possível identificar a manutenção da rede de cooperação dos diversos trabalhadores e moradores envolvidos com a festa, como: assistas, dançarinos, carregadores e artesões envolvidos. Essas características mencionadas são os atributos primários do carnaval de Olinda. Assim, nota-se que a integridade foi afetada, mas ela permanece uma vez que o bem continua transmitindo seus valores.

Em suma, ressalta-se que a significância é conjunto de valores atribuído ao carnaval e que os moradores entendem que o festejo continua transmitindo sua significância através de seus atributos e processos, ou seja que a integridade está mantida, e que sua autenticidade, apesar das mudanças, é capaz de expressar seus valores de forma genuína, entre eles o cultural e de identidade.

A hipótese formulada para este trabalho diz respeito à influência de ruas com movimentação e lotação extremas durante o carnaval no grau de identificação que o morador sente pelo festejo. Diante dos resultados obtidos, verificou-se que a hipótese estava correta uma vez que os únicos moradores que deixaram de se identificar com o festejo são do núcleo Prudente, o núcleo com maior circulação de pessoas. Entretanto, se faz necessário maior ampliação do estudo para novas constatações mais aprofundadas em relação à localização de moradia.

Os resultados aqui obtidos poderão guiar as iniciativas de mitigação do carnaval de massa, com um olhar atento às relações e apontamentos identificados nesta pesquisa. Destaca-se a necessidade que medidas de contenção sejam pensadas, planejadas e aplicadas, com um olhar atento aos moradores, para proteger os atributos tradicionais da festa que é, essencialmente, de rua.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. A. *Aluga-se para carnaval: Funcionamento do mercado imobiliário sazonal no Sítio Histórico de Olinda*. Recife: Dissertação (Mestrado), Desenvolvimento Urbano - Universidade Federal de Pernambuco, 2017.
- ARAÚJO, R. d. *Carnaval do Recife: a alegria guerreira*. São Paulo: Estudos Avançados, v. 11, n. 29. 1997
- ATTIA, L. E. *"Encontro de Bois" de Olinda: Uma possível leitura*. Recife: REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, ano 4, volume 4, p-92-100, 2017.
- BACELAR, A. G. *Planejamento, Conservação e Turismo Cultural: noções e práticas no PDLI de Olinda*. Recife: Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, 2019
- BARRETO, J. C. *De Montmartre nordestina a mercado persa de luxo : o Sítio Histórico de Olinda e a participação dos moradores na salvaguarda do patrimônio cultural*. Recife: Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- BRANDI, C. *Teoria da Restauração*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.
- CANDAU, J. *Memória e Identidade*. São Paulo: 1. ed., 8 reimpressão. Editora Contexto, 2021.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: moddos de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHUVA, M. *A pesquisa no Iphan: Conhecimento, legitimidade e ação política*. Rio de Janeiro, Iphan: In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). *Dicionário Iphan de patrimônio cultural*, 2015.
- DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- FRANCO, S. M. *No reinado de momo, quem governa Olinda? Governo, corpos e tecnologias políticas na organização do carnaval de Olinda*. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

- FREITAS, K. A. Resenha de CERTEAU, Michel: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008. *EntreLetras*, v.5, n.1, p. 207. jan. de 2014.
- GALHARDO, T. A. *Carnavais Olindenses: história e metamorfose numa travessia de cem anos (1907-2007)*. Olinda, 2008.
- GRANATO, M., & CAMPOS, G. d. *Teorias da conservação e desafios relacionados aos acervos científicos*, 2013. doi:<https://doi.org/10.4000/midas.131>
- LACERDA, N. *Valores dos Bens Patrimoniais*. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada.: In: ZANCHETI, S.; LACERDA, N. (.). *Plano de Gestão da Conservação Urbana: Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos*, p.44-55, 2012.
- LIRA, F. *Teoria da Restauração 01*. Olinda: Textos para discussão. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada - CECI, 2016.
- LIRA, F. Autêntico para quem? A noção de autenticidade do patrimônio cultural na contemporaneidade. *Patrimônio e Memória. São Paulo, Unesp*, v. 14, n. 2, 272-298, 2018.
- LIRA, F. Desafios contemporâneos da significância cultural, integridade e autenticidade do patrimônio cultural: teoria e prática. *Oculum Ensaios*. v. 17. PUC, Campinas, 2020.
- LIRA, F., & RIBEIRO, C. Autenticidade, Integridade e Significância Cultural. Em N. LACERDA, & S. M. ZANCHETI, *Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos*. (pp. 32-41). Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), 2012.
- LOPES JUNIOR, R. *O carnaval como manifestação popular: Um paralelo entre a concepção beltriana de carnaval em Recife e Olinda e o surgimento do carnaval carioca*. Ponta Grossa, PR: Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 17, n. 39, 2019.
- LORETTO, R. *As [des]venturas da integridade no Patrimônio Mundial*. São Paulo: Tese (doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Universidade de São Paulo, 2016.
- LOWENTHAL, D. Stewarding the Past in a Perplexing Present. Em M. d. LA TORRE, *Values and Heritage Conservation*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2013.

- Machado, L. Da vila ao Trend: A transformação de Santo Amaro sob a percepção dos seus residentes tradicionais. *Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2021.*
- MASON, R. *Fixing Historic Preservation: A Constructive Critique of "Significance"* (Vol. 16). California: In: Places, a Forum of Environmental Design, 2004.
- MELO, J. A. *Olinda, carnaval e povo 1900-1981*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, Prefeitura de Olinda - PMO), 1982.
- MENESES, U. B. A cidade como um bem cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. *Patrimônio: Atualizando o Debate. São Paulo - IPHAN, 34-76, 2006.*
- MISHINA, L. N., & LIRA, F. B. *Piranhas, Entre Montes, pedra e cal: O turismo e a conservação integrada em dicotomia no sertão*. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2023.
- MORAES, J. d. Topônimos do Município de Olinda. *Revista Brasileira de Geografia, 117-149. Julho-Setembro de 1962.*
- MOREIRA, F. A transformação do Bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949). *XIX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Cidade, Arquitetura e Urbanismo: Visões e Revisões do século XX. São Paulo, pp. 296-307, 2016.*
- NASCIMENTO, E. M. *Memória de Olinda: História, psicanálise, paixão e arte*. Salvador, Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2009.
- OLIVEIRA, K. D. *Quantos elementos guardam estas sedes: um Clube, uma Troça e os seus encontros no carnaval de Olinda*. Recife: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2015.
- PEDROSA, P. *Significância Cultural como critério para conservação do patrimônio mundial*. Recife: Desenvolvimento Urbano (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, 2011.
- PONTUAL, V., & HARCHAMBOIS, M. *As ameaças do carnaval de massa ao patrimônio de Olinda*. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Textos para discussão N°7, 2007.

- PONTUAL, V., & PICCOLO, R. Identificação do Patrimônio Cultural. Em N. Lacerda, & S. M. Zancheti, *Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos* (pp. 128-147). Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI),
- PORTA, P. *Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil: diretrizes, linhas de ação e resultados 200/2010*. Brasília, DF: Iphan/Monumenta, 2012.
- RIEGL, A. *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: Editora da UCG, 2006.
- ROCHA, B. A., & CUNHA, C. d. A ampliação dos modelos de gestão do patrimônio: a importância da participação comunitária para as cidades de pequeno porte e com exemplares arquitetônicos modestos. *Revista CPC*, 28, 8-36, ago./dez. de 2019.
- TELES, J. *O frevo rumo à modernidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife: Secretaria de Cultura, Prefeitura do Recife, 2008.
- VAINSENER, S. A. *Farol de Olinda*. Recife: Pesquisa escolar online, Fundação Joaquim Nabuco, 2009.
- VIEIRA-DE-ARAÚJO, N. M. *Integridade e Autenticidade: conceitos-chave para a reflexão sobre intervenções contemporâneas em áreas históricas*. Salvador: Anais do ARQUIMEMÓRIA 3 - Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado, 2008.
- VIEIRA-DE-ARAÚJO, N. M. O bairro de São José e seu mercado: atribuição de valores entre a materialidade e imaterialidade. *São José: Olhares e vozes em confronto: um bairro patrimônio cultural do Recife/ organização Virginia pontual [et al.] 1. ed. Editora Cepe, Recife, PE., 195-233, 2021.*
- VIEIRA-DE-ARAÚJO, N. M., BARRETO, J. C., & PINHEIRO, V. M. No descompasso do frevo: A (Con) gestão do carnaval no sistema de preservação do Sítio Histórico de Olinda. Em D. F. Andrade, *Estudos Brasileiros sobre Patrimônio* (Vol. 3, pp. 15-26). Belo Horizonte, MG: Editora Poisson., 2019. doi:10.36229/978-85-7042-172-2
- VILA NOVA, J. C. *Panorama do folião: o carnaval de Pernambuco na voz de blocos líricos*. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife: 167 p., Coleção Capibaribe, 2007.

VILARINHO, J. C., & VIEIRA-DE-ARAÚJO, N. M. *A preservação do sítio histórico de Olinda: materialidade e imaterialidade nas relações entre o carnaval e o patrimônio edificado*. Relatório PIBIC. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2021.

VIÑAS, S. M. *Teoría contemporánea de la restauración*. Espanha: Editorial Síntesis, 2005.

ZANCHETI, S. M., & HIDAKA, L. T. *A declaração de significância de exemplares da arquitetura moderna*. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI) - Textos para Discussão n°57, 2014.

ZANCHETI, S. M., & MILET, V. *Gestão e Conservação do Sítio Histórico de Olinda: 1938-2006*. Olinda: Texto para discussão v.25, Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS MORADORES DO SHO

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS MORADORES DO SHO					
Nome:					
Endereço:					
Setor (Núcleo) :					
<input type="checkbox"/> 1. Carmo	<input type="checkbox"/> 3. Bonfim	<input type="checkbox"/> 5. Amaro Branco	<input type="checkbox"/> 7. Guadalupe		
<input type="checkbox"/> 2. Prudente	<input type="checkbox"/> 4. Amparo	<input type="checkbox"/> 6. Boa Hora			
Faixa Etária:					
<input type="checkbox"/> 20 a 30	<input type="checkbox"/> 30 a 40	<input type="checkbox"/> 40 a 55	<input type="checkbox"/> 55 a 65	<input type="checkbox"/> 65 ou +	
Categoria morador:					
<input type="checkbox"/> empreend.	<input type="checkbox"/> represent. agremi.	<input type="checkbox"/> locatário	<input type="checkbox"/> trabalh. do carnav.	<input type="checkbox"/> folião	<input type="checkbox"/> outro
Tempo de moradia:					
<input type="checkbox"/> até 5 anos	<input type="checkbox"/> de 5 a 15	<input type="checkbox"/> 15 a 25	<input type="checkbox"/> 25 a 35	<input type="checkbox"/> 35 ou +	
1. Qual motivo fez você se mudar ou continuar morando no SHO?					
<input type="checkbox"/> Segurança	<input type="checkbox"/> Arborização	<input type="checkbox"/> Senso de Vizinhança			
<input type="checkbox"/> Boemia	<input type="checkbox"/> Financeiro	<input type="checkbox"/> Manifestações culturais			
<input type="checkbox"/> Tipologia	<input type="checkbox"/> Família	<input type="checkbox"/> Valor Histórico/Cultural			
<input type="checkbox"/> Valor afetivo/Pertencimento		<input type="checkbox"/> Outro			
2. O carnaval já foi motivo para você querer morar em Olinda?					
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Em parte	<input type="checkbox"/> Não			
Por que?					
3. O carnaval já foi motivo para você querer mudar de rua/bairro no SHO?					
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Em parte	<input type="checkbox"/> Não			
<input type="checkbox"/> Positivo	<input type="checkbox"/> Negativo	Localização:			

Por que?		
4. O carnaval já foi motivo para você não querer morar mais em Olinda?		
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Em parte	<input type="checkbox"/> Não

5. Você já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?	
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

6. Você faz parte da organização/fundação de alguma agremiação HOJE?	
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

Quais?

7. Sua família já fez parte da organização/fundação de alguma agremiação?	
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

Quais?

a. Se sim, por quantas gerações?		
<input type="checkbox"/> 1 geração	<input type="checkbox"/> 2 gerações	<input type="checkbox"/> 3 gerações ou mais

8. Sua família faz parte HOJE da organização/fundação de alguma agremiação?		
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	Se sim, quais?

Se desejar, comente mais sobre isso:

9. Você costuma acompanhar o desfile de alguma(s) agremiação(s) todos os anos?			
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Às vezes	<input type="checkbox"/> Não	

a. Se sim, quais?

10. Quantas agremiações você costuma acompanhar antes do carnaval e durante o carnaval?				
<input type="checkbox"/> apenas uma	<input type="checkbox"/> de duas a cinco	<input type="checkbox"/> de cinco a dez	<input type="checkbox"/> de 10 em diante	
11. Existe algum lugar/lugares(ruas, praças, recantos, casas, etc) no SHO que era importante para o carnaval e continua sendo para você?				
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não			
Se sim, quais e por que?				
12. Existe algum lugar/lugares(ruas, praças, recantos, casas, etc) no SHO que não era importante para o carnaval e passou a ser?				
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não			
Se sim, quais e por que?				
13. Existe algum lugar/lugares(ruas, praças, recantos, casas, etc) no SHO que era importante e deixou de ser para o carnaval?				
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não			
Se sim, quais e por que?				

14. Você brincava carnaval quando criança/jovem?		
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Em parte	<input type="checkbox"/> Não
15. Você ainda brinca carnaval hoje em dia?		
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Em parte	<input type="checkbox"/> Não

Se desejar, comente sobre sua alternativa:		
16. Para você, qual palavra ou elementos definem o carnaval?		
17. Se fosse para escolher uma memória para falar do carnaval, qual seria?		
18. Em relação às mudanças do carnaval antigo para o atual, você considera que(assinale uma alternativa):		
<input type="checkbox"/> Houve mudanças, mas a essência do carnaval continua a mesma; <input type="checkbox"/> Houve mudanças necessárias para manter o carnaval na contemporaneidade; <input type="checkbox"/> Houve mudanças que mudaram o carnaval de forma negativa; <input type="checkbox"/> Houve mudanças que mudaram o carnaval de forma positiva; <input type="checkbox"/> Houve mudanças com aspectos positivos e negativos.		
Se desejar, comente quais foram as mudanças e o que permanece		
19. Em relação às mudanças que atingiram o carnaval, você considera que:		
<input type="checkbox"/> Não me identifico mais com o carnaval. <input type="checkbox"/> Me identifico menos agora com o carnaval. <input type="checkbox"/> Continuo me identificando. Mas as mudanças prejudicam o carnaval. <input type="checkbox"/> Continuo me identificando e as mudanças não afetaram o carnaval. <input type="checkbox"/> Continuo me identificando e as mudanças são naturais no processo.		
Se desejar, comente mais sobre isso:		
20. Você costuma alugar o espaço inteiro de sua casa para a temporada de carnaval? *		
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Em parte	<input type="checkbox"/> Não

Se desejar, comente o motivo			
21. Existe algo que você considera imprescindível para você permanecer morando no SHO? (Mercadinhos, farmácia, padaria, bares, restaurantes, escola, espaço público...)			
22. Quais tipos de estabelecimento você mais usa no SHO?			
<input type="checkbox"/> Bar	<input type="checkbox"/> Restaura	<input type="checkbox"/> Padaria	<input type="checkbox"/> Mercearia/vendas
<input type="checkbox"/> Museus	<input type="checkbox"/> Sorveteria	<input type="checkbox"/> Esp. publico	<input type="checkbox"/> Outro
Algum especificamente?			
*** Você teria algum contato de morador para indicar para participar da pesquisa?			

SEÇÃO DIRECIONADA APENAS AOS MORADORES QUE ALUGAM SUAS CASAS NO CARNAVAL			
1. Há quanto tempo você costuma alugar sua casa no carnaval?			
<input type="checkbox"/> 4 anos	<input type="checkbox"/> entre 4 a 8 anos	<input type="checkbox"/> entre 8 a 12 anos	<input type="checkbox"/> de 12 anos em diante
2. Por que você começou a alugar sua casa no carnaval?			

3. Em todos os carnavais, você costuma botar sua casa para alugar?			
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Às vezes	<input type="checkbox"/> Não	
a. Se às vezes ou não, o que determina sua escolha em colocar para alugar ou não?			
4. Quando você aluga sua casa durante o carnaval, onde você costuma ficar?			
<input type="checkbox"/> na casa de amigos ou familiares no SHO	<input type="checkbox"/> em outro bairro	<input type="checkbox"/> em viagem	
Por que?			

APÊNDICE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa (“Pais do carnaval: um olhar através da indissociabilidade entre o festejo e os moradores do Sítio Histórico de Olinda”), que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) responsável Natália Miranda Vieira-de-Araújo | E-mail: vieira.m.natalia@gmail.com | Endereço: XXXXXXXX | CEP: XXXXXX | Tel.: (81) XXXXXX|, e do pesquisador assistente Júlia Camarotti Barreto Vilarinho | XXXXXXXXXX | E-mail: camarottijulia@gmail.com, orientado pela pesquisadora responsável desta pesquisa para desenvolver seu trabalho de conclusão de curso (TCC).

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável, ou se o termo foi enviado por mensagem, a confirmação pode ser através de uma mensagem escrita com “ACEITO PARTICIPAR”.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Com o objetivo de analisar de que forma se estabelecem as relações entre os moradores do Sítio Histórico de Olinda e o carnaval, em especial no que diz respeito à permanência da transmissão dos valores tradicionais do carnaval de Olinda, optou-se pela realização de questionários semi estruturados, a fim de entender a percepção e atuação dos moradores sobre o festejo,, no que concordam e no que discordam entre si. A partir disso, a participação dos entrevistados

acontecerá em uma conversa online ou presencial, a depender da preferência do entrevistado, e individual, para a aplicação do instrumento de consulta. O contato com o entrevistado acontecerá em dois momentos:

- 1- O primeiro contato acontecerá através de ligação ou mensagem para apresentar a pesquisa, confirmar participação e marcar o dia e o horário para a entrevista.
- 2- O segundo contato seria de fato a entrevista, que será guiada através de um questionário com perguntas de sim, não ou em parte, múltipla escolha e perguntas abertas para o entrevistado responder de forma livre. A entrevista será de forma presencial ou online, a depender da preferência do entrevistado no local de sua escolha e deve durar entre 40 min a 60 min em média.

RISCOS

A pesquisa não oferece riscos físicos ao entrevistado, visto que acontecerá no local onde o entrevistado optar e se sentir seguro. Entretanto, tratando-se de uma aplicação do instrumento de coleta a pessoas, poderá causar diversos sentimentos aos entrevistados. Em caso de qualquer tipo de aborrecimento, irritação ou incômodo perante ao tema que será abordado ou à duração da entrevista, o entrevistado poderá interromper a entrevista sem sofrer nenhuma penalidade física ou psicológica. Com um simples aviso poderá informar ao pesquisador que não deseja continuar e sua entrevista será imediatamente interrompida. Caso queira, poderá solicitar que delete todas as gravações, possíveis fotografias e/ou respostas realizadas a qualquer momento. O entrevistado poderá desistir de participar a qualquer momento e não terá seus dados divulgados. Em relação a sua identidade, só será divulgada após seu consentimento. As gravações serão apenas para uso próprio do pesquisador, não será divulgada sob nenhuma hipótese.

BENEFÍCIOS

A pesquisa trará benefícios sociais e indiretos ao entrevistado. Pois, a contribuição de cada entrevistado, trará dados que poderão chegar a resultados consistentes ao fim da pesquisa. Tais resultados poderão dar luz à discussão contemporânea de patrimônio cultural em respeito à inserção, com maior expressividade, dos moradores na política de salvaguarda do patrimônio cultural. Neste caso, na política de gestão do carnaval e do Sítio Histórico de Olinda beneficiando toda a população.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, com identificação dos voluntários desde que consentida no começo da entrevista. Os dados coletados nesta pesquisa, questionário, gravação e transcrição, ficarão armazenados no computador pessoal do pesquisador responsável sob sua responsabilidade, no endereço acima informado pelo período mínimo de 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “Pais do carnaval: um olhar através da indissociabilidade entre o festejo e os moradores do Sítio Histórico de Olinda”, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

- () **Eu autorizo a utilização de meu nome em publicações.**
() **Não autorizo a utilização de meu nome em publicações e prefiro o anonimato.**

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:

Nome:

Assinatura:

Assinatura:

APÊNDICE 3: PLANILHA DE AGREMIações CITADAS AO LONGO DAS ENTREVISTAS

AGREMIações EM ATIVIDADE	QUANTIDADE DE MORADORES QUE MENCIONARAM
Elefante de Olinda	32
Homem da Meia Noite	29
Pitombeira	23
Cariri	21

Eu Acho É Pouco	17
Ceroula	15
Vassourinhas	13
Trinca de Ás	13
John Travolta	12
Boi da Macuca	10
Enquanto isso na Sala da Justiça	9
Sambadeiras	7
Mulher do Dia	6
Tá Maluco	6
Menino da Tarde	6
Encontro de Boisinhas	6
Mulher na Vara	5
A Ema	5
Bateria de Preto Velho	5
Hoje a Mangueira Entra	4
Bloco da Lama	4
Minhocão	4
Bacalhau do Batata	4
Seguracú	4
A Corda	3
O Peneirão	3
Pife Floyd	3
Bloco Flor da Lira	3
Tá Aqui Para ocês	3
O Bacalhau de Herodes	3
Patusco	3
O Galã	2
Bloco da Sopa	2

Minha Cobra	2
A Porca	2
Lenhadores	1
Bebericar	1
A Nordestina	1
Bloco do Cimento	1
Segura a Coisa	1
Os amantes do Carnaval	1
Barrados no Baile	1
A Troça	1
Ta Bom A gente Freva	1
A Cama	1
Bloco dos Sujos	1
Bloco do Barão de Olinda	1
Bloco da Saudade	1
O Lorde	1
Ofurão	1
A Máfia	1
Vai quem Bebe	1
Vai quem Pode	1
Couverinhos na Folia	1
A Jaula	1
Turma do Pinguim	1
O Fiel	1
Carangueijo Papamé	1
Os Tranquilos	1
Bloco da Alegria	1
Bloco Vai e Vem do Bonfim	1
Na Casa de Vovó Tudo Pode	1
Sem Rumo e Sem Direção	1

A La Ursa do Bonfim	1
Olinda Frevo e Folia	1
Maracatu Batuque de Pernambuco	1
D'breck	1
Rebileuras	1
Afoxé Alafin Oyó	1
Batadoni	1

APÊNDICE 4: MAPA COM LUGARES QUE SÃO IMPORTANTES PARA O CARNAVAL DE ACORDO COM OS MORADORES

